

# Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra

---

Marina Alves Amorim  
*Organizadora*

Belo Horizonte

Fundação João Pinheiro | 2017

SÉRIE  
Sempre  
-vivas 1









# Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra

---

Marina Alves Amorim  
*Organizadora*

Belo Horizonte  
Fundação João Pinheiro | 2017





**Governo do Estado de Minas Gerais**

Governador / *Fernando Damata Pimentel*

Vice-Governador / *Antônio Andrade*

Secretário de Estado de Planejamento e Gestão / *Helvécio Miranda Magalhães Júnior*

**Fundação João Pinheiro**

Presidente / *Roberto do Nascimento Rodrigues*

Vice-Presidente / *Daniel Lisbeni Marra Fonseca*

**/ Unidades Administrativas**

Diretoria de Cultura, Turismo e Economia Criativa / *Bernardo da Mata Machado*

Diretoria de Estatística e Informações / *Júnia Santa Rosa*

Diretoria de Informação Territorial e Geoplatasformas / *Daniel Lisbeni Marra Fonseca*

Diretoria de Planejamento Gestão e Finanças / *Josiane Vidal Vinieiro*

Diretoria de Políticas Públicas / *Ana Paula Salej Gomes*

Escola de Governo Professor Paulo Neves de Carvalho / *Leticia Godinho de Souza*

**/ Unidade Administrativa Responsável**

Diretoria de Políticas Públicas / *Ana Paula Salej Gomes*

---

M956      Mulheres do campo de Minas Gerais : trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra / organizado por Marina Alves Amorim. – Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, 2017.  
348 p. : il. + 1 CD-ROM + 12 livretos – (Sempre-vivas ; 1)

O CD-ROM contém 8 vídeos do programa “Mulhere-se” na série especial “Mulheres do Campo de Minas Gerais”.  
Os 12 livretos infantis tratam da temática “Mulheres do campo”.

ISBN 978-85-85930-70-7

1. Biografia. 2. Mulheres do campo – Minas Gerais. I. Amorim, Marina Alves. II. Fundação João Pinheiro. III. Série.

CDD 920

CDU 929



*Organização |*

*Marina Alves Amorim*

*Coordenação Técnica |*

*Marina Alves Amorim*

*Coordenação Editorial |*

*Marina Alves Amorim, Ana Paula Salej e Letícia Godinho de Souza*

*Projeto Gráfico e Diagramação |*

*Iara Aguiar Mol*

*Revisão e Normalização |*

*Agda Mendonça, Ana Paula da Silva, Helena Schirm e Marília Andrade Ayres Frade*

*Apoio administrativo |*

*Gislene Aparecida de Andrade Cruz*



### ***Agradecimentos***

*Ana Paula da Silva, Ana Paula Salej, Augusta Aparecida Neves de Mendonça, Equipe Técnica da Fundação João Pinheiro, Equipe Técnica da Fiocruz Minas e da Universidade de York, Equipe Técnica da SEDA/MG, Equipe Técnica da SEE/MG, Érica Fernanda Justino, Fabiola Paulino da Silva, Gislene Aparecida de Andrade Cruz, Glenio Martins de Lima Mariano, Iara Aguiar Mol, Leticia Godinho de Souza, Lideranças da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais, Macaé Maria Evaristo dos Santos, Maria Auxiliadora Gomes, Marina Coimbra Ferreira Batista, Roberto do Nascimento Rodrigues, Rede Minas e Sara Silva Ribeiro.*





- 09 *Nota do Presidente da Fundação João Pinheiro*  
*Roberto Nascimento*
- 13 *Nota do Secretário de Desenvolvimento Agrário do Estado de Minas Gerais*  
*Neivaldo de Lima Virgílio*
- 15 *Nota da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais*  
*Macaé Maria Evaristo dos Santos*
- 17 *Apresentação*  
*Marlise Matos*
- 25 *Introdução*  
*Marina Amorim*
- 37 *Retratos*
- 65 *Capítulo 1 | Dona Zinha*  
*Armezinda Firmino; Vera Westin; Clarissa Duarte*
- 1.1 *O trabalho com a terra*
  - 1.2 *A terra em Espera Feliz*
  - 1.3 *A conquista da casa nova*
  - 1.4 *Os estudos*
  - 1.5 *A produção e a agroecologia*
  - 1.6 *O incentivo para a agricultura familiar*
  - 1.7 *A trajetória de lutas*
  - 1.8 *A vida das mulheres*

**87** *Capítulo 2 | Alzilene*

*Alzilene Ferreira; Mariana Campos; Clarice do Vale*

- 2.1 O trabalho: a roça e a lavoura
- 2.2 A Comunidade Jenipapo
- 2.3 O dia a dia
- 2.4 A roça
- 2.5 A agroecologia
- 2.6 A trajetória de lutas
- 2.7 As dificuldades na lida com a terra
- 2.8 O incentivo para a agricultura familiar
- 2.9 A vida das mulheres

**109** *Capítulo 3 | Dona Jovita*

*Jovita Corrêa; Marina Amorim; Mariana Lopes*

- 3.1 O trabalho: a roça, o serviço doméstico e a sempre-viva
- 3.2 O dia a dia
- 3.3 A colheita da sempre-viva
- 3.4 A Mata dos Crioulos e o Parque Nacional das Sempre-Vivas
- 3.5 A Codecex
- 3.6 As dificuldades da vida na Mata dos Criolos

**123** *Capítulo 4 | Dona Lourdes*

*Maria de Lourdes Nascimento; Maria Nogueira; Marina Batista*

- 4.1 A migração da Bahia para o Norte de Minas
- 4.2 O trabalho como professora e a formação escolar
- 4.3 A trajetória de lutas
- 4.4 O trabalho com a terra
- 4.5 A agroecologia
- 4.6 Dissabores

**143** *Capítulo 5 | Dona Ricarda*

*Ricarda da Costa; Nícia Raies; Gabriela Silveira*

- 5.1 O trabalho na infância e na adolescência: a casa e a roça
- 5.2 A trajetória profissional
- 5.3 A família
- 5.4 O retorno ao campo
- 5.5 A militância e o trabalho no MST
- 5.6 A Escola Eduardo Galeano
- 5.7 A agroecologia
- 5.8 O passado, o presente e o futuro

- 165** *Capítulo 6 | Dona Vera*  
*Veranilta Costa; Marina Amorim; Mariana Lopes*  
6.1 O trabalho com a terra  
6.2 O lote e a casa  
6.3 O dia a dia  
6.4 A feira  
6.5 A agroecologia  
6.6 O incentivo para a agricultura urbana  
6.7 A vida das mulheres
- 183** *Capítulo 7 | Elaine*  
*Elaine Ahnert; Fabiola Paulino; Luisa Guimarães*  
7.1 O trabalho: a roça, o serviço doméstico e a faxina  
7.2 A terra em que vive e o dia a dia  
7.3 A barragem de Aimorés  
7.4 O Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB)  
7.5 A agroecologia  
7.6 As políticas públicas  
7.7 A vida das mulheres
- 203** *Capítulo 8 | Eliete*  
*Maria Eliete Rufino; Vera Westin; Clarissa Duarte*  
8.1 O trabalho com a terra  
8.2 O dia a dia  
8.3 A produção e a renda  
8.4 O sindicato  
8.5 A agroecologia e as práticas alternativas  
8.6 O movimento de mulheres e a vida das mulheres
- 223** *Capítulo 9 | Jordânia*  
*Jordânia Mariano; Letícia Godinho; Thaís Valério*  
9.1 A colheita do café  
9.2 A vida no quilombo  
9.3 Ser mulher quilombola
- 239** *Capítulo 10 | Lúcia*  
*Maria Lúcia de Cristo; Marina Coimbra; Maria Nogueira*  
10.1 O trabalho com a terra  
10.2 Simonésia



- 10.3 O sindicato
- 10.4 As políticas públicas para a agricultura familiar
- 10.5 A agroecologia
- 10.6 A relação com o marido
- 10.7 A Marcha Mundial de Mulheres (MMM)
- 10.8 A vida das mulheres

## **257** *Capítulo 11 | Neuzi*

*Neuzi Pinto; Ana Paula Salej; Giovanna Lunardi*

- 11.1 O trabalho na infância e na adolescência
- 11.2 A luta pela terra
- 11.3 O período afastada da terra
- 11.4 O dia a dia
- 11.5 O apoio governamental
- 11.6 Os movimentos diversos e a luta pelos direitos das mulheres

## **277** *Capítulo 12 | Tia Nenzinha*

*Maria Madalena Leite; Mariana Patrus; Thaís Valério*

- 12.1 O trabalho com a terra
- 12.3 A produção
- 12.4 A agroecologia
- 12.5 O incentivo para a agricultura familiar
- 12.6 A trajetória de luta
- 12.7 Passado, presente e futuro

## **299** *Posfácio*

*Ana Paula Salej; Letícia Godinho; Nícia Raies; Clarice do Vale e Thaís Valério*

## **321** *Sobre as Pesquisadoras*

## **331** *Equipe Técnica*

## **335** *Apêndice*

### **Nota do Presidente da Fundação João Pinheiro**

Mente quem diz que somente nos primórdios da revolução industrial é que a mulher passou a se inserir em atividades produtivas, com o intuito de aumentar a renda familiar em tempos de muito trabalho e baixo nível salarial. Mente quem diz!

Naverdade, desde sempre a mulher esteve engajada em atividades produtivas. No plantio, quando era tempo de plantio. Na colheita, quando era tempo de colheita. Mais verdade ainda é que também desde sempre essas atividades se somam aos afazeres domésticos, configurando uma dupla jornada.

Tem sido assim nos países desenvolvidos, onde se acumulam exceções que confirmam essa dupla jornada. Tem sido assim nas nações em desenvolvimento, onde são raras as exceções que reafirmam essa realidade.

Mente quem diz que no Brasil o trabalho produtivo feminino teve início somente na época em que se começou a ouvir os apitos das fábricas de tecido. Mente quem diz!

Ainda hoje, a área rural brasileira, especialmente aquela menos desenvolvida e mais marcada pela agricultura familiar de subsistência, é repleta de mulheres no campo. Mas, apesar da contemporaneidade dessa situação, de sua acumulação com o exercício de afazeres domésticos, como a perpetuar um regime de dupla jornada, trata-se de uma atuação “invisível”.

É como se tudo isso acontecesse no escurinho do cinema, com direito a *“drops de anis, longe de qualquer problema, perto de um final feliz”*, como na canção de Rita Lee. Mas mente quem diz que não é assim. Mente quem diz!

A verdade é que, entre um afazer e outro, também amamentam, acariciam, higienizam, educam, cuidam da prole, enquanto desejam e lutam para que os dias não sejam sempre assim, de uma circularidade que se assemelha àquela das fases da lua, tão bem retratada no poema de Renato Rocha imortalizado em forma de canção.

*A Lua  
Quando ela roda  
É Nova!  
Crescente ou Meia  
A Lua!  
É Cheia!  
E quando ela roda  
Minguante e Meia  
Depois é Lua novamente*

*Quando ela roda  
É Nova!  
Crescente ou Meia  
A Lua!  
É Cheia!  
E quando ela roda  
Minguante e Meia  
Depois é Lua-Nova...*

*Mente quem diz  
Que a Lua é velha...*

*Mente quem diz!*

É essa luta circular, persistente, árdua, invisível que esta publicação traz à tona, reverencia, reconhece, denuncia e homenageia. Isso mesmo, homenageia, como a responder à indagação do poeta Diego Lopes “*por que não homenageiam as pessoas anônimas da mesma forma que homenageiam as que têm riqueza?*”.

As narrativas das mulheres do campo aqui retratadas por vezes parecem esconder, mais do que revelar, o mundo cruel que as envolve. É que muitas vezes há doçura no relato, há simplicidade no retrato, há leveza na descrição

dos fatos, há ternura no trato, há, enfim, invisibilidade. Mas, ao mesmo tempo, mente quem diz que há reticência, falta de firmeza, ausência de bravura e pouca determinação no enfrentamento, na luta. Mente quem diz que são mulheres frágeis. Mente quem diz!

O universo amostral dos relatos aqui transcritos é circunscrito a um pequeno grupo de mulheres, mas as questões retratadas por eles pouco têm de particulares. São universais. Aliás, cruelmente universais.

O leitor atento verá que o contato com essas mulheres do campo parece ter ensejado uma certa euforia, algo semelhante àquela descrita por Dorival Caymmi, ao homenagear Iemanjá na canção “Dois de Fevereiro”: “*chegou, chegou, chegou. Afinal que o dia dela chegou*”. Um sentimento talvez mais bem descrito pelo “invisível” Poeta de Olhos Negros.

*Marcada, calada, benévola, agrilhoadada*

*Pode ser que eu seja tola*

*Desajeitada*

*Eu diria que nunca tentei ser mais*

*Não que eu não quisesse... Sei lá.*

*Talvez eu seja pequena*

*Um ser humano chato, até tacanho*

*Sem valor, sem importância*

*Reduzi-me a nada*

*Calada*

*Marcada*

*Nunca fui amada*

*Minha vida sempre foi um deserto*

*Seco. Só isso, de certo.*

*Mas a estrela, enfim, brilhou*

*Hoje o mundo me notou*

*Fui arrancada de supetão*

*Daquela triste solidão*

*Daquele mundo cruel, então.*



As histórias de vida das doze mulheres entrevistadas parecem compor um cenário único, um grito uníssono, que precisa ser visto, que merece ser ouvido, que urge ser transformado. Mas, para isto, o primeiro passo é desnudar, evidenciar, denunciar, como parece nos ensinar Diego Lopes no poema “Diversidade do Momento”.

*Uma pipoca, uma “esfiha”, um biscoito  
Oferecem, aceito, como e gosto  
Por mais diferentes que venham a ser  
Há sempre semelhanças que eu possa ver  
São todos salgados*

*Elas. Pessoas. Conversam, abraçam, desejam  
Falam. Um sorriso. A sensualidade do ser que, coitado, não chego a comer  
Talvez por não ser o salgado, ou faltou o simples querer  
Alguns dizem mina, outros piriguete  
Eu as chamo mulher*

*Há um caminho, mas só se vê ao percorrer  
Um carro no escuro de farol apagado  
Só se vê o que passou não se enxerga o que virá  
Palavras, ideias, mulheres ou coisas  
Depende de como as vê*

*Para uns o intervalo, outros o inocente recreio  
Mas aí o fato. A falta do professor  
Talvez essa a verdadeira aula  
O teste da liberdade, a prática do aprender  
Mas não chega a parar de ser aprendizado  
Olha lá. Enxergue... depende apenas de uma coisa:  
Do modo que você vê*

É imperativo, então, enxergar o retrato, ouvir o grito, enfrentar a denúncia, transformar o cenário. Mente quem diz que não é um passo rumo à transformação. Mente quem diz!

*Professor Roberto Nascimento  
Presidente da Fundação João Pinheiro*

### **Nota do Secretário de Desenvolvimento Agrário do Estado de Minas Gerais**

Este livro é, sem dúvida, uma grande obra de memória e de empoderamento das mulheres e de suas lutas, sobretudo, das mulheres mineiras do campo. A sensibilidade, tanto das pesquisadoras da Fundação João Pinheiro, quanto de cada uma das trabalhadoras entrevistadas, causa-nos arrepios, pois encontramos em cada um dos capítulos, exemplos de vida de tantas mulheres que nos rodeiam – mães, professoras, amigas, companheiras – que muitas vezes são silenciadas. A mim, remete principalmente a imagem de minha mãe, trabalhadora do campo, que criou cinco filhos com seu trabalho árduo em um engenho no interior do Estado de São Paulo.

Trazer a vida dessas trabalhadoras em primeira pessoa e numa escrita própria faz com que a leitura se torne mais gostosa e mais perto da realidade que elas expressam em cada passagem. É como se a Dona Jovita ou a Dona Ricarda, por exemplo, falassem conosco de sua vida diária na lida do campo ou na organização da luta de mulheres como elas.

Enquanto Secretário de Desenvolvimento Agrário, causa-me imensa felicidade ter servidoras da SEDA participando da elaboração desse trabalho. Além disso, da criação do “Coletivo de Mulheres Maria Senhoria de Lima”, que tem trabalhado arduamente junto a essa e outras secretarias de modo a fazer valer a luta das mulheres. Isso expressa a diferença que esse Governo faz ao criar uma Secretaria própria para executar políticas públicas para a agricultura familiar e que tem o recorte de gênero de forma transversal, compondo todas as ações do órgão.

*Professor Neivaldo de Lima Virgílio*

**Secretário de Estado de Desenvolvimento Agrário**



### **Nota da Secretária de Educação do Estado de Minas Gerais**

Sinto-me honrada em escrever algumas singelas palavras para apresentar este livro que fala de mulheres batalhadoras que trazem em suas histórias a história de nosso povo, especialmente o povo do campo, de nossas lutas e de nossas conquistas.

Na área da Educação, na qual estou inserida como gestora e educadora, o campo tem sido relegado há anos. Se temos muito que avançar na Educação como um todo em nosso país, mais ainda com relação à Educação do campo, assim como na Educação Indígena e na Quilombola. Em Minas Gerais, escolhemos a construção coletiva e a escuta dos protagonistas para embasar nossas diretrizes e ações. Conhecer as realidades do campo, dialogar com as diversidades, tratar de maneira diferente os diferentes são os princípios dessa nossa gestão.

Publicações como este livro nos ajudam a entender toda essa realidade do campo, mesmo que, na minha trajetória pessoal, como mulher, negra, nascida em uma família do interior, já tenha uma identificação prévia com o tema.

O mais bonito e interessante desta publicação é o fato de dar espaço às falas de cada uma, porque é isso: não precisamos falar por elas, apenas ouvi-las. Fortalecer o protagonismo por vezes é construir as condições para as pessoas se expressarem, a contarem suas histórias e, nessa “contação”, reconhecerem-se como sujeitos e, a partir daí, exercerem sua plena liberdade. Aqui, a palavra está com elas.

Abraços,

*Macaé Evaristo*

Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais





# Apresentação

*Resgatar a memória, além de um direito, é uma ação de justiça e de reconhecimento. Este livro tem a incontestável bravura de cumprir bem uma função social e política ao mesmo tempo.*

Função social porque sabemos todas/os como, nessa sociedade patriarcal e racista em que estamos inseridas/os, a atuação e o protagonismo das mulheres, e especialmente das mulheres rurais e das mulheres negras, são sistematicamente apagados, silenciados, esquecidos. E ainda mais apagada costuma ser a experiência ativa de mulheres espetaculares que estão nas lutas do campo num país continental e predominantemente urbano como o nosso.

Esquecer é uma das piores formas de oprimir.

Esse livro cumpre também uma função política porque significa ato de resistência e desobediência contra o mecanismo nefasto e continuado de apagamento das mulheres da história e da vida pública, de “esquecimento” delas, dando afinal, com justiça, vazão à correnteza da memória de vida, testemunho, voz e vez à biografia de algumas mulheres incríveis.

Não é possível existir no silêncio e no apagamento. Cada uma das mulheres do mundo precisa construir as suas próprias maneiras de lidar com essa forma cruel de opressão patriarcal, que é também opressão de gênero e racial: a força do silenciamento, do apagamento. Trazer a público essas histórias femininas de mulheres do campo (ou a ele vinculadas), suas lutas e sua resistência é/foi, em si mesmo, um ato político de resistência e a sua escrita um ato e(a)fetivo de reconhecimento. É preciso desobedecer ao patriarcado. Esse livro é um ato de desobediência patriarcal.

Sabemos que é a memória (e seu registro) que garante a perenidade no tempo, o sentimento compartilhado de continuidade e de existência para além da presença física. Os registros, a contação dessas trajetórias são, então, estratégias afirmativas de tramar, com os fios políticos do reconhecimento e da justiça, a trama/rede da vida de mulheres que persistem numa luta interminável por bem viver, bem longe dos holofotes públicos.

# Esquecer é uma das piores formas de oprimir.

As experiências delas, agora registradas, constituem uma memória viva e a possibilidade de repetir uma função que facilita enormemente o funcionamento do ser de cada uma delas e também das suas coletividades construídas em resistência, pois uma experiência guardada, registrada é um trabalho estocado, disponível finalmente ao descortinar público e facilitador de novas experiências. Uma experiência guardada é, além de um registro de vida, um traço de escrita que reconhece a presença ativa de um ser, é a possibilidade dessas experiências funcionarem como exemplos, como exemplares de vivências que permanecerão, afinal, no tempo e no espaço da luta brasileira contra o silenciamento patriarcal e racista. São registros que reconhecem vidas inteiras dedicadas à luta pelo não apagamento de si, vidas inteiras resistindo para existir.

*“Pretendo fazer Direito. Voltei a estudar, depois de adulta. Tive um atraso nos meus estudos, por conta da panha de café. A gente ficava meses, lá nas fazendas de café, e tinha que abandonar a escola. Então, depois de adulto, é que a gente aqui do quilombo consegue chegar à escolaridade” (Jordânia).*

E assim, a memória, agora registrada, torna possível que elas existam além de si mesmas através desse livro. Torna possível o reconhecimento público da importância incontestável de suas lutas para cada um/a de nós. Torna afinal possível a continuidade da vida e das lutas de mulheres que vivem a experiência do Brasil profundo, do Brasil rural e agrícola, que tantas vezes é apagado.

Continuidade e previsibilidade são as concatenações que se ligam à representação de um futuro a partir do marco dessas experiências agora presentes, que registram um passado de muitas lutas: a experiência de lutas femininas que podem iluminar também lutas futuras das mulheres brasileiras.

O registro do trabalho árduo no sol e no sal da terra desde muito cedo, com 6, 7, 8 anos de idade; a devastação de não ler ou de ter que lutar imensamente para conseguir se escolarizar; a disputa injusta e desigual pelo acesso à terra e a sua inesperada conquista; os desafios de construir o “teto todo seu”, de plantar em absoluta eucaristia com a terra e a natureza, de trabalhar na casa, na roça, na “panha”, no garimpo. Conseguir afinal estudar, cuidar de filho, cozinhar, cuidar da horta no quintal da cidade grande... numa multiplicação de tempo que é pura mágica de uma mística feminina tão árdua! Muitas horas de trabalho multiplicadas, muitos esforços e quase tudo invisível... São tantas e tão constantes essas lutas! Mas são lutas para se construir um viver digno em comunhão com a terra e tudo que dela se pode retirar com dignidade: comida, sustento, remédio, plantas e recursos minerais, água, vida.

*“Eu acho que o trabalho na terra dá dignidade à pessoa. Ele tem dignidade! A gente vive mais à vontade, tem a alimentação mais saudável e a saúde é melhor. Eu acho isso. A maior importância do trabalho na terra é a dignidade da gente e a valorização da terra. Nem todos valorizam, e a terra, se nós cuidar bem da terra, ela nos devolve aquilo que nós precisamos. A terra é a nossa mãe. Sem ela nós não temos condição de vida. A saúde da gente que convive com a terra é bem melhor” (Nenzinha).*

São também registros históricos das condições adversas do mundo rural e do patriarcado racista brasileiro (seca, miséria, falta de escolas, êxodo rural).

*“Então, eu lembro que escrevi em algum lugar que as fábricas me engoliam, às seis horas da manhã, e me vomitavam, depois do pôr do sol. Porque, pra uma adolescente que tinha o sol todos os dias na pele, ficar dentro de um cubículo fechado era muito duro” (Ricarda).*

*“A vida das mulheres mudou muito. Porque a vida da minha mãe foi um inferno. Uma miséria. Minha mãe morreu surda de tanto o meu pai bater. E minha mãe sustentou a gente a vida inteira, porque meu pai não era um homem trabalhador” (Vera).*

Ainda mais impressionante é a memória afetiva das conquistas. E há aqui, presentificada nas fotografias, a presença dos corpos femininos que resistem. E o corpo não esquece as sensações, mantendo-as na memória do acontecimento e, algumas, inscritas na própria carne, cicatrizadas. Assim, o corpo dessas mulheres é também a fonte constituinte tanto da memória quanto do simbólico.



Mas para que isso, de fato, ocorra, para que as histórias individuais dessas mulheres, inscritas em seus corpos, não permaneçam inconscientes, é preciso registrá-las. É preciso nomeá-las, contá-las: mas para que tenham mesmo voz/vez é preciso que isso seja feito na primeira pessoa. A narrativa é pessoal e política. A narrativa é emocional também.

E, acreditem, a memória é capaz de guardar emoções: ler esses registros das vidas dessas mulheres de Minas é, sem nenhuma dúvida, deixar-se atravessar por elas e por suas emoções de lutas incontáveis. É também tê-las como guias na construção de um conhecimento político de outra natureza: conhecimento profundo e inesquecível, recortado dos registros onde os detalhes são preservados, permanecem ao longo da vida, porque não lhes foi induzido o apagamento total dos detalhes emocionais. Porque temos a memória emocional, temos o conhecimento profundo, inesquecível. É esse afinal o grande ensinamento das mulheres do campo, conhecer com afeto é registrar para sempre. Não esquecer é movimento de luta e resistência política. Elas nos dizem isso em cada um dos capítulos deste livro.

A luta antirracista e antipatriarcal é redenção: *“Com eles [GT Gênero da ANA] eu aprendi que a gente tem que valorizar e não ser dominada pelo machismo. Nós mulheres, nós temos que nos valorizar. Saber que nós temos valor, muito valor, porque a carga pra nós é muito maior em toda a discriminação” (Nenzinha).*

Se é verdade que o lembrar é uma arte e o esquecer é também necessário, até mesmo do ponto de vista cognitivo e psicológico (pois não temos como lembrar de tudo!), o esquecimento, sobretudo o coletivo, pode se transformar numa “arte” política, capaz de legitimar determinadas formas de poder. E neste caso aqui, do poder patriarcal. E como sabemos, cada um/a de nós, quais são as consequências do apagamento sistemático da nossa memória histórica!? Não nos “lembrar” das agruras na ditadura brasileira, apenas para ficar nesse exemplo, está nos custando hoje muito caro, não é mesmo? Como não repudiamos frontalmente os autoritarismos pregressos, nos permitimos no tempo presente até mesmo flertar, social e politicamente, com eles. Um erro. Um risco. Convocar o “trabalho” da memória – que é o que se procura neste livro – significa não só mobilizar os apagões históricos de vidas femininas inteiras frequentemente silenciadas, isto é, *“o que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras”*, mas, sobretudo, sinaliza um esforço muito importante e necessário, agora mais do que nunca, no sentido de manter a

# Não esquecer é movimento de luta e resistência política.

consciência vigilante para que as atrocidades do passado não arruinem, novamente, o presente. Para que as violências patriarcais de ontem não sejam permanentemente atualizadas no nosso presente. Mas somos o que queremos esquecer e também o que queremos/escolhemos lembrar.

Aqui, também é importante que eu faça então o registro e a justiça a um momento excepcional do nosso país que está também onipresente nesse relato/narrativa delas, aquele da presença de um tipo de Estado que, ainda muito timidamente, retribui em dignidade: crédito agrário através do Pronaf e Pronaf Mulher; Programa “Minha Casa, Minha Vida”; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Programa “Brasil sem Miséria”; curso e apoio técnico de Centros de Tecnologias Alternativas em agroecologia; Curso do Pronatec de agroecologia; Programa “Bolsa Família”; construção de cisterna e de biodigestor; remédios homeopáticos; Programa “Luz para Todos”; titulação de terras quilombolas; Programa “Sementes do Semiárido”; Escola “Família Agrícola”; novas universidades federais mais próximas, com ações afirmativas para acesso de alunas/os de escola pública e auto declaradas/os negras/os; Programa de Aquisição de Alimentos. Essas iniciativas, dentre outras, têm tido impactos indescritíveis na vida cotidiana dessas famílias rurais e, muito especialmente, na condição de existência das mulheres rurais, frequentemente “esquecidas”, mas que lutam pela sua vez e voz.

E lutam mesmo, e participam mesmo, construindo de seus modos singelos as linguagens das suas próprias formas de liberdade. São impressionantes também os relatos da atuação política dessas mulheres, quase todas negras, pretas e pardas. Elas são lideranças comunitárias, sindicais, religiosas,

quilombolas, diretoras de associações de artesanato, de agroecologia, lideranças nas feiras, nos acampamentos, nas cooperativas e nas roças, nos movimentos rurais e de mulheres urbanas também. E como é possível que vidas inteiras dedicadas a essa atuação política continuem tão invisíveis? Como é possível que a participação política dessas mulheres seja, ainda agora, tão pouco reconhecida e tão pouco estudada pela Ciência Política?

É por isso também que o trabalho da memória, do registro e do reconhecimento são fundamentais, pois eles é que são responsáveis pelo agenciamento do que será ou não lembrado, a longo prazo. Quando se trata de reconstituir a memória coletiva – o caso deste livro – não tenho dúvidas de que certos aparelhos ideológicos e determinadas arquiteturas cognitivas podem funcionar na contramão de outras histórias possíveis, pois operariam no sentido de promover o esquecimento de determinados fatos, de determinadas histórias, de determinadas biografias... E isso não sem antes manipular o que deveria e o que não deveria ser constantemente lembrado. A manipulação e a falsificação dos registros da memória são pontos a serem sempre considerados para as/os que se dedicam à revisão crítica de toda história.

E eu prefiro me lembrar, a toda hora, dos muitos autoritarismos (dos mais cotidianos e diários aos mais institucionalizados) que cerceiam a liberdade das mulheres (ainda que isso seja sempre muito doloroso...), eu prefiro insistir na memória afetiva/efetiva das lutas de mulheres, como aquelas agora registradas nesse livro, que reivindicam para si a voz e se constroem na luta.

Esse livro valoriza as narrativas e os relatos biográficos de mulheres rurais e que lidam com agricultura mesmo na cidade grande em Minas Gerais. E faz isso preservando um tipo de memória afetiva que se constrói dentro do gênero testemunho, ganhando um novo sentido a partir do ponto de vista de um tipo de narrativa da “história aberta” escrita na primeira pessoa. Se, por um lado, essa concepção de história pode sinalizar a inevitabilidade da dor, da catástrofe, da falência, da seca e da violência (e o faz!), por outro, também sugere a possibilidade de movimentos de emancipação. Desse modo, a história passa a ser encarada como um campo aberto de possibilidades, cujo futuro – antes de ser o resultado previsível de um processo linear e irreversível – pode vir a ser reinventado. É esta a aposta das mulheres narradas nesse livro.

Esse é um livro escrito na perspectiva de ser contra a história entendida como mão única, aquela que frequentemente é praticada pela historiografia dominante. As suas biografias e o seu estilo narrativo, em primeira voz, convocam a abertura em relação ao passado e também ao presente e ao futuro.

Mas, sobretudo, não nos esqueçamos, esse livro é uma estratégia política contra o esquecimento e é assim que precisa ser celebrado.

*Marlise Matos*

Professora do Departamento de Ciência Política da UFMG

Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM)





# Introdução

*Quem são, afinal, as mulheres do campo de Minas Gerais? Quais são os contornos das trajetórias de vida dessas mulheres? Como esses contornos se configuram?*

O projeto de pesquisa que deu origem a este livro se propôs a enfrentar tais questões, que são tão amplas, procurando elucidá-las a partir de um pequeno grupo de mulheres, ou seja, de histórias particulares. Tomando os percursos individuais como objeto de estudo, o objetivo principal era reconstruir as trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra de algumas mulheres do campo de Minas Gerais e elaborar uma biografia coletiva dessas mulheres que lhes desse visibilidade pelo viés do trabalho, em formato de um livro com material audiovisual encartado e de uma coleção de livretos para crianças. Cá está o livro, obra das mãos, dos corações e das cabeças de outro pequeno grupo de mulheres, essas pesquisadoras, gestoras e alunas ligadas ao Grupo de Pesquisa “Estado, Gênero e Diversidade” (EGEDI) da Fundação João Pinheiro (FJP).

Pesquisadoras do EGEDI/FJP foram convidadas a participar de uma reunião na Secretaria de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais (SEDA/MG) com a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais (AMC/MG), no segundo semestre de 2015. Na ocasião, a AMC/MG apresentou ao Governo do Estado sua pauta de reivindicações, sendo que um dos pontos indicava a necessidade de “desenvolver pesquisas sobre a realidade das mulheres do campo em Minas Gerais”. Ao longo dessa reunião (e também de outras que se sucederam), foi frisada a importância desse ponto da pauta: urgia empreender estudos que desvelassem a presença e a participação intensa das mulheres nas diferentes atividades econômicas do campo, que trouxessem à tona o seu protagonismo no que concerne à agricultura familiar e à agroecologia, que permitissem entrevistá-las enquanto um segmento específico no interior dos movimentos do campo e dos movimentos feministas que procurava combater a exploração das trabalhadoras por meio do ecofeminismo. Isso porque, se muitas pesquisas já foram desenvolvidas acerca das mulheres das cidades, poucas se dedicaram



àquelas do campo. E, conseqüentemente, por um lado, as mulheres do campo padecem de ainda maior invisibilidade e, por outro, as políticas públicas implementadas pelos governantes não têm conseguido dar conta a contento das reais necessidades dessas mulheres. É desse e nesse diálogo das pesquisadoras do EGEDI/EJP com as lideranças da AMC/MG e as gestoras da SEDA/MG que o projeto de pesquisa foi concebido e desenvolvido.

A AMC/MG é composta por treze entidades, são elas: a Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana (AMAU), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Coletivo de Mulheres Organizadas do Norte de Minas, a Comissão em Defesa das Comunidades Extrativistas (Codecex), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado de Minas Gerais (Fetaemg), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (Fetraf), a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo), o Grupo de Trabalho (GT) Gênero e Agroecologia da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MZMLM), o Movimento Graal do Brasil, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST).

Cada uma dessas entidades que compõem a AMC/MG indicou uma mulher do campo para ser biografada, sendo que duas delas, a CUT e a FETRAF, fizeram a mesma indicação. Foi assim que as pesquisadoras chegaram até Alzilene (Comunidade Rural Jenipapo Remanescente de Quilombo/Itinga), escolhida pelo Movimento Graal do Brasil; Dona Jovita (Comunidade Quilombola Mata dos Crioulos/Diamantina), escolhida pela Codecex; Dona Lourdes (Comunidade Mucambo da Onça/Porteirinha), escolhida pelo Coletivo de Mulheres Organizadas do Norte de Minas; Dona Ricarda (Acampamento Rosa Luxemburgo/Campo do Meio), escolhida pelo MST; Dona Vera (Bairro Ribeiro de Abreu/Belo Horizonte), escolhida pela AMAU; Dona Zinha (Assentamento Padre Jésus/Espera Feliz), escolhida pela CUT e pela Fetraf; Elaine (Comunidade Jequitibá/Itueta), escolhida pelo MAB; Eliete (Comunidade de Vargem Grande/Divino), escolhida pelo MZMLM; Jordânia (Quilombo Cachoeira dos Forros/Passatempo), escolhida pela N'Golo; Lúcia (Comunidade Nossa Senhora Aparecida/Simonésia), escolhida pela MMM; Neuzi (Assentamento Tamboril/Santa Fé de Minas), escolhida pela Fetaemg e Tia Nenzinha (Comunidade Abóboras/Montes Claros), escolhida pelo GT Gênero e Agroecologia da ANA. São as histórias de vida dessas doze mulheres do campo que compõem esta biografia coletiva.

Entre os meses de outubro e dezembro de 2016, foi realizada uma entrevista individual de história oral temática com as biografadas. Além disso, foi realizada uma entrevista coletiva de história oral temática com mulheres do entorno de cada uma das biografadas por elas escolhidas. A construção dos roteiros de entrevista, bem como a realização, a transcrição e a transcrição das entrevistas, respeitaram as normas técnicas apresentadas no Manual de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), elaborado por Alberti (1989). Procurou-se também, ao longo da semana em que a pesquisadora e a assistente de pesquisa estiveram em trabalho de campo para a realização das entrevistas, inventariar, fotografar e descrever as principais ferramentas de trabalho utilizadas pelas mulheres no seu trabalho cotidiano.

“Quando você começou a trabalhar? O que você fazia exatamente? E a lidar com a terra, quando foi que você começou e como isso aconteceu? Você teve outras experiências de trabalho, entre essa primeira que você mencionou e o trabalho com a terra que desenvolve hoje? Quais? De quem é esta terra onde você vive e trabalha? Como você chegou nesse pedaço de chão? Como é o seu dia a dia de trabalho? Essa rotina varia, ao longo do ano? Como? E o dia a dia de trabalho do seu marido e das outras pessoas da sua família é igual ao seu? Qual a diferença entre a sua rotina de trabalho e a deles? O que você produz? E o que você faz com esses produtos? O que você faz com o dinheiro que você ganha com o trabalho na agricultura familiar? Você tem outras fontes de renda, além da agricultura? Como você aprendeu as práticas agroecológicas? O que é para você ser mulher do campo e trabalhar com agroecologia? Quais têm sido os desafios que você enfrenta, trabalhando com agricultura familiar e agroecologia? Apesar desses desafios, o que lhe motiva a seguir esse caminho? Você tem algum apoio para desenvolver o seu trabalho? De quem? Qual apoio é esse? Quais são as políticas públicas às quais você tem acesso? O que lhe falta, em termos de políticas públicas? Quais são os seus sonhos, para o seu trabalho na agricultura? Como é a sua participação na entidade da AMC/MG que lhe indicou para participar dessa pesquisa? A participação no movimento transformou algo em sua vida? O que e por quê? Comparando a vida da sua mãe, a sua e a da(s) sua(s) filha(s) ou das jovens de hoje, o que mudou e o que não mudou? Qual recado você deixaria para as jovens mulheres do campo?” Essas são as questões que compõem o roteiro utilizado no momento da realização da entrevista individual com as mulheres do campo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esse roteiro de entrevista e os demais instrumentos da pesquisa foram incluídos no livro como apêndice.



A Rede Minas acompanhou o trabalho de campo, em seis das doze localidades, a saber: Belo Horizonte, Espera Feliz, Itueta, Porteirinha, Santa Fé de Minas e Simonésia. A equipe técnica da emissora de televisão realizou gravações para o Programa “Mulhere-se”. São os episódios desse programa, produzidos a partir das gravações então realizadas, que conformam o material audiovisual encartado ao livro.

O envolvimento de lideranças da AMC/MG foi fundamental, não somente para a elaboração do projeto, mas também para o desenvolvimento do trabalho. Os instrumentos utilizados ao longo do trabalho de campo (ficha de informações básicas, roteiro de entrevista individual de história oral temática, roteiro de entrevista coletiva de história oral temática, instrumento de prospecção de objetos tridimensionais, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou TCLE e Cartas de Cessão de Direitos) foram discutidos com essas lideranças, assim como a experiência piloto. O primeiro contato com as mulheres entrevistadas, em que lhes foram fornecidas informações básicas acerca da pesquisa e do desenrolar do trabalho de campo, também foi feito por elas.

No plano teórico-metodológico, este trabalho se sustenta na micro-história, proposta historiográfica de um grupo de historiadores italianos, dentre os quais merece destaque o nome de Carlo Ginzburg, datada do final da década de 70 do século XX (REVEL, 1998).

A princípio, é interessante localizar tal proposta historiográfica, no quadro mais geral da teoria e da metodologia históricas. A Escola dos Annales “concepção da ciência histórica, de suas exigências metodológicas, de seu objetivo, de suas relações com as outras ciências do homem que Bloch, Febvre e seus discípulos desenvolveram (...)” (BURGUIÈRE, 1993, p. 49), é tradicionalmente dividida em três gerações. A primeira estende-se de 1920 a 1945; a segunda, também conhecida como Era Braudel, estende-se de 1946 a 1967; e a terceira inicia-se por volta de 1968. Diferentemente da primeira geração, centrada nas figuras de Marc Bloch e Lucien Febvre, e da segunda geração, dominada por Fernand Braudel, a terceira geração envolve um núcleo central composto por diversos nomes. Sua característica principal é a pulverização de enfoques e de temáticas, ou seja, uma profunda fragmentação, em oposição aos dois momentos iniciais (BURKE, 1997). A micro-história, tal como a história das mentalidades e a história cultural, ou ainda a história da vida privada e a história das crianças, por exemplo, é uma

proposta historiográfica que compõe essa terceira geração da Escola dos Annales (VAINÉAS, 2002).

Certa “anarquia epistemológica” marca a micro-história. Pode-se falar da ausência de um programa unificado e articulado que lhe conceda, desde o início, o estatuto de uma proposição historiográfica alternativa e a legitimidade de uma escola histórica. Na verdade, ela é antes uma experiência de trabalho realizada por profissionais da história, que se aproximaram em função de suas trajetórias e sensibilidades, mas que desenvolveram projetos muitas vezes distintos, a partir de referenciais teóricos variados. As múltiplas experiências de microanálise não devem, portanto, ser confundidas, dados a diversidade e até mesmo o antagonismo de suas premissas e seus caminhos (REVEL, 1998). Entretanto, a micro-história possui certo número de traços característicos:

*(...) guarda uma distância crítica em relação à abordagem macrosocial que, sob modalidades diversas e muitas vezes tacitamente, por muito tempo dominou a pesquisa em história e em ciências sociais; (...) se esforça para dar à experiência dos atores sociais (...) uma significação e uma importância frente ao jogo das estruturas e à eficácia dos processos maciços, anônimos, inconscientes, que por muito tempo parecem ser os únicos a chamar a atenção dos pesquisadores (REVEL, 1998, p.10).*

Os “micro-historiadores” apostam que, mudando a escala de observação utilizada nas pesquisas de modo a aumentar o objeto de estudo, colocam-se diante de outra trama, de outra realidade social.

*Fenômenos maciços, que estamos habituados a pensar em termos globais, como o crescimento do Estado, a formação da sociedade industrial, podem ser lidos em termos completamente diferentes se tentarmos apreendê-los por intermédio das estratégias individuais, das trajetórias biográficas, individuais ou familiares, dos homens que foram postos diante deles (REVEL, 1998, p.13).*

Tais fenômenos não se tornam menos importantes por isso, mas, ao serem reconstruídos de maneira diferente, reconsideram as experiências dos atores sociais, concedendo-lhes toda uma significação, já que deixam simplesmente de impor a sua lógica aos comportamentos dos indivíduos, de

governar a vida dos sujeitos, independentemente das trajetórias e das experiências sociais individuais. É a complexidade do social, o embaralhamento de suas lógicas, que a micro-história permite emergir (REVEL, 1998).

Quanto às relações entre as abordagens micro e macroanalíticas, é preciso explicitar a posição adotada aqui. O princípio da variação da escala de observação, do nosso ponto de vista, é um recurso de excepcional fecundidade, porque possibilita que se construam objetos complexos e, portanto, que se leve em consideração a estrutura folheada do social. Nenhuma escala tem, então, privilégio *a priori* sobre a outra, já que é o seu cotejo que traz maior benefício analítico e, além disso, são os objetivos das pesquisas que apontam em uma ou outra direção. É o que Jacques Revel (1998) denomina de posição relativista, em contraposição a outra fundamentalista, que afirma que o micro engendra o macro na produção das formas e das relações sociais, pois é nele que operam os processos causais eficientes, logo o primeiro possui privilégio sobre o segundo.

A forma como a opção de reconsiderar a experiência dos atores sociais foi concebida, sendo assim, busca simplesmente trazer à tona a lógica de significação dessas experiências em suas singularidades, o que não se confunde com ceder à vertigem do individual ou mesmo do excepcional, mas acreditar que essas vidas minúsculas participam à sua maneira da história, da qual elas fornecem visões distintas e complexas. O objetivo não é apreender conjuntos, caracterizar comportamentos médios e globais, a partir das experiências de algumas poucas mulheres.

A biografia coletiva constitui um método privilegiado da micro-história. Em uma sociedade centrada no indivíduo como a contemporânea, à medida que a historiografia e a sociologia histórica se aproximaram das vivências individuais e das trajetórias sociais particulares, desembocou-se na micro-história e na revalorização das biografias individuais e coletivas (CHARLE, [20--], p.4).

Mas, afinal, o que é uma biografia coletiva?

*A prosopografia ou biografia coletiva é um método que se desenvolveu muito nos últimos quarenta anos no campo da história moderna e contemporânea, depois de ter sido inventada*

*e praticada, sobretudo, no campo da história antiga e medieval. Seu princípio é simples: definir uma população a partir de um ou de vários critérios e estabelecer a seu respeito um questionário biográfico (...) [que servirá] para descrevê-la em sua dinâmica social, privada, pública, cultural, ideológica ou política, a depender da população e do questionário escolhidos. Lawrence Stone (1976, p. 46) o diz à sua maneira: “prosopografia é a investigação das características comuns da vivência de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas” (CHARLE, [20--] p.1)<sup>2</sup>.*

Acreditamos que, se o objetivo é construir uma biografia coletiva de mulheres do campo de Minas Gerais, é imperativo conversar com elas, escutar o que têm a dizer sobre suas vidas, algo possível no âmbito da história do tempo presente<sup>3</sup>. Além disso, o trabalho envolve sujeitas das camadas populares brasileiras, logo, com dificuldade de acesso à escola e a bens materiais, com trajetórias muitas vezes marcadas por migrações e mudanças. Trata-se de um empecilho objetivo para as pesquisadoras lançarem mão de coleções privadas, uma vez que elas são muito diminutas ou simplesmente não existem. Enfim, tínhamos apenas um ano para o desenvolvimento do projeto, entre meados de 2016 e meados de 2017. Por esses três motivos e também pela riqueza que lhe é inerente, optamos por trabalhar com a metodologia da história oral, utilizando-a como mecanismo de estruturação e registro das conversas com as biografadas, produzindo fontes históricas orais que compõem o *corpus* documental da pesquisa.

Para alguns, a história oral é uma técnica. Geralmente envolvidos na constituição de acervos orais ou no desenvolvimento de pesquisas que utilizam entrevistas apenas de forma eventual ou como fonte de informação complementar, os defensores da história oral como técnica se interessam pelas experiências de gravação, transcrição e conservação de depoimentos, bem como pelo aparato que as cerca (gravadores, *transcribers*, modelos de organização etc.). Para outros, a história oral é uma disciplina. Ou seja, ela conta com um conjunto próprio de técnicas de pesquisa, de procedimentos

<sup>2</sup> Tradução nossa.

<sup>3</sup> História do tempo presente e história contemporânea são sinônimos. No século XIX na França, certa consciência nacional e política com origens na Revolução Francesa convencionou que o marco inicial da história contemporânea era justamente a revolução, tendo essa convenção se institucionalizado de tal forma a ponto do termo história contemporânea se tornar algo ambíguo. E, uma vez que a história contemporânea deixou de designar tão somente a história do tempo atual, do tempo em que vivemos, passando a designar também a história que começa com a Revolução Francesa, foi preciso criar outro termo, no caso história do tempo presente (TREBITSCH, 1992).

metodológicos e de conceitos teóricos que lhe garantem o status de disciplina à parte. Por fim, para um terceiro grupo com o qual concordamos, a história oral é muito mais abrangente e complexa do que uma técnica, mas também não pode ser vista como uma disciplina que possui objeto próprio e capacidade de gerar soluções teóricas (AMADO; FERREIRA, 1998). Metodologia,

*a história oral (...) apenas estabelece e ordena procedimentos de trabalho – tais como os diversos tipos de entrevista e as implicações de cada um deles para a pesquisa, as várias possibilidades de transcrição de depoimentos, suas vantagens e desvantagens, as diferentes maneiras de o historiador relacionar-se com seus entrevistados e as influências disso sobre seu trabalho – funcionando como ponte entre teoria e prática. Esse é o terreno da história oral – o que, a nosso ver, não permite classificá-la unicamente como prática. Mas, na área teórica, a história oral é capaz apenas de suscitar, jamais de solucionar, questões; formula as perguntas, porém não pode oferecer as respostas. As soluções e explicações devem ser buscadas onde sempre estiveram: na boa e antiga teoria (...). Aí se agrupam conceitos capazes de pensar abstratamente os problemas metodológicos gerados pelo fazer histórico (AMADO; FERREIRA, 1998, p. XVI).*

Teórica e metodologicamente, a pesquisa que deu origem a este livro, portanto, conjuga micro-história, biografia coletiva, história oral e, obviamente, história das mulheres.

O movimento da história das mulheres, conforme defende Scott (1992), precisa ser compreendido dentro do movimento dos estudos feministas. Suas origens encontram-se nos anos 1960, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse “heroínas”, prova da atuação das mulheres, e também explicação sobre a opressão e inspiração para a ação. As acadêmicas feministas, fazendo uma conexão direta entre ciência e política, lançam-se nesse empreendimento. Em meados da década de 1970, a história das mulheres já era marcada por questionamentos amplos, pelo diálogo interpretativo avançado, pelo acúmulo de monografias e artigos, além de autoridades intelectuais reconhecidas. Finalmente, nos anos 1980, tornou-se um campo definível, ao investir em teorizações.

É fundamental acrescentar a análise anterior o movimento ocorrido no interior do campo da história. Com o fim da chamada Era Braudel ou Segunda Geração dos Annales, marcada pela produção de grandes obras de “história-total” (circunscritas aos aspectos socioeconômicos e suas relações com o meio geográfico e em tudo avessas ao estudo do mental), emergem novas correntes historiográficas<sup>4</sup>, conhecidas em seu conjunto como Terceira Geração dos Annales, o que também impulsiona as mulheres a se insurgirem na cena histórica. Isso porque tal reestruturação historiográfica terminou por promover uma pulverização das temáticas de estudo, dando preferência aos temas até então pouco ou nada frequentados pelos historiadores, valorizando enredos e personagens muitas vezes anônimos (VAINFAS, 2002).

Mas que mulher a historiografia feminista retrata? A pesquisa histórica feminista, por um lado, é perpassada por um esforço de reavaliação da questão do poder das mulheres, com o objetivo de superar o discurso da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, apresentando presenças e ações reais, a plenitude de papéis e poderes. Parte-se do princípio de que a divisão sexual equilibrada de papéis, tarefas e espaços, mais complementares do que concorrentes, é um modelo idealizado, possível apenas em uma sociedade sem conflitos, muito distante da complexidade da realidade histórica. Filha, esposa, mãe e dona de casa, essa teria sido a regra por muito tempo, entretanto, qual seria a prática, muito mais complexa e difícil de apreender?

Os trabalhos de Michelle Perrot sobre a mulher francesa urbana das classes populares, no século XIX, seriam exemplos, dentro dessa perspectiva. Segundo a própria autora, ela “quis substituir a representação dominante de uma dona-de-casa, insignificante, negligenciável, oprimida e humilhada, pela de uma ‘mulher popular rebelde’, ativa e resistente, guardiã das subsistências, administradora do orçamento familiar, no centro do urbano” (PERROT, 2001, p. 179).

É perceptível seu esforço em contestar a ideia de que a ocupação da dona de casa significava a permanência da mulher no interior do lar, já que suas funções implicavam deslocamentos pela cidade. A realização dos trabalhos domésticos, que incluíam a alimentação, o aquecimento, a conservação da

4 A saber: Nova História, História das Mentalidades, História Cultural, Nova História Cultural e Micro-História.

casa, os cuidados com a roupa, o transporte da água, dentre outros, impunha uma série de idas e vindas. A obtenção de recursos monetários, marginais em períodos normais, mas vitais em períodos de crises, seja através da realização de faxinas, lavagens de roupa, entregas, pequeno comércio em bancas ou vendas a domicílio, também pressupunha o trânsito das mulheres. Além disso, as residências das classes populares eram tão absolutamente diminutas, que não poderiam ser utilizadas para mais que dormir e comer, sendo a rua, então, um prolongamento da casa.

A partir desses deslocamentos das mulheres pela esfera pública, a ideia de uma barreira intransponível entre os sexos, definida por uma divisão sexual, também é contestada pela autora. Segunda ela, as fronteiras sexuais eram mais fluidas e indefinidas do que geralmente se acredita e não poderiam ser explicadas pela dicotomia entre público e privado, mesmo porque essa divisão não estava de fato consolidada pela racionalização das cidades, o que só iria ocorrer em fins do século XIX e início do século XX.

Em uma perspectiva contrária, finalmente, a pesquisa histórica feminista condena a utilização da que pode ser considerada uma lente que inverte os polos mais correntes de análise, classificando esse procedimento como arriscado, fraco e até mesmo idílico, não apenas porque termina sendo sistemático e dicotômico demais, mas também porque poderia dificultar a expansão dos poderes femininos. Afinal, se elas são detentoras de tantos poderes efetivos, porque reivindicam outros?

Assim, por exemplo, a percepção extremamente positiva com que o século XX é apresentado, frequentemente, na historiografia das mulheres, se comparado com os séculos anteriores, não apenas faz alusão a uma ideia equivocada de progresso, mas também esquece momentos horríveis experienciados pelas mulheres nesse período. Imagens como “a garçonne, produto da guerra e dos Anos Loucos, a mulher ‘emancipada’, produto da pílula, ou até mesmo a superwoman dos anos oitenta, produto do feminismo e da sociedade de consumo, capaz de se equilibrar com sucesso entre a carreira, os filhos e os amores (...)” (THÉBAUD, 1995, p. 10) terminariam por esconder a permanência ou mesmo o aumento da desigualdade entre os homens e as mulheres, e, portanto, que, na realidade, nada está definitivamente conquistado e muito está por sê-lo.

Além da apresentação escrita por Marlise Matos, Professora do Departamento

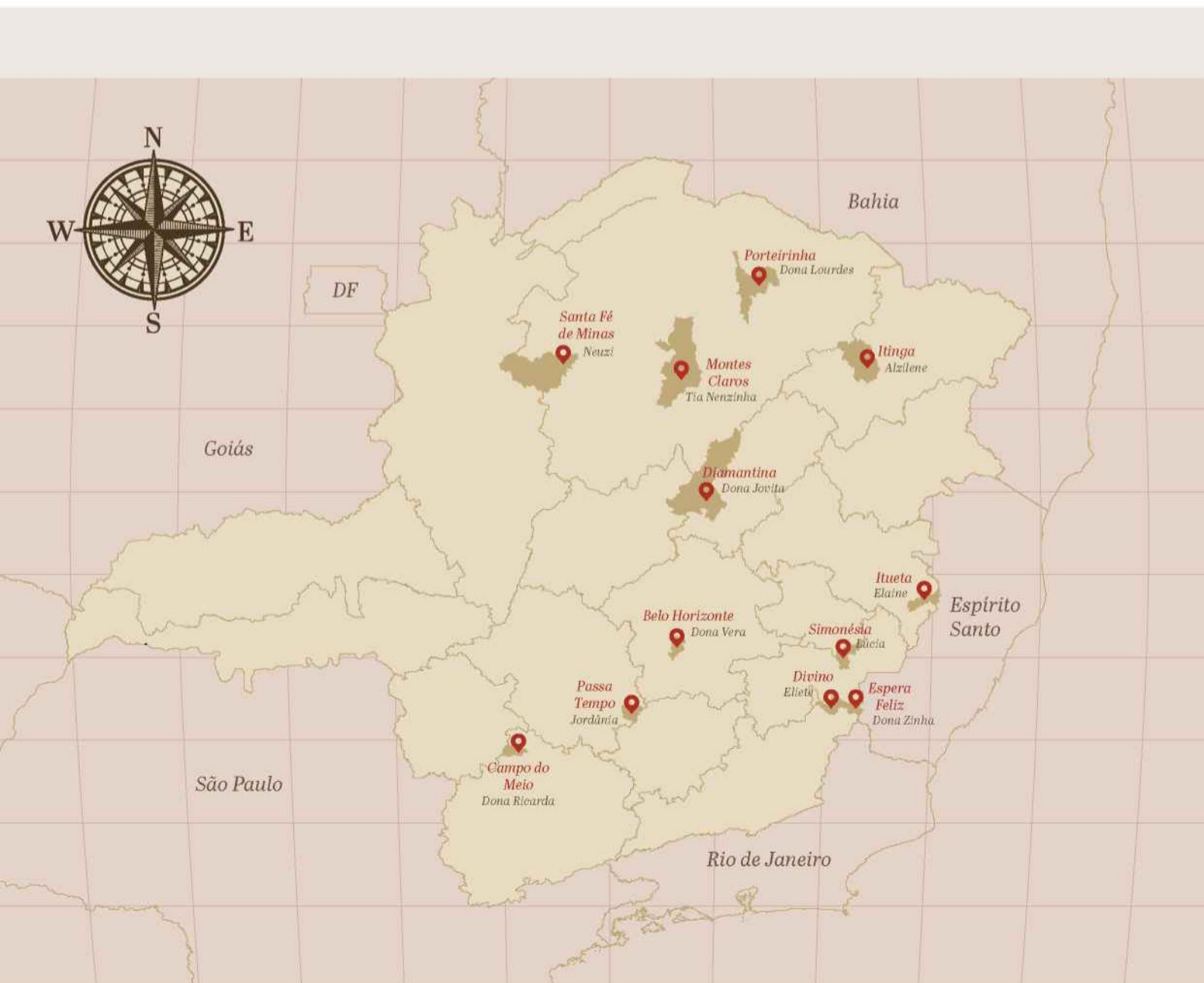



de Ciência Política (DCP) e coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e desta introdução, o livro conta com retratos, doze capítulos e um posfácio. Os retratos fazem uma breve apresentação da entidade que indicou cada biografada e da própria biografada. Cada um dos capítulos conta a história de uma mulher do campo. Procuramos, a partir dos subtítulos dos capítulos, criar pontes entre eles, de forma a possibilitar ao leitor também uma leitura do livro por temática. O posfácio é uma tentativa de construir uma leitura transversal das histórias individuais.

O desafio que enfrentamos enquanto pesquisadoras foi imenso. Queríamos, primeiramente, construir uma biografia coletiva de mulheres do campo de Minas Gerais sem se debruçar sobre as vidas das mulheres para escrever sobre elas (as vidas) ou por elas (as mulheres), mas sim para escrever com elas, ou seja, junto com as mulheres, colocando ao seu serviço o nosso saber-fazer de pesquisa. Em segundo lugar, não pretendíamos retratar heroínas tampouco vítimas e sim mulheres reais, um pouco heroínas, um pouco vítimas e um pouco tantas outras coisas. O resultado alcançado é esse livro e os livretos para crianças que o acompanham. Nosso projeto é que se trata do primeiro número de uma série de biografias coletivas de grupos de mulheres, a Série Sempre-Vivas do EGEDI/FJP.



## Municípios de residência das biografadas em dezembro de 2016



 Limites dos Territórios de Desenvolvimento do Estado de Minas Gerais

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP). Pesquisa de campo. Elaboração: Fundação João Pinheiro.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História Oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC/ FGV, 1989. 202p.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Apresentação. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos & Abusos da História Oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. VII-XXV.
- BURGUIÈRE, André. Anais (Escola dos). In: BURGUIÈRE, André (Org.) *Dicionário das Ciências Históricas*. Tradução de Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p. 49-54. Título original: Dictionnaire des Sciences Historiques.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997. 154 p. Título original : The French Historical Revolution: the Annales School, 1929-1989.
- CHARLE, Christophe. *La Prosopographie ou Biographie Collective : bilan et perspectives*. Disponível em: [goo.gl/kQMx45](http://goo.gl/kQMx45). Acesso em: 04/05/2017.
- PERROT, Michele. *Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*. Tradução de Denice Bottmann. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 332 p. Original francês.
- REVEL, Jacques. Apresentação. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 7-14. Título original: Jeux d'Échelles: la micro-analyse à l'expérience.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95. Título original: New Perspectives on Historical Writing.
- THÉBAUD, Françoise. Introdução. In: THÉBAUD, Françoise (Org.) *História das mulheres no Ocidente: o século XX*. Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho et al. Porto: Edições Afrontamento, 1995. p. 9-23. Título original : Storia dele Donne.
- TREBETSCHE, Michel. La Quarantaine et l'An 40: hypothèses sur l'étymologie du temps présent. In : INSTITUT HISTORIQUE DU TEMPS PRÉSENT. *Écrire l'Histoire du Temps Présent*. Paris : CNRS, 1992. p. 63-76.
- VAINFAS, Ronaldo. *Micro-História: os protagonistas anônimos da história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 163 p.

## *Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais*

A Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais data de meados de 2006. Ela congrega, através de um processo de mobilização e auto-organização, diferentes movimentos sociais e sindicais, além de organizações e redes, que representam mulheres do campo, agricultoras familiares, quilombolas, agricultoras urbanas e periurbanas de Minas Gerais. Apesar de possuírem pautas específicas, as diferentes entidades que a compõem partilham de uma identidade coletiva e se articulam, compondo uma agenda unificada de luta.

O principal objetivo da Articulação é o fortalecimento da luta de cada um dos movimentos que a compõem e a unificação do campo. Assim, busca também dar visibilidade e reconhecimento à diversidade de demandas das mulheres do campo de Minas Gerais, influenciar as políticas públicas e ter participação em espaços de controle social.

Fazem parte da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais: a Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana (Amau), a Central Única dos Trabalhadores (CUT), o Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas, a Comissão em Defesa das Comunidades Extrativistas (Codecex), a Federação dos Trabalhadores da Agricultura (Fetaemg/CTB), a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf), a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo), o Grupo de Trabalho (GT) Gênero e Agroecologia da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas, o Movimento do Graal no Brasil, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Autoria do retrato: Mariana Campos.

## *Central Única dos Trabalhadores* *(CUT)*

A Central Única dos Trabalhadores (CUT), fundada em 1983, em São Bernardo do Campo, São Paulo, é uma organização sindical presente em todos os ramos de atividade econômica. O seu principal compromisso é a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora. Seus objetivos são: organizar; representar sindicalmente e dirigir a luta dos trabalhadores e trabalhadoras da cidade e do campo por melhores condições de vida e de trabalho. A CUT defende a liberdade e a autonomia sindical como compromisso e o entendimento de que os trabalhadores têm o direito de decidir livremente sobre suas formas de organização, filiação e sustentação financeira, com total independência frente ao Estado.

A CUT-MG nasceu quase que ao mesmo tempo da CUT Nacional. É presente na luta da classe trabalhadora no Estado, promovendo ações de interesse da sociedade como um todo e apoiando as lutas dos movimentos populares e sociais. Por meio de sua Secretaria de Mulheres, tem como objetivo principal desenvolver políticas de promoção das mulheres trabalhadoras, na perspectiva das relações sociais de gênero, raça e classe, preparando-as para intervir no mundo do trabalho e sindical, assim como em questões que interferem na vida dessas mulheres enquanto trabalhadoras.

Para participar desta biografia coletiva de mulheres do campo, a CUT e a Fetraf indicaram a agricultora **Dona Zinha**.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Autoria do retrato: Vera Westin e Clarissa Duarte.



## *Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF)*

Nos anos 1990, surge a noção de Agricultura Familiar a partir da constatação da importância dos então chamados “pequenos produtores”, que sofriam os efeitos da abertura comercial e do fim dos subsídios do Estado, especialmente do Sul, o que leva à mobilização dos movimentos sociais cobrando Políticas Públicas para o desenvolvimento rural. São diferentes segmentos em torno dessa reivindicação: assentados, pequenos produtores, arrendatários, parceiros, que introduzem a noção de Agricultura Familiar legitimada pelo Estado com a criação do PRONAF.

Os sindicatos de trabalhadores rurais passaram a incorporar, então, propostas para além da reforma agrária e da defesa de direitos trabalhistas, como um projeto alternativo de desenvolvimento rural. Nesse contexto, em 1997, em Santa Catarina, surgiu a Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (Fetraf), ligada à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Hoje, em Minas gerais, são 150 sindicatos e associações sindicais ligadas à Fetraf.

Na Zona da Mata de Minas Gerais, nos anos 1980, com apoio das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), criou-se o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e o Pólo Sindical na região de Muriaé. Em Espera Feliz, a partir da criação do STR, formou-se uma rede em que atuam várias associações e cooperativas, inclusive, de caráter intermunicipal. Em 2001, o STR vinculou-se à Fetraf.

**Dona Zinha** foi indicada para integrar essa biografia coletiva de mulheres do campo pela Fetraf e pela CUT.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Autoria do retrato: Vera Westin e Clarissa Duarte.

## Dona Zinha

Dona Zinha da Silva Firmino nasceu em Santa Marta, no Espírito Santo, em 1961. Passou toda a infância na zona rural, já que o pai era agricultor, trabalhando como meeiro. Depois de casada, mudou-se para Alto Jequitibá, em seguida para Caparaó e, finalmente, para Espera Feliz, onde, hoje, tem uma propriedade situada no assentamento Padre Jésus, adquirida em 2009 por meio do crédito fundiário.

Sua infância foi no trabalho com a terra, ajudando o pai desde os oito anos nas lavouras e com a criação. Dona Zinha tem cinco filhos, três dos quais são também agricultores. Estudou, a princípio, somente até o segundo ano do então ensino primário, tendo retornado à sala de aula em data mais recente, com os filhos já adultos, chegando até o final do ensino médio por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Por influência do religioso que dá nome ao assentamento, Dona Zinha começou a participar de trabalhos da igreja, ainda em Alto Jequitibá, evoluindo depois para a participação sindical e nos movimentos de mulheres. Atualmente, coordena a Comissão de Mulheres do STR de Espera Feliz. Iniciada nas práticas agroecológicas e na medicina alternativa, fez, inclusive, curso no Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), ligado à Universidade Federal de Viçosa (UFV). Utiliza essas práticas em sua horta e procura difundir-las entre as mulheres do assentamento, ao lado de outras ações voltadas para o empoderamento e para a autonomia, exercendo uma forte liderança.<sup>4</sup>



*Dona Zinha. Crédito: Clarissa Duarte.*

<sup>4</sup> Autoria do retrato: Vera Westin e Clarissa Duarte.

## *Movimento do Graal no Brasil*

O Movimento do Graal no Brasil é parte do Movimento do Graal Internacional, uma organização de mulheres fundada na Holanda em 1921. Hoje, atua em 18 países, localizados nos cinco continentes, sendo que as formas de organização e de atuação variam de acordo com o contexto. O objetivo principal do movimento é a busca pela construção de uma sociedade mais justa, com equidade de gênero e participação plena das mulheres em suas comunidades e no mundo. Dois são os eixos de ação: a educação e a conscientização.

As atividades do Graal no Brasil se iniciaram em 1948. Sua sede nacional foi construída na cidade de Belo Horizonte, em 1953, mesmo ano em que se tornou organizado juridicamente. Em Minas Gerais, tem atuado na capital e no interior do Estado, sobretudo, na região Norte e no Vale do Jequitinhonha, onde desenvolve o Projeto Centro Mulher do Graal. Tal projeto apoia a formação de grupos de mulheres, por meio da realização de oficinas e da produção de materiais educativos sobre temas como o enfrentamento da violência contra a mulher e a economia popular solidária, além de dar assessoria a esses grupos de mulheres na perspectiva do fortalecimento da organização social.

Por seu envolvimento em encontros e cursos promovidos pelo Movimento do Graal no Brasil, em especial, a participação na Rede de Intercâmbio das Trabalhadoras Rurais de Minas Gerais e no Curso Promotoras do Campo, **Alzilene** foi indicada para fazer parte desta biografia coletiva de mulheres do campo de Minas Gerais.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Autoria do retrato: Mariana Campos e Clarice do Vale.



## Alzilene

Alzilene de Souza Silva Ferreira, 41 anos, é uma mulher negra e lavradora rural. Nasceu em 1975, e vive na comunidade rural Jenipapo, remanescente de quilombo, localizada no município de Itinga, na região do Médio Jequitinhonha de Minas Gerais.

Filha de lavradores rurais, Alzilene aprendeu cedo a lidar com a terra, dedicando-se a ela durante toda a vida. Atualmente, além da lavoura, trabalha em seu quintal, com a criação de pequenos animais e com o cultivo de uma diversificada lavoura de subsistência às margens do Rio Jequitinhonha.

Casou-se com Zé, com o qual teve três filhos: Kelly, Kennedy e César. Aos 40 anos, concluiu o ensino médio na Escola Família Agrícola (EFA) Bontempo, localizada no município de Itaobim – uma conquista que não foi fácil, mas que constitui parte de um processo importante de empoderamento.

Alzilene destaca-se em sua comunidade devido a sua autonomia política. Compôs a Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Itinga, presidiu a Associação Comunitária do Jenipapo e faz parte da Coquivale, a Comissão das Comunidades Quilombolas do Médio Jequitinhonha.<sup>6</sup>

*Alzilene em uma comemoração familiar em Ribeirão das Neves, MG. Crédito: Clarice do Vale.*



<sup>6</sup> Autoria do retrato: Mariana Campos e Clarice do Vale.



## *Comissão em Defesa das Comunidades Extrativistas (Codecex)*

A Comissão em Defesa das Comunidades Extrativistas (Codecex) foi criada em 2010, para defender os direitos das comunidades atingidas pela criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas.

Com seus 124.555 hectares de área, o Parque Nacional das Sempre-Vivas está situado na Serra do Espinhaço, Norte de Minas, abrangendo terras de Bocaiúva, Buenópolis, Diamantina e Olhos-d'Água. O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é responsável por administrá-lo. Quando foi criado, em 2002, havia pessoas que viviam naquelas terras. Além disso, outras viviam no seu entorno. Para elas, grande parte quilombolas, as terras eram de uso comum, utilizadas para o pastoreio, para a caça, para o garimpo artesanal e para a coleta de sempre-vivas e de outras espécies de plantas. É justo, simplesmente, remover essas pessoas dessas terras e/ou proibir a sua entrada, sendo que lá (sobre)viviam havia gerações?

Porque acreditam que não é justo, as comunidades atingidas pela criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas se uniram e criaram a Codecex. Uma das suas lideranças é **Dona Jovita**, mulher escolhida pela comissão para ajudar a compor esta biografia coletiva de mulheres do campo.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Autoria do retrato: Marina Amorim e Mariana Lopes.

## Dona Jovita

Jovita Maria Gomes Corrêa, conhecida como Dona Jovita, nasceu em 1957, e tinha 59 anos quando foi entrevistada. Ela nasceu na Comunidade Quilombola Mata dos Crioulos, localizada no Distrito de Diamantina, onde sempre morou. No ponto em que está localizada a sua casa, de frente para um pequeno rio, chegou ao se casar com Seu Lorico, com quem fundou uma das cerca de 100 famílias da comunidade. Nele, além de uma igreja evangélica, há quatro casas: a de Dona Jovita e Seu Lorico, em que vivem também os filhos Jura e Leia; a de outro filho, que é casado e tem duas filhas; a de sua sogra; a do pastor. As demais casas da Mata são distantes.

A apanhar sempre-vivas, lidar com a terra e cuidar da casa e dos filhos (são cinco no total, sendo que duas filhas não moram na comunidade), Dona Jovita aprendeu, ainda criança, com os seus pais. Em especial, certamente, com a mãe, já que a lavoura de subsistência e as tarefas domésticas são consideradas obrigações femininas. Desde a infância, esse é o trabalho cotidiano de Dona Jovita, mulher que, diferentemente de suas filhas, não frequentou a escola e não sabe ler e escrever nem o próprio nome. Recentemente, com a criação do Parque Nacional das Sempre-Vivas, tornou-se uma das principais lideranças locais na luta pelos direitos da comunidade. Em função da sua trajetória de vida, foi agraciada com a Medalha Juscelino Kubistchek (JK), em 2015.<sup>8</sup>

*Dona Jovita. Crédito: Marina Amorim.*



<sup>8</sup> Autoria do retrato: Marina Amorim e Mariana Lopes.

## *Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas*

O Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas foi criado em 2007. O principal objetivo era conferir visibilidade e representatividade política às mulheres nos movimentos em que atuavam. Visava também empoderar e capacitar as mulheres, tendo em vista a luta pelos seus direitos. Além disso, uma de suas pautas fortes é a mineiração: o coletivo vem denunciando os projetos de exploração de empresas como a Vale do Rio Doce e a Carpathian Gold. Em 2010, a auto-organização se fortaleceu, e foi criada a Associação do Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas.

O Coletivo é composto por mulheres quilombolas, geraiseiras, caatingueiras, vazanteiras, agricultoras familiares, atingidas por barragens, pela monocultura do eucalipto ou pela mineração, assentadas da reforma agrária e trabalhadoras rurais. Atualmente, possui 67 afiliadas, distribuídas em três territórios de cidadania: Alto Rio Pardo, Serra Geral, e Microrregião de Montes Claros.

A mobilização, a formação e a estratégia de visibilidade do Coletivo ocorrem por meio da realização das Marchas das Mulheres, que constituem um importante instrumento de afirmação das mulheres do Norte de Minas como sujeitos políticos organizados. Já foram realizadas cinco marchas, tendo a última, em 2015, reunido 3.000 mulheres.

**Dona Lourdes** foi indicada pelo Coletivo para ser biografada.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Autoria do retrato: Maria Nogueira e Marina Coimbra.



## *Dona Lourdes*

Dona Lourdes nasceu em Pedro Alexandre, em 1963, no Sertão Nordestino, e se diz “uma sobrevivente das coisas ruins”. Sua infância foi marcada pela fome e por muitos dissabores, ao lado da mãe que, viúva, lutara para criar os 12 filhos. Teve seu primeiro filho aos 17 anos, ainda solteira. Em 1984, deixou o sertão nordestino em direção a Porteirinha, município no qual se casou com Seu José e teve três filhos. Vive em uma casa confortável, cercada de verde.

Divide seu tempo entre a família, as atividades domésticas, o trabalho na agricultura e na apicultura e seu cargo de diretora do Sindicato de Trabalhadoras Rurais do Norte de Minas. Seu engajamento na luta do Coletivo de Mulheres Organizadas do Norte de Minas tem como base a paixão, o desejo de transformação e a sensibilidade para perceber o poder das mulheres. Conheceu muito cedo os entraves de um sistema patriarcal opressor que ceivou seu sonho de criança de ir à escola. Retomou os estudos após o nascimento de seu primeiro filho, concluindo o primeiro grau. Acompanhando a filha, concluiu o segundo grau. Orgulha-se do seu quintal, onde tem uma horta, um biodigestor e uma cisterna que lhe garante a água para a sobrevivência da família e dos animais no período da seca. Tais benefícios são reflexos de seu esforço e da luta coletiva das mulheres para acessar as políticas públicas.<sup>10</sup>



*Dona Lourdes em visita à Fundação. Crédito: Débora Drumond.*

<sup>10</sup> Autoria do retrato: Maria Nogueira e Marina Coimbra.

## *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)*

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é um movimento social e político brasileiro cujo objetivo principal é a redistribuição das terras improdutivas no país. Foi fundado em 1984, no 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ocorrido no Estado do Paraná.

Atualmente, o MST está organizado nos 24 estados brasileiros e conta com uma estrutura organizacional vertical estruturada em núcleos (compostos por aproximadamente 500 famílias), brigadas, direção regional, direção estadual e direção nacional. Paralelo a essa estrutura existe outra, a dos setores e coletivos, que busca trabalhar cada uma das frentes necessárias para a reforma agrária. São setores do MST: Saúde, Direitos Humanos, Gênero, Educação, Cultura, Comunicação, Formação, Projetos e Finanças, Produção, Cooperação e Meio Ambiente e Frente de Massa. O Setor de Gênero, criado no Encontro Nacional do MST em 2000, resulta da luta das mulheres sem-terra por maior participação no movimento. Sua tarefa principal é propor e propiciar o debate de gênero em todos os segmentos do movimento e de utilizar os espaços de formação para gerar reflexões sobre gênero.

Por sua atuação no movimento e por sua liderança na área educacional e na coordenação, **Dona Ricarda** foi indicada pelo MST para fazer parte da biografia coletiva de mulheres do campo de Minas Gerais.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Autoria do retrato: Nícia Raies e Gabriela Silveira.





## *Dona Ricarda*

Ricarda Maria Gonçalves da Costa, Dona Ricarda, nasceu em dezembro de 1949 em Urupês, no Estado de São Paulo. Filha de mãe parteira e pai lavrador arrendatário, aos 13 anos, migrou com a família para a Região Metropolitana de São Paulo, onde iniciou sua jornada no mercado de trabalho. Sua trajetória política foi marcada, inicialmente, pela militância no sindicato dos metalúrgicos e no ativismo religioso católico. Saiu da escola ainda no ensino fundamental, aos dez anos. Retornou aos 18 anos para a escola do sindicato dos metalúrgicos, na qual concluiu o ensino fundamental. Teve um casamento de um ano e cinco meses, que lhe deu um filho que reside na capital paulista com a esposa e duas filhas.

Há aproximadamente 15 anos, Dona Ricarda se mudou para o município de Campo do Meio em Minas Gerais, com o objetivo de retornar à terra de onde sua família havia sido expulsa. Hoje, lá reside no Acampamento Rosa Luxemburgo do MST. Tem papel de destaque no movimento, no qual atua como educadora da escola do acampamento e líder de área, além de sindicalista, produtora de sementes orgânicas, coordenadora da associação de produtora(e)s rurais do município e organizadora da feira de domingo. Atua, ainda, no grupo de gênero do MST e faz parte do grupo de mulheres que organiza uma horta de plantas medicinais no acampamento.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Autoria do retrato: Nícia Raies e Gabriela Silveira.

## *Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana (AMAU)*

A Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana (Amau) foi criada em 2004, ao final da Caravana Dignidade e Vida: segurança alimentar e agricultura urbana, também denominada Caravana Agroecológica. Trata-se de um espaço permanente de encontro, intercâmbio e fortalecimento de grupos e organizações da sociedade civil da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) ligados à agricultura urbana.

A Amau é composta por agricultoras e agricultores, associações comunitárias, organizações não governamentais (ONG), pastorais sociais, movimentos sociais, coletivos, empreendimentos de economia solidária, grupos comunitários informais, estudantes e pessoas interessadas. Ela está organizada em comissões temáticas, sendo uma delas a Comissão de Mulheres.

Três são os principais objetivos da Amau. O primeiro deles é apoiar as iniciativas populares e fortalecer a organização de agricultores e agricultoras da RMBH. Já o segundo é dar visibilidade às experiências de agricultura e agroecologia existentes na RMBH. O terceiro e último objetivo principal é aprofundar o debate político sobre a relação campo-cidade, o papel da agricultura e da agroecologia em regiões metropolitanas de um projeto popular para o Brasil e a implementação de políticas públicas necessárias ao seu fortalecimento.

Para participar desta biografia coletiva de mulheres do campo, a Amau indicou a agricultora urbana **Dona Veranilta**.<sup>13</sup>

---

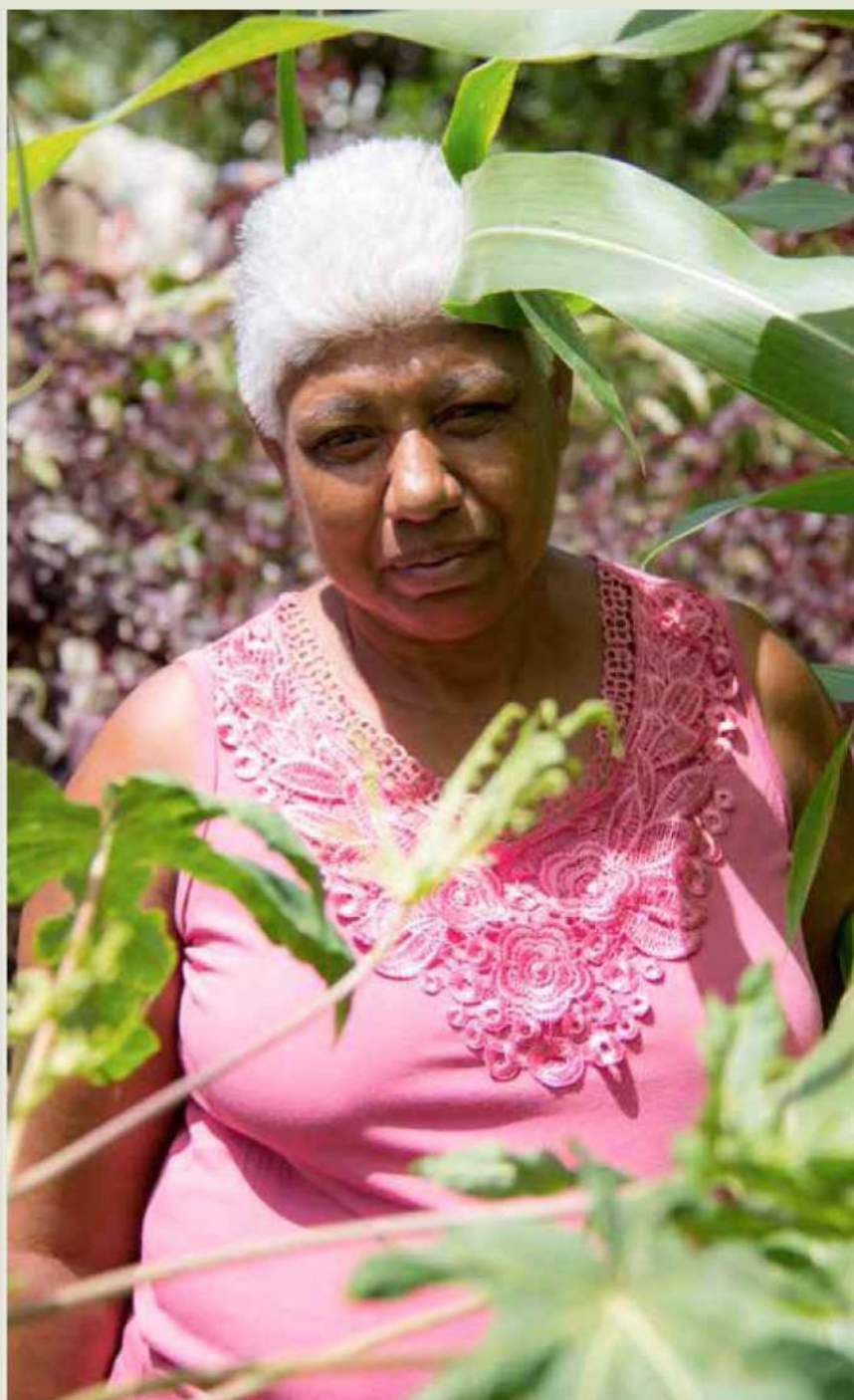
<sup>13</sup> Autoria do retrato: Marina Amorim e Mariana Lopes.



## *Dona Vera*

Dona Veranilta Alves Costa, conhecida como Dona Vera, nasceu em 1953, em Coronel Murta, cidade localizada no Vale do Jequitinhonha. Mudou-se para Belo Horizonte quando tinha 23 anos de idade. Hoje, mora no Bairro Ribeiro de Abreu, com o seu marido e sua única filha. É aposentada e possui uma horta urbana, comercializando seus produtos, sobretudo, em feiras da capital mineira.

A lidar com a terra, Dona Vera aprendeu com a mãe, ainda na primeira infância. Nessa época, ajudava a plantar alimentos para o consumo da família e para pagar em espécie o proprietário da terra em que viviam, além de ajudar a cuidar dos sete irmãos menores e da casa. Quando começou a trabalhar como empregada doméstica em Coronel Murta, aos 12 anos, os patrões deixavam que ela plantasse e criasse pequenos animais em sua propriedade, para comercializar e ajudar a mãe, até mesmo porque nem sempre lhe pagavam em dinheiro. Em Belo Horizonte, Dona Vera foi costureira, cuidadora de idosos e faxineira. Mesmo quando morava de aluguel, ela fazia questão de sempre manter uma horta em casa para o consumo próprio e para agradar os amigos, colegas e conhecidos. Por falta de espaço, sua horta era plantada em vasos. Depois que se aposentou, pôde dedicar-se somente ao seu quintal e, desde 2012, com o incentivo da Amau, voltou a comercializar o que produz, garantindo-lhe, assim, uma segunda renda.<sup>14</sup>



*Dona Vera. Crédito: Fabrício Goulart.*

---

<sup>14</sup> Autoria do retrato: Marina Amorim e Mariana Lopes.

## *Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)*

Uma trajetória de resistências, lutas e conquistas marcam os mais de 25 anos do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). A primeira crise mundial do petróleo e a busca pelo desenvolvimento de formas alternativas de geração de energia configuram seu contexto histórico de formação. De caráter nacional e popular, é composto por famílias atingidas de diversas formas pela construção de barragens, que resistem e lutam pelos seus direitos. O MAB enfrenta, diariamente, o modelo energético voltado aos interesses do capital internacional vigente que explora o meio ambiente e as vidas, fornecendo energia para as grandes empresas a preços baratos, enquanto a população ribeirinha fica sem acesso à energia. Por isso, a luta contra a privatização da água e da energia é uma bandeira fundamental para o movimento.

As mulheres do MAB, além de lutarem contra o patriarcado, a prostituição, a exploração e o tráfico de mulheres nos arredores das obras de construção de usinas hidrelétricas, também lutam pelo incentivo ao consumo de alimentos saudáveis, pela participação das mulheres nos espaços políticos, deliberativos e nas suas comunidades.

Para participar desta biografia coletiva de mulheres do campo, o MAB indicou a agricultora **Elaine**, uma camponesa em luta.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Autoria do retrato: Fabíola Paulino da Silva e Luísa Guimarães.



## Elaine

Elaine de Souza Martins Ahnert, conhecida como Elaine do MAB, nasceu em 1982, no município capixaba de Baixo Guandu, mas sempre residiu em Minas Gerais, no município de Itueta. Na comunidade do Córrego do Chapéu, ela viveu durante a infância e a adolescência, com a mãe, o pai e a irmã. Ainda jovem, aos 19 anos de idade, casou-se e mudou-se para a comunidade Córrego Jequitibá, onde dedica sua vida e seu trabalho à lida e à luta em defesa do direito à terra e da autonomia das mulheres.

Como todas as mulheres trabalhadoras, Elaine tem uma rotina intensa. De forma disciplinada, ela divide seu tempo entre o trabalho doméstico, a lida com a terra e as agendas de organização e de lutas do MAB – além das reuniões com os Grupos de Base, acompanha as reuniões de coordenação que acontecem em Governador Valadares e em Belo Horizonte.

É uma mulher forte, líder comunitária e referência para as demais mulheres que vivem em seu entorno. Afirma categoricamente que foi depois de se envolver com o MAB que entendeu melhor seu lugar enquanto mulher no mundo: o lugar da luta. Por isso, hoje, entende-se como sujeita do processo, consciente de seus direitos e dona de seu próprio destino. Quando perguntada sobre o conselho que daria às jovens do mundo, Elaine é assertiva: “não desistam dos seus sonhos”.<sup>16</sup>



*Elaine. Crédito: Natália Ponaht.*

<sup>16</sup> Autoria do retrato: Fabiola Paulino da Silva e Luisa Guimarães.

## *Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas (MZMLM)*

Desde a década de 1990, as mulheres agricultoras familiares e trabalhadoras rurais da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais estão organizadas em comissões municipais e regional de mulheres. Em 2010, a estratégia regional das mulheres se fortaleceu e, um ano mais tarde, afirmou-se como o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas Gerais (MZMLM). Nesse processo, o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA), organização ligada à Universidade Federal de Viçosa (UFV), teve papel relevante. Em 2008, por exemplo, ele criou o Programa de Formação Mulheres e Agroecologia.

As mulheres do movimento, em torno de 60, residentes em 15 municípios, são, em sua maioria, de diretoria ou de comissões de sindicatos, filiadas a diferentes federações, em especial, à Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (Fetraf). O MZMLM não tem autonomia financeira e nem uma sede. As suas reuniões são bimestrais, itinerantes, com representantes de cada local, apoiadas financeiramente pelos sindicatos ou pelo CTA. A pauta das suas ações abrange a agroecologia, as lutas em torno da violência contra a mulher, a participação feminina efetiva no âmbito familiar e/ou social, a visibilidade e valorização do trabalho das mulheres e a criação de políticas públicas para mulheres, geração de renda e crédito.

O MZMLM indicou **Eliete**, para participar desta biografia coletiva.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Autoria do retrato: Vera Westin e Clarissa Duarte.



## Eliete

Maria Eliete Costa Ferreira Rufino nasceu em 1976, em Volta Redonda, Rio de Janeiro, onde sua família morava. Aos sete anos, seus pais adquiriram uma chácara na comunidade de Vargem Grande, em Divino, retornando às origens de agricultores na Zona da Mata de Minas Gerais.

Eliete estudou até os dez anos de idade, concluindo a antiga quarta série. Morando na comunidade, não teve a oportunidade de avançar nos estudos, por falta de transporte até a sede do município. A partir dessa idade, já trabalhava na lavoura com os pais nas épocas de plantio e colheita do café, e ajudava em casa nos trabalhos domésticos.

Casou-se com Denil, que herdou de sua família o sítio em que moram, também em Vargem Grande, onde cultivam café e hortaliças, criam vacas de leite, porcos e galinhas. Têm três filhos – Abgair (18 anos), José Manuel (11 anos) e João Antônio (5 anos). Sempre dividiu com o marido o trabalho na lavoura e na horta, assim como a lida doméstica.

Iniciada nas práticas da medicina alternativa pela mãe, fez cursos a esse respeito no CTA, o que a aproximou das técnicas da agroecologia e da militância sindical. É Coordenadora Geral do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar de Divino do qual foi também diretora, além de integrante da Comissão de Mulheres do MMZMLM.<sup>18</sup>



Eliete. Crédito: Vera Westin.

<sup>18</sup> Autoria do retrato: Vera Westin e Clarissa Duarte.

## *Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'GOLO)*

A Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais (N'Golo) foi criada no ano de 2005, com o objetivo de instituir uma organização estadual para liderar, articular e acompanhar as mais de 500 comunidades quilombolas do Estado.

Sua pauta de ação gira em torno das situações e problemas vivenciados pelos quilombolas, tais como a grilagem das terras, a parcimônia das políticas públicas dirigidas aos remanescentes de quilombos, a falta de geração de renda nas localidades. Assim, constituem objetivos da Federação: organizar um espaço de mobilização e defesa das comunidades quilombolas, para enfrentar seu isolamento político e melhorar o acesso dessa população aos seus direitos; qualificar os poderes públicos locais para atenderem às demandas das comunidades; em específico, garantir a recuperação das terras quilombolas e trabalhar formas de sobrevivência sustentável na terra e a partir da terra, em um contexto de grande migração dos jovens dos quilombos.

Recentemente, a Federação criou, no âmbito de sua diretoria, a Coordenadoria da Comissão Estadual de Mulheres, com a finalidade de dar visibilidade ao trabalho e à identidade das mulheres quilombolas e prevenir a violência sexual contra as mulheres, as jovens e as crianças quilombolas.

**Jordânia** foi indicada pela organização para participar da biografia coletiva de mulheres do campo.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Autoria do retrato: Letícia Godinho.



## Jordânia

Nascida em Carmópolis de Minas, em 1983, Jordânia Fernanda da Silva Mariano se criou no quilombo Cachoeira dos Forros, terra de seus ancestrais. Começou a trabalhar na colheita com apenas oito anos de idade, nas fazendas do sul de Minas. Era para onde as famílias do quilombo migravam anualmente para realizar a “panha de café – por mais de cem anos, uma tradição, mas também uma precisão para a população do quilombo”.

Devido à trajetória árdua de trabalho na cafeicultura, Jordânia não apenas teve dificuldades de frequentar a escola mas também de viver uma infância plena. Testemunhou a exploração de seu povo, a perpetuação de sua miséria e o padecimento de muitos familiares e amigos. Por isso sua vida hoje, aos 33 anos, é marcada por uma rotina intensa de compromissos e viagens ligados à militância quilombola. Contar com o apoio de seu companheiro Paulo no cuidado da casa e dos dois filhos pequenos tem sido fundamental desde que a iniciou, há cerca de dez anos.

Na N'Golo, Jordânia ocupa atualmente uma de suas diretorias, o cargo de coordenadora da Comissão Estadual de Mulheres.<sup>20</sup>



*Jordânia. Crédito: Letícia Godinho.*

<sup>20</sup> Autoria do retrato: Letícia Godinho.

## *Marcha Mundial das Mulheres (MMM)*

A Marcha Mundial de Mulheres (MMM) é um movimento social criado nos anos 2000, reivindicando a eliminação da pobreza e da violência contra as mulheres.

O primeiro encontro da MMM contou com a presença de 145 mulheres de 65 países diferentes. A popularização do movimento logo aconteceu, e se espalhou por mais de 150 países. No Brasil, logo no ano 2000, foram realizadas atividades em todos os estados, e o auge dos acontecimentos da MMM nesse ano foi a Marcha das Margaridas, proposta pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). Nesse sentido, a luta das mulheres rurais foi contemplada e visibilizada dentro do movimento.

Até o momento, a MMM realizou quatro ações internacionais. A primeira, em 2000, contra a pobreza e a violência sexista; a segunda, em 2005, para a apresentação da Carta Mundial de Mulheres para a Humanidade; a terceira, em 2010, com o objetivo de fazer a população refletir sobre a militarização da vida cotidiana e sua relação com o modelo capitalista e patriarcal; a quarta e última, até o momento, em 2015, ação em defesa dos “territórios das mulheres” – seus corpos, moradias, espaços de trabalho e de lutas. Essa última foi realizada de forma descentralizada, com encontros em cada território. Minas Gerais foi um dos estados em que ocorreu a ação.

**Lúcia** representa a MMM nesta biografia.<sup>21</sup>

---

21 Autoria do retrato: Marina Coimbra e Maria Nogueira.



## Lúcia

Maria Lúcia Cristo nasceu no município de Simonésia, Minas Gerais, em 1963. Hoje, ela reside no mesmo município onde nasceu, junto de seu marido, o Seu Geraldo, e de sua filha mais nova, Lilian. Sua casa fica na zona rural e na sua propriedade há cultivo principalmente de café, além da criação de alguns animais – porcos, galinhas.

Filha de agricultores, a sua primeira experiência de trabalho foi aos sete anos, na lida com a terra. Ela dividia seu tempo entre os estudos, o trabalho na lavoura e o cuidado com a casa e com os irmãos mais novos. Devido a suas obrigações com o trabalho, o período dedicado à escola era muito reduzido, o que impediu Lúcia de concluir o ensino fundamental.

Mãe de duas filhas, Lúcia foi marcada por diversos problemas em suas gestações. Grávida, ela não conseguia mais fazer o serviço doméstico como antes. No entanto, essas dificuldades ajudaram seu marido a entender que ele também era responsável pelos cuidados com o lar. Hoje em dia, o casal divide as tarefas tanto da produção do café, quanto as relativas à casa. Essa percepção trouxe mais empoderamento para Lúcia, que hoje segue sua rotina profissional na terra, bem como na Marcha Mundial de Mulheres e no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais na Agricultura Familiar de Simonésia.<sup>22</sup>



*Lúcia em visita à Fundação. Crédito: Débora Drumond.*

---

<sup>22</sup> Autoria do retrato: Marina Coimbra e Maria Nogueira.

## *Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG)*

Fundada em 1968, a Fetaemg, ligada à Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), foi um importante espaço de denúncias, resistência e lutas, durante o regime militar. Após a abertura política nos anos 1980, tornou-se mediadora da luta pela terra, contribuindo para a organização dos trabalhadores rurais. No início dos anos 1990, a reforma agrária passou a ocupar um lugar privilegiado na agenda da Federação, que apoiou a criação de um grande número de assentamentos rurais. Hoje, representa os vários segmentos da classe trabalhadora rural (acampados e assentados da reforma agrária, agricultores familiares, assalariados rurais, meeiros, arrendatários, mulheres, jovens e terceira idade). Tem mais de um milhão de trabalhadores rurais, associados a mais de 500 sindicatos, distribuídos em 12 polos regionais.

A Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais foi criada em 1990. Nos Polos Regionais, a Comissão tem uma coordenação regional e uma suplente. No âmbito municipal, nos Sindicatos de Trabalhadores Rurais, há uma coordenação local. Seu papel é trabalhar a organização das mulheres no meio rural e lutar por políticas públicas para eliminar a discriminação e desigualdade de gênero.

Para participar desta biografia coletiva, a Fetaemg/CTB indicou a assentada **Neuzi**, liderança da região de Bonfinópolis, Brasilândia e Santa Fé (Polo Regional Noroeste).<sup>23</sup>

---

23 Autoria do retrato: Ana Paula Salej e Giovanna Lunardi.



## Neuzi

Neuzi de Fátima Pinto nasceu no município de Bonfinópolis, em 1966. Sua relação com a agricultura começou no pequeno pedaço de terra dos pais. Aos 12 anos, quando começou a levar o almoço para o pai na roça, passou a aprender a preparar a terra e a plantar. Aos 14 anos, foi trabalhar em casa de família cuidando de crianças, voltando para a roça aos 18 anos, quando se casou. Ela e o marido trabalharam na terra dos pais dele, até a chegada da reforma agrária.

Na luta por seu próprio pedaço de terra, o casal se filiou ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Bonfinópolis, mas não foi sorteado no Assentamento Saco do Rio Preto, em Natalândia. Continuaram a lutar pela terra, mudando para João Pinheiro. Lá, Neuzi começou sua trajetória no Movimento de Assentamentos. Participou de ocupações, da criação e da gestão dos sindicatos de Brasilândia e de Santa Fé de Minas. Atuou na fundação da Associação de Mulheres e da Cooperativa do assentamento. Por isso, é reconhecida como liderança local.

Hoje, ainda mora no Assentamento Tamboril, em Santa Fé, onde permaneceu mesmo após a morte do marido, com quem teve quatro de suas cinco filhas (Lucimar, Valéria, Luciana, Andréa e Diennifer). Só a filha mais nova, fruto de seu atual relacionamento, ainda mora com ela. Dedica-se ao plantio e à criação de animais. Vive da comercialização de sua produção.<sup>24</sup>



Neuzi. Crédito: Ana Paula Salej.

24. Autoria do retrato: Ana Paula Salej e Giovanna Lunardi.

## *Grupo de Trabalho (GT) Gênero e Agroecologia*

O Grupo de Trabalho (GT) Gênero e Agroecologia faz parte da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). A ANA constitui uma reunião de movimentos, redes e organizações da sociedade civil, mobilizados em torno do fortalecimento das práticas agroecológicas, da agricultura familiar e do desenvolvimento do meio rural. Seu trabalho se concentra na construção e na difusão de conhecimento acerca da agroecologia, na preservação da biodiversidade, no protagonismo das mulheres e nos direitos sobre a terra.

A mobilização e tomada de decisão ocorrem durante os Encontros Nacionais de Agroecologia (ENA) e também por meio dos Grupos de Trabalho (GT) e coletivos, criados para a discussão sobre temas específicos, nos quais são debatidas iniciativas e propostas. O GT Gênero e Agroecologia, criado em 2004, visa valorizar o trabalho das mulheres, promover sua autonomia e discutir a participação feminina nas práticas agroecológicas. Sendo assim, é o espaço de auto-organização das mulheres no âmbito da ANA, e de definição de estratégias das mulheres na construção da agroecologia.

O GT Gênero realiza formações para mulheres agricultoras, como **Tia Nenzinha**, que participou e se engajou em formações e reuniões do Grupo de Trabalho, e foi indicada pelo movimento para ser a entrevistada desta biografia coletiva.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Autoria do retrato: Mariana Patrus e Thais Valério.



## Tia Nenzinha

Maria Madalena Oliveira Leite, a Tia Nenzinha, nasceu em Montes Claros em 1953 e, na data da entrevista, tinha 63 anos. Viveu praticamente toda a sua vida na zona rural de Montes Claros, em uma comunidade rural em que todos se conhecem e são amigos – a Comunidade Abóboras. Casou-se e teve cinco filhos. Tornou-se viúva, e, hoje, moram com ela um de seus filhos, Carlinhos, uma de suas noras, Lena e uma de suas netas, Luana.

Sua trajetória de vida é perpassada pelo trabalho com a terra, o qual iniciou ainda criança, com a mãe e com os avós. Formou-se no ensino médio, trabalhou na Prefeitura de Montes Claros e hoje, aposentada, dedica-se exclusivamente à agricultura e ao cuidado com a família. O plantio e o trabalho com a horta, bem como a venda de seus produtos – um pouco de tudo, como ela gosta de dizer – em feiras, restaurantes e supermercados da região, são as principais atividades de seu trabalho. Enfrentou a falta de credibilidade em relação ao seu trabalho, especialmente do marido, e ao longo de sua trajetória, engajou-se em movimentos de luta pela terra e pela igualdade de gênero, tendo sido o GT Gênero e Agroecologia seu principal espaço de formação. Hoje, Tia Nenzinha é uma referência na luta pelos direitos da comunidade. É Presidenta da Associação de Moradores da Comunidade Abóboras, por meio da qual são feitas as reivindicações dos moradores perante os órgãos públicos e também perante a uma empresa situada na região.<sup>26</sup>



Neuzi. Crédito: Mariana Patrus.

<sup>26</sup> Autoria do retrato: Mariana Patrus e Thaís Valério.





# 1

## **Dona Zinha**

**Armezinda da Silva Firmino**

**Vera Lúcia Costa Westin**

**Clarissa Nascimento Duarte**

***“Nenhuma das mulheres apoia o uso do veneno [do agrotóxico], mas é obrigada a conviver com ele.”***

### **1.1 O trabalho com a terra**

Eu comecei a trabalhar na roça com oito anos de idade. Comecei trabalhando na roça, tratando da criação, buscando comida pros porco, tocando vaca. Meu pai tocava uma fazenda de meia, quer dizer, o gado era de meia. E, quando eu era pequena, eu que ajudava o meu pai a plantar cana, batata doce. Tudo que o pai fosse plantar, eu tava com ele! Era muito companheira dele! Eu, inclusive, não tenho medo de matar porco, porque ele matava porco. Não tenho medo de boi, não tenho medo de cachorro. O que ele fazia, eu estava atrás, e ele gostava. Eu era a que ele mais chamava pra ir mais ele.

Não era em Espera Feliz. Era lá onde eu nasci, em Santa Marta, no Espírito Santo. Depois, é que eu vim pra Minas. Aqui, morei no município de Alto Jequitibá, no município de Caparaó e, agora, estou em Espera Feliz. Morei nesses três municípios depois de casada. Meu pai e minha mãe já morreram, mas meus irmãos não. Tenho uns quatro irmãos, lá em Santa Marta. Todos são agricultores.

Sempre trabalhei com a terra. Com o passar do tempo, vim desenvolvendo outros tipos de trabalho também. Eu cheguei, por exemplo, a fazer faxina na cidade. Fiz algumas faxinas lá em Alto Jequitibá. Eu não gostava de movimento. O que eu gostava era só de trabalhar. Só trabalhar! Eu não gostava de nada que tinha que sair; eu só queria trabalhar. Já era casada. Então, eu só trabalhava e voltava pra casa. Depois, eu comecei a ir pra igreja. Meu primeiro passo foi pra igreja. Aí, da igreja, eu comecei a participar dos movimentos e fui desenvolvendo outros tipos de trabalho.

A minha rotina aqui é essa: levantar 5 horas da manhã, fazer almoço e, depois, cuidar da horta, ir pro biodigestor, tratar da criação, capinar, plantar, colher. Então, essa é a minha rotina aqui. Estou sempre na horta, no quintal. Hoje, eu vou só na panha de café. Lá na lavoura, eu não vou mais, assim, pra capinar igual eu ia, às seis e meia da manhã, e ficar até de tarde. Hoje, não vou mais não. Eu trabalho mais aqui no quintal e o meu marido, mais na lavoura. Eu só vou lá pra panhar o café, porque não dou conta mais, né?

Eu tenho cinco filhos. Hoje, eu só tenho um filho que tá comigo. São três mulheres, né? Uma trabalha em casa de família e outra trabalha numa padaria. Uma delas é divorciada e a mais nova é casada. A divorciada tem uma filha com 12 anos e a outra não tem filho. Hoje, elas estão lá na cidade, mas elas já trabalharam aqui também. Então, se aqui eu tenho verdura, elas têm também lá. Elas não compram. Os remédios delas, vai tudo daqui. Minha neta de 12 anos, por ela, ela tava aqui. Ela gosta demais daqui! Mas estuda lá. E tem também a outra filha que tem a casa dela, aqui no assentamento. O outro filho é casado e tem terreno em outro lugar.

### 1.2 A terra em Espera Feliz

O acesso à terra foi chegando pelo sindicato. Havia um desejo de vários agricultores de ter terra pra plantar, de desenvolver um trabalho. Foi formando uma turminha de discussão pensando na posse dessa terra aqui.

Eu nunca vim numa reunião. Só o meu marido que acompanhou. Eu não vinha, porque eu não queria vir. Eu queria trabalhar. O meu negócio era trabalhar. No serviço, nas propriedades dos patrões, sempre foi eu que puxei. Eu pegava trabalho seis e meia. Quando os meus meninos eram pequenos, eu ia depois do almoço e levava eles na cesta. Eu tenho cinco filhos, dois homens e três mulheres. Eu pegava a cesta, forrava com pano e punha eles dentro. Mas, quando eles estavam maiorzinhos, eu ia era seis e meia da manhã.

Eu pensava assim: *Meu Deus, mas comprar terra?! Como é que nós vamos pagar essa terra? Vai ter lucro pra pagar essa terra?* Eu tinha esse medo. Eu pensava assim: *Ah, não, eu não vou querer comprar terra! Porque eu vou comprar e não vou dá conta de pagar.* Eu tinha muito medo. Eu só trabalhava. Não tinha acesso à renda, só tinha acesso ao serviço. A renda, era meu marido quem gastava, da maneira que ele achava que era pra gastar.



*Dona Zinha.*

*Crédito: Clarissa Duarte.*



Meu marido falava assim: *Falaram, lá, que é preciso você ir, que é preciso as mulheres irem na reunião também.* Eu falei: *Não vou não. Pode ir você.* Então, quando eu vim conhecer esse pedaço de terra aqui, quando eu passei por aqui a primeira vez, já tava comprado. Não vim conhecer, nem pra comprar! Isso foi em 2007. Porque, desde 2005, 2006, já tava a discussão, né? E essa discussão demorou.

Na época, tinha um padre, aqui em Espera Feliz, que sempre foi um padre muito lutador: o Padre Jésus Moreira de Rezende. Ele olhava muito esse lado aí. Então, ele foi um que incentivou o sindicato a buscar essa discussão junto do governo, para que os pobres pudessem comprar a terra. Foi uma conversa dele. Aí, o sindicato deu continuidade a essa conversa do padre. A discussão foi ocorrendo, e, no principinho de 2009, os documentos saíram. Meu marido chegou em casa e falou assim: *Compramos a terra! Agora você vai ver!* E eu vim.

Eu vim, mas não gostei nada disso daqui. Eu andei, andei e não tinha lavoura, não tinha nada. A casa estava toda derrubada, né? Era boi entrando na casa. E só. Eu olhei e falei: *Meu Deus! Onde eu vou me meter?* Aí, eu dei a volta aqui, fui até o asfalto do outro lado e voltamos. Isso era um lugar deserto, deserto! Hoje, as estradas não são boas ainda não, mas era muito pior. Só via pasto, mato e aqueles bois destruindo o restinho que tinha. Eu fui embora e falei: *Meu Deus! Eu vou ficar aqui mesmo?*

Só que, quando o meu marido tava vindo pra cá e eu não concordava, eu falei pra Deus assim: *Deus, se for pra ele comprar essa terra, é pro Senhor abrir os caminhos! Se não for, o Senhor não deixe isso acontecer! Porque eu não quero ir.* Falei com Deus, mas Deus foi mais severo comigo, né? Eu acho que Deus falou assim: *Zinha, você não quer ir, mas você vai!* Eu tenho certeza que ele falou assim comigo!

Quando passou uns dias dessa minha primeira vinda aqui, o Padre Jésus foi me fazer uma visita, porque eu já tinha trabalhado com ele, lá em Alto Jequitibá. Ele foi na minha casa me visitar e falou assim: *E aí? Vocês estão bem? De quem é isso aqui?* Aí, eu falei assim: *Oh, padre, agora, nós compramos um terreno pelo Crédito Fundiário.* Ele olhou pra mim e falou assim: *Então, a minha luta valeu pra alguma coisa!* Ele ficou tão feliz!

Nós tivemos que mudar pra cá pro assentamento depressa. Então, eu falei com o meu marido assim: *Vamos pegar uma colocação lá perto?* Colocação, eu digo assim, igual de meeiro, pra gente ir trabalhando aqui, plantando. Ele respondeu: *Não, nós temos que ir pra dentro da casa daquele jeito.* Eu perguntei: *Misericórdia! Como é que eu vou?* Ele: *Nós temos que ir pra dentro daquela casa. Nós não podemos pegar de meeiro não. Nós já temos de ir pra lá.* Eu: *Então, fazer o quê?* Meu marido sempre fazia o que achava melhor. E, se ele achava melhor assim, que fosse assim. Aí, viemos pra cá.

Meu marido deu uma arrumadinha na casa, mais ou menos. Tinha dois cômodos que não estavam derrubados. Nós trouxemos a mudança pra casa do jeito que estava. Ele botou os troços dentro daquele cômodo. Um bocado, na verdade, porque eu ainda fiquei de meeira dois meses, lá onde eu estava. Porque os meus meninos estavam estudando e eu também. E a gente resolveu terminar de estudar primeiro.

No dia da mudança, pra nós chegar nessa casa aqui, foi difícil. Chovia tanto! A mudança molhou quase toda. O caminhão travou de tal maneira que o dono do caminhão não pôde ir embora. Foi preciso dormir todo mundo na casinha da minha filha, lá perto do asfalto, a gente e o dono do caminhão. No outro dia é que conseguiram arrancar o caminhão do atoleiro e o dono do caminhão foi embora. Foi uma mudança muito difícil mesmo!

Meu marido tinha vindo uma semana antes da mudança. Ele ficou ali naqueles dois cômodos, cozinando e trabalhando, sem energia, sem nada. Eu, feita a mudança, voltei pra onde a gente morava e fiquei mais dois meses com os meninos. Estando lá, a gente vinha cá de quinze em quinze dias só. Passados esses dois meses, terminou as aulas e a gente veio de vez. Aí, meu marido tinha dado uma ajeitadinha, tinha melhorado a casa um bocadinho, tinha feito a varandinha. E nós ficamos morando nessa casa antiga, até fazer essa nova aqui.

### 1.3 A conquista da casa nova

A gente estava morando naquela casa de quando a gente mudou pra cá e veio o projeto “Minha Casa, Minha Vida”<sup>1</sup> da Caixa Econômica Federal. Veio o primeiro projeto pelo sindicato. Então, o pessoal deu o nome. Depois, falaram assim: *Agora, tem a segunda remessa*. Então, sugeri pro meu marido: *Vamos entrar nessa remessa, pra gente fazer uma casa?* Ele falou: *Nós não precisamos de casa. Nós já temos uma!* Aí, eu falei: *Nós temos uma casinha ruim, e que, com o tempo, pode ficar pior. Se a gente conseguir fazer uma casa nova pra nós, vai ser muito melhor, ué!* Ele: *Não, eu não quero casa*. Eu: *Não, você não quer, mas eu quero!* Aí, ele disse: *Se vira, então! Não vou ajudar com um tostão!* E eu respondi: *Então, tá!* Porque o projeto da casa não vem totalmente de graça. Vem o dinheiro pro pedreiro, mas a gente tem que pagar o servente ou trabalhar, né? E vai juntando os gastos.

Eu dei o nome e comecei a participar das reuniões pro processo da casa. Aí, quando chegou numa hora que eu tinha que pagar 50 reais pro documento no outro dia, eu não tinha esse dinheiro. Eu falei: *Oh, meu Deus, e agora?! Meu marido já falou que não vai me ajudar em nada. Não tem jeito!* Mas apareceu um vizinho, um compadre meu. Quando ele chegou, a gente tava conversando e ele perguntou sobre o que era. Eu falei: *Amanhã, eu tenho que pagar um documento, e eu tô sem o dinheiro. Se eu não pagar, eu já perco a minha vaga pra construção da casa*. Ele falou: *Não, por causa disso não, uai! Amanhã, eu vou receber um dinheiro, lá na rua. Você vai lá, porque eu vou te arrumar os 50 reais*. E eu fui. Só que o meu filho, o que hoje mora comigo e já tava há mais de um ano fora de casa, tinha ido na casa da minha filha e ela tinha falado: *A mãe tá com um documento pra pagar e não tem o dinheiro. Eu também não tenho os 50 reais*. Quando eu cheguei lá na casa dela, ele já tinha deixado o dinheiro pra mim. O meu compadre já tava lá também pra me arrumar o dinheiro. Paguei o documento.

O processo da casa foi caminhando e começou a chegar o material. Isso foi em 2014. Eu precisava arrumar o pedreiro. Aí, fui na casa do meu filho mais velho, que já tinha trabalhado como pedreiro e construído a casa dele. Fui e perguntei pra ele: *Você quer pegar a minha casa?* E ele respondeu: *Oh, mãe, eu nem interesse. Mas, como é da senhora, eu vou pegar pra ajudar e fazer um*

<sup>1</sup> Programa de habitação popular do Governo Federal.

*preço melhor. Quando o meu filho assumiu, o meu marido interessou em ajudar. Ele começou a trabalhar de servente com o meu filho. O outro, esse que tava fora de casa, voltou. Aí, já eram os dois pra trabalhar de servente.*

A casa é feita por fase. Chega um tanto de material, faz um pedaço. Depois, tem que esperar chegar a outra remessa. Então, não é uma casa que pega e faz tudo de uma vez.

Quando tava na fase do telhado, teve um encontro de mulheres, lá em São Felipe, onde tem um centro de formação. Aí eu chamei meu filho mais velho, o que estava a frente da obra da casa, pra levar minha neta, a filha dele, pra tocar lá. Foram dois dias de encontro e, de noite, ela tocou. Aqui, tem muita gente que toca, tem uma bandinha. Meu marido já participou da bandinha. Quando meu filho e minha neta foram embora, eu fiquei pra organizar as vasilhas. Aí, no que eu tô lá dentro, eu escutei o que parecia um estouro. Falei: *Meu Deus, que zueira!* Quando eu cheguei na porta, o meu filho tava voltando com a perna toda ensanguentada e mancando. Olhei pra ele e perguntei: *O que aconteceu?* Ele falou assim: *Ah, mãe, eles bateram em mim ali...* E a menina junto. Ele continuou: *Eu trouxe a Letícia. Cuida dela! Olha ela!* E, depois, sentou. O carro tinha vindo e batido nele. Eu nem sei o que eu pensei na hora! A menina tinha levado só um queimado, na altura do cinto. Mas uma parte da perna do meu filho foi toda decepada e pegou o nervo. A outra perna, ele machucou mais embaixo, não pegou nervo não. Meu filho ainda saiu andando e foi parar onde eu tava. Aí, eu falei pra ele voltar pra lá, porque já tinham chamado a polícia e, quando ela chegasse, tinha que estar lá no local. No que eu cheguei lá e olhei aquele carro, vi que não tinha conserto, que tava destruído. Diz meu filho que a menina já ia sentar na frente, no banco do carona. Mas ele falou: *Olha, você tá com sono. Senta no banco de trás, porque, se você for dormir, é melhor.* E minha neta respondeu assim: *Não, pai. Eu não tô com sono. Eu vou ficar no banco da frente mesmo.* E a menina só queimou o pescoço com o cinto! Dali, meu filho já foi pro hospital. Quando o médico deu o laudo, falou: *Ê, você não trabalha nem daqui quatro mês! Porque você não quebrou osso, mas o seu nervo foi!* Eu fiquei: *Aí, meu Deus! E agora?! Quem faz a minha casa?!*

Eu andei tanto pra ver meu filho... Eu não parava em casa, ia o tempo todo na casa dele. Eu ajudei a arrumar os documentos, pra poder receber o benefício. Ele ficou parado. Quando passou dois meses, meu filho tava mancando. Passou três meses e o médico falou que ele ainda não tinha condição de trabalhar. E, na época, era panha de café. Então, não achava fácil outro pedreiro.

O dinheiro da casa que já tinha vindo, meu filho já tinha recebido. Dali pra frente, seria pro outro pedreiro que ia continuar o serviço. Restava quatro mil cento e poucos reais pra receber. E todo mundo falava pra mim: *Você acha que outro pedreiro pega isso aqui por quatro mil e poucos reais?! Olha o tanto de obra que ainda tem pra fazer!* Eu pensava: *Meu Deus, e agora?! Agora, o que eu faço?* Não vou achar pedreiro, aqui perto, com esse dinheiro. Eu vou ter que inteirar dinheiro. Mas inteirar dinheiro como?

O tempo foi passando e ninguém queria pegar o serviço. Conversava com um, conversava com outro, mas nada. Apareceu um rapaz: *Eu faço isso aqui. Por 6 mil, eu faço.* O meu marido falou assim: *Se você não der por 6 mil, você não vai achar ninguém pra fazer.* Retruquei: *Pois eu não dou! Porque eu não tenho! Eu só tenho 4.127 reais. Então, eu não vou dar por 6 mil.* Em um domingo, chegou um sobrinho meu que tinha vindo embora lá de Macaé. Nós conversamos e ele falou assim: *Tia, tem um companheiro meu que veio comigo e é um ótimo pedreiro! Ele pega esse serviço da senhora!* Aí, pegou o telefone e ligou pro tal amigo. No mesmo dia, o rapaz chegou aqui e nós combinamos o serviço. Na segunda-feira seguinte, ele chegou seis e meia da manhã e ainda trouxe o genro dele. Dois pedreiros. Eles pegaram o serviço! Quando o material chegava, os dois chegavam também. E foi assim até terminar. Não acabou mais depressa, porque o material demorava. Pra mim, é muita providência de Deus através das pessoas! Muita providência!

Depois, minha filha teve problema com o marido e não quis ficar mais na casa dela. Ela já tinha saído de casa uma vez, ido pra cidade. Depois, voltou pra casa, mas descombinaram de novo e ela tava querendo sair de lá e mudar pra Espera Feliz. Então, eu falei: *Olha, minha filha, se você vai mudar pra Espera Feliz, a casinha tá aqui pra você. Não tá fácil pagar aluguel, pagar água. Eu acabo de ir pra casa nova e você fica aqui um tempo, até você ver o que se ajeita.* Se eu não tenho essa casa aqui, como eu ia poder acolher ela? Não podia! Porque eu não tinha espaço! Então, minha filha veio e está ali. O marido ficou na casa deles, aqui no assentamento mesmo, no Padre Jésus. Só que, agora, ele já arrumou outra família e tá morando na cidade. Então, ela está pensando no que pode fazer pra retornar pra propriedade deles, aqui.





*Casa da Dona Zinha. Crédito: Vera Westin.*

## 1.4 Os estudos

Quando eu era criança, só fiz a primeira série e comecei a segunda. Quando as irmãs mais velhas iam casando, as irmãs mais novas tinham que pegar mais firme na roça. Então, logo, eu não pude estudar mais. Meu pai falou assim: *Agora, você não pode ir na escola mais não. Já aprendeu a assinar o seu nome, tá bom! Você vai me ajudar a trabalhar.* E eu fui. Mas ficou sempre esse desejo de voltar a estudar.

A ideia de voltar a estudar mesmo surgiu através do Padre Jésus também. Porque, quando eu trabalhava com ele, ele sempre estava chamando pra ir pras reuniões, pra ir numa coisa, pra ir pra outra coisa. Eu já coordenava a comunidade, nessa época. E ficava tão difícil sem o estudo... Padre Jésus me dava uma folha e eu não conseguia ler. Precisava dos outros, então, estar lendo pra mim. Para anotar alguma coisa, tinha o mesmo problema. Eu tinha muita dificuldade. Na verdade, ainda tenho. Estudei, mas não aprendi o tanto que eu queria, embora já tenha ajudado muito. E eu sempre ficava com aquele desejo: *Oh, gente, mas eu podia estudar! Podia melhorar um bocadinho, porque ia me ajudar tanto!* Acho que isso ficou no meu coração.

Quando eu mudei pra Comunidade de Taboão, que é no município de Espera Feliz, em 2006, os meus meninos, os dois mais novos que estudavam de dia, foram estudar à noite. Passaram pra noite, porque, lá, já tinha na zona rural uma escola noturna. Aí, eu falei: *É agora que eu vou!* Conversei com a diretora. A diretora olhou pra mim: *Eu vou fazer uma prova, um provão, procê. Se você conseguir responder umas questões, você entra. Mas aqui só tem jovem!* Eu respondi: *Eu vou no meio dos jovens! Não tem problema não!* Então, ela fez aquele provão e eu consegui acertar umas questões. Fiz a quinta série e a sexta junto com os jovens.

Foi nessa época, logo que eu fui pro Taboão, que me convidaram pra coordenar a comunidade – a comunidade que eu falo é a comunidade religiosa. E eu peguei o trabalho. Eu tinha muita dificuldade, porque, durante a semana, eu tinha reunião e precisava faltar na escola. Eu tinha que fazer os trabalhos da igreja, né? Mas as professoras entendiam. Elas deixavam eu fazer prova atrasada.

Eu estudei dois anos com os jovens. Chegou a EJA, que é a educação de jovens e adultos e elas me passaram pra lá. Aí, eu concluí a oitava série.

Mudando pra cá, eu comecei a estudar de manhã, lá no Paraíso. Ia de manhã e o Paraíso é longe! Mas o ônibus levava os estudantes sem cobrar, eu entrei na turma dos estudantes e fui. Mas estudei dois meses só no Paraíso. Estava muito difícil, porque eu saía de casa seis e quarenta da manhã e chegava uma hora da tarde. E era eu que trabalhava com a horta. Estava atrapalhando o serviço na horta. Naquele tempo, eu vendia verdura. Aí eu falei: *Ô, meu Deus!* Conversei com uma professora e ela falou: *Você não acha melhor ir pra Espera Feliz? Porque, lá, você pode estudar de noite.* Eu respondi: *Mas será que dá pra eu ir?* Ela: *Ah, mas nós arrumamos um jeito!* A professora conversou na escola e eu fui até o diretor. Ele falou: *Negativo! Você não vai estudar aqui. Você vai continuar onde você começou. Você começou lá, esse ano, e você vai ficar lá. Nós não temos vaga aqui à noite pra você. Tá cheio demais!* Eu falei: *Não!* Eu usei tudo quanto é argumento, falei que queria mesmo. Era EJA também. Mas ele não aceitou. *Ô, meu Deus do céu!* Eu chorei, dentro daquele colégio estadual! Chorei e fui embora. Voltei na professora. Ela falou: *Mas o que aconteceu que você não conseguiu?* Então, eu contei que o diretor falou que não tinha vaga. E a professora: *Não, ele vai te aceitar sim! Você vai no dia tal, porque eu vou estar lá. Você vai conversar, eu vou estar junto com você e ele vai te aceitar.* Nessa data, a professora falou com o diretor: *Não, senhor! Você vai se virar e vai arrumar vaga pra ela! Porque ela trabalha e tá perdendo hora de trabalho. Ela vai estudar aqui sim.* Aí, graças a Deus, deu certo! Eu continuei a estudar e terminei o ensino médio pela EJA.

### 1.5 A produção e a agroecologia

A horta tem muita variedade. Tem a cana, a banana, as plantinhas miúdas. E tem a criação também. Os remédios, se for pra contar, é muito nome...

Eu não vendo, assim, nas feiras não. Mas eu faço doce por encomenda. E a verdura também, quando dá pra vender na Coofeliz<sup>2</sup>, a cooperativa de produção da qual sou sócia, eu entrego também. Não é toda época que a gente tem, mas dá pra entregar alguma coisa, da horta, do doce, da roça.

O dinheiro do café é só do meu marido. Ele faz a compra pra casa e, com a sobra do dinheiro, compra o adubo, compra as máquinas dele, compra as coisas dele. Meu marido não tem participação nenhuma na horta, só na lavoura. Meu filho voltou pra casa. Ele plantou uma moitinha de café separada e trabalha fora pros outros. Mas, quando tá aqui, ele me ajuda com o biodigestor, carrega

<sup>2</sup> Cooperativa da Agricultura Familiar de Espera Feliz, Caiana, Caparaó e Alto Caparaó.



esterco pra horta e, às vezes, faz algum roçar. Então, estando em casa, ajuda. O meu marido não. Ele não gosta de serviço de casa. Nunca gostou. Ele só gosta de trabalhar lá na lavoura.

A homeopatia, eu conheci em um cursinho, aqui no assentamento. Foi dado pelo Amauri, que é produtor rural e homeopata. Ele estudou com um professor lá de Viçosa, à distância. O cursinho aqui pra nós foi de um ano, uma vez no mês. Aí, eu descobri a homeopatia. Agora, o chá, desde o tempo do meu pai e da minha mãe, eu já bebia, já usava muito. Só que estava, assim, um pouco esquecido. A gente precisava de um remédio, já corria na farmácia e não ligava mais tanto pro chá. Nesse cursinho, eu comecei a lembrar isso aí. Aprendi um jeito mais fácil de preparar o remédio, um jeito mais fácil pra tomar. Tanto que a gente toma um remédio amargoso e nem vê que ele é amargoso! Com esse cursinho, eu fui desenvolvendo e vi que o chá tinha valor. Ele é fácil pra trabalhar e pra usar.

Em algum momento, penso em poder falar que eu tenho um dia só pra atender as pessoas. Hoje, se alguém tá precisando, eu faço uma consulta. E trato da família também. Porque eu tive só um ano de curso e o primeiro ano é de preparação. Mas, depois desse cursinho, pelo tanto que eu já pratiquei, eu já tenho condição de atender. O problema de ter dia fixo é que a gente fica com aquele compromisso. Eu já trabalho no sindicato, eu já trabalho com a igreja.

A horta é agroecológica. Na lavoura, meu marido usa o Randap<sup>3</sup>. Ele põe pra matar o mato. No meu cursinho de homeopatia, nós fomos orientados sobre os perigos desse tipo de coisa, né? Foi aí que eu comecei a conscientizar que isso é perigoso, que a gente tem que lutar contra esse tipo de coisa. E, aqui, tá tendo mesmo muito problema. O meu marido já intoxicou, no ano passado. Ele ficou tão ruim, que até banho nele eu tive que dar. A infecção foi pros rins. Aí, eu fiz remédio, tratei, mas ele não aguentou a dor e foi preciso ir pro hospital e tomar injeção. Graças a Deus, sarou! Volta e meia, tem um aqui passando mal, intoxicado. A intoxicação, ela aparece em forma de gripe, quando vai pro pulmão. Quando ela aloja no rim, dá dor mesmo e febre, como aconteceu com meu marido. A intoxicação aparece também em forma de alergia, infecção de garganta. Então, é uma luta! Minha neta, a que mora aqui, não passa quinze dias sem tomar remédio! Se ela passar perto de plantação com veneno, pode saber.

---

<sup>3</sup> Trata-se do *Round Up*, um agrotóxico muito usado nas lavouras de café.



Nas plantações de café, o que tem mesmo de agrotóxico é o Randap. Esse é o mais perigoso. Tem outro, um de jogar na raiz, mas quase ninguém usa. É só o Randap que estão jogando e que está intoxicando o povo. No caso do meu marido, ele mesmo joga e se intoxica. Mas, no caso das crianças, é a beira da estrada que está atrapalhando. Não foi aqui na minha comunidade, mas aconteceu de duas mães abortarem por passar onde há Randap. De vez em quando a gente vê falar: *A fulana sofreu aborto... Ela perdeu o neném...* Aí, o médico fala assim: *Isso é aborto espontâneo*. Nada disso! Isso é o que esses inseticidas estão fazendo. Um feto é muito indefeso. A mãe intoxica, vai pra ele e acaba matando mesmo. Então, eles não dão esse diagnóstico, porque não aprofundam pra chegar até isso que nós estamos vendo. Eu tenho certeza que é o agrotóxico.

Nós estamos até pensando em conversar com dois vizinhos que jogaram veneno, há poucos dias, na beira da estrada. É preciso uma conversa com eles, porque são pessoas que não participam de nada, que não querem saber de nada. A gente faz uma reunião e eles nunca vão. Infelizmente, em todo lugar tem isso, né? Não é todo mundo que gosta de ir em reunião, que gosta de ouvir, que gosta de aprender. Essas pessoas, você vê que tão fazendo isso e não tão pensando nem no próprio filho que tá dentro de casa. Então, a gente tá precisando mesmo é chegar até as casas, pra conversar com alguns. Porque se eu matar esse mato aqui com veneno, eu não preciso capinar, não preciso roçar. Mas, hoje em dia, tem a roçadeira, e todo mundo aqui tem roçadeira. Não justifica o uso. E, o pior, não é só dentro da propriedade que se usa o Randap. Ele é usado também na beira do asfalto. As companhias de empreitada vêm e jogam Randap na beira do asfalto, ao invés de passar a roçadeira. Eles vêm e jogam veneno, trazendo muita doença. A pessoa fala assim: *Eu tenho problema de asma, de bronquite*. E não é nada de asma, de bronquite. É que o pulmão vai ficando tão carregado de respirar veneno, que vai virando infecção. Eu não tô falando isso por falar, eu não tô falando isso por chatice. Eu tenho certeza.

Penso que deveria ter uma lei municipal, estadual ou federal, pra proibir esses venenos pelo menos na beira de caminho. Tivemos um prefeito, aqui, que estava jogando Randap dentro da cidade, ao invés de capinar. É muito absurdo! O município de Espera Feliz é campeão de câncer dentro do hospital de Muriaé. A região toda é complicada, por causa do café. Mas nós, de Espera Feliz, somos os que têm mais casos. É difícil.



*Dona Zinha levando esterco para o biodigestor.*

*Crédito: Vera Westin.*



*Dona Zinha trabalhando na sua horta agroecológica.*

*Crédito: Clarissa Duarte.*

A agroecologia é um desafio que me coloco a cada dia com mais força. Porque eu penso assim: se a gente tá lutando praquilo que é bom, a gente tem que ter a cada dia mais força. Mesmo que a gente seja humilhada, pois não importa o que o povo fala. O que tá mais difícil é a conscientização. Esse é o maior desafio pra mim. Porque eu quero a agroecologia, eu trabalho com ela e eu sou contra esses venenos aí. Mas eu sou uma pessoa que tem um carinho muito grande por quem joga agrotóxico. É que eu tenho pena... A pessoa não se dá conta do mal que tá fazendo pra si próprio, né? O remédio pra mim é conscientização. Se a pessoa chega aqui e eu vejo que ela tá intoxicada, eu dou remédio pra ela. Nem vender, eu vendo. Pra ver se ele vai tomando e vai se conscientizando. Então, eu atendo com todo carinho. Se eu acolher com carinho, eis que, um dia, vão ver o mal que tão fazendo.

Nenhuma das mulheres apoia o uso do veneno, mas é obrigada a conviver com ele. A gente vê que a mulher não tem voz ativa. Eu também não tenho voz ativa pra falar pro meu marido, pra proibir ele de usar, né? Não tem como eu falar com ele: *Você não pode jogar mais veneno na lavoura*. Ele quer, ué. O que eu vou fazer? Agora, aqui em volta de casa, eu faço o que eu posso: vou falando, vou pedindo. E é a mesma coisa com as outras mulheres. Até que tem homem aqui que já se conscientizou. Tem o vizinho da frente que já não usa nada mais. E olha que era uma das pessoas que mais usava, e nem chegou a adoecer muita gente da família dele não. Ele mesmo passou mal, mas não foi tanto. Então essa é a minha esperança: eu espero que os outros também parem de usar.

## 1.6 O incentivo para a agricultura familiar

Logo de início, tivemos um financiamento do Banco do Brasil, pra gente poder plantar o café. A gente paga ele por ano e paga também o Pronaf<sup>4</sup>. E ainda tem o financiamento da casa. No caso da casa, a gente inteira um material que falta, alguma outra coisinha e paga o serviço do servente. Nessa casa aqui, além do dinheiro que veio, foram mais uns três mil reais. O que veio foi material e dinheiro pro pedreiro. No total, 28 mil. O financiamento do “Minha Casa, Minha Vida”, eu pago parcelado por ano. São três financiamentos: a terra, o Pronaf e a casa. De projeto do governo, tem também o biodigestor. Ele já foi pra quatro pessoas daqui. Foi uma coisa que veio por meio do sindicato. Foi praticamente de graça, pois nós entramos só com o serviço.

Quando eu fiz horta, teve um rapaz aqui do projeto PAIS<sup>5</sup>. Era um agrônomo e ele me acompanhou por dois anos. Mas é o CTA<sup>6</sup> que dá orientação técnica nos quintais. Se a família quiser, eles olham também as lavouras. Mas tem família que não gosta. Por isso o CTA tem trabalhado mais no quintal mesmo, com as mulheres. Agora, tão desenvolvendo um trabalho que até que tem muitas famílias que tão aceitando. É uma integração de serviço pro produtor rural. Vai vir um técnico pra ajudar nas análises de terra. Já fizeram a primeira reunião.

Eu penso assim: não precisa de um programa do governo a mais. O que já tem é muito bom, mas precisa ser mais bem trabalhado. Ai, nós ficaríamos numa situação bem melhor.

Mas tem algo que precisa mudar: deveria ter mais coisa no nome das mulheres. Porque tudo que tem, vem o nome da mulher, só que o nome do marido fica por cima e o nome da mulher por baixo. O que acontece é que o homem pega o dinheiro e faz o que quer, sem ouvir a família. Isso é geral. Foi o que aconteceu com a minha filha, por exemplo. O dinheiro do Pronaf que o marido dela pegou, ele gastou tudo com o que ele quis. Então, o marido se endividou que não tinha mais jeito e gastou todo o dinheiro. Meu genro fez uma tulha, ali, de qualquer maneira, e, com o resto do dinheiro, comprou vaca. Só que ele

4 O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

5 A Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS) é uma metodologia de produção de hortaliças, frutíferas e criação de pequenos animais com bases agroecológicas, sem uso de agrotóxicos.

6 O Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) é uma organização fundada em novembro de 1987 por lideranças sindicais, agricultores/as familiares e profissionais das ciências agrárias que tem os seguintes objetivos: ampliar a capacitação social e desenvolver sistemas de produção adequados à realidade da Zona da Mata de Minas Gerais, para fortalecer econômica e politicamente a agricultura familiar.



vendeu as vacas, panhou o dinheiro da venda e foi gastando, foi comprando roupa. O Pronaf tá, lá no banco, sem pagar. E no nome dos dois, o da minha filha também. Então, isso aí está errado. E, se saísse alguma coisa no nome da mulher, eu acho que ela saberia empregar. Infelizmente, é o que eu vejo, né? Acontece muito disso, aqui. A vida da minha filha chegou no ponto que chegou não é só porque descombinou com o marido, não é só por falta de amor mais não, é falta de tudo mesmo! Você vai fazer o quê? Você vai continuar com uma pessoa dessa?

Então, eu não sei se seria uma solução, mas eu penso numa DAP<sup>7</sup> individual pra mulher. Porque, quando sai a DAP, hoje, botam a renda da lavoura junto com a renda do quintal num valor, mas só pra panhar mais dinheiro. Na hora que chega em casa com esse dinheiro, o que o homem costuma fazer com ele? A mulher não vê a cor de dinheiro! E, além do dinheiro não ser utilizado com o que é preciso, terminam colocando a família inteira em dificuldade. Eu falo: *Ô, meu Deus, será que não teria um jeito dessa DAP sair só no nome da mulher, mesmo que com um recurso menor? Porque, se a mulher ganha menos, ela vai declarar o que ela ganha.* Eu não concordo com isso de tudo junto. Porque casou, tudo tem que ser junto? Pelo amor de Deus! E tem que ser junto pra um só gastar e a mulher terminar com o nome sujo? Eu não consigo concordar com isso aí de jeito nenhum! Eu acho que a mulher tem que ter a autonomia dela. Esse negócio de ter marido pra mandar, pra fazer o quer com o dinheiro da mulher e a mulher não fazer nada, isso pra mim não é marido não. Marido pra mim é outra coisa. Eu botei a minha renda na mão do meu marido por trinta e tantos anos! Tudo o que eu recebia, eu dava na mão dele. Mas, hoje, do meu trabalho, ele não vê um tostão. Se eu quiser dar um presente pra ele, eu vou dar com o meu dinheiro, tudo bem. Mas eu não ponho mais um real de renda na mão dele, porque, quando eu pus, ele destruiu. Ele não aceita até hoje, mas eu não tô nem aí! Porque eu acho que a mulher tem que conseguir ter voz e vez também. Eu vou ficar a vida inteira assim, andando pra trás? Pelo amor de Deus!

---

7 A Declaração de Aptidão para o Pronaf (DAP) é o documento que assegura ao produtor rural a sua condição de agricultor familiar. Com o registro, os agricultores familiares têm acesso aos programas do Governo Federal que apoiam o desenvolvimento da produção e, conseqüentemente, a melhoria das condições de trabalho e da qualidade de vida. Entre as ações, estão o acesso a mercados de compras públicas, como os Programas de Aquisição de Alimentos (PAA) e de Alimentação Escolar (Pnae), os serviços de Assistência técnica e Extensão Rural (Ater) e o próprio crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf).



### 1.7 A trajetória de lutas

Participar de movimento foi algo que aconteceu aos poucos. Hoje, o meu marido até se arrepende. Porque, antes, quando ele me chamava pra sair, eu não queria. Ele dizia: *Vai, porque fulano falou que você tem que ir!* Eu respondia: *Não quero ir, eu quero é trabalhar.* Aí, hoje, é ele que fica em casa e eu que vou...

O Padre Jésus me ajudou muito nisso. Ele foi o que iniciou esse processo de luta, aqui na região. Em Espera Feliz, no Caparaó, em Caiana, no Alto Jequitibá, enfim, nos lugares onde ele trabalhou. Ele e mais outra religiosa, Rosa Fortini. Eles enfrentavam luta mesmo! Era um padre que não vivia só de oração, que vivia de oração e ação, ação prática. Padre Jésus gostava de horta e falava sobre a vida, sobre esse trabalho sem veneno, sobre a agroecologia. Era um padre agroecológico! A Rosa era militante e homeopata. Ela dava curso de homeopatia pra todo lado. Seu Amauri mesmo, que deu curso pra gente aqui, foi formado por ela. Eu acho, mas não tenho muita certeza, que a Rosa tinha um vínculo com um professor da universidade lá de Viçosa.

O Padre Jésus me visitava e ele sempre falava assim pra mim: *Você é uma mulher que, um dia, tem que estar na política!* Eu dizia: *Cruz credo! O Senhor tá doido!* Isso marcou muito minha vida. Nas missas, ele juntava o evangelho com a vida. Uma coisa de louco mesmo! Ele era uma pessoa simples, humilde, que chegava em qualquer lugar, mas, quando era pra falar, falava a verdade e com discernimento. Padre Jésus era muito acolhedor, muito gente boa mesmo. Por tudo isso que eu trouxe o nome dele para o assentamento. E os moradores todos ficaram de acordo. Todo mundo conhece ele e sabe que foi quem iniciou a luta pela terra aqui.

Agora, tudo começou a surgir na minha vida depois que fui pra escola. Esse gostar de estar ali, esse gostar de comunicar. E participar mesmo, foi só depois que eu vim pro assentamento. Numa reunião, surgiu o sonho das mulheres de trabalhar junto, de ter um grupo. Falaram comigo: *Você vai ser a coordenadora!* Eu olhei assim e falei: *Fazer o quê? Mas vou!* Aí, comecei. Depois do grupo de mulheres, eu já fui pro sindicato. A partir do ano passado, eu peguei a coordenação das mulheres, no município. Trabalho com os grupos que são atuantes por aqui e também incentivo o trabalho de grupo em outras comunidades. Participo também dos movimentos da igreja. Como missionária, faço visitas em outras comunidades. A partir de janeiro, eu sou a nova coordenadora dessa comunidade religiosa pela primeira vez.

Aqui, nós somos filiadas ao CTA. As meninas do CTA fazem oficinas pra gente. Hoje, o que nós do grupo de mulheres aqui do assentamento temos, as cadeiras e o fogão, a gente ganhou do projeto Ecoforte<sup>8</sup>. O espaço de reuniões era do Sindicato. Ele foi cedido pro nosso trabalho. Agora, o sindicato passou a responsabilidade para a cooperativa, que é a Coofeliz. O nosso sonho é ampliar aquela varanda. A gente já abre pra vender, toda quarta-feira. Mesmo se a gente tem pouquinho coisa, acaba que vende algo quando passa alguém. Tem o brechó também. Às vezes, a pessoa precisa de uma roupa pra roça e vai lá comprar. Com o dinheiro das vendas, a gente compra vasilhas e vai deixando lá pro grupo. As sócias pagam também uma anuidade. São vinte e quatro reais por ano. E a gente faz a confraternização do Dia das Mães e do 8 de Março com esse dinheiro, além de comemorar o aniversário do povo. O dinheiro, então, é pra fazer um bolo, pra fazer um churrasco. Vou lá na varandinha também e dou aula pras companheiras.

Eu vejo o valor da gente ser grupo. E conseguir, pelo menos, conversar e provocar isso nas mulheres. Eu vejo que elas estão desenvolvendo, abrindo os olhos. É por isso que eu sou apaixonada com esse negócio aí de movimento, de juntar as pessoas! Eu sou apaixonada com isso aí! Porque o movimento transforma a gente! Muito mesmo, nossa! Uma transformação que vem de dentro e que ninguém arranca mais de jeito nenhum!

Tem coisas que eu vejo nas pessoas. E, quando eu vejo essas coisas, eu não consigo calar. Porque é verdade que eu sei pouco, que eu estudei pouco, mas as companheiras estão precisando tanto! Então, eu acho que eu posso ajudar. Aí, comecei a dar aulas para elas. Tem até outra mulher daqui e ela nem é do grupo. Ano que vem, eu tô pensando em arrumar um jeito pra ensinar ela também. Essa mulher não sabe nem assinar o nome e tem esse desejo. Ela não participa de grupo, porque o marido não deixa. Eu não consigo segurar isso: se eu vejo que a pessoa tem vontade, eu quero ajudar, de um jeito ou de outro!

---

8 O Programa de Fortalecimento e Ampliação das Redes de Agroecologia, Extrativismo e Produção Orgânica (Ecoforte) surgiu a partir da construção do Plano Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Planapo). É um projeto financiado pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e pela Fundação Banco do Brasil, com o apoio do Governo Federal, no intuito de apoiar as redes de agroecologia incentivando as práticas de manejo sustentável da sociobiodiversidade e os sistemas produtivos orgânicos e de base agroecológica em todo o país.



*Varanda usada para as reuniões da Comissão de Mulheres. Crédito: Vera Westin.*



### 1.8 A vida das mulheres

Vejo muita diferença entre a vida que a minha mãe teve e a minha. Muita mesmo!

Hoje, eu fico pensando que, antes, eu não queria vir prá cá, eu queria continuar de meeiro. Eu achava que era ali que eu tinha de ficar, né? Porque isso sempre foi passado pra gente. Sempre foi passado que deveria ser assim, que a gente não era capaz e a gente ia acreditando que não era. Isso vinha da própria família! Então, é algo que vai tirando da gente a capacidade de fazer, de acontecer, de buscar. Por isso, eu tinha essa resistência. Hoje, eu falo: *Muito obrigado! Porque o Senhor foi muito mais forte do que aquela ignorância!* Hoje eu falo: *Graças a Deus, que me mostrou outro jeito de viver!* Isso é maravilhoso!

Hoje, eu posso dar força pras minhas filhas. Posso dar forças, pra elas se sentirem capazes. Então, o recado que eu deixo pras minhas filhas é pra continuar na luta. Porque vale a pena ser mulher do campo. Vale a pena acreditar no que faz e ser capaz. A mulher, seja do campo ou da cidade, tem a mesma capacidade. A gente não pode pensar diferente e agir diferente, porque é do campo. Tem que ter força pra mostrar que a gente vai vencer e que temos direitos iguais.

Eu pensava assim: *Eu nunca vou ir à praia. Pra que uma mulher do campo vai ir à praia? Pra que ir na praia, agora?* No ano passado, eu fui. E, esse ano, eu estive lá no Rio. Então, a gente tem que pensar é assim: *por que não?* Isso é algo que vou passar pras minhas netas, pras meninas aqui. Tanto que eu tô pensando, agora, em formar um grupo com as meninas do assentamento. Essa é a minha luta, esse é o meu desafio: deixar minha luta bem plantada. Nas filhas aí, no coração delas. O que eu deixar, que sirva de exemplo.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Zinha a Vera Westin e Clarissa Duarte.





*Vista da janela da casa de Dona Zinha. Crédito: Clarissa Duarte.*





*Claudio Testa / unsplash.com*

# 2 **Alzilene**

**Alzilene de Souza Silva Ferreira**

**Mariana de Lima Campos**

**Clarice Gonçalves Santos do Vale**



***“Muita gente fala assim comigo:  
você é livre demais! E eu digo:  
mas eu nem cheguei ainda aonde  
eu quero chegar!”***

### **2.1 O trabalho: a roça e a lavra**

Eu tinha uns sete anos, quando comecei a trabalhar. Desde pequena, eu já ia pra roça com meu pai e ajudava a criar os outros irmãos – minha mãe teve nove filhos. Na roça, eu plantava, limpava, colhia.

Nós também íamos pra lavra. Pai nunca foi em lavra, pois nunca gostou, mas minha mãe ia. O que acontece é que, na época da seca, por falta d'água, a gente não planta. Então, a lavra ajuda a gente a ir sobrevivendo, nessa época que a roça não dá nada. No trabalho na lavra, a gente trabalhava catando os restos que os garimpeiros jogavam fora. Depois, fecharam essas lavras e falaram que não podia trabalhar mais lá. Com a chegada das pedreiras, vários lugares onde a gente trabalhava foram fechados também. Hoje, a gente fica procurando e acha alguns pedaços de terra pra trabalhar.

Na lavra, o que procuramos era a andaluzita. A maioria do pessoal, aqui, sobrevive é com ela. Ela tem um preço baixo, mas, se achar, dá pra ir sobrevivendo. Tem semana que a pessoa vende cinquenta ou cem reais, e, às vezes, tem semana que não vende nada. Às vezes, você trabalha o mês inteiro ou mais de um ano, e nunca vende um centavo. É um jogo: vai da sorte de cada um. Muita gente não gosta de andaluzita, porque é uma pedra barata. Mas ela é uma pedra barata que, toda semana, costuma dar um pouquinho. Pros homens que trabalham com garimpo, isso não tem valor. Se falar que a lavra é de andaluzita, pode olhar que a maioria das pessoas que tá lá é mulher. Os homens querem tirar é turmalina, pedra preciosa, ou preferem o cristal. Muitos, aqui, falam que andaluzita é serviço pra mulher, por que ela sempre dá rasa e é coisinha que dá pouco dinheiro.

De vez em quando, eu ainda trabalho na lavra. Mãe também sempre vai, mesmo já não aguentando muito. Às vezes, ela fala: *É, Alzilene, eu ainda tô aqui trabalhando, e quem aguenta não quer vir.* A vida toda, mãe nunca parou. Ela sempre trabalhou na roça e na lavra. Mas, aqui, você pode contar as mulheres que gostam de lavra! Não são todas não. Eu vou, um dia ou outro. Quando eu vejo que tá muito seco pra eu ir pra roça ou quando as roças já tão no final, eu vou pra lavra. Nunca parei de ir, porque é um complementando o outro: a roça e a lavra. O que eu tiro na lavra já paga alguma coisa dentro de casa.

Então, o meu serviço sempre foi relacionado com a terra. Hoje, tenho 41 anos. Durante minha vida, só trabalhei com outra coisa quando fiz parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itinga. Mas, ainda assim, estava voltada pra terra. A escola que eu estudei também tinha relação com a terra.

## 2.2 A Comunidade Jenipapo

A nossa comunidade foi reconhecida como descendente de quilombo. Fizemos entrevistas com as pessoas mais antigas, pra saber de onde elas vieram, como é que era. A terra daqui da comunidade foi comprada. O lado do meu avô comprou a terra. Só que eles compraram a terra, vindo fugidos de outro lugar, onde estavam tendo problemas com os fazendeiros. Meu avô se reuniu com os irmãos, venderam uns gados que tinham e compraram essa terra. Diz que a mãe de pai, minha avó, era filha de escravo. O pai de mãe também era filho de escravo e, quando era pequeno, ainda presenciou algumas coisas da época da escravidão. Esse meu avô dizia que a irmã dele não podia ver branco, porque ela tinha medo. Por aqui, tem muito rastro de escravos. Tinha um tronco, tinha correntes. Minha mãe se lembra de já ter visto.

Praticamente todo mundo que mora na comunidade é parente. Mãe mora aqui perto, minha sogra é minha vizinha, tenho irmãos e primos que também moram na comunidade. Meus avós maternos eram casados e eram primos, meu avô do lado de meu pai também era casado com uma prima, e mesmo os que saem daqui se casam com os primos em outras cidades.

A comunidade é um lugar ótimo de se viver, apesar da falta de empregos. Isso é o que faz a maioria do pessoal migrar pras cidades grandes. Se tivessem empregos na própria comunidade, alguma coisa para as pessoas se ocuparem, ninguém iria embora. Esse é o único problema.

O lote que a gente mora, meu marido Zé comprou quando casamos. Está no nome dele. Viemos morar aqui, depois que eu casei. Nós temos três filhos: Kelly, Kennedy e César.

Eu sempre falo que, se vier aqui, é porque queria mesmo vir! Porque não é nem beirinha de estrada pra ficar falando: *Tava passando por aqui e resolvi fazer uma visitinha!* É um lugarzinho muito tranquilo pra se viver!

### 2.3 O dia a dia

Quando eu acordo, a primeira coisa que faço é tratar das galinhas e dos porcos. Depois, vou lavar vasilhas. Quando acabo, sempre desço lá na beira do rio pra mexer com a roça. Trabalho na roça até umas dez e meia ou onze horas da manhã, até essa faixa de horário. Volto pra fazer almoço, o que termino por volta de meio dia. Depois, lavo vasilha, lavo roupa, limpo a casa. Quando dá umas três horas da tarde, eu torno a voltar lá na beira do rio de novo, pra poder terminar de limpar a roça ou mexer com a horta quando está na época certa. Volto para casa por volta de seis e meia ou sete horas da noite, já quase no horário de ir pra cama dormir, e ainda vou fazer janta ou, senão, esquentar a que já está feita.

É assim o meu dia a dia. Todo dia é quase a mesma coisa, essa mesma rotina. Tem hora que o sol está muito quente, e aí eu volto da roça mais cedo. Mas, aí, como eu não aguento ficar dentro de casa, eu procuro ir pra lavra no intervalo, entre uma e quatro horas da tarde. Quando trabalho na lavra, chego em casa por volta de quatro horas, e torno a descer lá pra beira do rio para mexer com a minha roça. Eu não paro nenhum segundo! Só que na lavra, como eu disse, não vou todo dia, só vou um dia ou outro. A maioria do meu tempo é na roça.

Quando eu viajo, os meninos é que tomam conta. Quer dizer, isso quando o Zé, meu marido, não está aqui. Se ele sai para trabalhar na lavra, o César fica responsável. Aí, o César estuda de manhã e, depois, cuida de tudo. Eu falo: *Qualquer tantinho que você já fizer, já ajuda!* Ele só não cuida, quando eu estou em casa.

Tem dias que todo mundo da casa me ajuda e faz a mesma coisa que eu. Normalmente, no meio da semana, o Zé tá no garimpo. Mas, no final da

semana, ele tá aqui, fazendo o mesmo serviço que eu faço. Quando não está trabalhando, então, ele está ajudando nos afazeres lá na beira do rio, lá na roça. Os afazeres de dentro de casa, tem hora que ele também faz. Mas, isso, nem sempre.

Eu acho que existe uma diferença na minha rotina de trabalho e na rotina do Zé e dos meninos. Se eu for colocar na ponta da caneta o que eu faço, acho que dá muito mais do que eles fazem. Porque eles costumam fazer um serviço só, e eu não. Eu tenho vários serviços, por aqui. Enquanto eu estou batendo roupa, eu já estou varrendo o terreiro, fazendo a comida e limpando a casa. Então, quando eu termino de lavar roupa, eu já terminei de fazer isso tudo. Já eles, se vão lavar uma roupa, por exemplo, só lavam roupa. Não lavam roupa e vasilha, ao mesmo tempo. Fazem uma coisa só, enquanto eu já faço tudo de uma vez.

#### **2.4 A roça**

Eu planto lá na beira do rio, por causa da água. Se tivesse água cá em cima, não tinha nem precisão de estar descendo tanto na beira do rio. Mas aqui não tem água e é difícil bombear água pra cá.

Eu planto sempre milho, feijão, abóbora, melancia, corante, laranja, banana... Tem manga também. Tem o feijão andu, que a gente tinha plantado. Tem, às vezes, mandioca. Acho que, de tudo, lá na minha roça, tem um pouquinho.

Plantamos mais pro nosso consumo, pra dentro de casa. Tem hora que, se eu acho alguém que tenha interesse em algo e que compre, eu vendo o que eu colho lá na roça. Só que, normalmente, nós não comercializamos. É mais difícil. Até transportar para a cidade, é difícil por causa das estradas. Pra sair daqui e pegar um transporte até a cidade, acho que dá mais ou menos uns quatro quilômetros. Pra carregar na cabeça, não dá. Se tivesse um jeito de carregar as coisas pra cidade, aí, seria vantajoso. Eu tenho até vontade de vender o que produzo, só que, além da questão do transporte, eu não sou aquela pessoa que tem jeito para comercializar. Se eu tivesse alguém pra vender, eu plantaria pra alguém vender.

Como não vendemos, tem hora que, aqui, desperdiça. A mandioca, por exemplo, às vezes, damos mais para os porcos do que comemos. Deixamos de fazer a farinha, porque, na região, não tem uma farinheira. Se tivesse





*Alzilene próxima à sua roça, às margens do Rio Jequitinhonha. Crédito: Mariana Campos.*

uma farinheira por perto, a maioria do pessoal investiria nela também. Como será que faz pra uma farinheira chegar até aqui? Nós precisamos de um projeto ou de alguma coisa do tipo. Antigamente, usavam aquelas farinheiras tocadas a roda. Meu pai e meu avô tinham. Mas, agora, isso não resolve. Porque quem vai tocar? Ninguém sabe! Os que sabiam já se foram, já morreram. Nós queríamos pelo menos isso. Batemos sempre nessa tecla: queríamos conseguir uma farinheira. Ajudaria tanta gente! Não é que a gente colhe muito, mas três ou quatro carrinhos de mandioca que seriam jogados fora já dariam, mais ou menos, uns 30 ou 40 pratos de farinha. Isso é suficiente pra gente comer um ano ou mais. E o que estamos fazendo? O que não comemos, nós jogamos pras vacas e pros porcos ou jogamos fora. Nós estamos arrancando mandioca pra isso, enquanto poderíamos estar aproveitando mais.

Na época do meu pai, quando eu era pequena, a plantação também era mais pra consumo. Acho que é por isso que eu acostumei. Se, lá na casa dele, usasse vender, provavelmente, eu também aprenderia a fazer isso, mas meu pai produzia para a nossa despesa. Colhíamos bastante! Então, passávamos quase um ano sem comprar as coisas. Meu pai plantava muito arroz e feijão, e a gente não precisava comprar. Não precisava comprar gordura também, porque ele matava porco e guardava a banha. Com a mandioca, meu pai fazia farinha. Não precisava ficar comprando as coisas. Comprava uma ou outra coisinha, como o sal e o açúcar, e, mesmo assim, o açúcar era preciso comprar muito pouco, porque ele fazia a rapadura.

Hoje, não. Hoje, tem que comprar praticamente tudo. Se perguntar para um desses meninos de hoje o que é um pé de arroz, provavelmente, ele não vai saber o que é. Digo pra um desses meninos que nasceram há pouco tempo, de 20 anos pra cá. Porque, dos mais velhos, todo mundo foi criado panhando e socando arroz! Esses meninos de hoje não sabem o que é arroz. Eles não conhecem, não sabem o processo do arroz até chegar à mesa. Achem que arroz já vem pronto de fábrica! Não sabem que tem que plantar e colher; não conhecem a semente, o grão de arroz com casca, só o arroz branquinho.

A gente compra o que a gente não produz. Tem coisa que a gente não compra. Às vezes, eu colhia, lá embaixo, dois ou três sacos de batata. Chegava aqui, e jogava dois baldes para os porcos. Só que, nesse caso, é diferente, pois, se vendesse a batata, eu tinha que comprar o milho. Então, é melhor jogar para o porco, porque eu evito comprar o milho. A cana, da mesma forma, vai pras

vacas. Tem hora que a gente mata uma galinha ou um porco pra comer. Uma galinha, hoje, custa uns vinte e cinco reais. Então, eu já economizo também. No fim, a gente tira mais ou menos uns trezentos reais por mês, fazendo as contas do que a gente não compra. O que a gente colhe a gente não vende. Mas, também, o que a gente colhe a gente não está tendo que comprar. Vamos fazendo a conta do que estamos usando e não estamos tendo que comprar, e tiramos um valor mais ou menos em cima disso.

O Zé tem o ganho que ele recebe na lavoura pra alimentação dele. Com essa remuneração, ele também faz a feira pra gente poder complementar o que tem aqui. A gente tá vivendo mais é assim. A bolsa da universidade<sup>1</sup> que a Kelly recebe também ajuda, além do Bolsa Família<sup>2</sup> que eu recebo e também ajuda, mesmo sendo pouquinho.

## 2.5 A agroecologia

Sobre a agroecologia, a gente, às vezes, não chama por esse nome. Eu já praticava a agroecologia sem saber o que era. Desde quando eu entendi o que era plantar, eu nunca fiz de outro jeito. Mas eu só fui saber o que era agroecologia, participando de encontros e reuniões.

Sempre, na casa de pai, foi plantado de forma agroecológica. Era feijão no meio do milho, no meio da abóbora. Tinha vezes que eu ainda falava com ele: *Nossa, tá até ruim da gente limpar!* Porque saía do pé de um e entrava no pé de outro. Ficava tudo embaralhado. Pai dizia que era pra não ocupar muito espaço na terra. Plantava tudo junto, então, porque, em um lugarzinho só, dava pra plantar e colher de tudo um pouco. A gente aprendeu assim e faz assim até hoje. Quando a gente vai plantar a horta, a gente já planta umas coisas no meio das outras. Eu mesmo faço sempre assim. Por exemplo, eu planto a cebola e, no meio dela, eu planto a alface. Já no meio do alho, eu planto o coentro. Sempre, é plantado junto.

Eu não uso remédio na plantação, nem na horta. Não uso agrotóxico. Na verdade, é muito difícil eu usar algum tipo de remédio. Eu sempre coloco

<sup>1</sup> Kelly estuda na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), cursando Licenciatura em Educação do Campo. Recebe auxílio financeiro por meio do Programa Bolsa Permanência do Governo Federal, destinado a estudantes de instituições federais de ensino superior em situação de vulnerabilidade econômica, estudantes indígenas e quilombolas como forma de contribuir para a sua permanência e diplomação em cursos de graduação.

<sup>2</sup> O Bolsa Família é um programa do Governo Federal de distribuição de renda para famílias em situação de pobreza, que tem como objetivo combater a desigualdade no país.



no que eu planto a cinza de fogão à lenha. Na hora que eu vou fazer a cova de cebola, por exemplo, eu ponho um pouquinho de cinza pra não dar cupim. Mas, no resto, é muito difícil eu colocar algum remédio, porque a terra não precisa desse tipo de coisa. Até agora não precisou, né?

Sobre as sementes, não é sempre que a gente tem a semente pra plantar. A alface mesmo, eu compro a semente pra plantar. Eu costumo plantar o que eu colho. É raridade eu comprar. Mas tem hora que a gente precisa de outras sementes. Quando eu preciso, geralmente, vou em Itinga. O Valteir cuida de um banco de sementes comunitário e, nesse banco, tem vários tipos de sementes<sup>3</sup>. Quando eu não tenho aqui a semente do milho ou do feijão, por exemplo, eu pego ou troco lá. Aí, se eu pegar uma garrafa plástica de um litro cheia de sementes, quando eu colher, eu tenho que pagar para ele dois litros. Todo banco tem juros, né? Você pegou um tanto de dinheiro, você tem que botar, depois, um pouco a mais. Então, lá, é da mesma forma, só que é em semente. Eu sempre gosto de guardar as minhas sementes pra plantar. Mas, infelizmente, nem sempre é possível, por estar seco demais. Então, quando me falta, eu sempre pego com o Valteir.

Quando dá algum tipo de praga na plantação, o que se faz mais aqui é simpatia ou, então, mandar alguém rezar, benzer. Aí, as pragas somem. Quando mandamos benzer, com três dias elas somem. Eu não sei se é pela fé que o pessoal tem, né? Eu tenho medo das lagartas. Eu ando sozinha até em lugar dito mal assombrado e não tenho medo, mas, das lagartas, eu não gosto! Aqui, quando tem lagarta, o Zé faz simpatia, pra poder sumir. No caso das formigas, disseram, uma vez, que é bom plantar o gergelim. Plantei e tô sentindo que é bom mesmo! Elas não cortaram os pés das coisas, como as folhas de laranja e de goiaba, e, geralmente, cortam tudo. Quando falaram que era bom, nós semeamos um bocado de gergelim, e elas cortaram foi o gergelim.

Muita coisa que eu aprendi nesses encontros que participo, eu apliquei aqui na minha terra. Uma delas foi o adubo orgânico. Você vai colocando uma camada de cisco, uma de esterco e uma de cinzas, e, aí, vai fazendo o adubo. Já fiz isso várias vezes e achei muito bom. Eu aprendi nessas caminhadas. Outra coisa boa é o canteiro econômico. O canteiro econômico, eu ainda não fiz, mas eu já vi muita gente que fez e deu certo, deu resultado. Aqui na

3 Alzilene faz referência a uma casa de sementes que é parte do Projeto Sementes do Semiárido. Tal projeto foi desenvolvido pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) em parceria com o Governo Federal, tendo início no Vale do Jequitinhonha em 2015. O seu intuito é a preservação do patrimônio genético. Valteir Soares, morador de Itinga, é um dos guardiões da agrobiodiversidade da região.



comunidade, fizeram uma vez pra gente ver, quando estavam dando um curso. É mais pra onde o pessoal não tem muita água. Aqui em casa, como eu tenho a beira do rio, sempre faço as hortas mais na margem, então, tenho um pouco menos de problema com a água para plantar do que o restante do pessoal. Não tenho essa precisão de estar fazendo esses canteiros. Mas ele é um canteiro muito bom!

## 2.6 A trajetória de lutas

Eu fui uma das fundadoras da Associação Comunitária do Jenipapo (Acarej). Pediram pra eu assumir, uma época, e me ajudaram a dar conta. Fiquei sendo presidente da associação aqui da comunidade por 10 anos. A gente conseguiu fazer alguns projetos, mostrando que a associação é capaz e que consegue fazer. Só não faz mais por falta de interesse e de gente pra correr atrás. Pelo menos eu, enquanto estava à frente, corri atrás e a gente conseguiu algumas coisas. Isso foi antes d'eu casar. Depois que eu casei, dei uma parada, e quase não ia.

Mas eu só comecei a participar das reuniões e encontros de movimentos sociais porque eu participava da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itinga. Um dia, eu estava aqui em casa e recebi um convite pra participar do sindicato. Pediram, então, pra me chamar. Mas eu não sei por quê. Talvez, por algum trabalho que devem ter me visto fazendo. As pessoas só indicam, quando tem motivo, né?

Nessa época, eu estava até atrasada com o pagamento do sindicato. Tinha uns meses que eu não pagava. Para ser diretora, tinha que estar em dia. Comentei com o Zé, meu marido, e ele perguntou: *Mas porque você não paga?* Fui, paguei e entrei na diretoria.

Antes de ser da diretoria, eu ia só de vez em quando às reuniões do sindicato e ficava sempre mais calada. Assumi como suplente de uma diretora que era responsável pela formação dos jovens e das mulheres. Foi por esse motivo que eu comecei a participar de fóruns, encontros e reuniões sobre esse tema. Quando ela não ia, mandava eu ir, e comecei a tomar gosto. Eu participei de várias plenárias, fui a várias reuniões relacionadas às mulheres.

Do Movimento Graal do Brasil, eu comecei a participar de atividades em 2006. Tenho até alguns certificados. Disseram para eu ir, lá em Belo Horizonte, sem eu saber muito bem para o que era. Lembro que esse encontro foi

sobre mortalidade materna. Era coisa que a gente via falar, mas não tinha conhecimento. Depois disso, sempre que eu ficava sabendo de uma reunião do Graal, eu ia. De lá pra cá, sempre participo. Comecei com a mortalidade materna, até chegar em violência contra a mulher. Fizemos esses tempos um curso, o Curso Promotoras do Campo. Procurei pessoas pra ir e muita gente não quis, mas, por fim, arrumei três mulheres. Participando, a gente vai pegando conhecimento!

Eu não esperava que ia ser uma das indicadas para este trabalho. Quando a Beatriz do Movimento do Graal me ligou, eu tomei até um susto: *Mas eu?* Ela falou assim: *Estamos te indicando!* Depois disso, outra entidade me indicou também. Pra mim, foi um susto, porque era uma coisa que eu não esperava ou imaginava. No meio daquele tanto de pessoas que a gente vê participando, de tantas mulheres, eu sou uma das que fica mais quieta! Não sou muito de falar. Porque, às vezes, eu me sinto contemplada com a fala de outra, e não gosto de ficar repetindo. Tomei um susto, mas eu gostei muito! Estou muito orgulhosa de estar participando!

Eu sempre participo desses encontros e, por vezes, já pensei que eu não contribuía muito na minha comunidade. Isso porque muita gente não dava e não dá ouvido ao que a gente fala. Mas, agora, eu vejo que algumas mulheres estão começando a gostar. Tem aquelas que não vão a nada e ninguém sabe o motivo. Alguma coisa deve tá acontecendo, e a gente não sabe. Mas, de pouquinho em pouquinho, a gente leva uma e outra pra participar, pra sair pra algum lugar. Algumas falam: *Eu vim só porque você me convidou!* Mas, pra gente, já é assim: *Eu consegui mais uma!* Ai, vai aumentando. É difícil, mas eu, graças a Deus, consegui.

Muita gente fala assim comigo: *Você é livre demais!* E eu digo: *Mas eu nem cheguei ainda aonde eu quero chegar!* Para eu ser livre, eu tenho que chegar ao ponto de falar assim: *Hoje, eu vou! Eu saio, e nada nem ninguém vai me impedir!* Ainda aparece uma coisa ou outra pra impedir um pouquinho... Mas, comparando com muitas mulheres, eu acho que já estou bem adiantada! Eu tinha muita vontade de estudar. Cheguei a me formar no ensino médio, no ano passado, na Escola Família Agrícola Bontempo, que fica em Itaobim, há 34km de Itinga. Isso pra mim é um orgulho! Porque eu achava que não conseguiria. Pensei, muitas vezes, em desistir.

Depois que eu comecei a participar da associação, do sindicato e das reuniões dos movimentos sociais, muita coisa mudou na minha vida. Tive conhecimento de coisas que não sabia como fazer. Para ter uma ideia, antes (e não tem muito tempo), eu não sabia fazer uma ligação. Antes, eu não sabia nem ir a Itinga direito! Tudo que eu tinha que resolver, era preciso ter alguém comigo. Era tanto que, se Zé, meu marido, saía, nem dormir eu não dormia, porque eu tinha medo de dormir sozinha. Hoje, não. Hoje, eu vou a qualquer lugar. Já não preciso de companheiro. Eu não preciso de ninguém, eu sei ir sozinha. Acabou parece que um medo que eu tinha. Então, pra mim, mudou muita coisa! Hoje, eu me sinto bem avançada, nesse sentido. O que eu não tinha coragem de fazer, hoje, graças a Deus, eu faço. Se for preciso ir, eu vou. Se for preciso falar também, eu falo. Já tenho aquela coragem de chegar e falar. Porque, antes, nem aqui na comunidade eu falava. Se fizesse uma reunião aqui, eu não tinha coragem de falar! Quando eu falava alguma coisa, eu tremia e tremia muito! Hoje, não. Hoje, eu já falo. Mesmo que, às vezes, tenha muita gente, e eu ainda tropece em algumas coisas, já tenho aquela coragem de chegar e falar.

Acho que ganhei essa coragem de falar de ouvir as outras pessoas falando... Eu lembro que, uma vez, eu fui a uma reunião do Movimento do Graal e uma palestrante falou assim: *Porque eu posso e você não pode?* Quer dizer, a gente acha bonito o que os outros falam, mas a gente nunca tentou falar. Eu pensei: *Realmente! Porque ela pode falar assim e eu também não posso? Vou começar a mudar, nesse sentido.* Mesmo que eu não fale muita coisa ainda, já mudou bastante! Acho que eu ainda preciso de mais, nesse sentido de falar em público. Porque tem hora que eu ainda tenho dificuldade de falar. Mas muita coisa já mudou, com esses cursos, fóruns e reuniões que eu ando participando...

Acho que, das pessoas daqui, eu sou quem mais participa! Porque tem muitas que não têm coragem de ir. O marido não deixa ou tem tudo mais que impede. Nesse sentido, graças a Deus, às vezes, até me falam alguma coisa, mas eu vou assim mesmo. Tá falando e eu tô saindo! Meu marido nunca me impediu, mas, às vezes, ele fala assim: *Mas o que você vai caçar lá? O que você tá ganhando nisso?* Eu respondo: *O que eu tô ganhando tá ficando aqui dentro de mim! O conhecimento quem carrega é a gente!* Mas ele não me impede de ir, só questiona algumas coisas. Eu acho que todo homem sempre tem isso de falar o que você vai fazer ou não quer ficar sozinho dentro de casa, eu não sei. Ele não dá aquele apoio que eu queria ter, mas também não me faz falar que eu não vou porque ele não deixa. Tem hora que eu saio e ele nem sabe se eu fui!

Teve um momento da minha vida que eu cheguei a ter depressão, e tive que tomar remédio de controle por pelo menos um ano. O médico falava pra mim: *Você tem que sair e conhecer pessoas novas.* Eu falava: *Sair como? Como é que eu ia sair daqui?* Até que chegou uma pessoa e falou comigo: *Você depende desse remédio. Se você ficar tomando, vai depender dele a vida toda. Se eles tão pedindo pra você sair, você tem que pegar seus filhos e viajar.* Eu pensava: *Viajar pra onde?* Eu não tinha expediente de sair nem pra casa de mãe, que é aqui na comunidade. Fiquei três meses sem ir à casa dela. Eu só ficava quieta dentro de casa. Um dia, peguei e saí.

Depois que eu parei de tomar o remédio, não demorou seis meses e me colocaram na associação comunitária. Eles começaram a fazer reuniões em Itinga, e eu comecei a participar. Não demorou mais seis meses, o sindicato me convidou pra compor a diretoria. Entrei no sindicato e já juntou sindicato e associação. Então, pra mim, tudo foi mudando. Eu comecei a conhecer pessoas que eu não conhecia, até mesmo de Itinga. Comecei a participar de reuniões, a viajar e, graças a Deus, eu não tenho mais depressão. Eu não tenho nada, nada, nada! Nem pressão alta. Não tomo remédio nenhum.

Nem sei por que fiquei nesse processo de depressão. Aquilo foi chegando, sem eu nem perceber. Depois que eu casei, o Zé teve que ficar viajando pra fora, por muito tempo. Eu ficava muito sozinha e os meninos eram pequenos, Kelly com cinco anos, Kennedy com quatro. Na época, a minha irmã vinha dormir comigo, mas aquilo não era igual. Quando dava na época da plantação, eu plantava tudo sozinha. Quando ele chegava, já estava tudo limpo. Eu me preocupava muito com essas coisas. Tudo era eu. Tinha que fazer sozinha. Mesmo que, hoje, eu faça quase as mesmas coisas, naquela época, eu era muito nova, e, pra mim, era muito. Quando eu tive a Kelly, eu estava com 17 anos. Uma pessoa com seus 20 anos pra cuidar de tudo isso, sem ter experiência nenhuma, é muito difícil. Eu acho que foi mais nesse sentido. Mas se não fosse esses movimentos e esses encontros... Acho que a depressão volta, se eu parar com tudo. Ficar dentro de casa faz você ficar pensando em muita coisa, se preocupando. Quando você sai, você distrai. Até o cantar do passarinho muda a mente da gente. Eu mudei bastante.

Hoje, além de todas as reuniões e fóruns que eu participo, também faço parte da Comissão das Comunidades Quilombolas do Médio Jequitinhonha, a Coquivale, que, agora, está se estendendo pelo Baixo e Alto Jequitinhonha também. Fiquei conhecendo a comissão pelo meu primo José Claudionor, o



Jô, que já fazia parte, alguém que sempre me incentivou a participar de tudo e me capacitar. Ele me convidou, porque eu moro na comunidade. Estamos nos organizando e vendo que a Comissão está andando pra frente. Fazemos muitos encontros, inclusive, encontros de mulheres quilombolas.

## **2.7 As dificuldades na lida com a terra**

A gente enfrenta muitas dificuldades! A gente vê a terra, tem vontade de trabalhar e não pode. Tem a água, tem a terra e não tem como tirar a água de um lado e trazer pro outro, pra poder molhar a terra. Não está chovendo igual chovia antes. Se estivesse chovendo, molhando a terra, não faltaria nada pra gente produzir. Porque a terra produz tudo que a gente planta. Principalmente, essa aqui: tudo que a gente planta produz. Só falta molhar. Sabemos que plantando e molhando, a terra vai produzir. Essa é a principal dificuldade, inclusive, pra se manter na terra. Acho que é a dificuldade de muitas mulheres.

A vontade que temos é ter uma irrigação, pra poder mexer com a terra todo dia, pra poder trabalhar. Isso é difícil. Nós não temos condições de comprar as máquinas, pelo menos uma bomba e um motor. Infelizmente, não temos como. E, se conseguirmos isso, a nossa energia não aguenta. Só de tomar banho, a lâmpada fica fraca. É muito fraquinha a energia. Se ela não dá conta direito nem das lâmpadas, nem do chuveiro, quanto mais de uma bomba pra poder irrigar! É muito difícil.

Outra dificuldade é o desmatamento. Nós estamos pagando por isso. E vão pagar mais caro os que estão nascendo agora, porque, a cada dia, estão destruindo mais. Eu lembro que, quando cheguei no lote onde moro, tudo era mata. Não tem muito tempo isso, pois me mudei pra cá depois que casei. Tem 24 anos só e muita coisa mudou. Chegou um cara, meteu a máquina, arrancou tudo e ficou o mato. Vai levar anos pra virar o que era de novo. O próprio pessoal daqui também foi desmatando, todo ano, à medida que foi tirando sua roça. Mas tem uns que chegam, metem a máquina e desmatam pra poder plantar capim. Ou, então, mete a máquina e nem capim planta. É só pra tirar a madeira mesmo, só destrói e não planta nada. E vai só acabando, pois tornar a crescer é muito difícil. Vai só virando esses “pelados” que estamos vendo, sem nada, e isso impacta nos rios e na água.

O que me motiva a continuar aqui, plantando e trabalhando, é a força de

vontade de ficar. Porque, se a gente pensar igual muitos outros pensam, a gente não tava mais aqui. O que pesa é que eu não tenho vontade de sair. Porque, se eu tivesse vontade de sair, já tinha saído.

O meu sonho é ter a irrigação. Eu tenho vontade de ver esse trem irrigado, pra eu poder plantar e saber que eu vou colher, porque eu vou molhar e vai dar. Eu posso precisar de muita coisa, mas meu sonho é esse aí.

Tem hora que eu passo, fico olhando um bananal que tem aqui perto e penso: *A terra nossa não é diferente!* Eu não tenho vontade de plantar banana. Eu não tenho vontade de plantar uma coisa só. Eu sei que se eu plantar feijão aqui, eu vou colher o feijão. Se eu plantar e conforme a quantidade de feijão que eu plantar, eu vou passar muito tempo sem precisar comprar feijão. Então, eu tenho vontade de ter um lugar pra plantar pelo menos essas coisas que eu tenho o costume de plantar. Não é fazer uma grande plantação, pra colher o que nem vou usar. É plantar pelo menos pra mim, pra gente. E eu sei que o nosso lugar, se plantar e tiver a água pra molhar, dá. Não tem nada que planta nessa terra que não dá! Mas, aqui, chove muito pouco.

## 2.8 O incentivo para a agricultura familiar

Pra trabalhar com a terra, pra mexer com a horta, o único apoio que já recebi foi do Brasil Sem Miséria<sup>4</sup>.

Eu tentei fazer o Pronaf<sup>5</sup>, mas não consegui. É muito difícil pra mulher conseguir fazer, pois eles pedem muita coisa. Quando falamos que queremos fazer o Pronaf Mulher, na Emater<sup>6</sup>, eles mesmo dizem: *Mais fácil você fazer o outro, o familiar*. Só que é tanta coisa que eles pedem! É tanta coisa que você tem que caçar, que procurar! No meio do caminho, você desanima. Eu já tenho muito medo de fazer empréstimo. Fico matutando: *E se eu plantar e não conseguir ter pra pagar? Do jeito que as coisas estão!* Por esse motivo, muitas ficam com medo de fazer esse tipo de coisa. Parece que homem não tem esse

4 O Programa Brasil Sem Miséria é um programa social do Governo Federal que tem como objetivo promover a inclusão social e produtiva da população em situação de pobreza, tendo como diretrizes a transferência de renda, o acesso a serviços públicos e a inclusão produtiva.

5 O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) financia, com baixas taxas de juros, projetos individuais e coletivos de agricultoras e agricultores familiares. O Pronaf Mulher é uma linha específica de crédito oferecida às mulheres produtoras rurais.

6 A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais, vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do governo de Minas Gerais, tem como missão, promover o desenvolvimento sustentável nos municípios de Minas Gerais por meio de assistência técnica e extensão rural.

tipo de medo. Vai só pegando dinheiro emprestado, não consegue pagar, o nome vai ficando sujo e ele não está nem aí. Nós vemos muitos fazerem. No caso das mulheres, parece que elas têm um pouco mais de receio.

O Seguro Safra<sup>7</sup>, pra gente da comunidade aqui, nunca saiu. Esses tempos, eu fiquei pensando como conseguir, porque, ultimamente, está muito seco. Plantamos naquela esperança de colher, cresce e, na hora de dar o fruto, o sol pega e mata tudo. Todo ano, está perdendo. Mas onde vai buscar esse seguro e como é que faz, a gente não sabe. Até perguntamos na Emater, mas, geralmente, não dão muita explicação. Todo mundo, aqui, planta e perde. Ficamos sempre levando prejuízo, o tempo todo; plantando e não colhendo. Principalmente o milho e o feijão. O que eu recebo é mesmo só Bolsa Família, que já ajuda em casa.

Sobre a questão da água, conseguimos ajuda pelo Minas Sem Fome<sup>8</sup>, elaborando um projeto pra captação de água. Foi um projeto realizado pela associação comunitária junto com a Emater. Antes, buscávamos a água na cabeça. À medida que a gente ia crescendo, quando começava a aguentar a colocar uma lata d'água na cabeça, pra gente, era uma alegria! Esses meninos de hoje não aguentam carregar cinco litros de água. Nós, com 10 anos, 12 anos, carregávamos uma lata de 18 litros de água! Antes, a gente tinha que ir ao rio, todo dia, tomar banho. Vasilha, essas coisas, tinha que lavar tudo no rio. Buscávamos água era mesmo pra cozinhar e beber, pois o resto era feito no rio. Ninguém nem ouvia falar em banheiro! Quando chegou isso aqui, há pouco tempo, muitos nem sabiam o que era! A maioria daqui tinha aquelas privadas, numa casinha. Outros, iam nomato mesmo.

Hoje, para usar a água em casa, eu compro cloro e coloco na água para limpar, porque ela chega dentro de casa com a cor do barro. Se tivesse um jeito de colocar lá na caixa grande, todo mundo da comunidade já receberia a água limpa e seria melhor. Como não fazem, eu tenho que comprar o cloro e colocar em um balde, pra poder limpar pelo menos a água pra cozinhar. Até pra lavar roupa, tem hora que não dá pra usar a água do jeito que ela vem por estar muito suja. A gente sabe que essa água do rio tem muita coisa no meio dela. Ela corre e vai recebendo tudo que vai achando pelo caminho. Mas é a única que nós temos e com ela estamos vivendo até hoje. Enquanto

7 O seguro safra é uma ação do Pronaf que prevê um auxílio pecuniário, por um período determinado, a agricultores familiares que percam sua safra em razão do fenômeno de estiagem ou excesso hídrico.

8 O Programa Minas Sem Fome é um programa do Governo de Minas Gerais que tem como objetivo buscar a segurança alimentar e nutricional, a redução da pobreza, o resgate da cidadania e a inclusão produtiva.



está tendo pelo menos essa, ainda está bom. Quanta gente que está correndo atrás, caçando uma água dessa aí pra beber e não tá achando? Em várias comunidades por onde já andei, você chega em uma casa e as pessoas não te oferecem um copo de água, porque não têm um copo de água pra beber. Pelo menos isso, aqui, graças a Deus, a gente tem! Porém, há 40 anos a água daqui era outra coisa. O rio era limpo, porque tinha muita mata na beira dele. Hoje, você olha na beira do rio e não vê nada. Nada! Tiraram tudo!

Conseguimos outro projeto também, através da associação comunitária e da Emater. Esse projeto também foi muito bom. Era pra criação de galinhas. Foi em 2007. Conseguimos um recurso pra associação, compramos todos os materiais, recebemos a ração e os pintinhos, pra fazermos tipo uma granja. Dividimos por família, e cada um cuidava dos seus. Muita gente, aqui, ainda tem daquela raça de galinha até hoje.

O projeto da água e o projeto das galinhas foram os dois únicos projetos que a associação comunitária aqui do Jenipapo conseguiu fazer. Agora, a gente tá tentando conseguir outros, mas tá difícil. Acho que conseguimos, antes, porque tinha quem nos ajudasse a fazer. Na época, um rapaz que era da Emater dava uma força pra gente. Agradeço muito a ele! Hoje, a gente quer fazer, mas quem vai ajudar? Porque escrever um projeto não é tão fácil assim. Acabamos perdendo muito com isso. Às vezes, vamos até a Emater procurar ajuda e, quando chegamos lá, dizem que estão muito ocupados. Quer dizer, a comunidade não tem um suporte de alguém que saiba fazer pra nos auxiliar.

Estamos tentando ver se as meninas daqui se formam na universidade, pra ver se elas conseguem nos ajudar a fazer pelo menos um projeto voltado pro que a gente quer. Não queremos aqueles projetos que eles fazem lá e já chegam aqui pronto. Uns projetos que a gente nem sabe como é que foi feito, baseado em quê. A gente tem esse sonho, aqui na comunidade: ter, um dia, alguém que saiba fazer um projeto, pra que não precisemos depender dos outros pra nos ajudar como dependemos. As meninas foram as primeiras da comunidade a entrar na universidade, a Iarla e a Kelly, minha filha. Elas já chegaram até lá, e poderão ajudar, quando se formarem, contribuindo com a comunidade. Elas fazem o curso de Licenciatura do Campo<sup>9</sup>. Nossa esperança é que a comunidade possa dar uma andada pra frente com isso. Elas podem abrir caminho para outros jovens também, nesse sentido.

---

9 Alzileine faz referência ao curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM).



Para enfrentar os desafios que temos, é muito difícil contarmos com outros tipos de ajuda. Antes, a prefeitura até ajudava. Tinha, pelo menos, um trator agrícola que arava a terra. E faziam uns planejamentos que davam certo. Mas é um trator para o município todo, e o município cresceu. Agora, priorizam outros lugares. A gente vai ficando pra trás: é sempre assim! O sindicato também tinha um trator, mas foi vendido. Antes, tinha até muita gente da comunidade que fazia parte da diretoria do sindicato. Por mais que fosse difícil, quem estava lá sempre tentava puxar alguma coisinha pra cá. Hoje, não tem mais ninguém que nos represente e nos defenda, lá dentro. Ficou mais difícil. As pessoas não se interessam muito, essa é a verdade. Não tem ninguém aqui da comunidade que se mobilize pra buscar alguma coisa. Vereador aqui de dentro é raridade!

O que nos ajudou bastante, aqui, foi a AMAI, a Associação dos Moradores e Amigos de Itinga. Há uns tempos, ela fez uns trabalhos muito bons! Tenho pra mim que a comunidade ficou acostumada com ela ajudando e acabou deixando de correr atrás e buscar o que precisa. A AMAI sempre está à disposição, quando a gente procura, sempre foi bem parceira. Promove cursos, como o de pintura e o de artesanato e reciclagem que tivemos aqui.

Enfim, se a gente parar pra pensar no que existe de política pública, eu acho que tá faltando mais é correr atrás mesmo, porque programas existem. A gente não sabe é como chegar neles. Sempre precisamos de alguém com mais conhecimento para saber como vamos fazer para chegar até os programas que existem. Falam assim pra nós: *Tem muito projeto! Tem muita coisa!* Mas como é que nós vamos chegar até eles? Isso que está nos faltando! Querer, nós queremos muita coisa! Tem muita coisa que a gente tá precisando, coisa que, às vezes, é até urgente. Mas como que nós devemos fazer? Precisamos de mais incentivo ou de alguém que possa nos falar: *É assim que vocês têm que fazer pra vocês conseguirem!* Até corremos atrás de muita coisa, mas temos conseguido pouco. Tanto é que a água até cai nas caixas para o nosso uso, mas barrenta da forma como ela está no rio. A gente já correu atrás pra ver se a gente tem pelo menos um tratamento básico na água, mas nós nunca conseguimos. Então, são umas coisinhas que, às vezes, as pessoas acham que é simples, mas que, para nós, tem sido muito difícil. Saber que tem muitos projetos e programas, a gente sabe, mas como fazemos para chegar até eles? As coisas estão, a cada dia, mais difíceis!

## 2.9 A vida das mulheres

Pra mim, ser mulher do campo é algo com o que a gente acaba se acostumando. Eu já me acostumei. Se eu pudesse trocar a roça pela cidade, eu não trocaria. Mesmo que, de vez em quando, a gente passe muita dificuldade, eu não trocaria. Tem hora que a gente deita, e só de ouvir os passarinhos cantarem sem ter barulho de carro, sem ter barulho dessas coisas, já compensa. Tem muitas mulheres que têm vontade de ter isso e não têm! Ninguém sabe o que vai acontecer mais na frente, mas eu não tenho vontade de sair da terra e saber que eu deixei pra traz uma coisa que eu gosto de fazer e que me faz bem.

Toda hora que eu chego na minha horta, eu já tenho alguma coisa pra colher. Se eu for pra uma cidade, ao chegar lá, eu sei que terei que comprar tudo. Aqui, não. Eu sei que, toda vez que chegar lá, eu vou achar algo. Se não achar uma coisa, acho outra. Às vezes, eu passo sem ter algo, mas eu sei que, daqui dois ou três meses, vou ter.

Estando aqui, além disso, eu vou aonde eu quero, eu posso ir e voltar. É difícil, mas só da gente estar livre de muita coisa ruim, eu já acho que é bom. Se saísse daqui, eu poderia ir pra um lugar onde não teria a liberdade que tenho. Eu criei todos os meus filhos, na comunidade. Eles também vão aonde querem, e a gente não fica tão preocupado, igual se tivesse morando em uma cidade. As viagens deles são por aqui por perto mesmo, tirando o Kennedy que já foi embora trabalhar em outra cidade. Eu tenho certeza que tem muitas pessoas que, às vezes, não são o que são. É que elas crescem nesse clima de cidade e acabam praticando coisas que nem queriam, muitas vezes, por companheiragem. Aqui, graças a Deus, é tranquilo! A gente não escuta barulho, não escuta nada.

Comparando a vida da minha mãe, a minha vida e das mais jovens, mudou muita coisa... O modo de mãe nos criar foi um e o modo que estão sendo criadas essas de agora é totalmente diferente. Minha mãe teve nove filhos, e ela não chamava a nossa atenção em canto nenhum. Bastava ela olhar e já sabíamos o que ela tinha pra falar. Hoje, eu vejo mãe falar com os filhos pra não fazer algo e, se bestar, eles ignoram, xingam e até batem! A gente até tenta fazer com os filhos da gente da forma como fizeram com a gente, mas o mundo hoje não é igual. Tá totalmente diferente! Nós crescemos sem conhecer televisão. Conhecemos televisão, depois que chegou a luz aqui, porque a gente não ia na cidade. Muita coisa mudou e, a cada dia que passa, vai ficando mais diferente. As coisas estão mudando muito rápido...

Em relação ao trabalho com a terra, também mudou muita coisa. Na época lá na casa de pai, a gente não conhecia nem um arado. A gente fazia tudo na enxada. Hoje, não. Aqui na comunidade, já passou máquina, já passou trator pra arar a terra. Lá atrás, era tudo com enxada. Está tudo completamente mudado! Naquela época, também chovia demais. Agora, chove muito pouco aqui. As meninas mais jovens da comunidade, agora, não querem saber de roça. E eu acho que um dos motivos para os jovens não quererem ir, é porque a gente planta e não vê colheita, é porque o sol não deixa vingar. Teve um dia que Kelly chegou e falou: *Não tá compensando mais fazer roça...* Ou seja, você planta com aquela fé que vai colher e, no fim, não colhe nada. Isso acaba desanimando. Já tem mais de seis anos que tá assim: só plantando e não colhendo. A gente acaba esmorecendo. Eu acho que é por isso que a maioria das jovens está desanimada. Acho que, se plantassem e colhessem, teriam uma animação pra poder plantar, pra colher, pra ajudar com alguma coisa.

Deixaria como recado para as mais jovens que elas não devem desfazer do campo. Porque a cidade não é pra quem nasceu no campo. O lugar da gente é onde a gente nasce. Se nascemos aqui, é aqui que nós temos que ficar. Então, não podem desfazer da roça. Por mais que esteja difícil, ainda pode ser que melhore pra gente. E, da forma que está hoje, é importante eles terem um lugarzinho onde eles podem pelo menos respirar. Eu acho que não devem deixar a roça onde nasceram, onde os pais nasceram, onde você sabe que é seu. Eu acho que não devem deixar a roça pra poder procurar outra coisa que, às vezes, não vai dar certo mais pra frente<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Alzilene a Mariana Campos e Clarice do Vale.



*Legenda: Rio Jequitinhonha. Travessia feita por moradores da comunidade Jenipapo para acesso ao distrito de Taquaral de Minas, Itinga (MG). Crédito: Mariana Campos.*





# **Dona Jovita 3**

**Jovita Maria Gomes Corrêa**

**Marina Alves Amorim**

**Mariana Sousa Lopes**

***“Aqui, é lugar muito sem recurso.  
E, aqui, pra nós, nada bom vem.  
Nós vevi pela misericórdia de Deus.  
Porque só vem perseguição”.***

### **3.1 O trabalho: a roça, o serviço doméstico e a sempre-viva**

Eu comecei a trabalhar de lavoura, essas coisas, com idade de oito anos. Com oito anos, a minha mãe já punha a gente pra fazer as coisas dentro de casa. Mexia, assim, com cozinha e trabalhava na roça. Ela também já levava a gente pra panhar a flor. A gente, desde criança, já invém nessa luta de trabalhar na roça e panhar sempre-viva.

Nós era, dentro da casa do meu pai, nove irmãos. Depois da Leila, foi o Antônio, que era homem. Depois do Antônio, foi eu e, depois de eu, um que chama José Romeu. Depois do José Romeu, foi o Raimundo. Depois do Raimundo, foi o Luiz. Depois do Luiz, o Venâncio. E, antes do Venâncio, a Aparecida, né? E tem também a Maria de mulher. Todo mundo trabalhava. Assim que deu pra uma idade de oito anos, todo mundo trabalhava. Sempre essa lida.

Nenhum de nós chegou a trabalhar fora não. Era muito difícil também. Aqui, não tinha nem estrada de carro. A gente sofria muito pra ir na Diamantina. Ia com um carguero carregado. É a tropa, né? Meu pai tocava tropa. Mexia era com esse negócio de carregar carga, pra poder levar as coisa pra vender e ter um sustento.

Nós fazia assim, quando eu era criança, e faz ainda até hoje: quando é época de roça, a gente tá mexendo com a lavoura, né? Planta feijão, milho, mandioca. Assim, de tudo que é de lavoura, a gente plantava um pouquinho. Ainda continua plantando. Isso é pra consumo mesmo. E tira um pouquinho e leva pra vender também na cidade. Inhame e farinha, pelo menos, que a gente tinha bastante, levava e vendia. Não é muita quantidade não, mas a gente vende e já serve pra poder inteirar em uma coisa, né? O quintal tem muito urucum, que eu também colho e vendo.

A dificuldade é que não tem transporte nem nada pra cidade, né? Não tem também um lugar igual uma feira pr'ocê levar os produtos pra vender. Mas o que a gente há de fazer, né? A gente tem que se virar.

Na roça, a gente planta, mas nem sempre tem o que colher. Você planta e, se o tempo correr bem e tiver chuva e sol na medida, você colhe. O que a gente colhe, a gente não compra; e o que a gente não colhe, a gente compra na mercearia.

Quando chega a época da sempre-viva, a gente já terminou de mexer com a lavoura. Aí, a gente vai pra Chapada, pra campina, né?

### 3.2 O dia a dia

Meu dia começa seis horas da manhã. Tem dia que eu levanto cinco e meia; outro dia, eu levanto seis horas. Levanto e, primeiro de tudo, eu coo o café. Do café, eu já vou tratar das minhas galinha. De tratar das minhas galinha, eu já vou tratar de meus porco. Vou varrer, vou dar uma limpeza na casa, né? E por aí vai indo. Se eu tiver uma capina pra fazer, eu vou capinar. É isso aí que eu faço.

Pra mim fazer serviço de casa, se eu pegar na meeira das seis horas, isso vai assim até lá pras nove horas. Aí, depois, eu vou pra roça mexer com a lavoura. No dia que tem que lavar uma roupa também, vou lavar uma roupa primeiro pra mim poder ir. Se eu for sair pra roça, assim, na base de nove horas, eu já almoço primeiro. Se for um caso também que eu for na base de nove horas e eu não quiser almoçar naquele horário, eu passo e levo uma marmita pra almoçar. E só venho em casa à tarde.

Lá na roça, se for pra capinar, a gente vai capinar o que a gente já plantou. Agora, se for pra plantar, é diferente. Se for plantar um feijão, a gente planta primeiro o milho, e, depois que a gente planta o milho, a gente vira e planta o feijão.

A minha menina, a Rosileia, ela me ajuda muito. Mas o estudo dela é muito cansativo. Ela levanta, aqui, na base de três horas da manhã, três e pouco. Quatro e pouco, ela vai pro ponto do ônibus.

*Casa de Dona Jovita.  
Crédito: Marina Amorim.*





Então, ela passa, bem dizer, o dia na estrada e no estudo. Quando Leia chega, ela me ajuda, assim, na limpeza de casa. Ela chega aqui, três e pouco da tarde. Mas ela mexe na cozinha, faz janta, busca lenha, lava uma roupa. Ela faz o que dá, o que o tempo dá pra fazer. Mas, se tiver um dever, ela tem que fazer aquele dever primeiro, né? E, quando dá um feriado e ela tá em casa, ela vai pra roça, me ajuda a capinar, me ajuda a plantar.

O Jurandir, meu menino, fica aqui também, e ele ajuda a gente a cuidar da criação. Ele e o meu marido, eles me ajudam no que eu tô fazendo. Ficam também pros mato afora, panhando essas coisa da mata. Tem um produto que chama musgo e é da pedra que panha. Ali de Diamantina, os que compra na mão dele pede ele pra panhar e, aí, ele panha. Esses outros produto que dá no campo, ele mexe com isso aí. Cuidar da casa, os homens não cuidam não. Só se precisar coar um café de manhã, o meu esposo coa.

### 3.3 A colheita da sempre-viva

A época da colheita da flor, ela começa em janeiro. O povo gosta de falar assim: *É a campina do mês de janeiro*. Em janeiro, ela já começa e vai até mês de maio. Cinco meses de colheita.

As família, a gente ia pra Chapada catar a campina. Cada um ia com a sua família. Tinha vez que combinava uma família com outra de ir, de ficar perto, mas cada uma levava o seu próprio mantimento.

Lá, ficava nas lapa. Nós já tem a nossa lapa lá, que é a mesma coisa de nossa casa. É a nossa casa, na Chapada. Porque nós ia, ficava lá os cinco mês da campina. A gente vinha em casa, de vez em quando. Enquanto não acabava de colher o que a gente tava colhendo, a gente não vinha todo mundo embora não.

Quando a gente ia pra lapa, tinha que levar comida, as vasilhas de fazer comida, esses trem tudo. Levava até as criação, pra ficar mais tranquilo, né? Levava as galinha, os porco. Só se alguém da família fosse ficar pra trás é que não levava. Porque, aí, os que ficava, eles cuidava. Mas o mais certo era ir todo mundo. Então, o que a gente tinha, a gente levava.

Os menino também iam. Inclusive, eu, os meus menino de três mês de idade, eu já levava. Levava um guarda-chuva, pra poder cobrir eles do sol aonde que não tinha árvore nenhuma. A gente arrumava a caminha deles lá e punha o

guarda-chuva. E a gente ficava por ali, ia panhando flor por perto. Na hora que a gente terminava de panhar nesse lugar, já saía pra mais longe, mas tornava a levar os menino de novo. E foi essa luta assim. Mas é uma luta que a gente sempre gostou, né?

Os homem ia na frente. Os homem ia e olhava como tava o lugar de ficar, limpava as lapa mais ou menos, lá. Punha uns pau, punha uns plástico, fechando melhor. Olhava as fornalha de barro, de pedra, como que tava, e arrumava, se precisasse. Arrumava as caminha também. Porque, na hora de dormir, ia pra lapa e deitava é no chão mesmo, né? Com água, eles não precisava preocupar, porque todo mundo procurava lapa sempre perto de água. Perto de água, porque? Pra facilitar pra lavar uma vasilha, fazer uma comida, tomar um banho. E, quando chegava no dia de ir, era só arriar os animal e subir porque já tava tudo pronto lá. Aí, todo mundo só voltava pra trás, só vinha embora mesmo, depois que acabava as flor.

Hoje, com o Parque, é diferente. Quando tá na época da colheita da flor, todo mundo sai pra Chapada, pra panhar campina, é na beira de seis, sete horas da manhã. Aí, a gente vai lá, panha um pouco e costuma voltar, né? Aí, dorme e torna a voltar de novo pro mato. Mas nós sente falta de como era. Era uma coisa que a gente gostava muito de fazer.

E a gente panha a sempre-viva como, né? Panha com a mão. Antes, depois que panhava, levava pra lapa. Aí, ia arrumar. Aquilo que a gente colhe, tem que juntar nos monte e bater. Depois que você bate o monte, você amarra pra fazer os molho arrumadinho. Amarra e, na hora de vir pra casa, coloca no burro, atrás. E, aí, por fim, leva a sempre-viva pra cidade pra poder vender. A campina é uma coisa que a gente panha e, depois que panha, ainda tem um grande trabalho, né? Porque, quando a gente panha, vem flor de todo jeito. Tem que limpar, arrumar tudo bonitinho, pra poder guardar e vender.

Da Chapada pra cá na Mata, a flor vem no saco, no lombo de animal. Enche um saco de campina. Depois, enche os animal com os saco. E pé pra lá, pé pra cá, tocando o carguero carregado. Tem animal do Lorico que eu já vi até com cinco, seis saco de campina. Coitado, vinha sofrendo.

A gente aprende a colher sempre-viva com os pai, né? Isso passa de pai pra filho. Depois, passa pro neto, e assim vai. Todos nós, aqui, aprendemo com os pai. Nossos pai levava a gente pra Chapada. Pros trabalhos todos que eles

iam fazer, eles levava a gente, na verdade. E dizia que era ensinamento. Fosse capinar, fosse plantar, fosse panhar campina. A gente aprendeu tudo assim: aprendeu fazendo e desde pequeno.

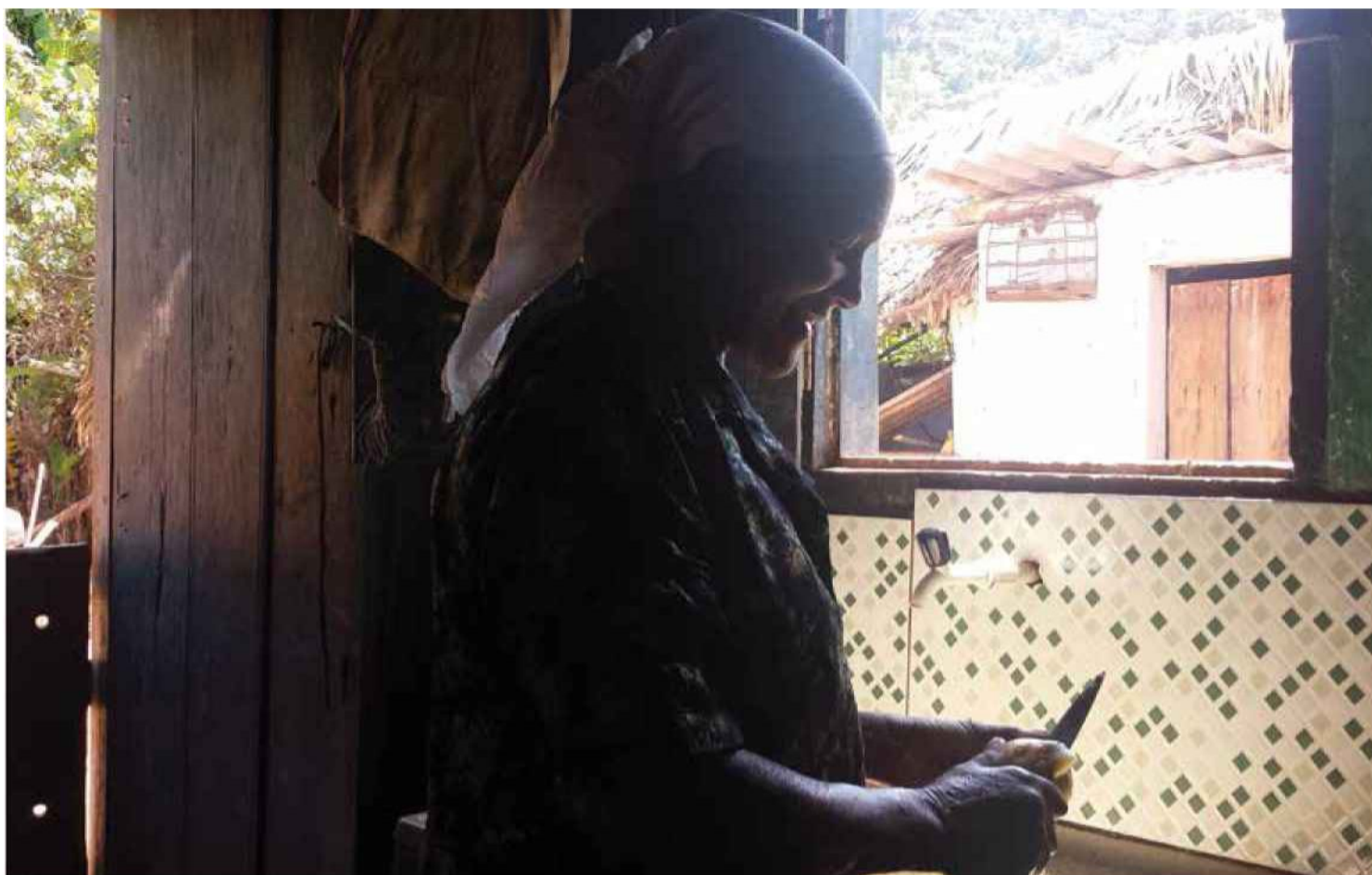
Mas criança gosta de panhar flor. As criança panha, não é porque é um trabalho explorado das criança, não é porque os adultos obriga. É porque elas também gosta. Com o dinheirinho da campina das criança, elas compra o que elas quiser. Às vezes, os pai não têm condição de dar uma coisa que elas tá querendo. Aí, se consegue panhar uma quantidade que dá, pega o dinheirinho e compra.

Leia, minha filha, gostava muito de campina, quando pequena. Ela morava mais na Chapada do que em casa, quando era menorzinha e ainda não tinha escola. Não gostava de ficar aqui em casa não. Gostava era de ficar atrás do pai e o pai morava muito mais pro lado lá da Chapada.

O dinheiro é de cada um que panha. Por exemplo, você panhou cinco quilos de flor, vendeu e deu cinquenta reais. Você fica com os seus cinquenta reais. É seu. Então, quem panha mais recebe mais, quem panha menos recebe menos. Porque cada um trabalha separado, né? Vamos supor, eu panho as minhas flor, arrumo as minhas flor e ponho elas ali. Meu esposo faz a mesma coisa e põe cá. No final, pesa. Aí, mistura só depois que pesa. Cada um sabe quanto é seu e quanto é do outro. Agora, tem família que faz diferente, que panha junto.

Na época que a gente mexia com campina mesmo, que a gente trabalhava mesmo com campina, o Lorico amontoava venda, na Chapada, pra poder fornecer pros panhadores. Comprava fiado na cidade, pra mode poder levar e sustentar o povo lá em cima. Aí, eles pesava, vendia a campina pra ele, descontava o dinheiro da boia. Costumava o Lorico dar duas viagens, três viagens até, na Diamantina, pra buscar mercadoria e vender flor. Tudo no carguero, porque aqui não tinha estrada de carro, não tinha nada. Tudo na cacunda do burro. Tinha época dele comprar e vender dois, três mil quilos de flor.

Muitos fazia assim, porque, coitados, não tinha nem um animal pra carregar nada. Tinha hora que meu marido mesmo tinha que levar o povo pra Chapada. Falavam assim: *Oh, Lorico, vê se me arruma um animal, pra mim levar as minhas coisa pra campina?* Aí, ele arrumava.



*Dona Jovita prepara o jantar.*

*Crédito: Marina Amorim.*

Quando o povo embalava na Chapada, apanhando a flor, tinha família que fazia até festa. Fazia baile, dançava, bebia. Aqueles que gostava. Fazia forró. Tinha uma tal de Maria Augusta. Essa mulher é antiga e deve ter uns 100 anos já. Ela fazia festa, fazia baile e o povo dançava adoidado. Ia pra lá e passava a noite toda tocando sanfona, cantando, bebendo e dançando. Com quem Maria Augusta topasse na Chapada, ela convidava: *Oh, meu filho, no fim de semana, vai ter um divertimento pra nós.* E ela fazia comida. Comida à vontade! Fazia biscoito.

Tinha vez que a gente ia lá. A gente não ficava a noite toda, igual os outros, né? Mas a gente ia pelo menos pra prestar atenção, ver como é que tava. Depois, voltava pra lapa da gente. A gente também dançava um pouquinho. Dançava, uai! Eu também não era evangélica. Graças a Deus, hoje, eu sou. Não posso mexer com isso mais.



### 3.4 A Mata dos Crioulos e o Parque Nacional das Sempre-Vivas

Essa terra nós conta que é nossa. A gente pensa assim: se os avô morava ali, se pai e mãe morava ali, se a gente foi nascido e criado naquela comunidade, aquela terra é nossa. A gente sempre morou aqui na Mata dos Crioulos. Só a minha avó, a mãe do meu pai, ela morava no fundo, embaixo dessa Chapada, num lugar chamado Bulera. Nós passava nessa Chapada pra ir pra lá.

Aqui, era dos escravo, né? Tem uma mata que é apelidada de Mata do Isidoro. Aqui era dos escravos, porque o Isidoro levava cá pra essa mata aquele povo que precisava de ser escondido da escravidão. É o que dizem. Já é quilombo reconhecido, aqui. Nós fez um abaixo-assinado e, através dele, nós recebeu o certificado da Fundação Palmares. Eles veio e fez os estudo, e foi tudo aprovado. Aí, nós tamo aguardando a demarcação.

A sempre-viva dava muito. Agora, ainda dá. Mas ficou meio difícil, por causa do negócio deles ter fechado um pedaço e feito o parque. Então, acabou com a nossa liberdade de colher, na maior parte da Chapada, a sempre-viva. A Chapada é o lugar que todo mundo da comunidade ia pra tirar o sustento. A Chapada é muito grande! Antes do parque tá aí, a gente tinha a liberdade de andar a Chapada toda, até aonde a gente guentasse ir. Eles fechou o maior pedaço, proibiu e disse que não era pra ninguém entrar. Eles fechou lá e tirou nossa liberdade. Ficamos sem esse sustento.

Mas nós tamo nessa luta aí, porque nós quer ter a mesma liberdade que nós tinha. Porque é nosso, né? Está dentro de nosso território, é nosso. E eles não falou nada com a gente, pra poder fechar lá, dizendo que ia fazer parque. Eles não comunicou nada com o povo da comunidade. Eles não comunicou nada com ninguém, né? Quando fechou a Chapada, eu fiquei sabendo só depois que eles fechou e falou que lá era parque, que não era pra ninguém entrar.

Todos que moram aqui nessa comunidade precisam desse sustento tirado com as sempre-viva. É muita família que mora aqui! Você não vê quase ninguém, porque mora todo mundo muito distante um do outro. Juntando todas as família, dá mais de 150. Todo mundo esparramado. Essas família tudo ia catar campina. Inclusive, até gente de mais distante ia. A gente concordava, porque era todo mundo precisado. Não tinha disso de quem é do lugar agir praquelas pessoas não panhar não. Gente de Diamantina mesmo

vinha e panhava. E de outras comunidade mais longe. De Diamantina mesmo, muitos vinha e panhava. Outros de outras comunidade panhava, e ninguém falava nada. Porque todo mundo precisa, né?

As campina colhida dava um sustento bom pra família. Pelo menos, a gente continua ainda mexendo com a lavoura. Mas, de uns tempo pra cá, a gente pranta e não tá colhendo igual colhia, né? Porque o tempo tá assim: uma hora tá chovendo e outra não. Faz muita falta a campina! Esse produto faz muita falta. Porque isso aí é criado pela natureza. O tempo que chove dá. E, se não chover, dá. É, uai! Chapada é assim. A sempre-viva, todo ano, se chover, tem e, se não chover, tem. E nem é só a sempre-viva que dá lá na Chapada. Dá outros produto. Dá os botão, dá uma fruta que chama sedinha. Outra que chama pinhudo, outra que chama jazirda. Tudo isso a gente colhia. O estrepa-nariz, uma qualidade de produto que chama piludo, né? Tudo isso mais a sempre-viva.

A gente fazia manejo de fogo, lá no campo da sempre-viva, quando tinha terminado a colheita e saía todo mundo. Mas a gente não destruía nada que não podia. Aí, eles entraram pra lá, dizendo que estava preservando. Não: eles já achou preservado! Porque nós tinha o manejo de por fogo lá, só pra queimar o capim do meio pra mode de a sempre-viva produzir outra. Desse jeito, aquela semente cai na terra e produz outra flor. Nós não queimava a natureza que era mais nas nascente de água não. Nós não deixava. Ia fazendo aquele controle do fogo.

Mas nós quer que a demarcação do quilombo seja o mais rápido possível, né? Porque, a cada dia que passa, a sempre-viva tá acabando, pelo menos lá nesse lugar que eles fecharam, porque não tem o manejo. Porque tem que ter um manejo de fogo, no fim? Porque, ali, o fogo passa, queima aqueles betume, a semente consegue cair na terra e aquilo brota de novo, né? Então, pro ciclo da sempre-viva, precisa desse manejo. Depois que eles cercou lá, não teve o manejo mais. Tem campo lá que a flor já morreu. E teve uma certa ocasião, um ano pra trás aí, que eu mesma fui com eles lá, pra eles ver. A gente sentiu muito abatido, por causa disso. Porque nascente de água, a natureza lá que a gente preservou, depois deles, quando eles já tavam lá olhando e vigiando, pegou um fogo que mata até nascente de água. Queimou tudo e, quando nós tava preservando, não acontecia isso. Muitos e muitos ano que isso tava lá, que essa natureza tava lá.

Por ora, a gente está fora da área do parque. Mas a gente ainda vai colher flor. A gente fica numa distância boa fora e tem hora que os guarda ainda reclama. No princípio, que a gente ainda não tava organizado, tomando providência, os olhador tinham capacidade de sair de lá do parque, seguir a gente e desapropriar a gente de onde que a gente estivesse perto da cerca. Podia estar a uma longa distância do fechamento do parque, mas eles chegavam lá e falava: *Aqui, vocês não pode ficar. Vou dar prazo docês sair.*

A gente vai, agora, e nem fica muito tempo também mais não, porque a terra que ficou fora do lugar que eles fechou não dá muita quantidade de campina não. Tem hora que a gente vai, panha e vorta pra casa, não fica. Já não é tanta coisa que rende a coleta da campina, né? Mas, como a comunidade é muito necessitada, muito carente, a gente, como diz, todo tanto que dá, a gente agradece, né? Toda quantidade que dá pra gente já é uma ajuda. A gente agradece por aquela quantidade que a gente colhe, por aquele dinheiro que dá.

Lá na Chapada, quando nós recebeu o certificado da Fundação Palmares, aí, eles falaram que, enquanto eles não fizessem os estudo, era pra mode de ficar suspenso os limite do Parque. E ficou: lá ficou suspenso, seis meses. Os olhadores saiu tudo. Ficou suspenso seis meses. E, aí, nós levou lá os que ia fazer os estudo. Eles fizeram os estudos tudo, lá pro lado de dentro. Esses que teve nas reunião com nós aqui, o Paraná e o Deneval lá de Belo Horizonte, falou com nós que, até aonde nossas memória fosse, na hora de fazer os estudo, era pra nós levar o pessoal, era pra nós mostrar. Aí, nós mostramo. Nós andamo com eles, lá dentro, e mostramo até onde que nossas memória vai.

E o que eles fizeram que a gente descobriu, nessa ocasião? Eles ainda fizeram uma com nós. Nossas moradia, tudo bem fechadinha, atravessava de um ano pro outro, porque a gente largava tudo arrumadinho. Nós tinha nossas moradia. Inclusive, tem lapa lá que tem até o nome. Tem o nome nosso que fica na lapa. Aí, na hora que eles fechou lá, o que eles fez? Passou a mão e queimou os nossos fechamento, os nossos cercamento de lapa. Queimaram tudo! Quebraram nossas fornalha. As nossas fornalha era mesma coisa de um fogão. Era o lugar que nós cozinhava, na época da colheita da sempre-viva.

Outra vez, o meu marido, ele estava em uma beiradinha de um lugar que a gente panhava e que foi fechado pelo parque. E ele viu uma flor muito bonita,

pro lado de dentro da cerca, e ele passou um pouquinho. Tinha mais umas pessoa junto com ele, daqueles colega que junta na Chapada. E, aí, olha o que eles fez: tiveram capacidade de vir aqui na minha casa e trazer policiamento. Aí, eles chegou, bateu na porta da minha casa. Fui lá, abri a porta, mandei eles entrar pra dentro e eles não entrou. E o policiamento estava por trás da casa e eu não sabia. Quando eu entrei dentro da cozinha, que eu mandei eles entrar pra dentro e eles não quis entrar, o policial estava por trás da casa e eu não vi. Quando eu cheguei na minha cozinha, eles já estavam dentro dela. Aí, que jeito que eu tive? Sentei no aterro ali e falei com eles assim: *Muito bem. Aí, eles falaram pra mim: Cadê o marido da senhora? Eu falei assim: Oh, não me interessa eu falar onde o meu marido tá. Porque ele sai pra um lugar e, de lá, ele vai pra outro lugar. Aí, eles ficou calado. Depois, falou: Porque nós passou aqui pra ver ele. Mas, já que ele não tá aqui, nós vai passar um recado pra ele. Eles já com as arma tudo embicada, já com as mãos nas arma. Já tinha dois dentro da minha cozinha e outro olhando pela janela. E, aí, eles falou comigo: Então, nós vai largar um recado pro seu marido. É pro mode dele não ficar colhendo flor no Parque, porque entrar lá dentro é crime. E, se ele for, é perigoso dar voz de prisão. Aí, eu falei com eles assim: Bão. Muito bem. Vocês não vai reparar com o que eu vou falar não. Porque eu não sei ler, não sei assinar nem meu nome. Mas educação eu tenho e acho que mais errado foi eles, porque fechou sabendo que a gente convivia lá dentro, sabendo que ali era o lugar que a gente tirava o sustento, era o lugar que a gente sortava as criação. E eles não teve consultamento nenhum com o povo da comunidade. Eles não fez uma reunião nem nada, pra saber o que o povo da comunidade ia falar. Eles não fez nada disso. Aqui, é lugar muito sem recurso. E, aqui, pra nós, nada bom vem. Nós vevi pela misericórdia de Deus. Porque só vem perseguição. Foi isso que eu falei pra eles.*

A mesma liberdade que a gente tinha nessa Chapada, nós queremos continuar tendo. Porque é nosso, ué! Nós é que somo raiz, aqui do lugar. Minha mãe levava eu novinha, de colo, nesse campo que a gente planta, nessa Chapada que a gente campina. Não é? A gente cresceu apanhando sempre-viva. Porque, pra nós, não tinha escola. Nós ia ajudar somente a trabalhar. Agora, como tem escola de manhã, eles iam na escola e vortava pra Chapada depois, pra catar flor. Menino de sete anos pr'acima, tudo já panha. Panha, e é uma ajuda pros pais. Porque eles mesmo já compra um chinelo pra eles. Se eles precisar de um caderno, eles mesmo já compra pra eles, através da venda daquela flor que panha. Por isso tudo, a gente crê que a lei vai reconhecer os nossos direito.



### 3.5 A Codecex

Nós somos a Codecex. Eu fui uma das que puxou a organização. É eu mesma que estou na frente dessa luta. Lá nas reunião, eu que represento a comunidade da Mata dos Crioulos. E, nas reunião, nós sempre falamos é dos conflito, das ameaça que tem. E eu tô achando muito bom, porque a gente tá tendo umas palavra de conforto.

O começo foi assim... A minha menina, ela tava estudando. E, um certo dia, ela chegou e falou: *Mãe, um professor, o Paraná, vai dar um curso e eles estão procurando um aluno de cada comunidade. Eu posso fazer esse curso com eles?* E eu falei assim: *Oh, Ilza, como que vai ser isso? É pra você andar com eles pela Chapada? Como que é?* Ela falou: *Oh, mãe, acho que é pra mim andar com eles por lá.* Eu falei: *Bom, você que sabe. Se for da sua vontade, tudo bem.*

Aí, nesse trabalho com a universidade, perguntaram pra ela o que é que prejudicava a gente aqui na nossa comunidade. Minha filha falou do parque. Aí, eles perguntou se eu aceitava uma visita deles aqui, e eu falei que podia vir. Veio, conversou comigo. E o Professor Paraná falou pra mode de eu levar eles na Chapada. Aí, eu levei eles lá. Eles olhou tudo, lá onde virou parque e fechou. Mostrei até onde era nossa lapa. Aí, ele falou comigo que ia ter uma reunião, na Diamantina, e que era pra mim ir.

Eu fui e gostei muito. No término da reunião, a esposa do Paraná falou comigo que, quando eu chegasse aqui, não podia nem cochilar, porque eles tavam com tudo pronto pra passar por cima de nós. Porque o pensamento deles era juntar o Pico do Itambé com o do Morro Redondo e desapropriar a gente. Então, era pra eu chegar aqui e fazer uma reunião, chamar todo mundo. O prazo que eles me deu foi pouco, mas sucedeu que Deus abençoou e veio bastante gente. Na meeira, assim, de umas 200, 300 pessoas. Aí, foi decidido na reunião que a gente ia fazer um abaixo-assinado pra uma audiência pública, e assim nós fez. Aí, Deus ajudou que, brevemente, saiu esse certificado da Fundação Palmares.

Mas as pessoa do parque tavam com tanta sacanagem com nós, que eles fizeram uma reunião lá embaixo, em um lugar chamado Cotó, tirou foto do povo lá e pôs na internet como que era com nós. Mas o Paraná, como já tava trabalhando com nós aqui, ele olhou e falou que ele tinha certeza que não era.

### 3.6 As dificuldades da vida na Mata dos Criolos

Eu já sou aposentada, mas meu marido não. E minha menina, a Rosileia, recebe ainda um pouquinho de Bolsa Escola. Essa é a renda da nossa família, aqui.

Nós tem uma casinha, lá na cidade. Aquela casinha lá, a gente tem pra poder ficar, quando a gente vai pra Diamantina. Aí, lá, a gente paga água e luz. Mas, aqui na roça, não paga água, nem luz não. Mas tem que pagar transporte pra ir pra cidade e o telefone.

De transporte, a gente tem uns carro velho. Mas atrapalharam e não temos recurso pra consertar. Aí, fica tudo parado no quintal mesmo. Falta demais um transporte também pra carregar as criança pequena pro grupo. Criança aqui, de sete anos, viaja umas duas, três hora pra chegar no grupo, de a pé, caminhando sozinha. E as estrada são ruim. Eles não cuida de uma estrada, nem nada, pra nós daqui. Tem hora que, se você quer ver uma estrada mais ou menos, tem que juntar os morador, tipo um mutirão, e cuidar.

Tá tendo atendimento de saúde. O médico vem aqui, de 15 em 15 dias. Mas tá atendendo na escola das criança, e tão falando ainda que essa escola daqui do Covão tá com risco de fechar.

Na vida das mulheres, desde a minha mãe até as minhas neta, mudou umas coisa. Pelo menos, elas, agora, tá tendo os estudo. Foi o que eu não tive. E nem minha mãe teve. Isso mudou. A Rosileia está terminando o ensino médio, né? A Ilza, outra filha minha, morava aqui, mas foi preciso ir pra cidade fazer curso. Ela também formou e tá pretendendo ir pra faculdade. A minha outra, Eni, tá fazendo esse mesmo curso também. Todas passaram a vida nessa luta de acordar às três horas da manhã, pra pegar o ônibus.

Mas, fora os estudo, continua a mesma coisa o trabalho de todo mundo, né? A lavoura, a colheita das flores. O mesmo modo de tocar, a gente continua. Eu incentivo as jovem a estudar, porque é isso que pode trazer um futuro pra elas.

Muitos morador já foi embora pra cidade. Muitas mãe, pelo menos, que tem muito menino pequeno. Por causa do conforto que não tem, né? Mas a gente tá lutando, porque se tiver um conforto aqui, todo mundo que foi, que tá na cidade sofrendo, volta. Volta, porque cada qual tem seu lugar e o nosso é aqui. O meu sonho, pra esse lugar, é de nós conseguir o que nós tamo precisando pra nós conviver aqui, até enquanto Deus quiser. E, pra isso, o parque tem que se retirar<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Jovita a Marina Amorim e Mariana Lopes.







# **Dona Lourdes** 4

**Maria de Lourdes Nascimento**

**Maria José Nogueira**

**Marina Coimbra Ferreira Batista**



***“Ou você muda ou eu não quero saber! Aí, ele resolveu largar a cachaça, resolveu parar de beber.”***

#### **4.1 A migração da Bahia para o Norte de Minas**

Eu sou baiana. Sou de Pedro Alexandre, já quase na divisa com Sergipe. Eu vim pra Porteirinha, em 1984. Tem 32 anos que eu estou em Minas Gerais. Até já perdi o meu sotaque de “oxente”. Agora, já é “ué, uai”. Tô mais com sotaque de mineira. Eu costumo dizer que eu sou uma sobrevivente das coisas ruins que tem no mundo, né?

Eu vim do Nordeste, fugindo da fome e da seca. Aqui em Minas Gerais, quando eu cheguei, eu deparei com um poço de água e com um córrego. Então, eu achava que o povo de Minas Gerais era tudo preguiçoso. Tinha água e o povo era pobre. No Nordeste, a seca é três anos sem ver um pinga d’água cair no chão. Até mais, cinco anos. Quando eu vim pra Minas Gerais, lá, era assim. Aqui, tinha seca de oito meses. Eu ria do povo. Eu falava: *Meu Deus, se esse povo for pro Nordeste, morre tudo!*

Cheguei, em Minas Gerais. Foi um processo muito interessante. A família foi vindo, um por um. É uma família de retirantes, daquela migração grande do Nordeste para o Sudeste. O pessoal foi vindo. Veio um irmão meu e ficou. Ele voltava na Bahia, trazia outro junto e ele ficava. Aí, um irmão vinha ver o que aconteceu e ficava também. E foi nesse processo que eu vim ver onde é que a minha família estava. Nessa vinda, eu conheci o meu segundo marido, e, até hoje, estamos juntos.

Esse é meu segundo casamento. Eu fiquei viúva, no primeiro casamento. Na verdade, nós não somos casados, nós somos contratados.

A partir daí, começou um novo desafio: a vida nas Minas Gerais, na família tradicional de fazendeiro, de coronel, onde mulher não manda muita coisa. Então, foi um desafio, na época que a gente começou a conviver. Quando o marido saía de casa, o sogro deixava um vigia na porta da frente e outro na porta do fundo. Ele tinha que saber tudo – quem entrou dentro de casa, o que fez, quanto tempo ficou, o que conversou. Foi muito complicado. Então, tive um desafio muito grande com o sogro. Foi um desafio grande mesmo, porque ele até me ameaçou. O meu sogro, ele ameaçou me dar um tiro pela minha ousadia. E eu falei com ele que podia atirar, mas que não podia errar, porque eu também era filha de homem e, se ele errasse o tiro, eu não errava.

Na minha família, de marido, o único que não era ciumento era o meu. Por ser baiana e ser migrante, tinha uma discriminação muito grande. Eu era muito nova e cheguei, aqui, com um filho. Pra entrar nessa família, foi realmente um desafio. Mas eu fui encarando essas dificuldades, abaixando a cabeça pr'aquilo que eu achava que devia e não aceitando aquilo que eu não achava que devia também, como foi quando encarei o meu sogro e enfrentei ele.

E eu posso dizer que eu saí vitoriosa. O meu sogro, por exemplo, hoje, me admira demais. Acabou que o meu sogro tira o chapéu pra mim. O que eu falar, ele me apoia. Ele tem 94 anos e é realmente um defensor meu. É o meu defensor. Às vezes, as pessoas ficam me assediando pra sair candidata, né? Na família, ninguém aceita. Mas meu sogro fala assim: *Se você decidir que quer ser, você entra e deixa que a família eu domino, que quem coordena sou eu. O voto da família quem vai buscar sou eu.* Isso é muito gratificante, né?

Hoje, eu sou a líder da família. Antes, era o sogro. Ele mandava na casa dele e mandava na casa dos filhos. As noras só diziam amém. Comigo, foi diferente. Não acho que isso é uma grandeza minha não. Como eu já vinha de um lugar onde eu tinha que lutar pela vida e para viver, eu acho que eu encarei, em Minas, as coisas de uma forma diferente. Eu, como mulher, não aceitava que ninguém mandasse em minha vida: *Eu quero um companheiro, se for pra mim cuidar dele e ele cuidar de mim. Se for pra modo d'eu ser só submissa, não me serve.* Eu tive que encarar a família do meu marido. No início, o desafio não foi ele. Com ele, o desafio veio depois.

#### 4.2 O trabalho como professora e a formação escolar

Desde que eu cheguei em Minas, eu trabalho com a comunidade. Eu nunca fui muito de aceitar as coisas sem tentar lutar para melhorar, né?

Um dos primeiros desafios foi entender porque uma escola nunca passava as crianças de ano, porque ninguém nunca aprendia a ler. Eu nem era formada; eu não tinha diploma pra dar aula. Mas eu achava aquilo um desafio. Um desaforo! O marido não aceitava que eu fosse trabalhar fora, dizia que eu não precisava disso. Aí, eu falava: *Não. É um desafio. Eu quero entender.*

No Nordeste, eu fui professora sem ter diploma. Eu tinha a terceira série. Mas eu era a única que sabia ler e escrever. Podia alfabetizar as crianças, lá no meio do mato, né? Então, eu era a professora.

Aqui, também sem formação nenhuma, na época, eu encarei isso. Pedi à Prefeitura uma chance pra entender porque aquelas crianças não passavam de ano. Ainda tinha muito aquilo de mulher não precisar trabalhar fora, não sei o quê. Aí, o marido não queria muito. Mas ele também não relutou muito não. A partir do momento que a Prefeitura me deu a oportunidade, ele cedeu.

Fui trabalhar na escola e saí satisfeita com o resultado: as crianças não eram burras. Eu não acreditava que existisse criança burra e provei isso pra mim mesma, nem foi para os outros. As crianças desenvolveram e eu fiquei um tempo na escola. Depois, eu saí da escola, porque começaram a exigir o diploma. As pessoas tinham que ter uma formação.

As minhas formações também são processos interessantes, né? Quando eu fiquei grávida do meu primeiro menino, aí, eu me senti dona de mim. Eu falei: *Agora, pronto. Agora, eu sou mulher. E ninguém manda mais em mim.* Acabou que, depois disso, eu fui pra escola. Eu formei o primeiro grau, eu já tinha o primeiro menino.

O meu segundo grau foi feito com a minha segunda menina, já aqui em Minas Gerais. Eles estudavam de dia, tudo direitinho. Aí, chegou uma hora que eu precisei trazer eles da cidade pro campo. E eles começaram a estudar à noite, pra ajudar a gente na roça, né? E minha menina tinha medo de estudar à noite. Ela falou: *Como é essa bagunça de ir no carro, muita gente, mãe, a Senhora podia ir comigo, até eu me acostumar com a turma. Depois, a senhora para.* Eu

falei: *Tá bom. Tá certo.* Fui. E eu tomei gosto por isso: *Eu que não vou parar. Eu vou terminar.* Eu terminei o segundo grau, junto com a minha menina.

Isso tudo, pra mim, foi muito interessante. Ser mãe do primeiro e fazer o primeiro grau; ser mãe da segunda e fazer o segundo grau.

#### 4.3 A trajetória de lutas

Teve um trabalho do Banco do Nordeste chamado Farol do Desenvolvimento. O Farol do Desenvolvimento me destacou como liderança. Chamaram todo mundo das comunidades. Eu era presidente de associação, na época. Era um trabalho pra desenvolver a região. Eu resolvi abraçar a causa de um rio, que é o Rio Serra Branca, na cabeceira da cachoeira. Resolvi fazer algo em prol daquele rio, porque todo mundo só usa a água do rio, mas não faz nada pra proteger, pra reflorestar. Aí, eu montei um grupo de trabalho e convidei algumas pessoas. O grupo era muito bom. Teve alguma resistência dos fazendeiros. De alguns fazendeiros, na verdade. Mas como eu era a nora de um fazendeiro, não pegavam muito pesado. Olha como é que são as coisas. Foi um trabalho de proteção. Quando a gente tentou fazer o reflorestamento do Rio Serra Branca, alguns fazendeiros barraram a gente na cerca, dizendo que não podia plantar nada, que lá quem mandava era ele. A gente tinha consciência que não era, mas não queria brigar, porque era uma área que não tinha uma proteção pra gente. Quem puxou toda a discussão foi eu.

Comecei a trabalhar também com a questão das mulheres, mais ou menos nessa época. Eu liderava, dentro da família. Dentro da família, entre as cunhadas e as concunhadas. Todo lugar, tinha as rodinhas de mulher, pra gente conversar. Eu dava as dicas de como derrubar a crista dos valentões. Tinha os galinhas que se achavam o tal. Eu falava: *Chinela eles, porque eles têm que dar conta do recado!* Ia dando assistência, assim.

Na sequência do trabalho com o Rio Serra Branca, foi preciso escolher representante no CMDRS, que é o Conselho Municipal do Desenvolvimento Rural Sustentável. Teve a reunião pra escolher os representantes. Aí, eu fui escolhida por 31 comunidades. Eu fiquei super surpresa e muito preocupada. 31 comunidades? Como que eu ia fazer isso? Andava de bicicleta, de charrete. Tinha que trabalhar, pra sustentar a família. Como que eu ia fazer um trabalho bacana? Mas também não tinha como decepcionar, né? Eles entenderam que eu era uma liderança, e tinha que fazer um trabalho bacana. Eu encarei.



O CAA, que é o Centro de Agricultura Alternativa no Norte de Minas, começou, então, a desenvolver um projeto também de proteção aos rios. E, logo, me chamou pra participar desse projeto. Eu era do CMDRS e já tinha trabalhado com o Rio Serra Branca. No meio daquela multidão, o povo já me apontava. Alguns diretores do sindicato ficaram de olho em mim. Aí, quando tava iniciando esse projeto, todos já me indicaram como uma das possíveis pessoas pra ajudar. Eu fui chamada pra conversar. Fui e aceitei fazer o trabalho. O trabalho era em outra bacia, mas eu sempre puxava um pouquinho a sardinha pro lado do Rio Serra Branca. Tanto é que eu ganhei o apelido dos gestores públicos, na época, de Serra Branca. Eles não me chamavam pelo nome não, me chamavam de Serra Branca.

Em seguida, eu fui convidada pra participar do sindicato. Entrei como secretária suplente e não saí mais. Lá no sindicato, eu tive a oportunidade de puxar a organização das mulheres pela organização. A renda das mulheres é das mulheres: é salário maternidade, é auxílio doença, é aposentadoria. Ninguém enxergava isso e eu comecei a puxar esse debate.

Eu participei de um seminário em Diamantina. Lá, eu tive a oportunidade de conhecer a Dona Eva, Eva de Medina. Eu conversando com ela e ela falou assim comigo: *Oh, Lourdes, nós temos que fortalecer e puxar um debate com as mulheres. Nós temos muito o que fazer, nas organizações, em prol das mulheres.* Eu falei com ela: *É um desafio, mas nós temos que encarar isso.* Eu já tinha começado, mas eu voltei de Diamantina com aquilo na cabeça: *Como que eu vou fazer? Como que eu vou desenvolver um trabalho com as mulheres?*

Aí, comecei a fazer discussão nas associações. Por que as mulheres não se organizam, dentro das próprias associações? É preciso ter os grupos de mulheres. A gente precisa se sentir importante ali dentro, assumir o cargo de presidente. Por que não? Eu contava que eu tinha assumido a daqui.

E dei conta do recado direitinho. Nossa comunidade continua sendo super carente. Porque tem umas comunidades que você consegue ajudar a desenvolver e tem outras que não tem nada que você faz que resolva. Mas, nessa época, aqui, quase ninguém tinha documento. Então, eu arrumava trator, punha todo mundo em cima de uma carreta de trator e levava pra fazer documentação. Eu tinha que pegar todo mundo. Depois, levava pra Emater<sup>1</sup> pra gente fazer a carta de aptidão. Aí, era preciso comprar briga com

---

<sup>1</sup> Trata-se da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

a Emater, porque não queriam dar as cartas de aptidão para os agricultores. O povo não tinha coragem de conversar, não tinha coragem de falar. Então, eu punha todo mundo lá e falava. Quando não queriam dar a carta pra um determinado, diziam: *Ele não tem condição. Pra que carta?* Eu falava: *Eu quero a negativa por escrito.*

Acho que eu aprendi a tomar as dores dos outros. Com as mulheres, por exemplo, é assim. É um monte de mulher. Hoje, a gente realiza as marchas. Tudo isso é pra empoderar as mulheres, pra que elas se sintam sujeito de fato. Tem horas que dá uma tristeza. Porque tem que ter coragem pra encarar o dia a dia, pra ser sujeito, pra se empoderar da situação. Dentro do meu sindicato, hoje, eu sou a única mulher. Assim, tem outras, né? Mas as mulheres são mais machistas do que os próprios machos, sabe? Você senta, em uma rodada de conversa com as mulheres, e ninguém abre a boca pra falar nada. Entra muda e sai calada, pra não ofender nenhum homem. Então, elas não estão empoderadas. Isso dá uma sensação de fracasso na gente. Mas, por outro lado, tem a Antônia, por exemplo. Ela é bem magrinha e o marido dela é um negão. Eles viviam brigando de faca, um querendo matar o outro. E eu digo que, hoje, eles são um exemplo pra nós, considerando a convivência que eles têm. Isso dá ânimo, pra gente continuar lutando e plantando semente.

Assim, a gente vai levando, vai tocando a vida. Têm os desafios, um aqui e outro acolá, mas a gente vai sobrevivendo. Eu tenho fama de ser casca grossa, de ser encenqueira. Mas eu não me preocupo. Eu digo que eu sou igual um sapo: o nego vai pra me engolir, e, quando eu chego na garganta, ele tem que me cuspir de volta, porque eu não desço. Eu não deixo ninguém me engolir.

#### **4.4 O trabalho com a terra**

A gente tem a horta. No caso, a gente trabalha com os canteiros econômicos. Agora, não, porque tá começando o período da chuva. O canteiro econômico não funciona bem no período de chuva, porque embebe muito. Então, é no período da seca que a gente trabalha com os canteiros econômicos.

A gente tem a produção de semente crioula. Eu toco a semente crioula, junto com o meu filho mais velho. Ele tem aptidão para produção de semente. Então, a gente tem autonomia na semente, né? A gente trabalha com a semente de milho, de sorgo e de várias variedades de feijão. Os feijões, a gente não produz pra vender. Trabalha para o consumo mesmo. E a gente já tira se-





Dona Lourdes. Crédito: Marina Coimbra.

mente, para não ter perigo de cruzamento. A gente tem esse cuidado com o milho e o sorgo também.

A gente tem criado abelha. A gente é apicultor também. E, de tudo quanto é bicho, a gente cria um pouco. As aves, agora, tem pouca. Mas a gente costuma ter, em média, entre 50 e 70 galinhas, no terreiro, sempre. Tem o gado de leite. A gente tira um pouquinho de leite pro consumo. O que sobra, a gente entrega nas queijarias.

A gente trabalha muito a questão dos recursos hídricos. Porque a gente sabe que, no semiárido, é complicado a água, na seca. Então, a gente tem uma caixa, por exemplo, é pensando na água de beber que não pode faltar. Hoje, a gente até tem água da Copasa<sup>2</sup>, aqui. Mas a gente sempre mantém a caixa cheia, porque, se a água não chegar, mesmo assim, tem que molhar a horta.

A produção maior é pro sustento da família, né? Por exemplo, o milho e o sorgo, tirou o que é semente, o restante a gente faz a ração que vai pros porcos, que vai pras galinhas, que vai pro gado. E o porco, por exemplo, vira o toicinho que a gente come. Quando há excedente é que a gente vende. Por exemplo, as galinhas, o que a gente não consome a gente vende. Então, a gente foca primeiro na família.

De tudo a gente tem comprado um pouquinho, agora, mais recentemente. Porque a chuva tem sido muito pouca e a gente não tem conseguido produzir tudo. Uma coisa que a gente sempre compra é o arroz e o sal. A gordura, a gente compra a complementação. Frango, galinha e porco, a gente produz. Mas a gente consome muita carne de gado também e essa é comprada. A gente tem muito é ovo caipira, frango e carne de porco. Agora, a criação de cabrito acabou. Mas, de vez em quando, tem cabrito também.

---

<sup>2</sup> Trata-se da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa/MG).

A abelha é a atividade mais apaixonante da propriedade. Ela é a vaquinha sem fronteira. Ela dá mais renda do que a vaca de leite. Geralmente, a gente tem algum prejuízo, quando os vizinhos batem veneno nas terras deles, né? Porque a abelha não entende que, lá, tem veneno. Tem hora que a gente tem perda. Mas, como todo mundo é focado no leite, isso é raro. Todo mundo planta muito capim, capim, capim. É pasto, entendeu? Ai, não bate veneno, todo ano. Você pode ter prejuízo, em um ano, mas, nos outros, você tem ganho. E quem vai derrubar um pé de aroeira, por exemplo? Quem vai bater veneno, lá em cima? E o mel de aroeira é super medicinal. Então, a renda da apicultura, ela é melhor do que a da bovinocultura.

A última safra, a gente vendeu pra um homem de Santa Catarina. Um atravessador, mas, se não vendesse pra ele, a gente ia vender, de vidrinho em vidrinho, no mercado, e a gente ia acabar gastando o dinheiro. Para o atravessador, você vende a quantidade que você tem. Aqui, é um grupo de apicultores. Nós temos um grupo, na comunidade, de cinco famílias. Nós já chegamos a colher duas toneladas de mel. Na última safra nossa, a parte da nossa família não foi muito grande. Mas nós entregamos 300 quilos.

Nós vendemos mel, esse ano, a dez reais o quilo. Quer dizer, 300 quilos deu R\$3.000,00. Sem trabalho nenhum, porque é o processo da tarde e da noite que precisa fazer. De dia, não dá pra trabalhar com o mel. À tarde, você faz o trabalho de campo e, à noite, é a centrifugação.

O trabalho do dia a dia, em casa, não tem muita diferença não entre homem e mulher. Eu acho que eu trabalhei isso, muito cedo. Então, a minha menina, ela faz serviço de peão. Quando os meninos conseguiram comprar uma moto, ela também conseguiu comprar a dela. Quando eles iam pro campo jogar bola de um lado, ela ia jogar do outro, né? Eles tiraram a carteira de motorista, ela também tirou. O menino mais velho, na cozinha, tá melhor do que eu. O marido também é muito bom na cozinha, pra fazer comida. Ele tá com um problema de saúde, hoje. Mas ele é bom na cozinha, a comida dele é muito boa. O mais novo, ele tem preguiça do serviço doméstico, mas faz e sabe fazer, seja limpar a casa ou fazer comida. Eles, os meninos, também sabem fazer e também fazem. O caçula, a gente percebe que ele tem mais preguiça com os serviços domésticos. Os outros, não. Mas eles todos fazem. Lavam, passam. Tem horas que costura. Faz de tudo, de um modo geral, tanto os homens quanto as mulheres.



#### 4.5 A agroecologia

A produção, na nossa propriedade, é toda agroecológica. Ninguém usa química. Ninguém usa produto químico nenhum na propriedade, nem fogo. A última vez que teve fogo, lá em cima no terreno, tem uns dez anos. Tinha muito espinho, no local. A gente acabou pondo fogo, pra diminuir a quantidade de espinhos. Mas, fora isso, tem mais de 20 anos que não se usa fogo na propriedade.

Nós temos o biodigestor. O biodigestor permite a produção de gás extraído do esterco do gado. Da produção do gás, você aproveita o esterco já apurado. E ainda tem o biofertilizante que você pode usar. Ele serve tanto pra combate de pragas e doenças como pro fortalecimento da terra.

Nós tínhamos a produção de peixe. Aí, mais pro consumo. Acabou agora. Tamo esperando chover, pra gente retomar de novo. A gente não tem água, o tempo inteiro, né? Tamo investindo nas estruturas, ali embaixo, nuns tanques, numas novas tecnologias, pra ver se funciona, pra ver se dá pra gente continuar a atividade. Mas não pensando no mercado. O mercado é em outro momento. É pra diversificar a produção da propriedade. Estamos tentando ampliar a contenção de água, criar tanques diferentes. Porque a gente tem o tanque, só que ele é permeável e não segura por completo a água. Então, nós estamos construindo um outro, embaixo dele, pra forrar de lona.

A gente faz óleo. Óleo para o combate de inseto, o combate natural. Dá pra fazer o pó das folhas secas. Da semente, dá pra fazer óleo. Fazendo o pó das folhas, você pode colocar na alimentação do animal. Tem que ser pouco, porque é tóxico. Aí, não dá aquela mosca de chifre, aquela mosca que fica incomodando, sugando. Você pode bater na roça também, pra combate de praga, né? Funciona. O óleo é mais complicado de usar, porque, depois, é muito difícil lavar a máquina. Mas o óleo é uma ótima opção.

A questão da saúde das mulheres é uma história e tanto. Na verdade, as mulheres, aqui, elas estão mais voltadas pro tratamento natural. Eu sou o exemplo vivo, porque eu já me livrei de duas cirurgias com remédios naturais.

Primeiro, já faz algum tempo. Eu tava com 28 anos e o médico falou que eu tinha que tirar o útero. Porque o meu útero tava grande; porque, depois que ele cresce, não tem remédio mais, a não ser tirar; porque eu já tinha tido filhos e não ia

parir mais. Aí, eu pedi um prazo pro médico. Eu falei: *Não, doutor, pera aí, me dá um tempo. Deixa eu fazer os exames e, depois, eu volto pra fazer a cirurgia.* Eu saí de lá com os remédios pra tomar. Era pra voltar pra cirurgia, dois meses depois. Eu tomei uma cartela. Tomando essa cartela, eu fui na Irmã Mônica. Quando cheguei lá, ela falou: *Não, você pode terminar de tomar essa cartela e você vai fazer esses remédios.* Eu tenho um livro de medicina alternativa também. Eu li, mas eu queria mais segurança. Então, eu fui lá e ela me passou o tratamento. Eu usei argila 30 dias, sem falhar um dia. Hoje, a gente usa duas horas. Na época, eu usei pra dormir. Eu punha a argila na barriga toda, enfaixava, deitava e dormia.

Quando chegou o período d'eu fazer os exames de risco cirúrgico, eu fui fazer os exames. Não fiz aqui em Porteirinha, fui fazer em Montes Claros. Levei os outros que eu já tinha e mostrei pros médicos, lá. O médico espantou. Ele falou assim: *Tem alguma coisa errada nos seus exames.* Eu perguntei: *O quê doutor?* Eu já sabia, né? Pensa numa pessoa que confia na medicina alternativa. Sou eu. Ele respondeu: *Não. Você nunca teve útero grande. Você nunca precisou fazer cirurgia.* Eu: *Ué, doutor, mas o outro doutor falou.* Ele: *Mas baseado no que ele falou isso?* Aí, eu mostrei os outros exames. Ele não confiou e tornou a me pedir outros. Eu fiz. Ele me perguntava: *O que você fez?* Eu respondia: *Fiz nada, doutor. Não fiz nada.* Não podia falar, né? Hoje, a gente fala. Na época, não. Todo mundo dizia que, quando eles não descobrem o que curou, eles matam a gente pra estudar. Eu ficava com medo. Aí, eu falava: *Não, eu não fiz nada não, doutor. Eu tomei do jeito que o outro mandou.* Mentira! Eu tomei só uma cartela e larguei pra lá. Sarei e a junta médica ficou espantada: *Não existe isso de um útero reduzir de tamanho!* Mas eu tinha os dois exames pra comprovar. Esse foi o primeiro sucesso do tratamento alternativo.

Alimentação? A gente não tá conseguindo produzir pra autossuficiência, por conta dessa falta de chuva. Mas a gente tem muito cuidado com o que come. Procura aquilo que vai comprar, procura comprar mais saudável. Por exemplo, no nosso município, o sindicato tem um trabalho muito bacana. Então, a gente vai pro mercado. Se não tá produzindo, sabe qual produtor produziu sem veneno. A gente sabe. A gente sabe e as pessoas mais ligadas na saúde alternativa também sabem. Então, tem que correr, senão fica sem o produto, entendeu? Os produtores chegam, lá no mercado, com os produtos já marcados, reservados. Felizmente, isso tá sendo ampliado. Essa produção sem produto químico, alternativa.

Agora, não basta só dizer assim: *Produza sem veneno!* Se deu uma praga, eu vou fazer o quê? Então, a gente tem esse trabalho de ensinar o que é bom pra isso, o que é bom pra aquilo. A gente distribui as cartilhas, ensina como é que faz as caldas, faz oficinas pra produção das caldas. Então, tá produzindo com veneno quem quer. Quem quer produzir agroecologicamente tem acesso, porque o sindicato tem colocado isso à disposição.

E as mulheres tem mais facilidade de absorver essa produção natural, né? Nós fomos as primeiras a desenvolver a agroecologia, justamente pelo medo de lidar com o veneno. Esse medo de lidar com o veneno é que facilitou o acesso à agroecologia. Só que a gente não sabia que era agroecologia. A gente jogava cinza no pulgão. A gente jogava a urina de vaca, pra esparramar os insetos. Então, as mulheres são pioneiras na questão da agroecologia e da semente crioula também. Só que elas não sabiam disso, né? Sempre, por ser um processo natural. Agora, não. Agora, a gente tá sabendo, a gente tá aprofundando. Quando alguém começa a falar, a gente se empodera: *Não, meu filho, dá licença. Quem fez isso aí foi as mulheres.*

#### 4.6 Dissabores

Meu marido passou um tempo na cachaa e eu fui segurando as pontas. De lá de onde eu moro pra cidade, são 20 quilômetros. Eu fazia o percurso de bicicleta, no final de semana, pra trazer a feira dos meninos. Porque eles ficaram na cidade, um tempo, estudando. Pra eles estudarem aqui na cidade, eu tive que convencer a minha mãe a vir tomar conta deles. Ela ficava aqui. Alugamos uma casa, pra minha mãe e os três meninos. Meu marido tinha um boteco, lá na roça. Eu fazia a feira no boteco e vinha trazer pra eles de bicicleta. Na verdade, eu trazia a feira, quando tava chovendo. Quando tava estiado, eles iam passar o final de semana em casa. Ia, na sexta, e, no domingo à tarde, eu trazia de volta, pra não perder aula.

Vinha de bicicleta, porque meu marido tinha três cavalos bons para puxar charrete, mas eles não serviam pra mim, só serviam pros outros. Aí, eu pedi pra ele, um dia. Disse que ele tinha três cavalos, que ele podia emprestar pros outros, mas que deixasse um reservado, no final de semana, pra eu trazer os meninos pra escola. Porque não era justo eu vir trazer os meninos pra escola em cavalo cansado, ficar na estrada puxando cavalo e fazer metade do caminho à pé, porque ele emprestou pros outros. Ele falou pra mim: *Ué, porque você não tem o seu? Não tem nem onde cair morta e fica querendo*

*exigir animal pra andar? Compra o seu. Você não é a boazona? Você não é a gostosona? Ficava falando desse jeito.*

Aquilo foi me injuriando. Um dia, eu vim, trouxe os meninos de carona. Peguei carona no asfalto, pois tinha feira na cidade de Pai Pedro, no domingo. Eu parei de pegar os cavalos, porque era muito sofrimento. Eu vinha, então, pegar carona na estrada com os meninos.

Aí, um dia, eu trouxe os meninos de carona e voltei com a feira. Eu já tava levando a feira ao contrário, porque o boteco já tinha acabado e o meu marido tava envergado na cachaça. Eu tinha que levar compra daqui. Trazer pro boteco, pra receber de quem estava devendo. E trazer pra gente comer também. Levava tudo na cabeça. Eram 20 quilômetros com a feira na cabeça, com aquele solinho rachando. Nesse dia eu peguei uma carona. Dei sorte, porque achei alguém indo da cidade pra roça. Peguei carona, num caminhão pipa que tava indo levar água na região. Quando eu cheguei lá, tinha uma meia dúzia de homem sentado, esperando meu marido encher a cara pra depois eles encherem a cara também, esperando pra beber de graça. Quando eu cheguei lá, eu já encontrei o cavalo descansado indo levar outras pessoas. Aquilo me revoltou demais. Não porque ele tinha emprestado o cavalo pras pessoas. Eu sabia que elas precisavam também, que não tinham condição de ter um cavalo de charrete. Mas e eu? Ia ser servida quando?

Eu cheguei em casa tão revoltada! Era umas 11 horas. Estava aquele sol quente. Eu tirei o saco da cabeça e pus em cima do balcão. Tinha uns quatro homens sentados. Eu falei com meu marido: *É muito engraçado, Zé. Enquanto eu venho com esse pesão na cabeça na estrada, trazendo comida pra você e pra abastecer boteco, o cavalo tava descansando pra levar os outros na cidade, né? Eu posso andar de carona, enquanto o que é seu está descansando pra servir pros outros.* Ele repetiu: *Você não é a boa? Por que você não tem? Por que você não anda no seu? Qual que você tem, aí? É meu e eu faço o que eu quiser!* Eu: *Ah é? Tá bom. Não tem problema não.* Entrei dentro do balcão. As coisas que eu tinha trago, eu fui pegando e espinacando tudo. Feijão, arroz, açúcar, macarrão. Os trem ficou tudo bagunçado, em cima do balcão e pra tudo quanto é lado. Por fim, falei: *Agora, miserável, você come!* Depois, entrei pra dentro de casa.



Ele entrou atrás de mim. Acho que ele ia me bater, mas os senhores que tavam lá entraram também atrás. Um deles era bem velhinho. Ele entrou e atravessou na frente. Falou: *Você não vai pôr a mão nela! Presta atenção. Ela tá errada, porque ela quebrou tudo, lá. Mas você também não tá certo não. Você não vai pôr a mão nela não.* Eu falei: *Não, pode deixar bater. Porque ele me bate, uma vez, mas duas vezes ele não bate não. Pode bater!* O velhinho retrucou: *Não vai bater! Eu tô falando que ele não vai bater.* E meu marido murchou, aquietou.

Eu não peguei mais o cavalo pra trazer os meninos. Larguei pra lá. E segui me lascando de trabalhar na roça, fazendo as coisas pra sustentar todo mundo. Esse homem me sustentou na vida por cinco anos, nada mais do que isso.

O pai do meu marido começou a me julgar, né? Falava como se eu tivesse culpa pela cachaça dele. Jogava a culpa em mim. O homem lá no boteco e a culpa era minha? Um dia, eu tomei umas cachaças. Enchi a cara e falei: *Agora, eu vou ficar igualzinha o seu filho, meu sogro! Tô bunitinha igual ele?* O velho deu cada grito. De lá de casa, escutava ele gritando na casa dele. Ele mandou a velha vir, mais uma menina que era filha de criação. Elas me pegaram, me levaram pra casa e me deram um banho. Eu falava: *Minha sogra, agora sim eu tô igual o seu filho! É assim que vai ser!*

Nossa senhora! Eu dormi, mas eu passei muito mal! Quando foi madrugada, eu levantei, abri a janela e fugi. Decidi que não ia ficar lá pra encarar o velho. Fui embora. A minha mãe chorou, chorou. Ela dizia: *Como é que você fez um trem desse?*

Na época, eu tava com uns 30 anos. De 28 para 30 anos. Com essa cachaçada do meu marido, eu comecei a não ter espaço dentro de casa. Se eu estivesse com uma carne no fogo e um peão entrasse dentro de casa e enfiasse a mão na panela, eu não podia falar nada. Porque, se eu falasse alguma coisa, ele respondia que a casa não era minha. O homem repetia tanto que eu não tinha onde cair morta, que os outros começaram a fazer o mesmo. Ó, *minha filha, eu não tô em casa sua não. Eu tô em casa do Zezão.* E meu marido não fazia nada. Ele não fazia nada! Um dia, um menino de criação, numa brincadeira de mau gosto, me mandou tomar naquele lugar. Eu rodei a baiana e expulsei o menino de casa. Meu marido ficou foi defendendo o menino. Aí, eu falei: *Eu vou embora. Eu não vou ficar aqui, vivendo desse jeito não. Eu não vou ficar vivendo desse jeito, porque, daqui a pouco, o povo vai dizer que é dono de mim*

*também e você vai confirmar. E eu não vou ficar aqui pra isso não. Eu já larguei um. Eu falei com ele que não queria mais nada com ele e vim embora pra cá. Agora, eu vou ficar me sujeitando a isso? Eu não preciso disso não. E do jeito que eu entrei na justiça pro outro dar comida pro filho, eu vou entrar contra você, porque os filhos são seus. Mas não vou ficar aqui, vivendo desse jeito não.*

Na época, a situação estava muito ruim. Aqui, não tinha serviço. Eu não tava conseguindo pagar as contas. Aí, eu fui pra São Paulo. Liguei pra minha irmã e perguntei se lá tinha trabalho. Ela era costureira. Ela falou que tinha, que eu podia ir. Então, eu fui ganhar dinheiro. Precisava de dinheiro pra pagar as contas. Deixei os meninos com a mãe, por causa da escola.

Meu marido abandonou a roça também. Ele começou a trabalhar em uma firma e trabalhou lá seis meses. Nesses seis meses, ficou aqui na cidade com os meninos e com a mãe, enquanto eu estava em São Paulo. E ele expulsou o meu menino mais velho de casa, no meio de uma briga. A mãe começou a brigar mais ele também, porque não concordava com aquele negócio de menino na porta de boteco. O homem seguia achando que era quem mandava, com as mesmas humilhações todas. Eu conversava com mãe, enquanto estava lá. Tinha uma vizinha que tinha telefone. Eu usava o orelhão, aquelas fichinhas, pra saber como é que tava a saúde de todo mundo.

Dentro dessa ruindade, tinha solidariedade. Os meninos meus eram pequenos. O mais velho é o Paulinho. Ele tinha oito anos. Mas, em qualquer lugar que ele chegasse, aqui, pra comprar qualquer coisa em meu nome, era entregue na hora. Ninguém queria saber quando é que eu ia pagar. Se a mãe adoecesse – ela tinha problema sério de asma, de bronquite asmática – e precisasse ir pro hospital, os toquinhos de gente de cinco, seis, sete anos, chamava um carro, punha a mãe dentro e levava pro hospital. Os vizinho todos já sabiam também da situação. Quando eles pediam socorro, todo mundo corria pra ajudar.

Eu trabalhava dia e noite, lá em São Paulo, pra ganhar dinheiro e voltar. Chorava igual uma desesperada! Porque eu já tinha saído de uma situação complicada no Nordeste e parecia que eu tinha abandonado a miséria, mas que ela estava voltando pra minha vida de novo. Eu não aceitava aquilo. Todo mundo ficou preocupado. Achavam que eu ia enlouquecer, porque eu não dormia; só trabalhando, trabalhando. Ganhei o dinheiro pra pagar as contas assim e vim embora pra trás por causa dos meus filhos.

Quando cheguei, achei meu filho expulso de casa. Fui atrás do meu marido e falei assim: *Quem paga o aluguel dessa porra sou eu! Então, quem manda aqui sou eu! Se tem alguém pra sair daqui é você! Não é ele não! Já estava com um discurso completamente diferente, decidida mesmo: Ou você muda ou eu não quero saber!* Aí, ele resolveu largar a cachaça, resolveu parar de beber.

Quando o homem parou de beber, eu falei assim: *Agora, tem que dar um tempo, senão vão dizer que, na hora que ele mais precisou, eu abandonei.* Aí, eu segurei as pontas mais um tempo. Fui segurando as pontas e carregando a casa nas costas. Nisso, foi a vida inteira. **Ele nunca me sustentou e nunca sustentou filho.**

#### **4.7 O Coletivo de Mulheres**

O coletivo, ele começou em 2007. A associação foi criada em 2010. Ele começou com a demanda de participação efetiva das mulheres nas instituições. Porque a gente só ocupava as pastas de suplência mesmo e era só pra constar.

Um grupo de agricultoras e técnicas se rebelou: não era justo usar as mulheres pra conquistar projetos e a gente só ocupar a pasta da suplência. Então, a gente fez uma rebelião e conseguimos dobrar a quantidade de mulher. A mesma quantidade de mulher que a gente tinha na suplência, nós colocamos como efetivas. Eu fui pra diretoria do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, o CAA, que faz um trabalho de agroecologia, de convivência com o semiárido. Ele pratica uma assistência técnica diferenciada no Estado.

A partir daí, a gente começou a fazer debates com as mulheres. Os outros municípios tomaram conhecimento e foram demandando. As mulheres de outros lugares queriam participar também. Então, eu assumi a liderança e falei: *Bom, se vocês querem, vamos conversar pra ver o que fazemos.* A gente foi fazer reunião nas comunidades, nos outros municípios. Ficamos, de 2007 até 2010, fazendo reunião. Lá em Abóboras; lá em Montes Claros; lá em Tapera; lá no Riacho dos Machados, que é um assentamento; lá nos quilombolas; lá no Rio Pardo. Fomos fazendo um monte de reunião.

No início, não era um coletivo ainda, mas a gente falava Coletivo CAA Mulher, como se fosse um coletivo dentro da organização. A partir do momento que a gente começou a visitar os outros municípios, a trazer outras mulheres e a ampliar essa participação, deixou de ser Coletivo CAA Mulher e passou a ser

### Coletivo de Mulheres do Norte de Minas.

Da criação da Associação, até hoje, tem um monte de ciúmeira, né? Assim, a própria entidade de origem da gente nunca aceitou a gente como associação. Queria que a gente ficasse interno, na organização lá. Mas, a maioria das companheiras decidiu que nós deveríamos ser independentes. Porque assim, no dia que a organização que apoiava a gente trocasse de diretoria, se deixasse de nos apoiar, a gente tinha outro corpo e podia continuar trabalhando.

Então, nós temos a associação e ela, hoje, tá com 67 participantes. Mas, quando a gente organiza as marchas, nós envolvemos mais ou menos três mil mulheres. Essas mulheres estão prontas pra participar de qualquer evento, de qualquer ação que a gente propuser. Nós não podemos ampliar mais por causa da infraestrutura. A gente não tem condição de bancar uma infraestrutura maior, nem essa mulherada tem. Há uma participação ativa de 31 municípios, na nossa organização. Mas, assim, nem sempre os 31 são superativos, né? Uns são mais e outros são menos. Mas a gente sempre leva em conta esses 31 municípios, na hora das ações mais pesadas.

As ações do coletivo são justamente a feira, as marchas e as oficinas de formação. A Marcha é regional do Norte de Minas. A gente programa uma marcha. A feira é o seguinte: toda a mulherada do Norte de Minas leva os produtos pra expor e vender antes da marcha. Quanto às oficinas, nós já fizemos cinco. Eu sempre participo das oficinas de formação. Foi uma de preparação de caldas pras lavouras de combate de pragas e doenças; uma de homeopatia, pra ensinar as mulheres a aproveitar as plantas nativas nos tratamentos de saúde natural; uma de reciclagem de papel, para trabalhar a questão do aproveitamento do papel; uma de tecelagem. A outra, eu esqueci. Nós já fizemos cinco oficinas.

Em 2014, nós não fizemos a grande marcha. Nós fizemos duas marchas pequenas, nesse ano, uma na cidade de Indaiabira e uma em Ibiracatu, todas duas envolvendo 500 pessoas. Nós trabalhamos, em 2014, mais com formação: 27 municípios fizeram ação de formação. A gente tinha uma lista dos temas que poderiam ser trabalhados e o município escolhia o que mais identificava. Um preferiu a questão da participação da mulher na política; outro trabalhou a questão da violência; outros, a questão do impacto ambiental. Vários temas foram propostos. Então, não fizemos a grande marcha, mas fizemos ações em 27 municípios do Norte de Minas.



*“Mas a gente vai sobreviver.  
A gente vai escapulindo. Faz  
igual quiabo: escorrega pra ali,  
escorrega pra acolá.  
E vai tocando o barco.”*

*Casa da Dona Lourdes.  
Crédito: Maria Nogueira.*



O que me animou a puxar essa discussão do coletivo e a carregar esse debate é, justamente, a minha condição: eu sou autônoma. Eu costumo dizer que, na minha vida, só quem manda é Deus. Só Deus e mais ninguém, entendeu? Eu não aceito mais cabresto, eu não aceito mais ditadura na minha vida. A gente recua, em alguns momentos, a gente abaixa o tom. Mas, pra negociar, é preciso dialogar. E mandar na minha vida ninguém manda mais. Quem manda na minha vida sou eu.

Por causa dessa autonomia que eu conquistei, eu também tenho problema. Muitas vezes, a gente sofre muita humilhação, muitos impactos, né? Mas você chora aqui e, amanhã, você levanta igual um furacão, mata uma onça cedo e amarra outra de tarde. E vou tocando. É assim que eu tô vivendo. Apesar das agressões psicológicas, físicas, financeiras, apesar de tudo isso, eu fui rompendo barreira. Não sou mulher rica, não tenho dinheiro, mas também não é qualquer coisinha que me joga pra baixo não.

E tem algumas agressões psicológicas que joga a gente pra baixo e a gente fica se lamentando. Porque o sistema não dá amparo pra gente, né? A gente não tem muito com quem contar, na hora que precisa. Eu acho que isso é o que mais me mata, mais me magoa. Porque a gente sabe os direitos da gente, sabe o papel da gente, mas, se a gente precisa, a gente não tem onde buscar, né? As instituições, querendo ou não, elas são machistas. E as tesouras tão tudo apontadas, pra cortar as suas asinhas. Mas a gente vai sobreviver. A gente vai escapulindo. Faz igual quiabo: escorrega pra ali, escorrega pra acolá. E vai tocando o barco<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Lourdes a Maria Nogueira e Marina Coimbra.





5

# **Dona Ricarda**

**Ricarda Maria Gonçalves da Costa**

**Nícia Raies Moreira de Souza**

**Gabriela Silveira Reis**



***“... Eu penso que eu tenho que deixar a minha história escrita, como qualquer companheiro meu. São histórias verdadeiras.”***

### **5.1 O trabalho na infância e na adolescência: a casa e a roça**

Eu nasci na roça e, na minha geração, a criança com cinco ou seis anos começava os afazeres domésticos, tipo varrer uma casa, tratar da galinha com milho, pôr água pros porcos, limpar o quintal. Começa assim.

Era prazeroso. Os meus pais explicavam e deixavam a gente à vontade. Mas tinha que terminar aquelas tarefas no horário. A gente foi crescendo e, então, eles foram direcionando mais responsabilidades, como cuidar da horta. Era tirar os matinhos indesejados que estavam no meio das verduras e molhar – no caso de tá o tempo sem chuva, a gente tinha que molhar. O meu pai era muito bacana, porque a gente tinha as vasilhas pequenas pro tamanho da gente. Mas ele não explorava o nosso trabalho. O meu pai ainda usava uma frase assim: *Quem não trabalha não come. Então, pra fazer jus ao seu almoço, você tem que ter desenvolvido a tarefa que eu te dei.* E, se não tivesse feito a tarefa, ele não ficava violento com a gente. Se tinha que chamar a atenção dos filhos, de mim e dos outros, era com ensinamento bíblico. Ele sentava, contava aquela história e falava que a gente tinha que por na nossa vida o que tinha acontecido com aquele personagem bíblico.

Continuei até os 13 anos, fazendo essas tarefas de ajudar a cuidar da roça e da casa. Já fazia de tudo com 13 anos. Era uma preparação, porque, na minha geração, com 14 anos, a menina já devia saber de tudo de uma casa: cozinhar,

passar, lavar, costurar e também os outros serviços da roça. Daí, no dia que você fazia 14 anos, você ganhava um sapato de salto. Era o primeiro sapato de salto. E eu tinha paixão por aquele Luiz XV! Mas a gente que tinha que fazer o bolo, nem que fosse pequenininho. A gente fazia o bolo pra comer e ganhava o sapato. Nem que fosse usado da irmã mais velha, mas a gente ganhava.

Essa foi a época que deixei a roça com minha família e fomos pra São Paulo. Aí, nessa mudança, comecei a trabalhar, porque precisava ajudar a família a pagar aluguel, comprar comida. A realidade era diferente: a gente não plantava mais pra ter comida.

## 5.2 A trajetória profissional

Meu primeiro emprego foi numa chácara de uns alemães perto de casa. Eu lavava roupas de um bebê, passava pano, guardava louças, essas coisas. Mas foi por pouco tempo. Quem trabalhava lá tinha se afastado para ganhar bebê. Quando ela retornou, fui para outro emprego. Em Diadema, São Bernardo, estava com muita metalúrgica. Aí, fui trabalhar na metalúrgica.

Então, na metalúrgica, de todos os serviços que eu fiz, pra mim, o que era mais prazeroso era ficar escrevendo. Porque, nessa época do êxodo rural, quem chegava pra trabalhar nas empresas não sabia ler e escrever. Mas eu sabia. Então, eles sabiam que eu sabia ler e escrever. Faziam aquelas filas de trabalhadores, procurando emprego. Como eles não sabiam preencher a ficha, eu ficava lá sentada, preenchendo a ficha pra eles.

Tinha também serviços muito ruins dentro da empresa, tipo a prensa. Na maioria das meninas da minha idade que trabalhava na prensa, faltava um dedo. Às vezes, ela desregula, e, na hora que vai por o produto embaixo, a pessoa ainda tá segurando aquela peça. A prensa decepava um dedo das meninas.

Tinha muitas meninas “de menor” e não eram oito horas como é hoje. A gente ainda ficava na ilusão de ganhar um pouco mais. Aí, fazia doze, quatorze horas, pra ganhar horas extras. Isso de oito horas e a luta para trabalharmos menos começou há muitos anos. Então, eu lembro que escrevi em algum lugar que as fábricas me engoliam, às seis horas da manhã, e me vomitavam, depois do pôr do sol. Porque, pra uma adolescente que tinha o sol todos os dias na pele, ficar dentro de um cubículo fechado era muito duro.

Não sei por que, mas eu sempre fui rebelde. Até mesmo dentro de casa, e com os patrões, com os chefes. Eles podiam me dar muito trabalho, desde que eu fosse recompensada. Senão, achava injustiça. *Eu tô fazendo. Porque não me recompensar? Ninguém tinha me ensinado isso, mas eu pensava: Porque eu faço tanto isso daqui pra ele, ele vai vender, vai ganhar dinheiro.* Era o lucro. Eu achava que o lucro tinha que ser dividido comigo e com os companheiros.

Aí, de repente, alguém no meio sindical percebeu que eu sou assim e começou a fazer um trabalho comigo. Mas, na época, eu não tinha noção. Depois que a gente fica assim politizada, começa a perceber. Isso aconteceu, quando eu tinha uns 15 anos. Um rapaz que trabalhava dentro da mesma empresa que eu, conversando comigo e vendo que eu sempre estava lendo nos horários de almoço, sempre me interessando e procurando saber quem concordava e quem não concordava com o que a gente estava vivendo, me levou para o sindicato. Embora eu não entendesse muito, eu achava que estava tudo errado, que o sistema em que a gente estava vivendo estava errado.

Depois disso, não parei mais. Daí, comecei a frequentar mais, me associei ao sindicato dos metalúrgicos e, quando vi, já era uma grevista. Foi quando me associei ao sindicato que comecei a entender que tinham pessoas com quem a gente não podia conversar na rua, dizer o que pensava. Porque, até então, eu ficava muito no ambiente de casa.

Aos 18 anos, voltei pra escola, porque nunca tinha perdido a vontade de estudar. Eu havia parado com nove. Parei de estudar no quarto ano. Então, eu comecei a fazer datilografia, porque eles gostavam do fato d'eu saber ler e escrever. *Eu tenho que fazer datilografia, porque eu posso até produzir mais e ter um salário melhor* – eu pensava. *E, também, eu preciso fazer o ginásio. Eu quero estudar.* Eu tinha uma vontade de fazer veterinária. Eu tinha vontade de fazer psicologia. Química! Nossa, como eu gostava de química... Porque eu via nas firmas essas reações químicas e eu achava aquilo lindo. Então, comecei a entender que, quando cozinava, eu estava misturando os materiais e tendo uma reação química.

Foi quando eu comecei a sair mais, porque fui estudar à noite para terminar o primário. E fiz a datilografia também à noite, porque, de dia, eu estava trabalhando. Às vezes, tinha problema, porque o meu pai precisava me buscar no ponto de ônibus. Era longe de casa, era escuro. A gente tinha luz na periferia, mas, em casa, na nossa rua, não tinha. As ruas não eram asfaltadas.

Quantas vezes eu caí com meu pai de guarda-chuva e tudo, porque, em São Paulo, São Bernardo e Diadema, garoava muito, nos anos 60. Eram quatro estações do ano, em um dia!

Eu comecei a perder emprego, porque eles percebiam que tinha alguma coisa naquela menina, que ela começava a fazer a cabeça dos companheiros. Porque, naquela época, até pra gente ir ao banheiro, os minutos eram contados. Café? Não tinha horário de café. Você levava o seu cafezinho e tomava na máquina mesmo. A marmita a gente que levava, pois não tinha refeitório. A não ser as grandes firmas, como a Mercedes, a Volks. Eu trabalhava nas menores. Elas tinham mil funcionários, 500 funcionários. Mas começou a ficar difícil, porque eu perdia emprego. Chegou num ponto que eu podia andar em dez metalúrgicas e não conseguia emprego. Devia ter algum código, alguma coisa, porque eu já não conseguia. Foi aí que mudei de ramo, mas não parei de conviver com o povo ali que estava com a gente. Continuei andando dentro do sindicato.

Nessa época, fui pra vendas e vendia Enciclopédias Barsa. Mas também percebi que eu era usada. Já estava no ginásio e tive que parar de estudar, porque eles queriam que eu fizesse abertura de praça. Tipo ir e abrir praça lá em São José do Rio Preto, ou abrir praça em Jundiá. Eu ia com uma equipe e sempre liderando, né? Porque tinha de estar trazendo o povo e apagar um fogo aqui, acender outro ali. Ainda assim, percebi: *Eu tô sendo explorada. Vou fazer alguma coisa pra eu vender. Vou ter um produto pra vender. Eu tô sendo explorada, dentro da firma.*

Nessas alturas, eu já tinha me casado, descasado, e estava com filho pequeno. Aí, eu comecei: comprava, nas fábricas, camisetas que estavam em liquidação e transformava. Fazia um modelo único. Vendia pra você um modelo e pra ela, outro. Eu tinha uma ótima costureira e bordadeira, e a gente transformava, fazia aplicação, várias coisas muito bonitas. A gente carregava um fusca lotado. E o local que eu mais vendia era no sindicato dos metalúrgicos. Porque eu tinha acesso ali, permissão do companheiro Lula, que era o presidente do sindicato naquele tempo. O Lula, que foi nosso presidente da República, era jovem também como nós, na época. Ele deu permissão, desde que eu não atrapalhasse os horários de aula ou os horários dos funcionários que estavam trabalhando. E a gente ia sobrevivendo.



Vieram as grandes greves. Eu estava sobrevivendo muito bem, mas houve um grande desemprego. E, de fornecedora de mercadorias pros companheiros, passei a fazer arrecadação de cesta básica pra levar pra esses companheiros que deviam pra gente. Eles deviam na carteira e, todo mês, agente ia lá receber. De repente, todo mundo desempregado. Aí, fui pra outra frente de luta. Já não era mais fazer greve e paralisação. Era mobilizar o povo ao nosso favor, pra dar de comer aos nossos companheiros que estavam desempregados. O cara é bom! Teu companheiro! Tinha um tal negócio lá e mandavam embora sem direito. Aí, não recebiam o pecúlio e outro emprego não arrumava.

Assim, eu fui pra área hospitalar, porque eu não podia ficar desempregada. Mercadoria tinha, mas não tinha povo pra comprar, porque o povo não tinha dinheiro. E, ao mesmo tempo, a gente lutando pra melhoria do país. Eu já estava numas lutas mais escancaradas.

Eu era recepcionista, porque eu já tinha um pouquinho de estudo e era comunicativa. Também tinha feito curso de PABX. (Eu fiz muito curso, durante toda a vida. Quando via que era de graça, então, aí fazia mesmo. Eu nunca tive dinheiro pra investir em mim, em estudo, em beleza, essas coisas...) Eu trabalhava à noite. Meu filho já tinha uns cinco, seis anos. Trabalhava 12 horas, descansava 36. De dia, eu sempre tinha algum bico. Eu lembro que, uma vez, eu estava com três bicos. Tinha dois consultórios e tinha o hospital. Então, eu não ia dormir, nem nada. Ia trabalhar.

Depois de um tempo, eu tinha juntado um dinheirinho e pedi pra eles me mandarem embora do hospital, porque eu queria montar um comércio. Demorou nove meses pra me mandarem embora do hospital, porque não encontravam uma pessoa pra trabalhar à noite. Porque, além de tudo, à noite, você tinha que ser muito versátil, já que fica com uma série de responsabilidades no hospital. Durante o dia, você tem uma moça pra ficar no PABX, tem uma moça que é recepcionista, ou duas, três, quatro. Tem uma pra tratar só de convênio, uma só de INSS – que era Inamps, naquela época. E, à noite, ficava tudo com uma pessoa só. Se tem um óbito, você também tem que fazer as vezes de uma assistência social.

Com esse dinheiro, eu montei um comércio e já ficou melhor. Porque, aí, não tinha aquela cobrança d'eu tá vendendo a minha mão de obra mal remunerada. Então, eu botei uma casa de som. Durante o dia, era uma lanchonete. A gente começou a servir comida. Eu mesmo fazendo a comida.

Sexta, sábado e domingo tinha som ao vivo no palco. A gente transformava a casa em show ao vivo e fazia bailes programados. Tipo Baile da Primavera. Fim do ano, eu falava assim: *Venha dividir a tua solidão comigo, na sua noite de Natal!* Aí, eu fazia uma ceia e cada pessoa comprava com antecipação.

### 5.3 A família

Na época que eu montei meu primeiro comércio, meu filho estava com 13 anos e quis ir morar com o pai. Aí, foi outra luta. Porque você ter um filho, você criá-lo até os 13 anos com toda dificuldade, e ele preferir morar com o pai? Eu expliquei tudo, conversei e tal. Expliquei que o pai estava fazendo a cabeça dele, pra ir pra uma vida mais fácil, mais glamourosa, com mais objetos sofisticados dentro de casa. E eu perguntei: *Você quer ir?* Aí, sentei com o pai, com a mulher do pai e disse pra ele: *Você pode ir, mas você só volta a morar nessa casa com 21 anos. A casa é tua. Na hora que você quiser vir me visitar, você vem. Mas você vai morar com o seu pai. E também não vou procurar o juiz pra mudar a guarda. Confio no seu pai te educando, confio na Margarida e, se alguma coisa não for bem, eu vou lá. Não precisa de juiz.* Aí, ele foi morar com o pai.

Foi um período bastante difícil. A sorte eram as 100 crianças com as quais eu trabalhava. Porque eu ficava que nem adolescente, esperando dar o sábado pra namorar. Porque eu ensinei meu filho a se virar. Aos nove anos, ele já andava de ônibus em São Paulo, em Santo André. Eu só procurava saber se tinha chegado. Se ele ia pra casa da minha mãe, deu uma hora, eu ligava: *Gibran chegou?* Se fosse pra casa do pai também, em Mauá, eu esperava. Ele tomava ônibus, tomava trem. Passado o tempo suficiente pra chegar, eu ligava: *Gibran chegou?* Aí, quando ele se mudou, eu ficava esperando ele vir da casa do pai. Mas ele não vinha. Esse período foi difícil...

Mas as crianças me preencheram. Foi aonde eu comecei a ver que eu sou uma pessoa que tem que viver pra muita gente. Não é amor de um filho. Aqui, eu não sinto necessidade. Amo, gerei, criei, eduquei, mas... Tem mãe que, todo sábado, tem que ligar pro filho que tá lá no Nordeste. Eu não tenho isso. Não tenho carência disso. Tenho várias “filhas”, aqui. Gosto demais da família, tenho paixão. Se tiverem aqui, ótimo. Se não tiver, não tem problema. Sempre, de 15 em 15 dias, faço questão de dormir lá na minha irmã. Mas é por ela. Vou à casa do meu irmão. Mas, por eles. Se eles vierem aqui, tudo bem; se não, não tem essa cobrança. Tenho a coisa bem resolvida.

#### 5.4 O retorno ao campo

Mesmo morando na cidade, eu sempre procurei estar no meio do mato. Em São Paulo, eu procurava muito isso. Tanto eu me sentia bem de estar no meio do mato que eu levava meu filho pra ter esse contato. E eu morei, uma época, perto do Jardim Botânico. Então, às vezes, a gente não tinha dinheiro pra fazer um piquenique, levar coisas diferentes. Eu levava torrada com orégano e um pouquinho de azeite, suco de limão. E ficávamos lá; ele se divertindo, descalço pra sentir a natureza. Um dia, ele viu um monstro: *Mãe, é um monstro!* Eu estava dormindo embaixo de uma árvore, porque tinha trabalhado a noite toda. Eu: *Monstro?* Ele: *É, mãe, eu acho que é serpente. Ela deve ter de sete a dez cabeças.* Era uma cobrinha do tamanho de um lápis.

E foi tão bom! Nos lugares que eu tirei foto dele, ele tirou foto das filhas. E, aí, ele me conta, ele me mostra: *Sabe mãe aquele monjolo? Aquele monjolo não tá mais assim.* Levava o Gibran pra esses lugares e, às vezes, levava alimentação, fruta, alguma coisa. Porque chegava lá e não podia, às vezes, nem comprar um algodão doce pra ele. Sempre era muito difícil pra mim.

Aí, nesse período, eu comecei a falar: *Eu tenho que sair de São Paulo. Eu não aguento mais. Eu não quero mais ver tanta violência.* Chegou uma época que eu comecei a cansar da violência da cidade grande.

Nessa época, tinha um tal de Esquadrão da Morte. Tinha pessoas que morriam do nada. Tive também no meio de uma confusão, nessa época, em Diadema, que teve 24 tiros. Era um acerto: um tinha matado o irmão do outro. E os dois rapazes, que foram matar o que estava no meu comércio, eram trabalhadores. O homem nunca tinha entrado no meu comércio, até aquele dia. E foi assassinado, o rapaz. Os nossos pés ficaram encostados. Eu deitei pro lado de lá, ele pro lado de cá. Eu fiquei toda suja do sangue dele. A única coisa que eu falei com o Criador foi: *Pai, perdoa as minhas falhas.* Eu via tiro passando.

Então, eu cansei. Eu queria ir embora de São Paulo, eu queria ir pra roça. Mas como? Não tinha dinheiro pra comprar uma roça. Aí, minha sobrinha tinha vindo pra São José dos Campos e fui visitá-la. Tinha um comércio pequenininho sendo vendido e eu já tinha decidido que não ia ficar mais lá em São Paulo. Eu queria sair. Vendi tudo o que eu tinha de comércio, comprei o de São José dos Campos e fui embora. Fiquei dez anos.

Em São José dos Campos, eu falei: *Eu não vou mais me envolver com o movimento*. Até então, eu acompanhava o PT. Ajudei a fundar o PT, a CUT. Eu estava junto com isso tudo, as CEB. Mas eu não queria mais nada. Queria sossego, viver minha vida. Uma semana que eu estava em São José dos Campos, já me envolvi com um menino da associação de bairro. Quando vi aquele menino tão cheio de vontade, eu me vi 15 anos atrás. Tão inexperiente! Era umas duas horas. Às sete, eu estava na reunião! E começo o engajamento todo de novo: PT, sindicato...

Mas eu olhava pra Serra do Mar e pra Serra da Mantiqueira, pensando: *Eu vou pro lado da Serra da Mantiqueira, porque eu vou achar algum lugar pra eu colocar a mão na terra*.



D. Ricarda em frente sua casa. Crédito: Gabriela Reis.



E o que acontece? Nos primeiros anos, a gente ainda ia até bem. Muda pro real e tal. Estava indo até bem, ali. De repente, deu um desemprego também na GM. Eu tinha comprado um terreno, construído uma casinha num bairro residencial de operários. Periferia de novo. E eu não tinha freguês. Se quisesse vender fiado pra não receber, vendia direto. Eu falei: *Não. Eu tenho que dar um jeito.* Aí, comecei a conversar com a Grande Vida: *Ah, Senhor, eu sei que o Senhor sempre quer que eu dê bom exemplo, leve tua palavra. Mas eu tenho que ir pra algum lugar que eu possa sobreviver. Por que não a terra? Eu tenho vontade, mas eu não consigo!* Porque, em São José dos Campos, eu não consegui comprar nem uma chácara.

Um dia, na igreja, eu estava trabalhando na quermesse e surgiu o Campo do Meio. Eu nunca tinha ouvido falar em Campo do Meio. Eu já conhecia alguma cidadezinha aqui de Minas, porque fazia compras e revendia produtos do Sul de Minas. Então, eu conhecia, mas nunca tinha ouvido falar em Campo do Meio. Então, essa menina começa a conversar comigo. Eu sei que isso era em janeiro. Ela falou que tinha uma usina parada, aqui, com muita terra. Em 12 de março, eu estava aqui em Campo do Meio. Porque essa menina comprou uma casa, e me ofereceu pra vir. Eu pus a mudança no caminhão e vim sem conhecer, pra ficar na casa dela e quem sabe achar uma terra pra arrendar.

Aí, o meu vizinho do lado e a mulher, que tinha gado na usina, me disse: *Eu levo a senhora pra conversar com a Dona Rose. Ela te arrenda a terra.* Eu fui, mas a mulher parece que percebeu que eu era um pouco politizada, sei lá. Eu sei que a mulher não quis me arrendar a terra. E ela arrendava. Pra mim, ela não quis arrendar e eu arrendei de outra pessoa. E coloquei o que eu sabia fazer, a verdura.

Estava vendendo a verdura no Campo do Meio que era uma beleza! Meu filho e minha nora estavam desempregados. Eu deixei o meu carro com eles, porque, pelo menos, eles poderiam vender alguma coisa pra ir sobrevivendo, até ter emprego. Então, eu punha as verduras em carriola pra vender, porque era um sitinho perto da cidade. E o povo começou a me conhecer.

Também, quando eu vim de São José dos Campos, a igreja ligou pra cá e falou que eles iriam receber Dona Ricarda, uma pregadora de dentro da Renovação Carismática. Então, a igreja me recebeu muito bem. A igreja, em uma cidade onde a maioria é católica. Eu fui bem recebida, na comunidade.

Mas, então, eu fui trabalhar com essa mulher que me arrendou a terra e descubro que ela é uma verdadeira *coronela*. Um dia, ela perguntou se eu sabia fazer quitanda, quitanda de milho verde. Eu falei: *É lógico que eu sei!* E ela: *Você me ajuda?* Eu: *Ajudo*. Aí, todo dia, a mulher queria que eu fosse cozinheira dela. Não aguentei. Quando percebi que eu tinha que fazer coisas além do que deveria, recebi o convite pra entrar no MST. Foi então que soube que tinha Sem-Terra, no Acampamento Fome Zero.

Hoje, aqui melhorou bastante. Mas as beatas eram ferrenhas. E eles falaram assim pra mim: *Vai só homem. Nós vamos fazer a ocupação, à noite*. Eu falei: *Pô, mas como é que vai ficar a moral de uma mulher da igreja que vai no meio de homem?* Só eu? As mulheres não iam. Era só eu.

Aí, eu fui visitar meu pai em São Paulo e aconteceu a ocupação. Contei pro meu irmão e ele falou: *Vamos pra lá*. Foi quando entramos no Fome Zero e, dali, começou uma nova luta: ajudar a fundar sindicato, ajudar a fundar associação. Porque esses conhecimentos de associativismo, de cooperativismo, eu tinha. Naquela época, só tinha o Primeiro do Sul, uma associação rural.



D. Ricardo na casa de um acampado do MST em Campo do Meio.  
Crédito: Gabriela Reis.

### 5.5 A militância e o trabalho no MST

No movimento, de todas as frentes, eu me identifico mais com a educação. A educação, pra mim, é a base. Imagina se todos esses trabalhadores que tem aí pelo Brasil afora tivessem tido, no momento certo da vida, a educação? E tivessem tido oportunidade de saber o que ele é, porque ele tá aqui, porque ele pertence à classe do trabalhador? O trabalhador precisa ter contato com a arte, com a música. Ele precisa ter contato e desde cedo. Ele precisa ser um sujeito; ele precisa crescer como ser humano. Não entrar pra uma educação que só vai preparar pra competir e conta a história deturpada, mentirosa. Como seria diferente a vida do ser humano, as nossas realidades! Você já foi jogado fora da terra. Aí, depois, você retorna pra terra, mas o seu entendimento tá tão longe: você acha que um Sem-Terra tem que seguir o modelo do agronegócio. Então, desde sempre, o pouco que eu sei, eu quero passar pro outro. A minha vida

toda eu fui assim. Seja como mulher, em um fogão cozinhando. Seja algo que eu desenvolvi pra passar no meu cabelo, como o abacate. Eu quero que o outro também saiba. Eu quero que a vida do outro fique mais fácil do que aquele caminho que ele tá fazendo. Então, quando eu me deparo em um local aonde vejo a necessidade da educação, da formação política, falo: *Chegou o momento! Tem que arregaçar as mangas!* É tudo muito difícil. No início, nem condução pra levar aluno na escola tinha. Nem pra gente, educador, nem pro educando.

Mas, além da educação, todas as outras frentes que precisarem de mim, eu vou. Sou muito versátil. Então, por exemplo, a feira de Campo do Meio. É uma feira que existe há dez anos e que, no início, começou comigo e um grupo de pessoas. Ainda estou lá, organizando e formando os mais jovens. Essa feira acontece todos os domingos, na praça da caixa d'água. Foi mais uma associação que ajudei a fundar, com CNPJ, tudo direitinho. Então, tenho convivência, ali dentro dela, e, nessa convivência, é orientação que a gente vai passando pros companheiros.

Tem a cooperativa. Dentro da cooperativa, sou também uma sócia fundadora. Lá, uma das partes que eu ajudo é justamente a da comercialização, do embelezamento do local aonde a gente vai. Porque tudo que a gente faz tem uma mística, nem que seja um objeto. Então, pra chegar e por uma mercadoria pra vender, aquilo ali tem que ter um espaço bonito. Na comercialização, estou inserida na feira e na produção. Na produção, além da horta, tem que transformar o produto. Então, fiz cursos pra transformar uma pimenta numa conserva, um maracujá numa geleia, uma manga num doce, um amendoim num pé de moleque.

Eu deito cedo, mas também levanto cedo. Se eu acordar uma hora da manhã, eu levanto uma hora da manhã e vou fazer meus afazeres. Rádio sempre ligado: músicas caipiras, religiosas ou do movimento. E, se não quero ouvir nada, eu converso muito com a Grande Vida. Sei que estou aqui no universo, visitando. E é madrugada adentro que faço as coisas manuais que preciso: meu doce, as conservas. E também escrevo os relatórios e as apresentações.

Além da feira de Campo do Meio, de vez em quando, também organizo outras. Ajudo a organizar, na verdade. Trabalho também no Sindicato dos Agricultores Familiares. Fico ali olhando, vendo como que tá o processo de uma aposentadoria, como que tá o companheiro que chegou. Será que alguém falou pra ele que ele tem que chegar e se associar ao sindicato,

senão ele não vai ter como comprovar que ele é agricultor familiar? Será que já orientaram que ele tem que transferir o título pra cá, porque ele não vai poder concorrer à terra se ele não comprovar que mora aqui? Também acompanho as estratégias de atuação do sindicato, dentro do movimento.

E sou também coordenadora de área. Sou uma das coordenadoras do Acampamento Rosa Luxemburgo, onde ocupo um lote. Então, tenho que estar nesse acampamento, observando, visitando os barracos. Porque, às vezes, tem pessoas que estão passando dificuldade até mesmo na alimentação e não fala pra ninguém. Tem pessoas que estão com alguém doente em casa e não fala pra ninguém. Ele ainda trás um ranço do orgulho. Ainda não entendeu que nós somos camaradas. Eu já acho que quem está aqui não é só companheiro, é camarada mesmo!

Então, no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que faz parte da Articulação de Mulheres no Campo, eu tenho diversas atividades. Aonde precisarem de mim, e eu puder colaborar, eu tô pronta. Se eu já tenho conhecimento sobre o que é que a gente vai fazer, beleza. Mas, se eu não tiver, é só me passar as ferramentas.

Sou militante, desde jovem, mas, na juventude, era o consciente coletivo da época que movimentava a gente. A mulher queria mesmo deixar o fogão. A gente queria libertação e os casamentos eram meio forçados. A gente tinha que casar, dar uma satisfação. Eu nunca gostei disso. Não é que eu não queria casar, mas eu achava que eu ia perder muito a minha liberdade. Embora, dentro da minha casa, eu achava que eu tinha liberdade, mesmo não tendo. Era proibido sair. Minha mãe não gostava que a gente frequentasse baile, essas coisas. Imagina? A gente com os Beatles na cabeça, com vontade de pegar os bailes. E muita coisa também que a gente fazia era escondido. Minha mãe não aprovava uma mulher, na década de 60, no meio de homem, fazendo piquete. Ela nem sabia dessas coisas.

Então, quando, agora nessa idade, vou para o MST... Porque, antes, era só de movimento urbano que eu participava. Quando chego aqui, por mais que conhecesse e admirasse a luta do MST, eu não tinha vivido no meio do MST. Aqui, é norma que homens e mulheres tenham vez e voz. Em todos os outros movimentos que eu passei, são cinco, seis reuniões pra você conseguir colocar uma ideia sua. Porque você é barrada. Eles nem deixam você completar o seu pensamento numa reunião. Então, realmente, dentro



do MST, tem isso. E as pessoas que tem mais consciência têm a humildade de ouvir e de falar: *Companheiro, você tá no caminho certo. Ou: Você não está no caminho certo. Você tem que ler um pouco mais.* Então, existe isso dentro do movimento. Também existem aqueles que ainda são estourados, o estopim curto. Mas, mesmo assim, eles se freiam, porque sabem que é uma norma do MST o sujeito ter vez e voz.

Além disso, eu já admirava o Che Guevara e o Fidel. Acompanhei todas essas lutas. Porque o Che sempre falou da injustiça e se vive isso. Aqui, ninguém suporta injustiça. Até mesmo de companheiro. Se o companheiro tiver uma atitude de injustiça, ele é expulso. Às vezes, você não fica nem sabendo. Quando você sente falta, depois de muito tempo, falam: *Quis ir embora.* (Porque existe uma coisa no MST: se te falou, é porque você precisava saber; se não te falou, não era pra você saber. A gente não pergunta por que e vive isso numa boa.) Então, essa foi uma das coisas que me motivou, me encantou.

E outra, macaca velha, sei que fui observada, quando cheguei. Claro, eles precisam ter confiança em quem tá entrando! Nunca achei ruim, porque eu imaginava que, se eu tivesse também em outro movimento e qualquer um do MST chegasse, eu também ia observar. Então, isso não me desmotivou.

Uma outra coisa que animou foi passar um pouco da minha experiência nas instâncias que já vivi. Ajudar num processo, aqui no Campo do Meio, em que tinham poucas pessoas com conhecimento do sindicalismo, de associativismo. Então, eu achava que era importante tá no meio deles, que era uma troca de conhecimento.

## 5.6 A Escola Eduardo Galeano

Conseguimos abrir a escola, aqui no MST. Ela se chama, por enquanto, Eduardo Galeano. Foi uma vitória! E, lá, colocaram uma sala com o meu nome. Uma homenagem pelo meu trabalho na educação, no movimento. Imagina? Eles não podem me fazer uma homenagem dessas em vida! Para não gerar ciúmeira e coisas assim. Eu não sabia que eles iam fazer isso.

Doía meu coração, ver tanto fechamento de escola rural. Porque também fui alfabetizada numa escola rural. Ai, também comecei a participar de seminários, aqui em Minas Gerais, onde se tentava resgatar essas escolas. E comecei a ler muitos livros sobre o que a gente quer para a escola rural.



O desejo foi crescendo e, junto com as pessoas que também pensavam como eu, fomos trabalhando. Eu, a Rosa, a Débora, a Michele, a Elisângela. Pessoas que, hoje, às vezes, nem estão junto conosco na educação. Tuíra, embora ela não seja da educação, sempre ajudou. E, nas reuniões com essas pessoas, pensamos como faríamos e como seria a escola.

*Escola Eduardo Galeano.*

*Crédito: Gabriela Reis.*

Na primeira escola, que começou de adobe no Acampamento Fome Zero, ainda fiquei dando aula sem ganhar. Cada um comprava seu caderno. E, depois, eu comecei a alfabetizar as pessoas que chegavam na minha casa.

Então, agora que conseguimos eleger o Pimentel, tivemos certa “regalia”. Pimentel assinou o decreto para desapropriar a terra em que está a escola. Não para reforma agrária, mas como colônia agrícola. Então, aí, a gente se jogou no projeto que a gente tinha e saiu até o decreto para a escola. Só que, como não tem ainda documento da terra, pra não ficar tudo pior depois, deu-se duas salas, que é um braço da escola estadual de Campo do Meio.

Hoje, temos o EJA, para mais ou menos 70 alunos. Curso do Pronatec de agroecologia e outro curso para jovens também sobre agroecologia. Esses dois cursos são diferentes, mas os dois ensinam o agricultor a manusear a terra corretamente. Segunda, quarta e sexta-feira tem capoeira.

### 5.7 A agroecologia

Hoje, além de ser aposentada, eu produzo sementes de pimenta biquinho, faço conservas de pimenta e vendo na feira. Temos uma barraca lá que vende isso, além de pastel e artesanato feito por outras mulheres.

Na infância, eu já aprendi a trabalhar a terra sem veneno. E uma das coisas que fez meu pai sair da roça mais rápido, no linguajar da época, foram as pragas. Começou a aparecer as pragas e falaram pra ele que já tinha remédio pra matar. O remédio era veneno, né? E explicaram direitinho, para o meu irmão que mora em Sorocaba, como trabalhava com o veneno. Meu pai comprou e pôs naquela máquina. Mas a máquina estava com vazamento e ele intoxicou. Depois disso, ele não podia mais ter contato com o produto. Meu pai tinha resistência pra sair do campo. A minha mãe não. Minha mãe já queria ter saído, há muito tempo, nessa época. Aí, quando intoxicou, meu pai falou: *É. Agora, fica difícil. Como é que a gente vai ficar longe das pragas? Eu acho que a gente tem que ir pra cidade mesmo.*

Mas eu sabia que aquilo lá era errado, não era bom. Se molhou o corpo dele e deu no que deu, imagina se põe na planta ou respira? Mas não pensava ainda que a planta ia ficar envenenada.

Depois que já estava na cidade, entrei em contato com os japoneses. Eles cultivavam coisas lindas, maravilhosas. E sem agrotóxico. Tinha até cogumelo, na produção deles. Então, quando vim para Campo do Meio, já produzia minhas hortaliças sem agrotóxico. Na época que eu cheguei aqui, era terrível! Você procurava verdura e não tinha. Eu falava assim: *Esse povo mora em cima de pedra? Com tanta terra! Se eu produzia dentro de apartamento, como, aqui, o pessoal não produz?* Foi quando eu arrendei a terra, pra produzir verdura. Eu produzia sem agrotóxico. Aprendi com a japonesa a fazer umas camadas de folhas e vegetação pra terra ficar forte. Já na primeira escola de adobe, no início da minha história aqui, a gente trazia outras pessoas pra dar algum ensinamento pros educandos. Pessoas de fora do movimento, como o Marcinho, que tem um conhecimento grande,

ensinou, por exemplo, a fazer caldas pra jogar nas plantações. Mas eu não tinha feito nenhum curso, dentro do movimento.

Eu acho que a gente, como mulher que gera vida, a gente já foi colocada aqui pra gerar vida. Acho que é um respeito muito grande que a gente precisa ter com a terra, porque ela é geradora de vida. Eu acho que tem diferença no engajamento da mulher e do homem na agroecologia. Porque o homem, quando ele chega nessa consciência de vida, ele já melhorou muito. Claro que tem homens que já tem essa consciência de berço. Mas, no geral, eles querem ver o resultado rápido e é o veneno e o adubo químico que dão resultado rápido. Por quê? Eles também não têm culpa. Eles têm que trazer o sustento pra casa. Mesmo que, hoje, o sustento seja meio a meio, já que a mulher também tá trazendo. Mas ele acha que ele precisa ser o provedor. Tá dentro dele, isso. Mesmo que a mulher trabalhou, lá na roça, igual a ele, quando vende aquele produto, quando vai mostrar pra um amigo aquele roçado, o homem diz: *É a minha roça. Eu plantei.* Ele jamais fala: *A nossa roça. A minha mulher trabalha como eu, aqui. Metade disso aqui é ela quem fez. Metade do que produziu é pra ela.* Mesmo sendo a mulher que coloca água pro porco, comida, que trata da galinha, do cachorro, do gato, dos filhos, ela não é trabalhadora rural. Ele que é, em sua opinião. Então, existe essa diferença no tratar a Mãe Terra. Porque você tratando a Mãe Terra bem, tratando o meio ambiente bem, tá gerando vida e parece que não existe essa sensibilidade no homem. Ele ainda põe fogo, sendo que a gente que tem um terreno orgânico é proibido até de queimar o lixo. Eu acho que a relação da mulher e do homem com a terra é diferente.

Hoje, o meu desafio de trabalhar com agricultura familiar e com agroecologia é que não tenho mais a capacidade física e o tempo disponível, porque a gente doa muito do nosso tempo pra militar no movimento. E eu não cobro: *O prioritário é isso? Vamos fazer.* Mas eu gostaria de ficar o dia todo trabalhando na terra. Porque, como fisicamente a minha produção é pequena, se eu ficasse lá o dia todo, dava pra eu render o serviço.

Eu não sei se todo mundo é como eu. Eu penso assim: *Eu não tô aqui por acaso.* Em algum lugar deve estar escrito qual a minha função, aqui nesse planeta, que é realmente maravilhoso. Mas, pra ele ficar melhor, o ser humano tem que melhorar. O ser humano desenvolveu em tantas coisas, mas ele deixou um dos desenvolvimentos pra trás: a capacidade de amar. Então, o que me motiva a sempre recomeçar é o amor. Porque eu acho que nada, nada, nada

sobra, a não ser o amor. O amor transpassa fronteira, transpassa língua. E eu acho também que eu pertença à terra. Não é ela que me pertence. E, no dia que eu me transformar em sustento pra terra, eu também posso, como um grão de areia, um pólen, estar em outra dimensão.

O que motiva meus recomeços é que eu não quero passar essa pequena vida não tendo feito o que eu descobri que eu precisava fazer. E essa é a minha descoberta. É isso: dar exemplo de boa conduta, de boa vivência, de aprender e de ensinar, de ser mesmo alguém que está levando pro outro aquele pouco que conseguiu na bagagem. Mas não só no falar. É no exemplo mesmo de pegar uma enxada, de pegar uma foice, de pegar um martelo. Claro que, hoje, tudo já tem limitação física. Mas eu sei falar: *Olha, você faz assim que assim dá certo.*

Pra mim, nessa vida de 67 anos que eu vou completar, cada dia é uma novidade. Cada dia é um novo recomeço e o que interessa é o aqui e o agora. É esse momento em que nós estamos. Por isso que eu deixo outras coisas. O prioritário é isso aqui. Porque eu penso que tenho que deixar a minha história escrita, como qualquer companheiro meu. São histórias verdadeiras. Então, pra mim, o meu presente é esse momento e o meu passado também. Por isso, eu não tenho passado ruim e o meu futuro nunca é ruim. Eu procuro dar o melhor de mim nesse momento que eu estou vivendo.

### 5.8 O passado, o presente e o futuro

Eu tive uma recompensa muito grande. Minha sobrinha, Rosa Helena, nascida urbana, mas geneticamente rural, veio pra cá. Ela traz todo esse histórico, porque a mãe dela é nascida na roça como eu. O lado do pai dela também. O avô dela era português e criou os filhos dele sempre no meio de chácara, criando porco. Então, ela traz também algo da roça.

Rosa trabalhou 20 anos, no Estado, como professora. Mas não se sentia realizada, naquele “quadrado”. Às vezes, a pessoa quer ir além e não consegue. É aquilo que tem que trabalhar com o aluno e acabou. Ou, vamos supor, recebe um laboratório de informática, mas aquilo fica fechado e ninguém usa. Então, ela tinha essa revolta com essas coisas. Quando veio pra cá, ela começou a me ajudar com uma loja que a gente tinha em frente ao sindicato dos agricultores familiares. Lá, ela começou a conviver com as pessoas daqui.



Um dia, estava tendo um encontro, aqui, de biologia. Rosa é professora de biologia. E eu falei: *Tião, você não convidou a nossa bióloga?* Ela retrucou, dizendo que não. E Tião mandou ela ir pro acampamento se engajar: *O que você tá fazendo aqui? Pega o teu carro e vai lá pro Jatobá, se engaja lá no meio.* Ela foi. Aí, ela começou a ir pro meio da educação também. E mandaram a Rosa fazer pós em educação do campo, numa cidade aqui perto, pra acompanhar o trabalho das mulheres na produção. Nisso, ela já tá na segunda pós.

Rosa começou a se sentir realizada. A forma de dar aula, a forma de politizar as pessoas, a forma do saber, não é aquele “quadradozinho”. O que nós estamos ensinando pro pessoal da escola, aqui. Mesmo precisando seguir o que manda a Secretaria de Educação do Estado, que é o “quadradozinho”, nós vamos mostrando o outro lado pra eles.

Eu fiquei, sinceramente, muito feliz. Porque é uma companheira que é uma companheira de sangue. Então, nós precisamos formar pessoas para continuar, no momento que a gente não der mais conta. Eu faço isso por amor, eu faço porque é o meu dever, eu preciso melhorar essa sociedade. Então, quando eu vejo isso na Rosa, é algo muito gratificante pra mim.

Pensando no fato de ser mulher, eu vejo que minha mãe, apesar da época em que viveu, era uma mulher muito arrojada para o tempo dela. A única coisa que a minha mãe tinha que eu já não tenho, não sei se é personalidade ou o momento em que se vive, é o moralismo. Ela era muito moralista, a minha mãe. Mas já tinha nata a vontade e uma disponibilidade de ser uma pessoa boa, fazer o bem. Isso de cooperativismo, de cooperar com as pessoas. Tinha mesmo. Ela falava: *Não gosto de ninguém passando aperto, dificuldade perto de mim. O que eu tiver, eu divido mesmo.* Lá em casa, era assim. Tinha que compartilhar com as pessoas.

E, outra coisa, minha mãe dava um valor também muito grande às pessoas saberem ler e escrever, fazer conta. Tanto é que os quatro filhos dela, quando foram pra escola, já sabiam ler. Foi ela que nos alfabetizou. Fui pra escola com seis anos, ela pedindo, por favor, porque não aguentava mais de tanto que eu pedia pra ir pra escola. E já conhecia o alfabeto, já juntava as letras, nessa época. Porque, se era um dia de chuva, ela punha os quatro filhos na mesa, ia fazer uma boa panela de bolinho pra nós, e o mais velho ficava tomando lição dos menores pra, depois, ela corrigir.

E minha mãe sabia fazer de tudo. A minha mãe costurava, a minha mãe era parteira, a minha mãe dava injeção nas pessoas. Era ela que tirava leite das vacas. As vacas podiam ficar bravas, quando pariam. Ela enfrentava e não tinha medo. Ela só não gostava de cobra. Também trabalhava na roça. Sabia trabalhar na roça e trabalhar muito bem.

Minha mãe e meu pai tinham uma cumplicidade muito boa, embora meu pai tivesse coisas de machismo. Era uma coisa que não tinha muito, na época dela. Ai, às vezes, o meu pai saía pra alguma viagem, alguma coisa, e tinha lá, vamos supor, um carro de milho pra vender. Se aparecia comprador, minha mãe vendia e sabia vender. Quando ele chegava, ela falava: *Eu vendi aquele carro de milho. Ele perguntava: Vendeu por quanto?* Ela dizia e ele não reclamava. Falava: *Tá bom. Porque se a gente fosse esperar preço, podia ainda cair mais. Foi ótimo.* As mulheres da época da minha mãe não negociavam. Se ela tivesse também galinha, ovos pra vender, ela vendia sem permissão. A gente via muito mulheres que precisavam de permissão do marido até pra fazer uma janta pras visitas. Na minha casa, não tinha isso não. E se via que os dois eram muito companheiros um do outro. A gente via muitas situações de amor. Tipo: o meu pai não saía, sem dar uma bicotinha na minha mãe.

Minha mãe era uma mulher rezadeira de terço, benzedeira. E ela cantava os terços, cantava muito bem. Gostava muito da vida religiosa. Eu tinha um avô que era comunista. Alguém teve lá e passou as ideias comunistas, deu jornal pra ele ler e ele começou a receber jornal da foice e do martelo. E essas ideias foram tão fortes que ele começou a não gostar de igreja. Tinha uma aversão contra os padres, porque eles estavam fazendo a cabeça dos católicos dizendo que o comunismo era ruim. Ai, chegou ao cúmulo de por o nome do burrico dele de Reverendo. Minha mãe fazia novena, pra ele deixar de ser comunista.

Então, a primeira coisa que eu tenho pra falar pra jovem mulher do campo é não se subestimar, se valorizar mesmo. Ela precisa entender que é mulher, que não é uma mercadoria. E lutar pelos direitos dela, sem nunca abrir mão de ser mulher. Porque a mulher, aonde ela tiver, ela faz a diferença. Ela não pode se deixar ser subjugada, ser abafada. A gente não precisa bater de frente com o homem. É só não permitir: *Eu não permito, eu não quero fazer o que eu não gosto.* Isso é na vida íntima, isso é na vida pessoal de um casal, porque muitos homens obrigam até mesmo na intimidade: *Você tem que fazer isso que eu gosto. Não! Você tem que ter o seu valor! Eu gosto de mim. Eu vou fazer o que eu gosto, o que nós gostamos.* Assim é no vestir, assim é no

comportamento. Então, a gente tem que dar esse valor. Se não se der, vai se tornar um brinquedo.

A segunda que eu tenho pra dizer pra jovem do campo é: trabalhe. Mulher precisa se sustentar, com marido ou sem marido. Ela tem que ter essa dignidade. O que eu como, o que eu visto, o meu preservativo, o meu corpo, sou eu que sustento. Porque, mesmo se ela tem um homem pra sustentar, e se há uma separação, uma viuvez ou aquele homem só usa a mulher? Começou a aparecer um cabelo branco, uma ruga e ele não quer mais. Se ela não fez nada, não investiu nela, o que vai ser?

E estudar. Se formar. Ter formação de vida e de política. Mulher tem que estar engajada nos movimentos e estar na luta. *É difícil, porque o universo masculino não me deixa.* Mas eu, com meu jeitinho, meu sorriso, vou entrando. E com o meu conhecimento! E ter uma postura de respeito. A gente se respeitar, se dar o respeito, pra ser respeitada. Senão, vai transformar essa juventude, esse cabelo bonito, esse corpo bonito, em mercadoria. Isso não! Tem que ter divertimento, mas tudo regrado. Mas não é regrado com cerveja, com pinga, com droga. É regrado mesmo numa vida com postura. E tudo que a gente viver, viver bem dosadinho, porque acaba a moral e os bons costumes, acaba tudo e fica uma mulher aí que ninguém vai ouvir. *Fulana lá?* Não. E acho que é muito importante a mulher na luta. Muito mesmo. Ela tem que estar na luta, mesmo jovem<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Ricarda a Nícia Raies e Gabriela Silveira.





# 6

## **Dona Vera**

**Veranilta Alves Costa**

**Marina Alves Amorim**

**Mariana Sousa Lopes**



*“A vida inteira, pra mim,  
foi assim: tinha a luta,  
mas tinha a horta.”*

### 6.1 O trabalho com a terra

Eu comecei a trabalhar, quando tinha oito anos. Com oito anos, eu já trabalhava na roça com a minha mãe, lá em Coronel Murta. E foi a vida inteira trabalhando na roça: capinando, plantando, colhendo.

A gente não tinha terra. Trabalhava de meia, né? Com os fazendeiros. A gente plantava e o que a gente plantava a gente comia, além de pagar o dono da terra. Mas produzia pra consumir. A gente plantava tudo que podia plantar. A gente plantava feijão, milho, arroz, abóbora, mandioca, tudo.

Eu nasci na roça. Aprendi tudo com minha mãe. A minha mãe fazia as covas e eu ia pondo as sementes. Eu perguntava quantas sementes. Ela mandava: *três de feijão, quatro de milho*. E eu punha e tapava com o pé. Aí, mais tarde, quando a gente ia crescendo, a gente tinha uma enxadinha. A minha mãe ia capinando e a gente ia capinando também. No tempo de roçar, a minha mãe roçava e a gente juntava as madeiras e punha fogo. Chamava coivara. Quando dava arroz, a gente ia com a minha mãe colher. A gente colhia e soprava o arroz, pra gente tirar a palha. Depois, limpava no pilão, pra poder comer. A gente fazia tudo, eu e minha mãe. E, depois, a minha irmã também. A outra que mora em Porteirinha e que, hoje, manda coisas do sítio dela pra mim, pra vender em Belo Horizonte. E era assim que a gente aprendia. Desde pequena, a gente ia fazendo. Desde pequena, eu trabalhei na roça. Quando a minha mãe ia pra roça de manhã e já tinha os meus irmãos, ela deixava os negócios pra cozinhar já separado. Porque eu sou a mais velha de oito irmãos. Aí, eu fazia a comida e punha em uma vasilha. Quer dizer, naquele tempo, a gente não tinha prato. Era as cuias, né? As gamelas. E levava. Lá, a gente comia; lá, ficava o dia inteiro.

Eu trabalhei de doméstica, lá no interior também, muitos anos. Eu tinha doze anos, quando comecei a trabalhar como doméstica. (Ia pra escola, à noite. Estudei à noite. Não tive tempo de estudar, durante o dia.) Eu trabalhava na casa de um fazendeiro. Mas trabalhava na terra também, lá. Na casa do pessoal, eu também criava porco, galinha. Eles deixavam fazer isso. Porque, além de me pagar pouquinho, muitas vezes, não tinham dinheiro. Não tinha salário fixo. Tinha salário, quando dava pra pagar. Quando tinha, eles falavam: *vou te pagar tanto*. Mas, muitas vezes, não tinha. Aí, eles me deixavam ter minhas coisas na terra deles e eu ia plantando. Eu tinha horta, lá. Eu tinha roça. Eu fazia roça pra mim. Eu plantava milho, plantava feijão. Eu cuidava das coisas deles e cuidava das minhas. E o que era meu, eu podia vender livremente. Eles não queriam isso. Eu ia pra feira vender minhas coisas, pra ajudar minha mãe com esse dinheiro. Minha mãe podia ir lá e colher também. Era só meu, embora o fazendeiro me desse a semente. Quando eu saí de lá, com 23 anos, eu saí com o pouco de dinheiro que eu tinha reservado, pra vir pra Belo Horizonte. A gente não tinha poupança, mas a gente guardava.

Vim pra Belo Horizonte. Quando cheguei aqui, eu trabalhei de costureira. Fui cortadeira de roupa, muitos anos. Hoje, não sei cortar mais nada. Depois, eu trabalhei como cuidadora de idosos. E trabalhei de faxineira. Mas sempre voltando pra terra. Quando chegava em casa, eu tinha que mexer com a terra. Porque eu trabalhei com idoso com Alzheimer, muitos anos. Eu gosto muito de trabalhar com Alzheimer. Mas o Alzheimer te cansa muito. Aí, você tem que chegar em casa e ter alguma outra coisa pra fazer. Então, eu ia plantar. Toda a vida, eu plantei. Eu não sei viver sem horta, sabe? Sem horta, sem galinha. Isso, nunca! Eu não consigo comprar salsa, cebolinha, coentro. Quando cheguei aqui em Belo Horizonte, eu morava de aluguel, lá no Concórdia. Morei no Concórdia e no Bairro da Graça. Quando morava de aluguel, eu plantava em vasos. Um vaso de cebolinha, outro de salsa. Couve no balde, na lata de tinta. Sempre, o proprietário deixava plantar. Eu dava até pra ele. Eu levava pras minhas colegas cebolinha, salsinha. Quando comprei aqui no Ribeiro de Abreu, a primeira coisa que eu fiz foi plantar, entendeu?

Mas, em Belo Horizonte, até 2012, eu não vendia nada. Era pra consumo próprio e dava pros outros também. Sabe quando comecei a comercializar? Quando eu conheci a AMAU, a Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana. Havia um rapaz chamado Daniel. Ele estava fazendo pesquisa aqui no Ribeiro. E o pessoal começou a falar comigo: *Vão? Eles vão visitar*



*Dona Vera em sua horta. Crédito: Fabrício Goulart.*

*um quintal. Mas eu dizia: Ah, não. Não tenho tempo. Tô cansada. Já tenho o trabalho e tenho que mexer com a horta. Mas, um dia, o Daniel chegou aqui. Eu tinha feito 36 horas no serviço e estava numa canseira... Eu estava limpando o galinheiro. Aí, meu marido falou: Tem um rapaz e uma moça aí. Isso foi em 2010, 2011. E eu falei assim: Deixa entrar. Ele disse: Não vou deixar entrar não. Você está muito cansada. E eu disse: Não, pode deixar. O Daniel viu que tinha muita acerola. Eu fiz um suco pra ele. Ele me pediu pra tirar um retrato e eu deixei. Ele perguntou: O que você faz com os ovos? Eu respondi: Eu dou. Aí, o Daniel foi me ensinar que vendia. Ele mesmo começou a levar pra vender. Vendia no site da Rede Terra Viva<sup>1</sup>. Ele tirava as fotos das verduras. Aí, foi me ensinando como é que fazia, sabe? E eu comecei a comercializar. Hoje, eu vou pra feira. Semana passada, eu fiz três feiras.*

---

<sup>1</sup> A Rede Terra Viva surgiu em 2005, em Belo Horizonte. Trata-se de um empreendimento de economia solidária que estabelece alianças entre produtores e consumidores de produtos que respeitam a saúde, as relações humanas e o meio ambiente, como aqueles do quintal de Dona Vera.

A minha vida é a terra. Eu gosto. Se pudesse, eu tinha um sítio grande, imenso. Eu gosto de mexer com a terra. Porque mexer com a terra é um desafio, mas é gostoso. Você trabalha e você produz uma couve, você produz um feijão. Aqui, a gente colheu milho, ano passado, e, esse ano, vou plantar milho do próprio quintal, milho que eu colhi. Enquanto eu viver, eu quero mexer com a terra. Enquanto eu existir, eu vou mexer com a terra.

## 6.2 O lote e a casa

Essa terra, aqui, hoje, é minha e do meu marido. Ai, como eu cheguei aqui nesse pedaço de chão? A história é difícil...

Eu trabalhava, aqui em Belo Horizonte, em uma fábrica, e tinha que mandar dinheiro pros meus pais, todo mês. Era uma fábrica de roupa profissional e os donos eram turcos. Uma pessoa boa de você trabalhar pra ele é turco. Seu Narciso, todo dia 20, chegava pra mim e perguntava: *quanto você vai mandar?* Porque a gente pedia adiantamento, fazia vale. Ele virava: *Olha, tá aqui.* Então, me dava do bolso dele e eu mandava pros meus pais. Mesmo assim, minha mãe, era aquela choradeira. Aquela choradeira! Lá no Vale do Jequitinhonha, era muita fome. Então, eu estava doida pra comprar um lugar, pra poder trazer minha família pra cá.

Aí, pintou esse lote. Uma vizinha me avisou. Eu fui no meu patrão. Tinha seis anos que estava nesse serviço, sem férias. Falei com ele: *Eu tenho meus pais. Eu tenho que trazer eles pra Belo Horizonte. Estão passando uma fome danada, lá em Coronel Murta. Pintou um lote de dez mil. Eu queria que você acertasse comigo e com a minha irmã* – porque, lá, trabalhava eu e minha irmã. Meu patrão olhou e falou assim: *Tá. Eu vou somar, ver com o contador quanto dá e eu passo pra você. Vou te passar o dinheiro e, quando você receber lá no sindicato, você passa pra mim. Eu posso fazer isso.* Ele acertou. Foi muito bom.

Fui comprar o lote. Quando chegou lá, faltou mais seis mil. Porque tem a transferência, um tanto de coisa. Eu não tinha noção do que era comprar lote. Aí, eu liguei pra família onde eu tinha trabalhado muitos anos, lá em Coronel Murta. Tinha um menino da família morando aqui. Esse menino tinha uma loja. Falei com ele. Ele me emprestou o resto do dinheiro. Eu inteirei e paguei. Foi 16 mil e 200, naquela época. Paguei à vista.

Mas eu fiquei numa situação... Eu não tinha nada. Nada, nada, nada. Aí, entrou aquele programa do Sarney. Sarney era o Presidente. Congelou tudo. E foi aquele desespero pra construir. Uma trabalhadeira! Sempre trabalhei em dois serviços, nessa época. Um de dia e outro à noite. Já era cuidadora. Eu trabalhava em fábrica, de dia, e trabalhava de cuidadora, à noite. A gente conversava, eu e minha irmã: *Como é que faz? Como é que não faz?* Eu falei: *Eu vou construir.* Eu e a minha irmã, a gente era solteira. Então, comecei a falar que ia construir. Aí, minha colega falou: *Eu vou com você.* Aí, quem hoje é meu cunhado falou: *Eu faço procê.* Ele não era pedreiro mesmo não. Mas veio e fez três cômodos. É onde meus irmãos moram, hoje. E eu fazendo massa. Eu fiz massa, eu assentei tijolo, eu carreguei areia. Eu e minha irmã. Nós fizemos. Parte da mão de obra é nossa. E o meu cunhado levantando. Nós compramos e fizemos três cômodos. Mudamos num sábado. Minha mãe chegou, no domingo seguinte. Trouxe minha mãe e meus irmãos, e ficamos no Ribeiro.

Nessa época, eu conheci meu marido. Porque ele é irmão desse homem que me ajudou a construir. Nós casamos e construímos lá em cima, onde, hoje, tem outra horta. Só que a casa caiu. Caiu, porque a gente fez correndo. Um dia, eu cheguei e o negócio tava no chão. Foi aquele desespero! Também, o meu marido bebia... E passamos pra cá. Tinha esse espaço no lote e meu cunhado falou: *Vamos fazer do lado de lá?* Meu cunhado ajudou muito. Ele fez a casa. O grosso, foi ele que fez e gratuitamente. A gente, eu e meu marido, fazendo a massa, carregando material. Meu marido também ajudava. Aí, foi feito dois cômodos: esse quarto e essa copa. Porque, aqui, tudo é emendado. Depois, foi fazendo. Veio aquele banheiro e o quarto da minha filha, primeiro. Depois, a cozinha. Tudo, aqui, tem suor meu. Primeiro, vem Deus; depois, o suor do trabalho.

Felizmente, tinha a horta. Pra me livrar do desgaste, eu cuidava da horta. Porque a terra te livra daquele peso. A vida inteira, pra mim, foi assim: tinha a luta, mas tinha a horta.



### 6.3 O dia a dia

Eu levanto às seis horas. Às cinco horas e quarenta, seis horas. Quando levanto, o marido, sempre, já fez o café. Ele levanta antes. Aí, faz o dele e o nosso, meu e da minha filha.

Depois do café, tomo um banho e vou levar o menino na escolinha. Eu só levo, porque o joelho está muito desgastado e dói muito. O meu sobrinho é que busca. De lá da escolinha, eu faço fisioterapia. Antes de sair, às vezes, dou uma olhada na horta.

O meu marido vai lá em cima pra molhar e eu molho a horta de cá. Ou ele molha a de cá e eu molho a de lá. Se tem alguma coisa pra fazer, eu faço. Tem que limpar a horta, eu limpo, capino. Tem que pôr esterco, eu ponho. Isso aí, o meu marido não faz. Ele só capina algumas coisas e faz os canteiros. Mexer, eu que mexo. Eu ponho esterco, eu ponho biofertilizante. A colher, na sexta-feira, pra levar pra feira de sábado, meu marido ajuda. Ele arruma o feijão, ele pega os negócios. Mas o resto, o dia a dia da horta sou eu. E as feiras também.

Eu faço o almoço, sabe? Na verdade, sempre faço janta e deixo pro almoço. Porque a minha filha trabalha e sai de manhã cedo pro serviço. De lá, ela vai pra faculdade. Eu faço janta, porque tiro a marmita dela. Faço uma marmitinha pra minha filha comer e deixo pra nós almoçarmos.

Já estou aposentada. Aposentei, em 2012. Mas eu parei de trabalhar mesmo, tem uns dois meses só. Porque aposentei e continuei trabalhando. De uns dois meses pra cá, é que eu parei. Falei: *Ah, não! Já está doendo demais! A coluna está doendo. Não vou pegar peso mais não. Ah, não! Não vou mexer mais não!* Porque o idoso, você tem que ter força pra pegar, carregar, e eu já não estou tendo, sabe? Eu trabalhei com uma senhora muito pesada, durante sete anos, e isso acabou com a minha coluna. Agora, é só a horta mesmo, e ela está me dando o que dá pra inteirar a minha aposentadoria. Mais o serviço de casa, porque eu faço tudo. Lavo, passo. Limpo, cozinho, tudo. Até as vasilhas, sou eu que lavo.

Meu marido aposentou primeiro do que eu. Já tem uns quinze anos ou mais. Porque ele se aposentou por invalidez. Tem um problema de coração. Meu marido ajuda a mexer na horta, cuida das galinhas, trata dos cachorros. Isso é por conta dele.

## 6.4 A feira

Eu gosto de ir pra feira! Amo ir pra lá! É uma terapia. Lá, todo mundo me chama de Dona Vera, porque sou a mais velha. Meu irmão me leva pra feira, no sábado cedo, e, depois, ele me busca. Eu sou responsável por abrir a casa onde acontece a feira e arrumar as mesas que a gente usa.

Eu tenho umas colegas de feira que me ensinam muita coisa, sabe? Outro dia, uma menina que vende massa de macarrão, ela falou: *Aí, Dona Vera, você faz uma massa de tomate. Não deixa perder não, faz a massa de tomate.* Porque, às vezes, a minha irmã produz muito tomatinho e até perde. Eu não sou muito criativa não. Essa moça foi explicando: *Você faz assim; você bate o tomate, você coa, você põe uma cenoura.* Aí, eu fiz e levei. E ela disse: *É assim mesmo. Ficou ótimo!* Eu vendi quatro vidros e a colega vendeu seis vidros pra mim. Então, cada um vai dando uma ideia, sabe? Eu faço biscoito de polvilho e levo pra feira. Eu dou pra colega experimentar e ela fala: *Faltou isso. A Senhora tem que melhorar nesse ponto.* E é assim.

Tem outro rapaz, o Airton. Eu falo que é meu filho de classe média. Na feira da UFMG, ele falou: *Vamos, Dona Vera?* E eu falei: *Ah, Airton, eu não vou não. Como é que eu vou voltar? Porque é meu irmão que me leva. Eu tenho carro, mas não sei dirigir e não tenho motorista pra esse dia.* O Airton falou: *Não, eu levo a Senhora.* A gente foi pra feira e foi ótimo. Na feira de sábado, nós dois vendemos as mesmas coisas: alface, couve, espinafre, ovos. Se ele tem muitos ovos, por exemplo, como eu já tenho cliente que quer só o meu, eu vendo um bocado dele. Agora, dia quatro, a menina queria 20 frangos caipira. Eu não tenho isso tudo, porque eu sou urbana. O Airton tem sítio, fazenda. Ele tem muito frango. Eu peguei o telefone e falei, reforçando: *Oh, você vai trazer limpinho e não vai fazer sujeira não, né, meu filho?* Ele trouxe e perguntou: *Está bom?* Então, nós dois somos assim. É parceria. E, como eu gosto de mexer com a terra, o Airton fala que vai me levar lá na fazenda dele.

A feira fixa da Rede Terra Viva é uma vez por semana, no sábado cedo, no Floresta<sup>2</sup>. Mas tem outras feiras que aparecem e eu vou. Semana passada, foram três. Tem uma cliente minha que vai à feira de sábado já há muito tempo. Ela falou: *Dona Vera, eu falo da Senhora, todo mundo quer comprar*

<sup>2</sup> Quando a entrevista foi realizada, a feira da Rede Terra Viva funcionava no Espaço Suricato, na Rua Souza Bastos, no Bairro Floresta, que fica próximo ao Centro de Belo Horizonte. Todavia, no momento em que discutimos a primeira versão do capítulo com a Dona Vera, a feira estava em vias de se mudar para um espaço próprio, em que deveria passar a funcionar todos os dias.

*e não tem tempo de vir aqui. A gente vai fazer uma feira. Você não quer ir? E eu fui. Foi ótimo. Pagava 15 reais, nessa, pra vender. Está bom. Na UFMG, fizeram uma feira agora, na Semana do Conhecimento, e convidaram a gente. Aí, eu não ia, mas o Airton deu um jeito e eu fui também, como contei. Foi bom pra nós dois. Um pouco mais pra trás, na Associação de Planos de Saúde, uma mocinha me convidou pra levar meus produtos e eu fui. Pensei: Eu vou de ônibus, porque não sei como é que é lá. Levei quatro sacolas. A minha irmã tava aqui e foi me ajudar. A minha irmã, quando chegou lá, falou: Você não vai vender nada, aqui. O que você veio fazer aqui? Eu falei como ela: E se não vender? Não tem problema nenhum. Pego o ônibus e volto. Pode ir embora. Mas, lá, tinha médico, tinha oncologista, tinha psicólogo, tinha nutricionista. Era pra falar sobre câncer de mama e eu nem sabia. Um moço chegou, foi logo perguntando se podia experimentar e foi comendo. Eu deixei. Pegou umas folhas, comeu e levou uma caponata de umbigo de bananeira. Na hora da palestra, o médico disse: A verdura dela é excelente! Está tudo muito bom. E é bom contra o câncer. Primeiro, foi o oncologista que falou isso. Depois, a nutricionista; depois, a psicóloga. Era muita gente da terceira idade. Compraram tudo. Vendi tudo. Tudo, tudo, tudo! Minha irmã me ligou, desesperada, achando que eu não tinha vendido nada, querendo saber como é que eu ia fazer pra voltar. Eu falei: Pode deixar. Já estou voltando. Não tem nada mais. Vendi tudo. A moça de lá disse que vai ter outro encontro desse, agora em novembro, e que vai me convidar. Perguntou: Você vem? Eu respondi: Vou. Então, tem uma feira fixa por semana, a da Rede Terra Viva, e sempre aparece outras. Isso, o ano inteiro.*

Tem época que a gente produz muita coisa. A horta é assim. D'agora de novembro até fevereiro ou março, a gente vende muito bem, porque cai muito a produção. Então, o preço é bom. Agora, dá mais quiabo, vem mais maxixe do sítio da minha irmã. Depois, tem o milho. De junho até agosto, sai muito feijão andu.

Eu levo variado. Eu levo tudo que tiver. E tudo que a minha irmã manda. Vem de ônibus, vem de Porteirinha. Eu pego, lá na Rua Guaicurus, preparo e levo. Também levo os produtos dos produtores daqui do Ribeiro. Eu levo do Seu Arlindo, que mora na rua de cima. Levo ovos, levo jabuticaba. Ele também trabalhou com a AMAU. Eu levo da Júlia. Eu levo da Aparecidinha, que mora lá atrás. Eu levo da Cesária, que mora aqui embaixo. A Cesária liga: *Oh, Vera, eu tenho manga pra vender. Você leva?* Eu levo. *Vera, tem uma dúzia de ovos. Você leva?* Eu levo. *Vera, tem cinco molhos de couve. Você leva pra mim?* Eu

levo. *Vera, tem ora pro nobis. Leva?* Eu levo. Então, eu combino com a Cesária e ela manda isso, isso e isso. *Aí, eu levo babosa do Seu Arlindo. Levo jabuticaba, a maria gondó, os ovos. E eu escrevo o que é de cada um. Aparecida, a minha irmã: farinha, polvilho, feijão, manteiga de garrafa, óleo de pequi. Eu tenho um caderno e vou anotando. Seu Arlindo: duas dúzias e meia de ovos, 20 pacotes de jabuticaba, duas maria gondó, não sei quantas folhas de babosa. A Júlia já manda o papel dela. Cesária: tantas mangas, tantas bananas, tanto isso. Aí, quando eu chego, que eu recebi, eu tiro o que é do Seu Arlindo, o que é da Cesária, da minha irmã, meu, da Júlia. Cada um tem o seu pacotinho de dinheiro, sabe? Aí, eu passo os pacotinhos amarrados com o dinheiro pros donos. Eu ponho tudo em pacotinhos e vou entregar.*

Os produtos meus que eu vendo é tudo que dá no meu quintal. Na horta, eu produzo alface, couve, espinafre, salsa, coentro, bertalha, *ora pro nobis*, quiabo. Milho, quando dá; feijão, quando eu planto. Tudo que dá no quintal. Ovos, galinha. Esses produtos, eles servem pro meu consumo e eu vendo nas feiras.

Na feira, a gente troca coisas, mas é pouco. Tem um produtor lá, o Carlão, que vende queijo parmesão. Ele vai só uma vez por mês. E ele é assim: o que não vende, troca. Chega, no final, o Carlão barganha. *O que você ainda tem aí, Verinha?* Ele me chama de Verinha. *Deixa eu ver? Eu quero farinha. Eu quero essa abóbora.* Aí, eu troco por pedaços de queijo. Então, esse tipo de troca a gente faz, sabe? Mas a única pessoa que gosta de trocar, lá, é o Carlão. O restante gosta de vender.

Aqui no Ribeiro de Abreu, a Júlia até que tem uma clientela, lá embaixo do bairro. Mas o pessoal gosta de comprar é 50 centavos de cebolinha ainda, um real de couve. Eles gostam é de ganhar, na verdade. Então, eu até pus uma plaquinha, mas o meu marido foi lá e tirou. Porque um cara chegou e queria couve. O preço era dois reais o molho, e o cara estava achando caro. Meu marido pegou dez folhas por dois reais. Ele queria mais. Meu marido falou: *Não. A gente põe é oito folhas. Eu já pus dez pra você.* O cara começou a achar ruim. Meu marido foi lá, pegou mais duas folhas e deu pro cara. Aqui, é muito difícil de vender. Porque, lá na feira, é três reais o molho e o pessoal não reclama. O pessoal gosta de verdura boa e paga o preço. Tem uma menina, uma cliente, que até me emprestou um livro. Tudo que é verdura não convencional, essa menina compra na minha mão. Ela leva tiririca, ela leva bertalha, ela leva azedinha, ela leva trançagem. Pra fazer suco verde, sabe? Tudo que tem, essa menina leva. A vinagreira. E ela leva sem reclamar.

Eu vendo tudo por três reais. Aqui no Ribeiro, não. O pessoal é muito difícil. Consome, assim, um real de couve, um real de cebolinha, cinquenta centavos de cebolinha. Fica pedindo: *Você me dá um pouco de hortelã?* Sempre pedem. Fala assim: *Aí, eu estava querendo umas folhas de couve...* É difícil vender, no bairro.

Com o meu dinheiro da feira, eu pago a água. O telefone, que é caro, e a luz, que também é cara, daqui de casa. E o negócio da televisão, a TV à cabo, que eu quase não assisto, mas eu divido. Eu, meu marido e minha filha pagamos. E eu tô fazendo uma reserva pra pagar o seguro do carro. Eu vou pagar também com o dinheiro da horta, se Deus quiser. Eu paguei, no ano passado, e eu vou pagar de novo, esse ano. O IPTU, eu também pago com o dinheiro da horta. Eu vou colocando tudo em um cofrinho. Quando chega no final do ano, eu abro. Rende! Eu paguei 600 reais de IPTU à vista e paguei 970 reais de IPVA com esse dinheiro.

Semente, eu mesma produzo. Eu compro alguma semente, alguém me dá. Mas a maioria das minhas sementes, sou eu mesma que produz. Ferramenta, é pouca coisa. Eu tenho uma enxada, uma pazinha, um enxadãozinho. Uma das enxadas, a REDE<sup>3</sup> me deu. A Laura chegou aqui e me deu uma enxadinha. Depois, eu precisava de outra e eu comprei. A enxada grande, foi a REDE que deu também. Mas a gente quase não usa ela. Eu uso as duas enxadinhas, o enxadãozinho e a pazinha. E a minha mão e o meu pé, claro. O biofertilizante, eu faço de folhas. Eu faço o chorume das minhocas também. Eu fiz o curso do minhocário com a REDE. Ganhei o curso. Então, o gasto com a horta é só praticamente com água e esterco. E eu pago com o dinheiro da horta mesmo.

Eu tenho minha aposentadoria e a horta. A aposentadoria é a prestação do carro que eu pago. Viver, eu vivo com o dinheiro da feira, graças à Deus.

## 6.5 A agroecologia

Eu conheci a agroecologia, através da Rede de Intercâmbio.

É verdade, lá em Coronel Murta, a gente não punha nada e dava o que Deus quisesse. A gente não punha nada; a gente nunca bateu veneno. Agora, lá, deve bater. Mas, na época que eu era criança, não batia nada. Aí, por exemplo, o mamão dava do jeito que ele podia. A batata, a mandioca. Lá em Coronel

<sup>3</sup> A REDE ou a Rede de Intercâmbio a qual Dona Vera faz referência nesse parágrafo e mais adiante é a Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas. Trata-se de uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, datada de 1986, voltada para o fortalecimento da agroecologia e da agricultura urbana.



Murta, não dava folha. Eu vim a aprender a comer folha, aqui em Belo Horizonte. Dava quiabo, mamão, mandioca, batata doce, raízes, abóbora. É isso que dava, e a gente comia isso. (Porque, em Coronel Murta, era muita miséria. Depois do PT<sup>4</sup>, não. Melhorou muito, melhorou demais! Eu voltei lá, depois de 20 anos.) Então, assim, cortava o mamão verde e a gente comia com canjiquinha, com o que tivesse, com aquilo que a gente produzisse. Eu não como o mamão maduro, como verde, porque é como a minha mãe fazia... E nada tinha veneno, mas isso não era uma técnica.

A técnica, isso de não pôr veneno, eu vim a aprender com a REDE. Foi um curso. Eles deram um curso. Primeiro, foi o Daniel, o agrônomo. Conheci ele, aqui em casa, como contei. E, aí, vieram os intercâmbios que o Daniel fazia. E teve curso: curso de horta pra gente, curso de biofertilizante. A REDE dá vários cursos. Eu participo da REDE. Tem os encontros, eu vou. Tem intercâmbio, eu vou. Fiz curso, lá no Rio de Janeiro, duas vezes. Eu fui duas vezes ao Rio com a REDE. Eu fiz curso, em Viçosa. Eu e a Marli. Então, sempre tem. Eles convidam e eu vou.

Eu conheço vários produtores. Lá no Rio, eu conheci produtores urbanos. Em Viçosa, eu conheci vários agricultores. Aqui, eu conheço vários agricultores. E a gente faz intercâmbio. A gente vai em várias outras hortas. A gente troca conhecimento, a gente troca muda, a gente troca semente, a gente troca tudo que é possível trocar. Já dei muita semente. Eu doo semente. Eu não gosto de vender semente não. Semente, eu gosto é de dar. É muito bom, é muito rico, esses encontros.

Então, foi assim que eu fui aprendendo a plantar sem veneno, a plantar agroecológico. Na agroecologia, eu tenho que batalhar pra ter uma verdura saudável, sem veneno. E eu acho importante trabalhar com a terra e voltar pra ela o que ela me dá. A terra me dá uma alimentação saudável e eu trabalho nela sem venenos, de uma maneira que não a agrida. Isso faz sentido e é muito prazeroso.

---

4 Dona Vera faz referência aos anos em que o Brasil foi governado pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ou seja, o período que se estende de 2003 a 2016.

## 6.6 O incentivo para a agricultura urbana

Na agricultura urbana, uma das dificuldades é a água. O Daniel, aquele de quem já falei, uma época, queria até que a gente conseguisse um desconto na conta de água. É muito caro.

Na verdade, a parte financeira é um problema. Porque a gente não tem nenhuma ajuda, nenhum incentivo. Você tem que comprar esterco, por exemplo. Eu tenho que comprar. Eu tenho que pagar quem busca. Eu tenho que saber como é que o gado é tratado. Então, é um desafio muito grande pra gente.

A gente não tem incentivo nenhum. Nenhum, nenhum! Incentivo nenhum. A gente não tem parceria nenhuma com a Prefeitura. E eu acho que a Prefeitura tinha que ajudar. Uma vez, veio o Jornal O Tempo, aqui, através da REDE. O cara ficou surpreso: *Como você cuida dessa horta sem nenhum incentivo?* Nós não temos incentivo de ninguém. Você não tem ajuda. O agricultor familiar, por exemplo, ele ainda consegue alguma coisa, algum empréstimo diferenciado. Nós, os agricultores urbanos, não, porque nós não somos reconhecidos como agricultores. É só a ajuda de Deus e mais nada. A ajuda de Deus e o nosso trabalho.

O meu quintal, eu acho assim, a terra já está precisando de plantar outras coisas. Porque você tem que mudar a plantação. Eu fico, aqui, pensando: *Lá em cima, eu tenho que tirar uma terra.* Tirei um tanto de terra, mas falta verba para tirar o resto. Esse ano, eu ainda não vou conseguir cercar o lote. Tem que cercar, pra bicho não entrar, mas é caro isso. Eu preciso, mas só Deus sabe a hora. A gente que mexe com a terra, a gente depende de Deus pra tudo. Depende dele pra chuva, por exemplo. Agora, está ruim, porque o sol demais queima as plantas. Lá em cima, o sol está queimando as folhas do pé de abacate. Na hora certa, Deus vai mandar chuva e não vai queimar. Amanhã, vai chover e vai dar certo.

A REDE já me apoiou. Eu estou na Feira da Terra Viva, através da REDE e da AMAU. (Inclusive, lá na feira de sábado, paga quinze reais pra vender, mas eu pago só doze e cinquenta, porque eu sou da AMAU. Nessa feira, somos quatro da AMAU: a Marília, a Tantineira, o Antônio e eu.) Em 2012, a REDE deu uma força grande pra gente. Ela oferecia esterco. O Daniel vinha; ele ajudava a gente e tal. Mas, esse ano, por exemplo, a REDE não veio ainda aqui em casa. Quer dizer, veio, na última quinta, porque vocês vinham aqui me entrevistar pra pesquisa.

É que estão com outros projetos, no interior, no Leste de Minas. Projetos de agricultura familiar. Mas o movimento, aqui no Ribeiro, está pouco. Eu acho que, no bairro, vão mais na horta da Júlia, que é uma horta comunitária. Desde o ano passado, não estão vindo aqui em casa, não estão me dando assistência não. Assim, teve o *Deixem o Onça Beber Água Limpa*<sup>5</sup> e a Lorena veio aqui, pegar meus produtos pra vender lá, porque eu tava indo pra feira nesse dia. Aí, ela passou, numa sexta. Essa semana, tinham que fazer um almoço, Lorena veio e comprou meu tempero. Mas não é de vir aqui em casa. Desde o ano passado, que não têm me dado assistência nenhuma. Assistência mesmo deles, eu tive em 2012. De vir aqui, de ajudar a fazer os canteiros, de ajudar a limpar os canteiros. E a gente ia em outras hortas também ajudar. Era muito assim, era uma troca.

Na AMAU, eu participo da feira. Eu participo dos encontros da AMAU. Sempre que tem reunião na AMAU, eu participo. As formações de agroecologia que eu fiz foram pela AMAU. Quando a gente vai pra longe, por exemplo, pra Viçosa, nós ficamos em alojamento, mas as passagens são pagas pela AMAU, né? No Rio, eu fui duas vezes. Na primeira, nós ficamos na casa de freiras, de irmãs, no Bairro de Santa Tereza. Ficamos uma semana em formação. Na outra vez, a gente ficou num hotel. Tudo custeado por eles, inclusive, a alimentação. Então, o custeio disso tudo foi pela AMAU. Nesse sentido, a AMAU me ajudou muito. E foi a AMAU que me ensinou a vender, porque eu não vendia. Hoje, é uma renda pra mim. É um movimento muito bom de agricultores. Ele me levou pra feira. Na feira, eu conheci outras pessoas, que me levam pra outras feiras. Eu pude mostrar meus produtos. Então, assim, foi muito importante conhecer a AMAU.

Minha vontade era ter um sítio cheio de plantação. Nossa! Era tudo o que eu queria! Meu sonho! Mas não tenho, e não posso ter. Então, pelo menos o meu lote fechado, isso eu queria ter. Murar o lote, pra plantar sem risco de bicho entrar e estragar os canteiros. Também queria captar água de chuva e ter transporte pra levar os produtos pra feira. Só isso. Acho que o resto já tá bom. Oh, menina, é tão difícil! Porque eu nunca consegui apoio nenhum. Se eu conseguisse, então, um apoio financeiro, pra, pelo menos, murar o lote e tirar o resto da terra que precisa, acho que seria excelente, sabe? O resto não precisava não. Eu ia cuidando. É incrível, mas, como agricultora urbana, eu não consigo isso!

---

5 O evento *Deixem o Onça Beber Água Limpa*, do Projeto Manuelzão da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem como objetivo alertar a sociedade sobre a situação da região do baixo Onça e incentivar a criação de ações para a requalificação socioambiental do local.

## 6.7 A vida das mulheres

A vida das mulheres mudou muito. Porque a vida da minha mãe foi um inferno, uma miséria. Minha mãe morreu surda de tanto o meu pai bater. E minha mãe sustentou a gente a vida inteira, porque meu pai não era um homem trabalhador.

Meu casamento também foi um fracasso. Deu uma melhorada, depois que o meu marido adoeceu. Hoje, ele não bebe. Hoje, ele é uma pessoa doente. Mas, no início do meu casamento, foi a vida da minha mãe. Mas é preciso dizer que ele nunca me agrediu.

Quanto a minha filha, é totalmente diferente. Ela tem a vida dela. Ela estuda, ela trabalha. Ela é independente. Está fazendo o curso superior, né? Faz o que gosta. Detesta mexer com doente. Faz engenharia. Melhorou demais pra mulher, hoje. Está totalmente diferente!

Agora, minha filha não mexe na horta. Ela gosta das coisas da horta; ela não gosta de comer nada com produto químico; ela não come ovos brancos. Mas cuidar, ela não cuida. Eu não incentivei, eu acho. E ela também nunca teve tempo. Sempre trabalhou e estudou. A minha filha também começou a trabalhar muito cedo. Então, não dá tempo. Ela sai sete horas da manhã e retorna meia noite. Volta no último ônibus. Não dá tempo.

O que não mudou na vida das mulheres? É, muita coisa também não mudou... A mulher do passado era muito acomodada. Igual eu. Apesar de que eu melhorei um pouco. Mas os homens ainda não valorizam a gente. Valorizam pouco. Tem muito homem que não valoriza. É um matando por amor, outro matando por não sei o quê. E a verdade é que a mulher do campo, a mulher que mexe com roça, ela sempre trabalha mais do que o homem. Sempre, é ela que luta, é ela que quer. Isso não mudou. Também é a mulher, ainda, que faz o trabalho da casa. Tem muita coisa que só a mulher faz em casa.

Pra jovem de hoje, mudou. Mas pra mulher que quis estudar. Porque, para essas meninas que não estudam, não mudou muita coisa não. Pra quem estuda é que a vida mudou. São independentes e sabem lidar com o parceiro. Eu trabalhei, fazendo faxina. Muita família de classe média, hoje, não tem empregada. O homem cozinha e lava a roupa. A mulher lava vasilha e olha o neném. Têm uma pessoa uma vez por semana para a faxina. Então, melhorou



muito pra mulher de hoje. Para nós do passado, era difícil. Hoje, melhorou muito. Na classe pobre é que a mulher ficou muito parada. Essas meninas ganham filho cedo, não estudam. Ficaram paradas no tempo. Eu acho que a gente tinha que se valorizar mais.

Homem acha que em tudo ele manda. E é aquele negócio, aquela bobagem. O homem vê uma mulher de short curto e parece que não está acostumado. A mulher está no ônibus, se não tomar cuidado, tem besta que abusa. Eu trabalhei com idoso e parece que o sexo não sai da cabeça. Um senhor com 92 anos. Ele não lembra de mais nada. Aí, você chega pra dar um banho e ele tenta levar a mão em você. Então, parece que é costume, não sei. Homem não cai na real não. Isso não mudou.

Da vida da minha mãe pra mim, teve melhora. Minha mãe, coitada! Nossa Senhora! A minha família é toda desestruturada porque a minha mãe apanhava, a minha mãe bebia, a minha mãe fumava. (Meu marido bebia, mas eu não bebo. Aqui em casa, não entra bebida. A minha filha não bebe e eu não bebo. Eu não fumo também.) Então, a família era toda desestruturada. Eu vi meu pai bater na minha mãe por qualquer coisa e bater na gente por qualquer coisa. Ele falava palavrões. Era horrível, menina. A minha vida foi horrível. A gente chegava, a minha mãe fazia a comida e o meu pai não deixava a gente comer. Nossa, horrível... Meu pai obrigava a minha mãe a ficar com ele sem querer. Eu falo, assim, que a minha mãe me fez e fez meus irmãos tudo sem querer, tudo com raiva, por isso que é tudo assim. Eu tenho três irmãos que não trabalham. A gente é que sustenta. É uma família desestruturada, sem estrutura nenhuma.

Eu espero que as mulheres lutem por elas. Espero que gostem delas. Porque eu acho que, se a mulher gostar dela mesma, ela vai se valorizar muito. Hoje, eu acho que a mulher esquece um pouco de si ainda. São poucas as mulheres que se valorizam, né? E espero que não desistam da terra nunca. Porque, sem ela, nós não somos nada. A gente precisa da terra pra tudo. Se a gente deixar de produzir, como vamos nos alimentar? Aí, vai ser só os grandão, lá em Goiás, naquelas fazendas lindas. O homem diz que produz tanto de soja, mas é tudo cheio de química. A mulher agricultora, ela não pode desistir. E tem que lutar pela agroecologia. Porque, se o Governo valorizar a gente que trabalha com a agroecologia, o Brasil vai mudar, porque vai ter mais jovem saudável. Nós temos que trabalhar isso, tratar a terra do jeito que ela merece<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Dona Vera a Marina Amorim e Mariana Lopes.





*Horta de Dona Vera. Crédito: Fabrício Goulart.*





# **Elaine 7**

**Elaine de Souza Martins Ahnert**

**Fabiola Paulino da Silva**

**Luisa Silva Guimarães**

## *“Com a nossa luta, a gente pode mudar a nossa comunidade!”*

### **7.1 O trabalho: a roça, o serviço doméstico e a faxina**

Olha, eu trabalho desde pequena. Eu acho que, com uns 12 anos, eu já trabalhava. Eu estudava em Aimorés, mas a escola era à tarde. Aí, na parte da manhã, eu ajudava meu pai na roça. Ele plantava milho, feijão. Quando tirava o milho, plantava o feijão. E, depois, plantou café. Eu, aquele toquinho, ia com meu pai! Porque eu sou pequenininha, né?! Era aquele toquinho, atrás dele, ajudando a capinar! Então, tudo o que ele ia fazer, eu estava junto, ajudando, desde os 12 anos. A minha irmã não era de ir pra roça. Ela gostava mais de cuidar da casa. Era muito difícil minha irmã ir. Ela não gostava de ir pra roça, de jeito nenhum! Mas minha mãe e eu íamos pra roça.

Eu trabalhei, além da plantação, com faxina. Logo depois que eu parei de estudar à tarde em Aimorés, eu comecei a estudar à noite em Itueta. Fiz o primeiro ano do ensino médio, à noite, em Itueta. E aí, durante o dia, eu fazia faxina. Eu estava com 15 anos, nessa época, e já trabalhava na casa dos outros. Quando não estava capinando ou fazendo alguma coisa mais meu pai, eu estava fazendo faxina na casa de alguém. Sempre arrumando um jeitinho de ganhar um dinheirinho!

Casei com 19 anos e continuei trabalhando. Logo que eu casei, eu ajudava a minha sogra a fazer farinha, como o terreno do meu marido ainda não estava no nome dele, porque a terra do pai dele não estava partida ainda, isto é, era só do pai dele. Nós plantávamos mandioca, capinávamos e, depois, fazíamos farinha.

E teve um período também, antes da construção da Barragem de Aimorés, que eu e meu marido trabalhamos para um homem que plantava inhame, ali na beira do rio. A gente capinava. Na época de cortar, cortava. Na época de arrancar, arrancava. Então, tudo o que tinha que fazer, a gente fazia. Aí, geralmente, o trabalho da casa ficava pra noite, depois que eu chegava, ou para o final de semana – no sábado, eu fazia. E isso, eu fazia sozinha.

Depois que o meu sogro faleceu e a minha sogra entregou a terra para os filhos, eu passei a ajudar meu marido. Nós começamos a plantar. Plantava milho. Aí, quando colhia o milho, plantava feijão. Depois, nós concluímos que não estava dando certo. Estava muito seco, estava faltando água. Por isso, não estava dando certo. Algumas pessoas falaram com meu marido: Planta o café, porque vai ser melhor! Ele resolveu e começamos a plantar café. Agora, eu trabalho no café, eu ajudo. Capinamos, quando tem que capinar. A gente desbrota. Apanha o café, seca. É mais nisso mesmo que trabalhamos, hoje. É mais no café e na horta que a gente tem.

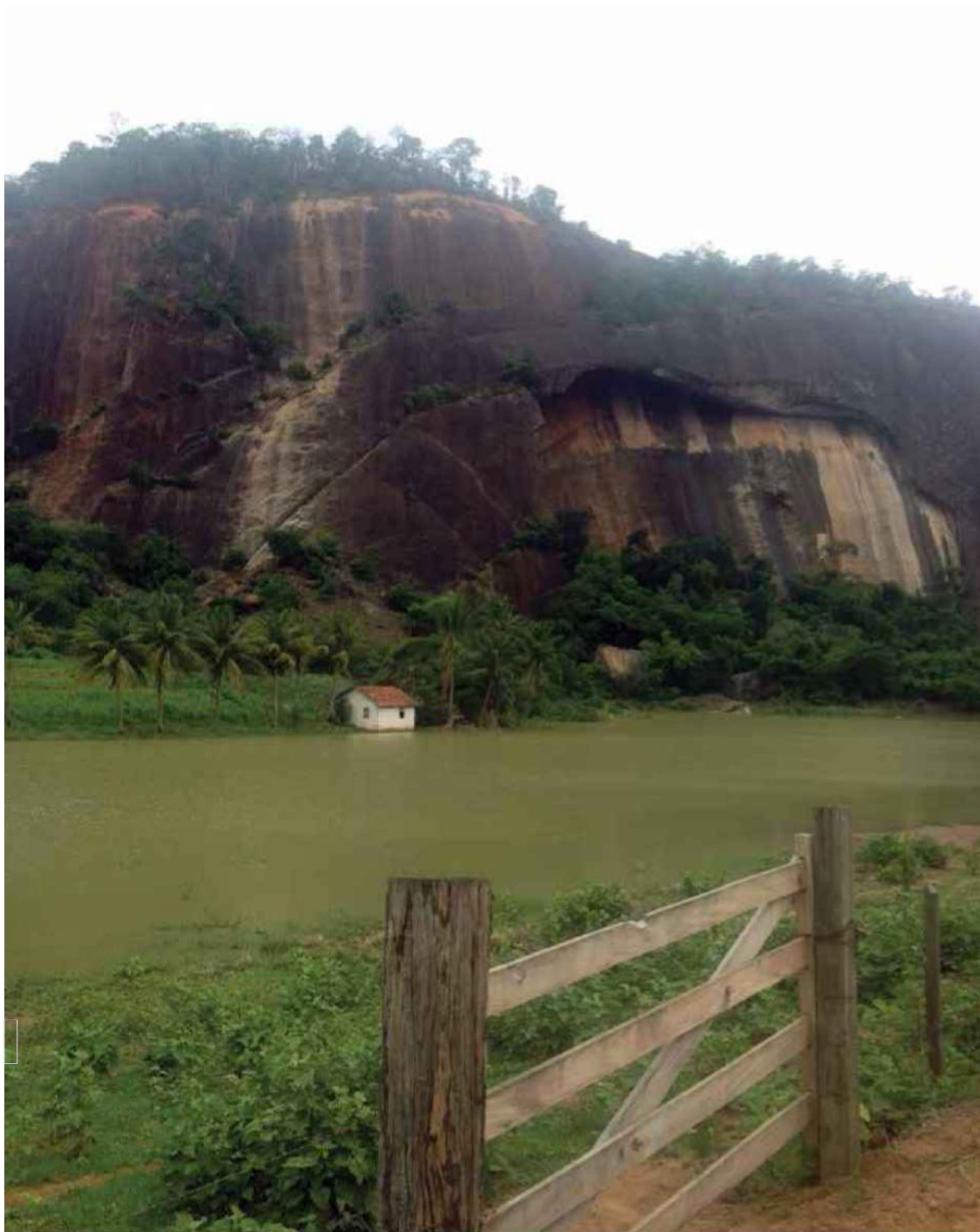
A gente trabalhava também, lá na beira do rio, antes da barragem chegar. Depois que a água tomou conta, nós perdemos esse serviço. Não tinha como trabalhar lá, mais. Aí, eu fiquei mais foi em casa mesmo, cuidando do café, cuidando da horta e cuidando da casa. Quer dizer, dava uma faxina ou outra também.

A minha rotina era sair, durante a semana, pra trabalhar lá embaixo com o inhame, antes da chegada da barragem, e, no final de semana, fazer o serviço de casa. Depois da barragem, não tinha como sair pra trabalhar com o inhame mais. Então, eu tive que trabalhar em casa de família, fazendo faxina para os outros. Eu continuei trabalhando fora, porque, quando a gente acostuma com o dinheiro da gente, a gente quer continuar com aquela independência. Aí, eu fazia faxina. Não achava faxina pra todos os dias. Era só de vez em quando, de 15 em 15 dias. Então, nos outros dias, trabalhava em casa mesmo, ajudando. Capinava, roçava, plantava, essas coisas, além de cuidar da horta e da casa.

## 7.2 A terra em que vive e o dia a dia

Eu morava no Córrego do Chapéu com os meus pais. Aí, depois que eu casei, eu vim pra cá, pro Córrego Jequitibá. Primeiro, a gente morava na terra da tia do meu esposo, logo ali do lado. E, como não tinha lugar pra trabalhar, nós mudamos pra outro lugar; fomos ser meeiros no Córrego Bicuiba. Ficamos lá, durante quatro anos. Durante esses quatro anos, a gente passava por dificuldades no dia a dia, mas ia juntando um dinheirinho todo mês, pra conseguir construir essa casa nossa aqui. Porque, antes do meu sogro falecer, ele pediu pro meu esposo fazer a casa aqui, pra ajudar ele na roça. Aí, nós começamos a construir, aqui. Infelizmente, antes da gente terminar, o meu sogro faleceu. Tivemos até que vir pra cá mais depressa, pra ficar com a minha sogra. Mas foi assim que eu vim pra cá, pro Córrego Jequitibá.





*Pedra da Oca, Estrada da Lagoa, Itueta/MG. Crédito: Luisa Silva Guimarães.*

Agora, a gente mora na nossa casa mesmo. Mas ainda não temos o documento da terra. É porque a minha sogra não fez o inventário ainda. Ela tá começando. Diz ela que, em janeiro, vai começar. Porque fica bem pesado, pagar o inventário, né? O gasto fica em torno de seis, sete mil reais. Pra quem só é aposentado, fica difícil pagar. E os filhos também não tem condição de ajudar. No caso, é ela sozinha que vai bancar. Ano que vem, no início do ano, minha sogra pretende fazer. Ela está juntando dinheiro e, diz ela, ano que vem ela vai fazer o inventário e vai passar pros filhos. Mas ela já chamou o agrimensor e já partiu a terra. Cada um dos filhos já sabe o local que é seu, já trabalha em cima do que é seu. Ela só não passou o documento da terra pros filhos ainda.

Eu tenho que conciliar casa, reuniões, tudo. A gente não pode deixar a casa. Então, trabalhar mesmo na roça, assim, na capina, hoje, é muito difícil eu ter tempo pra isso. Porque eu tenho que viajar muito, tenho que ir para as reuniões. Tenho que cuidar também do grupo de base, das reuniões dos grupos de base. Dos outros grupos de base em Resplendor e Aimorés também. Tenho que dar assistência. Então, sempre que precisam de mim, eu saio e vou para as reuniões. No tempo que me sobra, eu cuido da minha casa e, quando dá, trabalho na roça.

O dia a dia do meu marido não é direto no mesmo serviço. Ele tem que fazer várias coisas. Ele tem que trabalhar em casa, mas também tem que sair pra trabalhar pra sustentar a casa, porque só o que a gente faz aqui na terra não dá. E meu marido faz várias coisas. Ele roça, capina. Ele é pedreiro. Tudo o que vem, ele tem que fazer, porque na roça é assim: a gente não tem profissão, o que aparecer tem que fazer.

Nos afazeres de casa, se eu pedir para o meu marido, ele me ajuda sim, mas é muito raro isso acontecer. Agora, quando eu saio de casa, eu tenho que fazer outras coisas fora de casa, ele faz. Igual, eu tenho carteira de motorista e ele não tem. E, se tiver que fazer algum documento ou fazer uma compra e eu tiver que sair de casa, e se ele tiver trabalhando na roça aqui mesmo, ele faz. Mas é muito difícil isso acontecer.

A rotina de trabalho varia de acordo com as coisas que tem. Quando tá chovendo, tem muito mato e você tem que capinar. O café, tem o período que você tem que colher, secar. Aí, depois, vem a poda, vem a desbrota. Então, varia muito. A gente mexe com a banana também. E a banana é diferente. É mais limpar mesmo, capinar. Mas a banana, onde você planta, quase não dá

mato. Então, não tem muito trabalho. Depois, você só tem que cortar e mudar as mudas. Porque não pode deixar, tem que plantar em outro espaço, né? A gente mexe também com o inhame. O inhame, você tem que capinar. Tem a época que você tem que cortar as folhas dele também. Depois arrancar, lavar, secar pra, daí, vender.

Esse ano mesmo, eu tenho ajudado pouco, porque as agendas do MAB têm sido muitas. Têm reuniões de grupos de base, têm reuniões com coordenadores. Eu tenho que sair pra Governador Valadares, pra fazer reunião lá. Pra Belo Horizonte também. Então, assim, eu tenho que sair muito de casa. Exige muito, né?! Eu fico mais fora de casa do que em casa!

### 7.3 A barragem de Aimorés

Olha, a construção da barragem<sup>1</sup> mudou muito a vida das pessoas de Itueta...

Na época que ainda não tinha a barragem, um córrego passava perto da casa dos meus pais, passava perto de onde eu morava. Era Ribeirão o nome dele. Depois que eu casei, eu continuei morando na mesma região. Só mudei de córrego! Eu morava no Córrego do Chapéu, e mudei para o Córrego Jequitibá.

Nos finais de semana, a gente ia se divertir na beira do córrego. Durante a semana, a gente trabalhava, estudava, fazia as nossas coisas, e, nos finais de semana, a gente ia pra lá se divertir. A gente ia cedo, pescava e já fazia o peixe lá mesmo! Era uma diversão! A gente não tinha outro lugar pra se divertir, outra coisa pra fazer, em dia de folga. Aqui, não tinha nada, como não tem até hoje, né?! Depois que a barragem chegou, nós perdemos isso. Nós temos que ficar em casa. Diversão não existe mais, porque nos foi tirado o pouco que tinha.

Além disso, claro, nós não tínhamos mais lugar pra gente trabalhar, lá na beira do rio, porque a barragem afetou tudo. Nós perdemos o nosso lugar de trabalho! A situação financeira ficou muito ruim pra todos, mas pior ainda pras mulheres. Pros fazendeiros da região, mulher não sabe trabalhar. Eles, dificilmente, dão emprego pra mulher. Costumam dar serviço só pra homem. Então, a gente foi muito prejudicada: as mulheres perderam o seu meio de não precisar depender do homem. As mulheres passaram a depender do

<sup>1</sup> A Usina Hidrelétrica Eliezer Batista ou Usina de Aimorés foi inaugurada em 2006. Ela está localizada na Bacia do Rio Doce e abrange quatro municípios, a saber: Baixo Guandu, no Espírito Santo, e Aimorés, Itueta e Resplendor, em Minas Gerais.

marido pra tudo! Antes da barragem, nós tínhamos o nosso dinheiro. Nós trabalhávamos e tínhamos como comprar a roupa e o perfume que a gente queria, como comprar o que a gente queria. Depois, não. O marido não tinha como manter a casa sozinho e ainda dar as coisas pra gente... Não tinha jeito! No serviço em casa – capinar, roçar, plantar – o dinheiro é pra casa. Não dá pra fazer com ele o que a gente quer. Então, nós fomos muito prejudicadas com isso. A nossa vida, antes da barragem, era muito boa. Muito boa!

E nós tínhamos uma estrada até Itueta, antes da chegada da Barragem. Do Córrego Jequitibá até Itueta, eram 12 quilômetros. Tinha linha de ônibus. Chegava lá beira, tinha uma balsa, uma canoa, pra gente atravessar. Quem ia de moto ou de carro, deixava do lado de cá, atravessava e já chegava dentro da cidade de Itueta. Então, era muito fácil ir até lá. Depois que a barragem chegou, mudaram Itueta pra longe. A distância aumentou 18 quilômetros! Eram 12 quilômetros; agora, são 30.

Hoje, até existe balsa pra gente atravessar, mas não funciona. Você chega lá e a balsa tá sempre quebrada. Agora, com a cheia do rio na época da chuva, é pior ainda, porque desce muita gigoga. A gigoga é uma plantinha verde que fica, assim, por cima do rio. Aqui, a gente fala gigoga, mas, talvez, tenha outros nomes. Aí, eles dizem que não podem atravessar, porque a gigoga trava o motor da balsa. Então, a balsa não atravessa também por causa disso. Você vai até lá, querendo ir pra Itueta, e, chegando lá, tem que voltar pra casa, porque a balsa, com frequência, não está funcionando por um motivo ou outro. Outro problema é que colocaram uma van para levar as pessoas até a balsa, mas só tem van em três horários: às 10 horas da manhã; às 14 horas, no horário do ônibus; e às 18 horas. Se você precisar atravessar fora desses horários, você atravessa, porque a balsa, estando funcionando, atravessa de uma em uma hora. Mas, se você não tiver carro ou não tiver moto pra ir até a balsa, você fica preso nos três horários por dia da van. A pé, não dá pra fazer o trajeto, porque é longe – de oito a nove quilômetros. E é caro pagar alguém pra te levar lá. Uns cobram 70 reais; outros, até 90. Então, nós deixamos de ir pra Itueta e vamos pra Aimorés, porque é muito mais fácil. A gente consegue carona. Tem ônibus também que passa por Baixo Guandu e vai pra lá. Então, a maioria das pessoas vai pra Aimorés.

Para completar, quando chove muito, igual nesse período do final do ano, eles abrem a barragem e soltam a água. Aí, a água da barragem que desce represa o Rio Manhuaçu. E, represando o Rio Manhuaçu, atinge todas as



famílias que moram na baixa do rio. Eles perdem tudo, todo ano! Aí, tem que recomeçar tudo de novo, conseguir todas as coisas outra vez. Tem umas pessoas que levantaram as coisas todas e já deixam no alto, porque já sabem que, todo ano, isso acontece. A barragem não avisa, quando vai levantar a comporta. Apenas faz, e pega todo mundo de surpresa. Na época que a lama de Mariana desceu, aí, eles ligaram a sirene lá da barragem. Eles ligaram, porque estava descendo muita lama, né?! Mas não é sempre que eles fazem isso não, o que é um descaso muito grande com as comunidades.

A lama de Mariana, aqui na nossa região, afetou mais as famílias que moram na beira do rio, porque eles mexem com produção de leite e usam água do rio pra molhar o pasto. Esses foram muito prejudicados e, claro, os pescadores. É muito complicado! E a gente sabe que o que a gente tá passando aqui não é nada, perto das famílias lá de Bento Rodrigues, das famílias que perderam tudo. A culpa disso que aconteceu não é nossa, das pessoas afetadas. Então, que a Samarco assuma que foi um erro deles e tenham mais respeito com as pessoas. Porque eles não respeitam o povo, não respeitam o que as pessoas estão passando.

Continuamos na luta e estamos tentando conseguir mais hortas PAIS<sup>2</sup> para nossa região. Mas a gente tem a consciência de que vai ser difícil, devido aos últimos acontecimentos. A conjuntura política nacional está difícil. A gente sabe que tá difícil e que vai ficar mais difícil ainda. Mas a gente não desiste! Da luta, a gente não pode desistir! Nós estamos aí, tentando conseguir mais horta. E também as placas solares. Disseram que essas placas iam vir, mas também não conseguimos mais. Vamos tentar conseguir as barraginhas<sup>3</sup> também, para segurar a água nos morros, né? Então, nós estamos vendo se a gente consegue isso aí.

#### 7.4 O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)

Eu comecei no MAB, pensando em ajudar nas despesas de casa. Porque o movimento distribuía umas cestas básicas para as famílias atingidas. E eu falei assim: É uma maneira de ajudar eu e meu esposo nas despesas. Aí, entrei por causa da cesta básica.

<sup>2</sup> Elaine faz referência à tecnologia social Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS), um projeto de hortas circulares de produção agroecológica, que visa contribuir para o fortalecimento da soberania alimentar nas regiões atingidas por barragens.

<sup>3</sup> As barraginhas mencionadas por Elaine são pequenas bacias escavadas na terra, que enchem de água durante a estação chuvosa e ocupam o espaço poroso do solo, reforçando o lençol freático e funcionando como uma caixa d'água natural.



Depois, eu comecei a participar das reuniões. Porque quem recebia as cestas básicas tinha que participar das reuniões, tinha que ir à luta. Então, eu comecei. E comecei a me identificar com o movimento. Uma viagem que, pra mim, foi especial, que vai ficar marcada, foi pra Brasília, pro Encontro das Mulheres. Eu fui e, lá, assim, eu aprendi quais eram os meus direitos, quais eram os direitos das mulheres. Conheci um pouco da história das mulheres de outras regiões que já faziam parte do MAB. A partir daquele dia, eu falei assim: O MAB é o que eu quero pra mim!

Quatro meses depois que eu estava no movimento, em uma reunião, o Paulo, que era responsável pelo MAB na região, chegou pra mim e falou: Elaine, nós temos olhado, temos prestado atenção em você, e a gente acha que você vai ser uma pessoa que pode ajudar o movimento. Você anota tudo nas reuniões, você está sempre prestando atenção em tudo. E nós gostaríamos que você fosse coordenadora de um grupo de base. Ai, eu falei que eu iria fazer um teste para ver se dava certo. E deu certo! Graças a Deus! E eu estou até hoje no movimento, porque tem mudado muito a minha vida.

No início, minha tarefa era ser coordenadora do grupo de base. Então, eu fiquei responsável por um núcleo de 25 famílias. Eu tinha que fazer reuniões no grupo de base. O Paulo e o pessoal da região faziam reunião com os coordenadores dos grupos de base e nós repassávamos para as famílias.

Depois, eu já fui me identificando melhor, fui entendendo mais. E, agora, eu faço parte da coordenação regional daqui. As pessoas que estavam aqui foram pra Governador Valadares e eu fiquei na região. Então, a coordenação estadual passa as informações pra mim e eu passo as informações para as outras pessoas que estão à frente dos grupos de base, que repassam para as pessoas dos seus grupos. Hoje, eu é que faço reunião com os coordenadores, com todos os coordenadores. Uma vez por mês, tem a reunião com os coordenadores de Resplendor, Itueta e Aimorés.

Por isso que, depois que eu entrei pro MAB, a minha vida mudou completamente! Eu, antes, não tinha noção dos direitos que as mulheres têm, dos direitos que eu tinha como mulher. E, a partir do momento que eu entrei no MAB, eu comecei a entender isso. E eu comecei a entender que eu podia me ajudar e ajudar também as minhas companheiras.

Do ponto de vista do serviço, não mudou. Porque o MAB não dá serviço, né?



Não tem como! Mas, mesmo assim, ele ajudou com os projetos que trouxe, como as hortas PAIS. Então, deu autonomia também. Porque foram as mulheres que receberam as hortas, que plantam e podem vender. Por mais que a gente não tenha conseguido acessar nenhum projeto pra vender pras escolas, o pouco que a gente tem as pessoas vêm na nossa casa comprar, porque a horta é agroecológica. A gente não usa veneno, nada disso. É pouco, na verdade, que a gente consegue, mas é um pouco que dá aquele ânimo, que mostra que o nosso trabalho estava sendo reconhecido. Isso aconteceu através do MAB, porque, antes do trabalho do MAB, a gente não tinha nada nesse sentido.

O que motiva a continuar lutando é, justamente, ver os resultados. Apesar de todos os desafios, de tudo que a gente passa, de todas as dificuldades, os resultados são muito bons! O MAB mudou a minha vida! E não só a minha vida. Participando das lutas, eu pude conversar com outras mulheres de outras regiões. Então, isso motiva a gente a continuar no movimento, a passar para mais mulheres quais são os direitos delas, o que elas podem fazer e mudar.

Com a nossa luta, a gente pode mudar a nossa comunidade! A gente pode mudar o pensamento da sociedade! Eu aprendi isso no movimento. Eu acho que eu sabia andar, mas não era do jeito que precisava. E o MAB tá me ensinando a caminhar do jeito que é preciso. Ele mudou a minha vontade de lutar por mim e pelos outros. Antes, eu tinha um pensamento totalmente diferente de hoje. Antes, eu pensava que tinha que fazer pra mim e pronto. Com os outros, eu não me importava muito. Hoje, às vezes, o meu marido até fala que eu me importo mais com o que os outros estão passando do que comigo mesma. E eu acho que é isso mesmo.

### **7.5 A agroecologia**

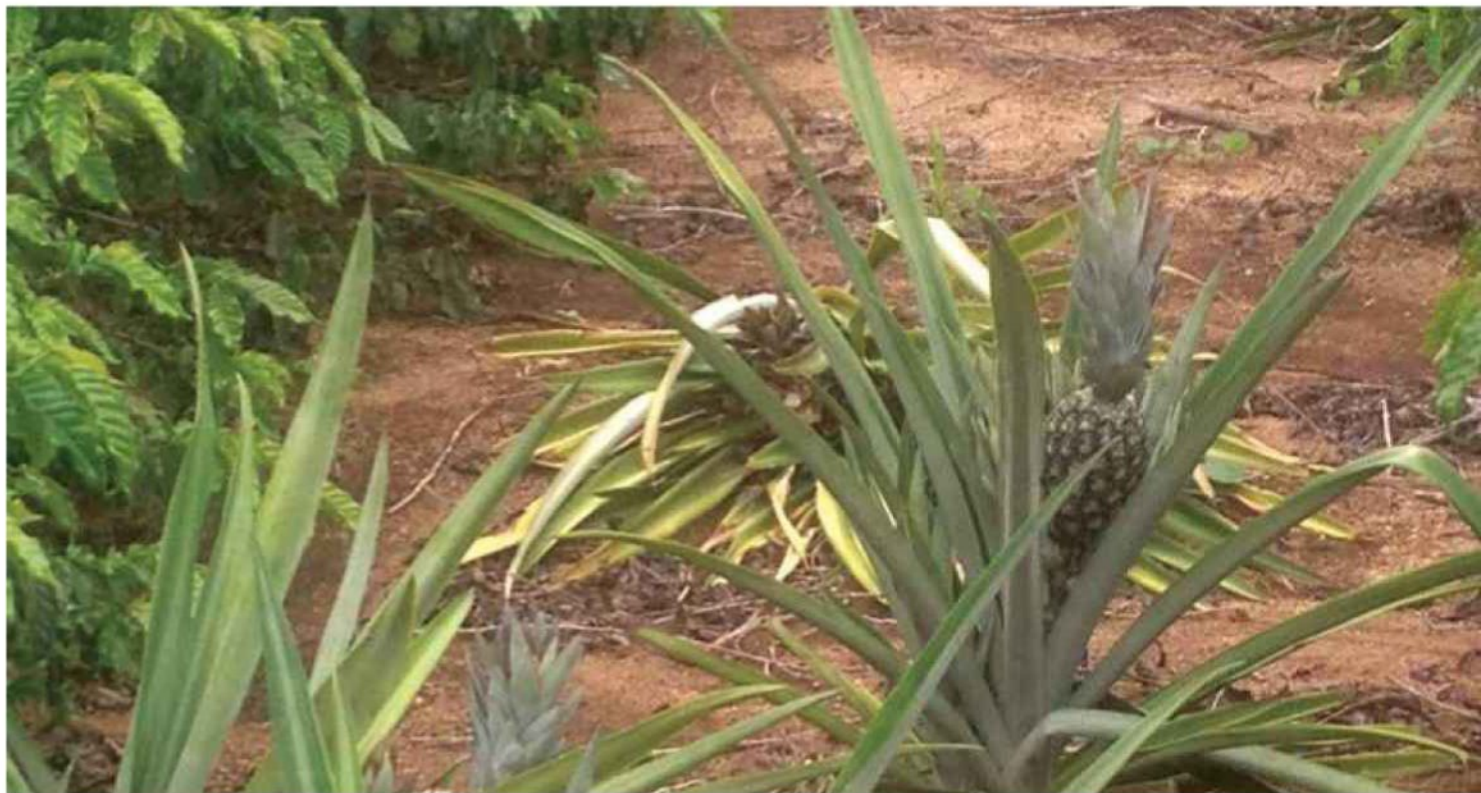
No primeiro projeto das hortas PAIS, 50 famílias foram envolvidas. Aqui em Itueta, não teve as hortas comunitárias, porque um mora longe do outro. Quando as hortas PAIS vieram, teve um curso, para aprender a fazer os remédios pra horta, remédio que não é veneno. Todo mundo aprendeu a fazer tudo natural, com coisas daqui mesmo, com coisas da própria horta. Sempre é assim: as hortas PAIS chegam com os cursos para as famílias aprenderem como lidar com a agroecologia.

Essas hortas vieram para dar autonomia pras mulheres. Mas foi a família que recebeu o projeto, porque é a família que está no MAB, é a família que participa da luta, embora quem cuide da horta seja a mulher.

A gente também recebeu a horta PAIS. A gente produz alface, mostarda, tomate, pimentão, cebola, cebolinha, couve, beterraba... Tudo que a gente consegue plantar, a gente planta! E, fora da horta, nós temos inhame, banana da terra, mandioca e café. Só que o café é de ano em ano, né? A gente vende. Planta mandioca e vende a mandioca. O inhame também. A banana sempre tamos vendendo.

Vendemos o que produzimos na horta, aqui mesmo na comunidade. As pessoas já sabem que a gente vende e quando já tá na época de colheita. As pessoas sempre falam: Quando tiver, vocês avisam porque eu quero! Então, não perde nada. A gente consegue vender tudo. Todas as pessoas que compram são daqui mesmo do lugar. São as pessoas da própria comunidade, porque a maioria não tem seu pedaço de terra e trabalha pros outros. Elas não têm como plantar, né? Aí, vêm e compram.

*Abacaxi produzido por  
Elaine e família. Crédito:  
Luisa Silva Guimarães.*





Vendemos só aqui na comunidade também porque, na cidade, é muita burocracia pra vender. Você tem que ter cadastro. Tem que ter tudo regularizado, porque, senão, você não pode entrar. É muito complicado. Não compensa a gente levar pra cidade.

Não separamos o dinheiro que ganhamos com a horta do dinheiro que ganhamos com as outras plantações. É uma coisa só. E eu não vou falar que o dinheiro fica todo com o meu esposo, porque eu sempre tenho dinheiro também. Mas não é porque ele me dá o que vende ou que eu tenho direito a uma parte. Não é isso. E, quando eu preciso, eu tenho que pedir. Por mais que eu ajude a capinar, a fazer as coisas, se eu não pedir dinheiro, ele não dá. Aqui, é quase sempre assim. A mulher, por mais que trabalhe, o trabalho dela não é reconhecido, não é valorizado, porque o dinheiro vai pra mão do homem. Mesmo quando eu fico em casa e vendo alguma coisa, eu entrego o dinheiro pro meu marido. Na hora que ele chega do serviço, eu passo o dinheiro pra ele. E, se eu preciso, eu peço. Algumas mulheres conseguem ficar com o dinheiro das vendas das hortas. Elas que cuidam e não deixam nem o marido entrar na horta. Elas mesmas que cuidam e o dinheiro é delas. Eu, aqui, porque eu saio muito, não tem como eu falar: A horta é só minha! Porque meu marido também cuida, quando eu não estou em casa. É ele que molha, é ele que capina, é ele que faz as coisas, quando eu estou para as reuniões do MAB. Então é nosso, né? Não é só meu.

Ser mulher do campo e trabalhar com a agroecologia é tudo! É muito bom! Eu sempre morei na roça, nunca morei na cidade. Eu não conseguiria sobreviver na cidade, porque, aqui, você sabe que tudo que você planta é natural. E, lá na rua, tudo que você vai comer lá, você sabe que é cheio de agrotóxico. Tudo, tudo! Morar na roça, ter a horta e ter as coisas agroecológicas é tudo!

São muitos os desafios que enfrentamos, trabalhando com agricultura familiar e agroecologia. Por exemplo, estava chovendo muito. Então, apesar do curso sobre como produzir os remédios naturais para bater nas plantas e não usar inseticida, com tanta chuva, nós não demos conta de acabar com os bichinhos. São umas lagartinhas, umas larvinhas. Não tinha como bater o produto, porque estava chovendo muito. Agora que o sol apareceu, elas já invadiram tudo. Então, nós vamos ter que arrancar e começar tudo de novo. O desafio maior é isso aí. É a época da chuva, porque, quando não tá chovendo, é tranquilo.

## 7.6 As políticas públicas

As políticas públicas chegam por meio de projetos. Por exemplo, nessa nova fase das hortas PAIS, serão 35 famílias envolvidas e nós estamos terminando de executar o projeto que o MAB conseguiu junto ao Banco do Brasil, BNDES<sup>4</sup> e Governo Federal. Cada família contemplada com a horta PAIS vai receber uma placa solar. Só que é uma placa de aquecimento que vai aquecer só a água do chuveiro. Ela não vai gerar energia. Mas já é muita coisa. Para famílias daqui, nossa! Elas ficaram super agradecidas! Porque, muitas vezes, você luta, luta e não consegue nada. E a gente que luta viu resultado. É muito bom!

Esse projeto é de cinco anos. Por dois anos, tem uma assistência técnica mais ativa. Durante dois anos, porque essas famílias estão começando com as hortas PAIS e não sabem ainda como lidar com essa tecnologia. Então, durante dois anos, elas têm aquele acompanhamento ali, no dia a dia. Os outros três anos que sobram é um acompanhamento, assim, mais distanciado. Depois dos cinco anos, tem as pessoas responsáveis no MAB que continuam dando essa assistência. A ideia é que a assistência para as hortas nunca acabe.

No outro projeto de 50 hortas PAIS, nós tivemos muitos problemas. Algumas pessoas receberam a horta e não plantaram. Elas pegaram só pelas coisas que o projeto dava, proporcionava. Então, agora nesse projeto, nós pensamos assim: Vamos fazer alguma coisa pra essas famílias que receberem a horta, fazerem isso com o intuito de vou cuidar mesmo! Isso foi combinado com as famílias. Nós conversamos com as famílias e a família que não plantar, a família que não cuidar, vai perder a horta. Nesse caso, nós vamos lá, vamos arrancar tudo e vamos passar pra outra família que queira plantar. É um jeito para ver se as famílias plantam, se as famílias cuidam.

Cada família contemplada recebe todo o material pra construir a horta: uma caixa de água de cinco mil litros, as mangueiras, os tocos pra cercar a horta, a tela, as sementes e o calcário. É uma horta em formato de mandala, que tem o galinheiro no meio e a horta em volta. As famílias só não recebem os pintinhos, né? Cada família tem que colocar os pintinhos lá, mas vem o comedior das galinhas, vem o bebedor. Vem também a bomba pra bater os remédios na horta, se precisar. Dessa vez agora, vieram duas bombas por família. Então, é um projeto muito bom, que anima muito as famílias, porque

4 O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), fundado em 1952, é o banco de desenvolvimento do Governo Federal. Ele apóia empreendedores de todo o país, inclusive, pessoas físicas.



ele ajuda. O que vem com o projeto não ajuda a família só na horta. Muitas famílias tinham só uma caixa d'água pequenininha, um reservatório de água muito pequeno, e ele não dava nem pra família. E com o projeto vem uma caixa d'água de cinco mil litros e a bomba, que a família usa para a horta e para a casa.

Além disso, vem recurso pra comprar um carro e uma moto para os técnicos que ficam acompanhando as famílias e pagar o combustível gasto com deslocamento nos dois primeiros anos. Assim, é possível para a gente acompanhar a construção da horta, acompanhar tudo.

O aspecto negativo é que é muito difícil acessar os programas de compras institucionais PNAE<sup>5</sup> e PAA<sup>6</sup>. A gente, no início do outro projeto, tentou fazer o PAA. Mas, lá na Conab<sup>7</sup>, já estava cheio, e a gente não conseguiu acessar. É muito difícil acessar esses projetos!

Na nossa comunidade, aqui no nosso município, os políticos não ajudam a gente. Se eles ajudassem, dessem um apoio, eu acho que a gente conseguiria ir muito mais além. Mas é só a própria comunidade mesmo lutando pra conseguir melhorar. Agora, tem algumas pessoas com mais entendimento que tão nos ajudando nessa nova etapa das hortas. Nas outras vezes, nós não tivemos apoio da prefeitura, nós não tivemos apoio de nenhum vereador, nós não tivemos apoio de ninguém daqui da comunidade. Dessa vez, a gente já tá tendo apoio de alguns vereadores, o que já foi um avanço muito grande.

É muito difícil! A Prefeitura de Itueta tem um técnico para cuidar da agricultura. Mas só que eles veem o MAB como uma coisa ruim. E, por isso, a gente não tem acesso a técnico. Se a gente for lá e pedir, mesmo assim nós não temos acesso. Nós pedimos: Nós estamos com dúvida nisso. E eles nem olham pra gente, né? Então, é uma dificuldade muito grande.

5 O PNAE é o Programa Nacional de Alimentação Escolar, implantado em 1955. Ele assegura a oferta de alimentação escolar e de ações de educação alimentar e nutricional, atendendo os alunos de toda a educação básica matriculados em escolas públicas. A lei nº 11.947, de junho de 2009, determina que no mínimo 30% do valor repassado a estados, municípios e Distrito Federal pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) para o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) deve ser utilizado na compra de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações.

6 O PAA é o Programa de Aquisição de Alimentos criado em 2003. Trata-se de uma ação do Governo Federal para colaborar com o enfrentamento da fome e da pobreza no Brasil e, ao mesmo tempo, fortalecer a agricultura familiar. Para isso, o programa utiliza mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares ou de suas organizações, estimulando os processos de agregação de valor à produção.

7 A Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento datada de 1990. Sua missão é acompanhar a trajetória da produção agrícola brasileira, desde o plantio até a mesa do consumidor.

A prefeitura e os vereadores veem as conquistas do MAB, mas têm medo. O medo deles é porque as pessoas, antes, eram totalmente dependentes da prefeitura pra tudo. E, a partir do momento que o MAB chegou e começou a trabalhar, nós começamos a ter esses projetos vindo pra região, e eles ficaram com medo do MAB conseguir trazer mais coisas pra comunidade do que eles. Eles têm um problema enorme com o MAB, por causa disso. É muito difícil, no nosso município. É muito difícil mesmo!

Por causa da construção da barragem que afetou a cidade de Itueta, a prefeitura recebe uma quantidade de dinheiro por mês. E a gente gostaria muito que a prefeitura aplicasse esse dinheiro também no norte de Itueta. Tentamos conversar com eles, para eles fazerem algumas coisas pras comunidades. Nós não temos uma pracinha, nós não temos nada disso. E esse dinheiro que vem é para a população toda. Então, eu acho que eles deveriam fazer alguma coisa pras pessoas daqui também, mas a gente não sabe nem aonde é aplicado o dinheiro. Eu acho que eles tem condição de ajudar muito o município! O município era pra ser outro! Não era pra ser da forma que tá agora, porque recurso pra fazer eles tem. O problema é que não aplicam do jeito que precisa, não se preocupam com as pessoas que necessitam. Eles estão preocupados é com pessoas que não têm necessidade, que não precisam. Os que realmente precisam não tem apoio nenhum.

O nosso posto de saúde, por exemplo. Esse ano, a gente até que está tendo uma assistência maior. Mas, nos outros anos, nós tínhamos médico no posto de saúde na Vila Neitzel, uma vez por semana. Eram vinte fichas. Na verdade, quinze fichas, pois cinco ficavam reservadas para as emergências. Se você chegasse lá e já não tivesse mais ficha, você ficava sem consultar. Você voltava pra casa sem consultar, e poderia tentar de novo só na outra semana. Agora, esse ano, eles mudaram isso. Tem médico segunda, terça e quarta-feira. Tem médico, três vezes por semana. Já melhorou um pouco, mas continuam sendo distribuídas quinze fichas. Se você chegou lá e não tem mais ficha, você tem que agendar. Se tiver vaga para o dia seguinte, você consulta logo. Se não tiver, é só no dia que tiver vaga. É por isso que, aqui, as pessoas nem procuram muito o posto de saúde. Se estiver passando mal, vai direto pro hospital de Aimorés, porque lá a gente é atendido, né?! É muito bom lá. Eles tinham que melhorar o atendimento, aqui.

O dinheiro vem pra Itueta, por causa da barragem. A barragem prejudicou a nossa vida. Para continuar no exemplo da saúde, antes, a gente tinha acesso

a médico. Então, eu acho que eles deveriam investir esse dinheiro aqui também. É preciso posto de saúde e não só na Vila, porque é muito longe um lugar do outro. As pessoas não têm condução, e elas têm que pagar carro pra ir, porque, de ônibus, o que tem é escolar e foi só depois de muita briga que o ônibus escolar tá carregando as pessoas pra ir na Vila consultar. Porque não constroem outros postos com o dinheiro que a cidade recebe por conta da barragem?

Em relação aos governos estadual e federal, eu acho que tem muitas políticas públicas, só que é difícil o acesso a elas. Quem tem terra poderia acessar vários projetos que o governo tem pra você plantar. Mas, pra você acessar, é uma burocracia enorme! Você tem que contratar uma empresa pra fazer, você vai ter que pagar uma consultoria. Então, você vai ter que pagar, pra acessar, e, no final das contas, não compensa. Por isso as famílias não acessam. Tem muitos projetos sim, tem projetos bons que atenderiam todas as famílias da comunidade, mas o problema todo é como acessar. Pra acessar, é muita burocracia, é muita complicação.

Mesmo assim várias famílias, aqui, acessam o Pronaf<sup>8</sup>. Bolsa Família, muitas famílias tem. Só que tão cortando, agora, né?! Estão cortando o Bolsa Família do povo! Tem várias famílias que já perderam o Bolsa Família, aqui. Tem aquele projeto do ônibus escolar. Eu nem sei se é projeto, mas veio ônibus escolar para os municípios. Aqui, tem dois daqueles micro-ônibus, agora. Isso melhorou bastante a vida dos alunos, porque era muito difícil pra eles irem pra escola.

### **7.7 A vida das mulheres**

Se eu comparar a minha vida com a da minha mãe, eu posso falar que a minha vida foi e é bem melhor que a da minha mãe. A minha mãe teve uma vida muito sofrida...

A minha mãe tinha que trabalhar, pra ajudar meu vô a sustentar os outros irmãos. Ela é muito doente por causa disso. Começou a trabalhar muito nova e, hoje, não aguenta nada. Graças a Deus, eu trabalho também desde nova, mas comecei porque eu queria ter o meu dinheiro. Meu pai e minha mãe tinham condições de me sustentar. Então, a minha vida foi muito melhor

---

<sup>8</sup> O PRONAF é o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar que financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária.

do que a da minha mãe. A minha mãe ficava muito presa em casa, porque ela tinha que trabalhar pra ajudar meu avô. Depois, ela tinha que trabalhar pra ajudar meu pai. Ela sempre trabalhou muito na roça. E eu sempre trabalhei, porque eu sempre gostei de trabalhar. Não é uma coisa que, se eu não fizesse, ia me prejudicar de alguma forma. Minha mãe, se não fosse trabalhar, ela ia deixar faltar comida. Isso mudou.

Outro aspecto que mudou é a autonomia pra fazer o que quiser, o que minha mãe não tinha com meu pai e eu conquistei com o meu marido. Quando eu era bem novinha, quando eu tinha uns oito anos, a minha mãe não podia fazer muita coisa, porque o meu pai bebia, chegava em casa e batia nela. Eu e minha irmã, a gente assistia tudo isso e não tinha como ajudar. Minha mãe sofreu muito com o meu pai! O que eles tinham conseguido construir não sei em quantos anos, meu pai chegava em casa e destruía tudo numa noite, porque ele quebrava as coisas. Então, era muito difícil.

Depois, eu acho que a minha mãe começou a entender também que já estava no momento dela não aceitar mais aquilo. Eu estava com 14 anos. Aí, ela colocou pra ele. Falou assim: Se você não parar de beber, se você continuar do jeito que você tá, eu vou largar você, vou pegar as duas meninas e vou embora! E, a partir desse dia, a nossa vida mudou completamente, porque eu acho que ele parou para pensar. Eu e minha irmã, nós também chegávamos pra ele e pedíamos: Pai, para de beber? Porque a gente já não aguentava mais aquele sofrimento. Eu e minha irmã, a gente também sofria... Porque meu pai batia na minha mãe, ela pegava a faca pra furar ele, e eu e a minha irmã lá no meio, né? A gente tentava ajudar e não conseguia. Meu pai falou: Eu não vou beber mais. Nossa! Aquilo foi tudo pra nós! Aí, eles conseguiram fazer uma casa. Ele parou de beber e sobrou dinheiro pra casa. Foi muito bom.

Eu já não aceitava coisa desse tipo, desde o início do meu casamento. Quer dizer, no início, logo quando eu casei, eu aceitava. Meu marido, se eu pedisse para ir a algum lugar e ele falasse que eu não podia, eu chorava e não ia. A partir do momento que eu comecei a participar das reuniões e vi que não é assim, que o homem não tem que mandar na mulher e a mulher não tem que mandar no homem, que os dois tem que seguir junto, eu cheguei em casa e conversei com meu marido. Falei assim: Não vai ser assim mais. Do mesmo jeito que você tem direito de sair sem me falar nada, eu também tenho. E, aí, comecei a tomar essa autonomia de só chegar e falar: Olha, eu vou pra tal lugar, tal dia. Hoje, ele não fala mais nada. Mas, no início, ele mandou escolher entre o movimento



## *“Ser mulher do campo e trabalhar com a agroecologia é tudo, né?”*

e o nosso casamento. E eu falei: É uma escolha que eu não quero fazer. Eu quero continuar com os dois. Mas, se você acha que eu tenho que escolher, eu escolho o movimento, eu escolho o MAB. Meu marido viu, então, que eu estava decidida, que eu ia sair de casa mesmo, que eu ia embora. E, aí, ele falou: Não, vamos conversar. Então, você vai, continua participando, mas toma cuidado! O homem acha que a mulher vai sair de casa, pra traí-lo! Agora é assim: eu não aceito mais que mandem em mim. É lógico que a gente conversa muito, que tem que ter conversa. Mas eu não aceito ele mandar em mim mais não.

Depois que eu comecei a participar do MAB, eu comecei a levar a minha mãe junto comigo, pra ela saber dos direitos das mulheres. Mas minha mãe vai pouco, porque é muito doente. Ela fica mais dentro de casa. Principalmente, depois que perdeu a mãe. Depois que minha avó faleceu, e, logo depois, a minha sobrinha faleceu também, ela ficou depressiva, ela ficou muito doente mesmo. Mas eu comecei a levar minha mãe para as reuniões, sempre que possível, comecei a levar para as lutas. Então, ela sabe de tudo. Ela sabe dos direitos das mulheres. Ela até conversa com a minha irmã e com as outras pessoas, explicando como que é. Já entende muito disso já. Graças a Deus!

Já pensando no que não mudou, da relação da minha mãe com meu avô e meu pai para a minha relação com meu pai e meu marido, é que, desde aquela época até agora, os homens acham que as mulheres são um objeto que eles fazem o que eles querem, quando eles querem. Isso não mudou. Nós temos que mudar isso, mas ainda não mudou.

Eu digo para as mulheres jovens assim: Vai pra rua! Vai estudar, vai arrumar um emprego! Mas eu ainda acho que tem como as jovens e os jovens ficarem na roça. Tem como a gente trazer várias coisas para a roça, para os jovens não precisarem ir da roça para a cidade do jeito que está acontecendo.

Eu sempre converso com meus sobrinhos, que são jovens, e, sempre que posso, eu levo todo mundo para as lutas comigo. O Vandinho, que é o sobrinho do meu esposo, já foi a várias lutas. Mas, como a maioria das lutas é dia de semana e ele trabalha, aí, não dá pra ir sempre. E os outros estudam. Então, eles só podem participar das lutas, quando é final de semana, ou quando é um feriado, ou quando é férias. Mas eu sempre converso muito com eles. Principalmente com o Lucas, que é filho da minha irmã. Eu converso muito, pra que tenham uma mentalidade diferente. Porque, eu acho assim, você tá dentro de casa com o seu pai e vê ele fazendo tudo errado, então, lá na frente, você vai fazer a mesma coisa também. Eu explico, mostro o que não pode fazer. Eu digo que mulher não tem que ficar embaixo dos pés do homem, que o certo é andar os dois juntos. Pra eles agirem diferente do que eles veem, porque não pode ser daquele jeito. Então, agora, meu sobrinho já não aceita ver as coisas do jeito que acontecem, já não aceita o pai brigando com a mãe. Tanto que saiu de casa, por causa disso. Ele mora com o meu pai. O Lucas via a mãe sofrendo, a mãe calada, e não falava nada, porque, se ele falasse, apanhava. Aí, resolveu sair de casa, porque já tá entendendo que não é assim que tem que agir, né? Nossa, é muito bom isso! É muito gostoso você ver que uma pessoa já tá começando a entender as coisas!

Espero que as mulheres jovens não desistam dos seus sonhos também. Porque eu abri mão do meu sonho. Hoje, não é que eu me arrependo, mas eu faria diferente. Meu sonho sempre foi ser professora! E eu não consegui alcançar isso. Casei, e, depois que a gente casa, fica mais difícil fazer as coisas. Então, esse é um sonho que eu ainda não sei se vou conseguir realizar ou não.

Outro sonho que eu tenho, que é o sonho do meu esposo também, é conseguir uma terra maior, que desse pra gente trabalhar mais. Porque o que a gente tem é muito pequeno e não dá pra fazer muita coisa. A gente tá aí na luta. A gente fez cadastro no Incra<sup>9</sup>, pra conseguir. Se a gente conseguir um pedaço de terra maior, a nossa vida ia mudar, né? Porque força e vontade de trabalhar, a gente tem! Só não tem é espaço mesmo.<sup>10</sup>

9 O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) é uma autarquia federal criada em 1970. Sua missão é a execução da reforma agrária e a realização do ordamento fundiário nacional.

10 Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Elaine a Fabiola Paulino da Silva e Luisa Guimarães.



# **Eliete 8**

**Maria Eliete Costa Ferreira Rufino**

**Vera Lúgia Costa Westin**

**Clarissa Nascimento Duarte**



***“A agroecologia é uma coisa infinita! Cada dia, você tem uma surpresa nova!”***

### **8.1 O trabalho com a terra**

Meu pai era pedreiro em Volta Redonda, mas ele veio da roça também. Ele morava em São João do Oriente que é uma cidade pra lá de Caratinga. Foi para o estado do Rio pra tentar uma vida melhor, junto com os tios. Lá, ele aprendeu a profissão de pedreiro e começou a trabalhar. A minha mãe é daqui de Divino mesmo. Por acaso, ela foi pro Rio, pra poder tomar conta da avó que ficou doente. Foi lá que meus pais se conheceram e se casaram. Eles moraram um tempo no Rio mesmo; depois, foram pra Volta Redonda. Meu pai sempre trabalhando de pedreiro e a minha mãe de costureira – ela costurava pra fora. Mas os dois sempre tiveram vontade de voltar pra roça, porque eles gostavam mesmo era do campo. Aí, conseguiram comprar essa chacarazinha que é deles até hoje e vieram pra Divino.

Eu nasci em Volta Redonda. Eu fiquei seis, sete anos, morando lá. Então, quando mudamos pra cá... Nossa, mãe! A minha vida era querer voltar! Era criança, né? E queria voltar de toda forma. Aí, eu fui acostumando. O tempo passou e eu mudei. Gente, eu jamais poderia viver na cidade!

Aqui na roça, a gente começa a trabalhar muito cedo, desde criança. Como o meu pai tocava uma lavoura e a minha mãe sempre ia pra roça com ele, eu ia pra escola de manhã e, na volta da escola, eu já fazia o serviço da casa, a comida. Tenho um irmão um pouco mais velho que eu. Então, ele também não ia pra roça ainda. A gente ficava em casa, cuidava da criação, essas coisas assim, até meus pais voltarem. Com o passar do tempo, quando a gente já tava com mais idade, aí, a gente começou a ir pra lavoura também. Geralmente, isso acontecia quando a criança terminava a escola, quando ela tinha uns 10 anos.

A nossa lavoura era bem longe de casa. Então, se ia pra lá depois da escola, já chegava muito tarde na lavoura. Depois que fazia 10 anos, que terminava a quarta série, a maioria nem podia continuar estudando, porque não tinha como ir pra Divino, na época não tinha ônibus. Só podia continuar estudando quem tinha dinheiro pra pagar passagem. A gente não tinha como pagar, todo dia, passagem de ida e volta. Por isso, só fazia até a quarta série mesmo e parava. E, aí, a gente já começou a ir pra lavoura também, panhar café, arruar café, plantar arroz. Na época, o meu pai plantava arroz, feijão, milho, de meeiro. A gente tinha a nossa casa, mas roça a gente não tinha. Então, era contrato.

Meu sonho era estudar e ser professora! Acho que esse deve ser o sonho de toda menina. Mas não pude, porque a gente não tinha condição. Os meus pais até que tinham vários parentes no Rio, em Volta Redonda, em Caratinga, em Ipatinga, e todos queriam que eu fosse estudar fora. Eles falavam: Deixa ela vir pra cá! Mas os meus pais jamais deixariam. Na época, eu fiquei até com raiva. A gente não entende, quando é criança. Mas, hoje, eu sei que, no lugar deles, também não deixaria.

Pro meu irmão continuar a estudar, ele tinha que ir de carona pra Divino. Ele e um colega dele faziam isso. Levantava por volta de cinco ou cinco e meia da manhã, ia pro ponto no trevo e ficava lá esperando carona. Se até seis e meia não conseguisse carona, voltava em casa, pegava a bicicleta e ia



*João Antônio apresentando a horta agroecológica. Crédito: Clarissa NascimentoDuarte.*

pra Divino de bicicleta. Foi assim que meu irmão continuou a estudar. E eu queria continuar a estudar com ele. Mas os meus pais não deixaram, né? Quando é que uma menina ia pra Divino, todo dia, de carona ou de bicicleta? Eu fiquei com raiva na época. Mas, hoje, eu vejo que fizeram muito bem. Eu também não deixaria a minha filha Maria Abigail fazer isso. É muito perigoso! É um risco, né? E, pras meninas, é muito mais perigoso. Pode falar que é machismo, mas, infelizmente, no mundo que a gente vive, é assim.

Eu vejo que meus pais fizeram a escolha certa também, porque acho que eu não ia ser feliz se eu tivesse ido pra cidade estudar e me formado em alguma coisa. Eu vejo pelos meus parentes. Levanta de manhã, enfrenta aqueles ônibus lotados e vai pro serviço. Aí, faz todo dia a mesma coisa, senta e faz aquilo o dia inteiro. Não é assim? Eu acho muito sem graça!

Eu nunca trabalhei fora, na cidade. Sempre trabalhei na roça mesmo, cuidando de horta, trabalhando na lavoura. Eu aprendi a costurar com a minha mãe. Também faço crochê, esses trabalhos manuais que, na roça, geralmente, toda moça aprende a fazer, né? Mas isso é pro tempo de folga. Porque, igual na época da panha de café, por exemplo, são dois, três meses direto na lavoura pra panhar café. A época mais apertada que tem na roça é a época de plantar e de colher o café.

## 8.2 O dia a dia

Nosso sítio é herança dos pais do Denil, meu marido, que já são falecidos. Ele herdou essa propriedade aqui. Aí, quando a gente casou, a gente mudou pra cá. A gente sempre trabalhou só aqui mesmo, mexendo com horta, com galinha, com plantas.

O dia, aqui, geralmente, começa cedo: cinco horas, cinco e meia, a gente levanta e o Denil vai tirar leite no curral. No dia que ele vai trabalhar fora, trocar dia como dizem, eu faço comida cedo, pra preparar a marmita. Aí, ele vai trabalhar fora e eu fico em casa. Na época da panha de café, vai nós dois. Agora, pra capinar pros outros, assim, eu nunca fui. Antes de ter os meninos, Denil ia tirar leite, enquanto eu fazia comida e preparava as marmitas também. Eu fazia café, merenda, lanche. Porque a gente passava o dia na lavoura, já levava tudo de manhã. Às seis e meia, por aí, a gente saía. Mesmo depois que nasceu a Maria Abigail, era assim. Eu levava ela junto. Aqui, é normal as pessoas levarem as crianças pra roça.

Agora, quando o trabalho de manhã é por aqui mesmo, às vezes, eu faço o almoço mais tarde. Aí, levo o almoço e fico na roça só uma parte do dia. Porque, geralmente, nesses dias, Denil trabalha na roça e eu trabalho em volta de casa, cuidando da horta. A gente sempre teve horta.

A gente também já mexeu com feira, uns tempos atrás, até o João Antônio nascer. Aí, quando ele nasceu, foi apertando muito o trabalho - ir pra feira aos sábados de manhã. Não é a feira de agroecologia, é a feira antiga que tem em Divino. Então, a gente ia de madrugada pra feira. Lá pelas cinco horas, a gente já tava saindo daqui, porque, às seis, já tem cliente. A gente deve ter mexido uns quatro anos com essa feira. Depois, foi ficando difícil, porque eu comecei a trabalhar no sindicato<sup>1</sup>. Nisso, o João Antônio nasceu também e, aí, complicou ainda mais. Eu não tava dando conta de fazer as coisas pra vender, ajudar a cuidar da horta e ir pra feira aos sábados. A rotina, então, modificou, e eu passei a não ter uma rotina muito certa. Antes dava pra cuidar da lavoura, da horta, dos meninos e da plantação.

Eu sempre trabalhei com a igreja também, nas pastorais da igreja. Quando a gente mudou pra cá, minha avó era coordenadora da igreja e a gente ia junto com ela. Eu participava mais mesmo era dos encontros. Têm uns cursos e tudo.

Na lavoura, as atividades variam. Por exemplo, agora é época de tá capinando. Capinando as plantas que já se plantou e capinando o lugar em que ainda pode plantar. Igual, ali, a gente plantou e a criação foi comendo. Tatu comeu, passarinho rancou, não sei. Vai ter que plantar feijão de novo. Horta é trabalho o ano todo, né? E tem a época de arruar café, de adubar café, de panhar café. Mas é mais ou menos as mesmas coisas sempre.

A única coisa que eu não faço é tirar leite. E o Denil, eu acho que a única coisa que ele nunca fez até hoje foi lavar roupa. Ele até já pôs roupa no varal, mas lavar ele nunca lavou. Ele sempre me ajuda dentro de casa com os meninos. Os meninos também me ajudam. Na cozinha, em tudo, a gente sempre trabalha junto! Se meu marido folgou lá, ele me ajuda aqui; se eu folguei aqui, ajudo ele lá. Ultimamente, depois que eu tô no sindicato, até é ele que me ajuda mais, porque eu saio muito. Mas, antes, a gente ajudava o outro igualmente. Denil levanta de manhã e vai pro curral pra tirar leite. Depois, ele vai tratar da criação. Aí, eu cuido aqui dentro. E a gente vai fazendo assim:

---

<sup>1</sup> Eliete faz referência ao Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar de Divino.



o que tá à toa faz o que é preciso fazer. Não tem isso de dizer: Tem que fazer comida! Se eu tô ocupada, ele faz comida. Até o José Emanuel, meu menino do meio, já faz comida. O mesmo vale se é pra cuidar da roupa, arrumar a cozinha. Nas quitandas, o Denil sempre me ajuda também. A Maria Abgair ajuda, o José Emanuel ajuda. Quem acaba aqui, ajuda o de lá; quem acaba lá, ajuda o de cá: entre nós quatro, é sempre assim.

Mas aqui em casa é um caso raro. Aqui, é sempre assim, mas isso não é o que acontece geralmente. Em muito poucas casas, é assim. Tem muita casa, por aqui, que até lenha são as mulheres que racham. E rachar lenha é um serviço pesado, né? Aí, homem não racha e também não busca lenha. É tudo por conta da mulher. Ela trabalha na roça e tem que fazer todo esse serviço da casa, mais esse serviço da lenha. A rotina geral da maioria das mulheres é assim: as mulheres trabalham na roça; então, levantam cedo, fazem a marmita e vão junto com o marido pra roça. Tudo bem, os dois trabalham

*Galochas usadas no  
trabalho com a terra.*

*Crédito: Clarissa*

*Nascimento Duarte.*



lá o dia inteiro juntos. Quando chega em casa, aí, as mulheres vão trabalhar, porque elas têm a cozinha pra arrumar, a janta pra fazer, os meninos pra dar banho e roupa pra lavar. Isso faz é à noite, né? De madrugada, até. Os maridos chegam em casa e tomam um banho. Os que gostam de botequim vão pro botequim; os que não gostam de botequim vão ver televisão. Isso sim é muito normal aqui.

A gente conversa muito sobre essa violência. Porque é uma violência. E os homens ainda falam que as mulheres não trabalham! As mulheres têm que chegar ao ponto de pedir dinheiro pro marido. Porque se considera que o dinheiro é do marido, porque se considera que ele é que trabalha, né? Ele que vai pra roça, ele que planta o café, ele que colhe o café. É considerado que a mulher só ajuda. Só ajuda?

Lá no sindicato, inclusive, a gente tem uns debates também, a gente tá explicando pras mulheres que elas nunca podem falar que elas ajudam, porque elas trabalham. Porque isso é até um problema, né? Porque, se chegar no INSS<sup>2</sup> pra pedir o benefício – salário maternidade, auxílio doença, qualquer coisa – e se falar que “ajuda”, já perdeu totalmente o direito. A mulher é desqualificada na hora. Então, jamais pode falar que ajuda, tem sim que falar que trabalha. Importa essas palavras. As mulheres estão muito acostumadas a ser submissas. Falam: Eu ajudo. Eu ajudo ele lá. E, às vezes, trabalham até muito mais que o homem até mesmo na roça. O problema é que é reconhecido assim: o trabalho da roça é do homem e é o trabalho que dá dinheiro; o trabalho da mulher é o de casa e não é trabalho.

### 8.3 A produção e a renda

A gente tem café aqui, mas não é a renda principal não. A gente produz um pouco de café, produz um pouco de leite e tem a horta. A gente tem a homeopatia também, porque eu também ganho dinheiro com a homeopatia, né? Mas é mais um pouquinho que entra por aí. E ainda tem a renda das quitandas que a gente faz também, do queijo que a gente faz. É tudo assim pro consumo, mas o que sobra do consumo a gente vende. O que sobra vai pra feira agroecológica nas quartas-feiras e pra Associação<sup>3</sup>, que tem o

<sup>2</sup> O INSS é o Instituto Nacional de Seguridade Social.

<sup>3</sup> A Associação Feira Livre de Alimentos e Artesanatos Agroecológicos é uma iniciativa das famílias agricultoras ligadas à Cooperativa da Agricultura Familiar Solidária de Divino e Orizânia (Cooperdom) e de parceiros locais. Seu objetivo é comercializar os alimentos e artesanatos produzidos, respeitando a natureza através da prática uma agricultura sustentável. Além disso, busca estreitar a relação entre o consumidor e o agricultor familiar com a criação de laços de solidariedade e cooperação.



mercadinho aberto a semana inteira. São vários agricultores que entregam. O mercadinho é junto com o sindicato. E a gente vende por aqui na vizinhança também. Por exemplo, queijo, o pessoal daqui compra, os vizinhos.

Acho que o desafio maior é ter mais lugares mesmo pra gente tá vendendo, tá comercializando. Quanto mais você vende, melhor pra todo mundo. Eu acho que o desafio maior é esse, está na questão de como comercializar as coisas. Por exemplo, o queijo, do jeito que a gente faz aqui, artesanal, a gente não pode vender no mercado porque a legislação não permite. Pra Vigilância Sanitária aprovar alguma coisa é uma burocracia que só Jesus! A gente conseguiu, através do projeto Cooperar<sup>4</sup>, uma mini padaria. Mas, aí, pra legalizar, é muito difícil. Tentaram várias vezes, sem sucesso. A associação tentou inserir o pãozinho e o biscoito na merenda escolar. Mas, se não tiver autorização da Vigilância Sanitária, a escola não pode comprar. E, pra ter a certificação, é aquela burocracia toda. Esse é um desafio muito grande.

A assistência que a gente já teve aqui foi de encontros mesmo. Encontros de boas práticas e tudo mais, através da cooperativa e da associação com o CTA<sup>5</sup>. Agora, apoio da Emater<sup>6</sup>, aqui, a gente não tem não. A Emater não trabalha com essa linha de assistência. A gente nunca fez Pronaf<sup>7</sup>, mas várias pessoas fazem o Pronaf pra investimento. Às vezes, pra plantar uma lavoura, pra plantar uma horta. Normalmente, fazem no nome do homem. Porque até tem o Pronaf Mulher<sup>8</sup>, mas, aqui em Divino, ninguém conseguiu acessar não. Eles arranjam tanta burocracia, que, na verdade, eu acho que nem eles sabem como fazer. Um dia mesmo, eu fui lá só pra me informar mesmo como é que funcionaria o tal Pronaf Mulher. Quem me atendeu enrolou, enrolou e não soube explicar. Sabe quando a pessoa não sabe explicar uma coisa? Então, geralmente, quando tem o Pronaf é o homem que faz.

Quem fica com o dinheiro das vendas sou eu e o Denil. Mas, geralmente,

4 O Projeto Cooperar é uma iniciativa do Centro de Tecnologias Alternativas (CTA). Foi implementado em quatro municípios da Zona da Mata e teve por objetivo aumentar o acesso dos agricultores familiares aos mercados e contribuir, assim, com o incremento de sua renda.

5 O Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) é uma organização fundada em novembro de 1987 por lideranças sindicais, agricultores/as familiares e profissionais das ciências agrárias. Os objetivos eram ampliar a capacitação social e desenvolver sistemas de produção adequados à realidade da Zona da Mata de Minas Gerais, para fortalecer econômica e politicamente a agricultura familiar.

6 A Emater é a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.

7 O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) do Governo Federal financia projetos individuais ou coletivos, que gerem renda aos agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Tem como requisito a apresentação da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP).

8 O Pronaf Mulher é um programa de crédito de investimento para atender às necessidades da mulher produtora rural.

quem faz mais compra sou eu. Ele compra mais as coisas lá pra fora. E o dinheiro vai pra onde precisa. Pras compras da casa, pro que a gente tem que comprar. Mas a gente não compra tanta coisa, porque boa parte tem aqui. Quase não compra carne porque a gente cria porco. Sempre tem porco, tem capado. Então, tem gordura e tem carne de porco. Tem galinha e ovo também, tem as verduras. A gente sempre procura diversificar a plantação da horta. Isso é uma coisa até que eu acho muito interessante porque, além de ser importante pra venda, é muito importante pro nosso consumo. Quanto mais diversificada a plantação, melhor é sua alimentação. Não adianta, por exemplo, plantar só couve. Ninguém vai aguentar comer couve todo dia, né? Não dá. A gente tem mandioca. Tem as verduras da horta: couve, alface, cebolinha, espinafre, serralha, taioba, beterraba, cenoura, salsinha, chuchu. O tomate é difícil ainda porque, no convencional, tem que pôr veneno. Com as plantas medicinais, tem tratamento, mas é um tratamento complicado. Você tem que começar, desde quando faz a muda, e fazer um acompanhamento pra não deixar o tomate adoecer. Mas são várias coisas que a gente tem e a gente vai diversificando.

Tem a renda do sindicato também. Porque, no sindicato, a gente recebe pelos dias que a gente trabalha. Não é muito, mas já é uma ajuda, já que a gente deixa de fazer o serviço da gente pra estar lá. Como é um sindicato dos trabalhadores, a gente não pode trabalhar mais do que 15 dias porque senão a gente desenquadra como trabalhador rural e se a gente não é trabalhador rural não pode ser, por exemplo, coordenador geral do sindicato, né? É verdade que, às vezes, a gente trabalha mais um pouco, mas, aí, não é remunerado nem nada. E esses intercâmbios, essas coisas assim, isso é



*Eliete fazendo as quitandas para a feira agroecológica.*

*Crédito: Clarissa Nascimento Duarte.*



*José Emanuel ajudando a fazer as quitandas para a feira agroecológica. Crédito: Vera Lígia Costa Westin.*



tudo por amor à causa. A gente gosta, então trabalha. O aprendizado é muito mais valioso do que o dinheiro, né?

#### 8.4 O sindicato

Primeiro, eu entrei no sindicato como diretora. Aí, como diretora, a gente não participa diretamente de tudo do sindicato. Assim, a gente participa de algumas reuniões, dos intercâmbios, de onde a gente quiser se envolver. Mas não tem aquele compromisso de realmente estar participando de tudo, do dia a dia do sindicato mesmo, do burocrático, da parte de funcionário, de tudo.

Depois que eu fiquei três anos como diretora, ia ter o congresso e me convidaram pra eu ser a coordenadora geral. O congresso do sindicato é quando acontece a troca da direção. A gente faz é congresso, não é eleição. É preciso montar uma chapa e os sócios que tão em dia vão participar e votam. Aí, fui convidada pra entrar como coordenadora geral. É o mesmo que presidente, só que, no nosso estatuto, trocou o nome e, ao invés de falar presidente, fala coordenador geral. Tem quatro anos que virei coordenadora do sindicato.

A minha rotina mudou um pouquinho com isso. Eu já não tenho tanto tempo pra ajudar aqui na roça, porque são muitos compromissos lá. Eu ajudo no que posso, mas já não podem contar muito comigo pra estar, todos os dias, tomando conta, aguando horta de manhã, capinando horta, indo pra roça. No dia que dá, eu ajudo. Já não tenho tanto tempo mais.

Eu também comecei a trabalhar com medicina alternativa. Na segunda-feira na parte da manhã, eu atendo no sindicato. Atendo em casa também, só que não tem dia marcado: chegou gente e tô em casa, eu atendo. Terminado os atendimentos lá no sindicato na segunda e não tendo nenhum outro compromisso, eu venho embora. Aí, eu venho pra casa cuidar das coisas aqui, fazer o que dá pra fazer. Mas, ultimamente, eu tenho ajudado mais é só na horta mesmo porque não tem dado muito tempo de ir pra lavoura, porque eu não paro muito aqui mais. Na terça, eu vou pro sindicato e passo o dia lá, resolvendo as coisas da burocracia. Na quarta, é a feira. Então, eu fico em casa cuidando disso, preparando as coisas pra feira da tarde. A feira acontece entre quatro da tarde e oito da noite. Eu vou chegar em casa à noite. Na quinta, geralmente, tenho que ir ao sindicato, pra ver como é que tá o andamento de tudo, pra ver se tem alguma coisa pendente. E, se tiver alguma

coisa pra resolver, eu fico; se não tiver, eu venho pra casa. Mas costuma eu ter que ficar. São muitas reuniões pra ir. É raro eu não ter que ficar lá, numa quinta-feira. Na sexta-feira, também varia.

Isso sem contar as reuniões que não são do sindicato! Eu faço parte do movimento de mulheres<sup>9</sup>, da comissão de mulheres. Além dos compromissos do sindicato, tem também o trabalho com as mulheres, né? O movimento de mulheres e a comissão de mulheres trabalham junto. São as mesmas mulheres. É o sindicato que mantém a comissão, então, eu tenho que acompanhar. E tem também a Associação dos Pequenos Produtores, que agora virou Cooperdom. A gente é sócio dessa cooperativa. Então, às vezes tem reunião da cooperativa. E a cooperativa tem todo apoio do sindicato, inclusive, funciona na sede do sindicato. Ela foi fundada com apoio do sindicato em tudo mesmo, seja financeiro ou burocrático. Tem vida própria, lógico. Tem a coordenação deles e tudo, mas é o sindicato que dá o suporte.

Mesmo assim, a gente nunca parou com a horta, sempre entregou na Associação. Sempre teve um dia certo de entregar a verdura lá. Agora, veio essa feira agroecológica. Deve ter uns seis, sete meses, por aí, que a gente começou. A feira é da Associação.

E tem os intercâmbios. Porque, graças a Deus, as pessoas estão querendo saber, querendo participar. O intercâmbio de dois em dois meses, a gente chama de “intercâmbio”. E a gente resolveu criar também os “intercambinhos” que dependem do interesse das comunidades.

Aqui na minha comunidade, a gente tá mais interessado na questão animal. Aí, vem e faz o encontro na comunidade, envolvendo as comunidades vizinhas mais próximas, só pra falar sobre a criação. A gente tá trabalhando também a questão da proteção das nascentes. Tem comunidade que tá interessada mais nessa questão. Aí, um grupo lá de Viçosa, os “Plantadores de Água”, vem e ensina quais as melhores maneiras de proteger uma nascente, quais as melhores maneiras pra segurar a água da chuva - cercar a mina e plantar árvores, ou só cercar também já ajuda porque as plantas naturais já nascem ali. Também proteger os morros, plantar árvores nos morros, fazer curva de nível. Eles ensinam as maneiras certas de fazer essas coisas, proteger a terra e segurar a água. Cada comunidade faz a oficina que tem interesse. As

---

<sup>9</sup> Trata-se do Movimento de Mulheres da Zona da Mata e do Leste de Minas, coletivo de mulheres descrito no início do presente livro.

mulheres se interessam muito em saber como tratar de animais de pequeno porte que é galinha e porco. Ou por oficinas práticas mesmo, igual a que a gente teve de cosmético, de sabonete. Outro dia, por exemplo, teve oficina pra fazer salgados naturais. É assim o “intercambinho”.

Depois, no “intercâmbio”, a gente socializa tudo que tá acontecendo. Cada grupo fala um pouco do que aconteceu no seu intercâmbio. Teve um que tratou de um tema mais específico sobre a questão da certificação do café, algo que a gente tá trabalhando aqui também. Então, socializa tudo. E tem também a troca de sementes. Tem a Irene, que é da Universidade de Viçosa, do Departamento de Solos. Ela tem um conhecimento enorme de agroecologia. Ela é ótima! Ela sempre vem também cheia de coisa nova pra ensinar pra gente, que ajuda na agricultura, na agroecologia.

É assim que funcionam os intercâmbios. Antes, era um só, todo mês. Mas a gente viu que tava perdendo um pouco, porque juntava gente demais. Ficava meio sem sentido também porque, às vezes, você participava de uma coisa que não era muito do seu interesse, que você não desenvolvia. A gente viu que fazendo assim, repartindo, cada um puxa mais pro seu interesse. Depois, faz esse encontro grande que socializa tudo e especializa mais em algum tema do interesse de todos. E tá funcionando bem. As pessoas gostam muito. E tem muitas pessoas se aproximando do trabalho com agroecologia assim. Porque o nosso interesse é que a agroecologia se expanda mesmo, né?

Até o Denil se inseriu mais no sindicato, depois que começou a participar dos intercâmbios. Porque ele não era muito de participar de reunião. Aí, com os intercâmbios, começou a participar do mutirão. Juntou um grupo de homens e trocavam dias. Cada semana iam trabalhar pra um. Iam fazer o serviço que a pessoa tivesse lá, roçar pasto ou capinar lavoura. Denil começou a participar desse grupo de homens; depois, da associação e da Cooperdom também. E, agora, do grupo certificação do café.

Então, no sindicato, são muitas coisas, né? Tem também o trabalho com a juventude que eu, como coordenadora, também tenho, às vezes, que estar acompanhando a organização, ver como é que tá. Porque também, se eles precisam de algum suporte, é o sindicato que tem que dar, que vai dar. Eu tenho que tá ali junto também. É um trabalho de formação com a juventude, tendo essa preocupação do problema dos jovens debandando pra cidade. Afinal, o que vai ser da roça daqui a pouco? E a cidade não tá dando tanta

coisa boa pros jovens assim. Porque, se tivesse, tudo bem. É claro que a gente quer o melhor pras pessoas e que nem todo mundo vai ficar na roça mesmo, mas tem muitos que tão indo pra cidade por falta de opção. Não consideram uma opção ficar aqui na roça, ter uma vida digna aqui na roça. E a nossa preocupação é fazer os jovens entenderem que tem como ter uma vida boa aqui na roça, sim. Não tem o conforto que tem na cidade, mas tem outros que lá na cidade não tem. O homem do campo e a mulher do campo são importantes e eles precisam entender isso. Não dá pra viver na cidade sem nós trabalhando aqui da roça. E, com a agroecologia, muita coisa pode ser feita nas propriedades para ajudar na melhoria da vida dessas pessoas, tanto financeiramente quanto na vida pessoal mesmo.

Eu vejo muitos pais, hoje em dia, até assim que trabalha na agroecologia, que participa dos intercâmbios falar só que os filhos têm que estudar e têm que ir pra cidade. Qual a graça disso, né? Eu tenho meus três meninos. É lógico que eu não vou falar com eles: *Não, vocês têm que ficar aqui. Tem que estudar?* Tem sim. Mas será que tem que ir pra cidade? A gente fica aqui, trabalhando no dia a dia com dificuldade pra ir organizando as coisas é pra eles, não é? Se eu incentivar que tem que ir pra cidade, pra quê eu vou organizar isso aqui? Vai ficar pra quem? É o que acontece muito. Os pais, eles têm uma terra e, quando morrem, os filhos vendem tudo e racham fora. Isso porque não ensinou os filhos a ter amor a terra, nem ensinou a importância da terra, da natureza.

### **8.5 A agroecologia e as práticas alternativas**

Eu iniciei na medicina alternativa através do sindicato e também da minha mãe. Quem trouxe a medicina alternativa aqui pra Divino foi o sindicato. Eu não sei te dizer há quantos anos. Eu era bem pequena na época. Devia ter uns nove, dez anos, por aí. Em reuniões, eles ficaram sabendo desse trabalho alternativo com plantas medicinais e a importância de tá resgatando essa cultura que é nossa. E começou assim, com as plantas medicinais. Aí, o sindicato trouxe cursos, trouxe pessoas. Levou também as pessoas que tinham interesse pra fazer cursos em Viçosa e em Muriaé. Foi um grupo grande no início. E a minha mãe, como já tinha muito interesse nesse assunto, participou do curso e começou a trabalhar na medicina alternativa.



Era a técnica do bioenergético<sup>10</sup>, do araminho como eles falavam. Era um trabalho muito interessante. Precisava de duas pessoas, porque fazia o atendimento em dupla. Fazia toda uma avaliação da pessoa, com um araminho compridinho que duas pessoas seguravam, uma em cada ponta e ia pondo sobre a pessoa. Quando as pontas abrem e fazem força sobre aquele órgão, é porque tem problema. Quando não abre, é porque não tem problema. Uma coisa muito interessante. Assim começou esse trabalho da medicina alternativa aqui em Divino.

Depois, veio o curso de homeopatia. Foi um avanço, porque trabalhou como é que funcionava, tudo direitinho. E veio também o curso pra aprender a fazer o teste com pêndulo. Esse teste foi outro avanço, porque precisava de uma pessoa só. Nisso, o padre da época, que eu nem me lembro qual era, interessou pelo assunto e resolveu divulgar nas comunidades. Aí, foi aumentando o número de pessoas fazendo o curso. Um tempo depois, o sindicato promoveu um curso, trouxe uma pessoa de Viçosa. Foram quase dois anos de curso dessa vez. Todo mês, a gente se reunia. E o CTA junto, porque era uma parceria da Universidade de Viçosa com o CTA. O Amaury de Espera Feliz foi quem deu o curso pra gente aqui com diploma e tudo legalizado mesmo pela universidade.

Eu fiz o curso pra aprender a fazer o teste com o pêndulo. Tanto serve pra gente, como pra animal, como pra planta, pra tudo. Pra água e pra terra também. É muito interessante, porque ensina a fazer o mapa. A gente faz o mapa da propriedade da gente e, aí, pode aplicar a homeopatia. É muito interessante. E funciona mesmo muito bem. Eu não tenho tido muito tempo de fazer isso aqui, por causa da minha correria. Mas, quando eu fiz o curso, eu cheguei a usar por um tempo.

A gente pode aplicar a homeopatia indo direto lá na planta, mas, aí, às vezes, fica difícil. Por exemplo, como é que você vai vaporizar uma lavoura inteira? Dá um trabalhão! E, se coloca a homeopatia no mapa, você faz dentro de casa. É muito mais fácil e funciona do mesmo jeito. Só que é uma coisa que você tem que ter persistência, né? Fazer todo dia direitinho, conforme é recomendado, e fazer o teste pra ver tudo direitinho. E, aí, como foi aumentando os meus compromissos e aumentando as crianças também, eu fui perdendo o tempo de fazer isso.

---

<sup>10</sup> Técnica de diagnóstico de doenças, segundo prática milenar denominada de radiestesia pelos especialistas. O arame e o pêndulo são instrumentos utilizados nos diagnósticos feitos segundo essa tradição.

Como é que você consegue concentrar pra poder aplicar um reiki num mapa? Eu fiz um curso de reiki também. Como é que você para pra concentrar, com o João Antônio falando? É meio difícil. E o tempo que, às vezes, sobra um pouquinho, eu tenho que dedicar pras crianças também. Aí, eu parei um pouco. Mas, assim, sempre que uma criação adocece, ou aparece alguma coisa na horta, eu recorro à homeopatia. Igual, esses dias pra trás, deu um bichinho preto lá, eu arrumei a homeopatia, o Denil jogou e funcionou. Vaca, às vezes, dá algum problema e eu dou o remédio.

Agora, o Denil também tá fazendo o curso. A gente do sindicato que organizou esse curso pro grupo interessado em criação. Tudo em parceria com o CTA e com a universidade, que dá esse suporte técnico pra gente poder fazer isso. Como já falei, o sindicato através dos intercâmbios, foi criando vários grupos de interesse. Então, no grupo de animais, veio essa preocupação com os remédios, porque as pessoas compram remédios pras doenças do gado e dão remédios pro gado. O curso de homeopatia específico pra criação surgiu daí. Já aconteceram quatro encontros. O Denil tá fazendo, pra ajudar também nessa questão aqui na propriedade. Porque a gente já tem os remédios e os livros, mas tá faltando é tempo pra cuidar. Como ele fica mais casa, ele sabendo, ele já faz.

Antes, eu não sabia nem que tinha esse nome: agroecologia. Aprendi o nome, depois que comecei a participar do sindicato. Mas, sempre, lá na minha casa, já tinha essa visão de não jogar veneno, de cuidar das plantas com homeopatia e com chá. Então, esse cuidado com a terra, de não fazer queimada, de sempre juntar o mato pra apodrecer e virar esterco, essa coisa toda, eu já tinha, né? Agora, aprender que isso era agroecologia foi só depois que eu comecei a participar do sindicato, dos intercâmbios, do curso de homeopatia.

Logo que eu comecei o curso de homeopatia, eu fui pro sindicato. Eu já era sócia do sindicato, mas era simplesmente sócia, não participava da vida do sindicato. Aí, quando fizeram a propaganda no rádio, como eu já tinha interesse porque já conhecia por causa da minha mãe, quis fazer o curso de homeopatia pra praticar melhor. E, com o curso de homeopatia, é que eu comecei a participar do sindicato. Primeiro, na Comissão de Mulheres. Eu comecei e as coisas geralmente vão assim: uma coisa vai puxando a outra, né? Então, da Comissão de Mulheres, eu virei diretora do sindicato. E, depois de diretora, eu virei coordenadora geral, participando cada vez mais. Aí, me convidaram pra ser sócia do CTA também e, de sócia do CTA, eu passei a ser diretora do CTA.

Para participar do CTA, é convite. Primeiro, as pessoas veem que você tem interesse. Por exemplo, eu posso indicar: *Fulano tá participando, é interessante ele virar sócio*. Aí, eles convidam pra ser sócio. Esse sócio, ele vai participar das assembleias do CTA. Não é um grupo muito aberto, em que todo mundo pode participar. Porque, quando tem assembleia, tem que ter quórum. Se for muita gente, não vai conseguir levar esse tanto de gente pra assembleia. É complicado esse negócio, né? São as pessoas que mais puxam as coisas no município que são convidadas pra associar. Não tem que pagar, é só mesmo interesse pela atividade, pela agroecologia. E, a partir do momento que começa a participar, se vier o interesse de ser diretor, pode ser, quando tem a troca de direção. Porque tem todo o corpo técnico lá dentro, mas os diretores têm que ser agricultores. Agora, nesse final de ano, teve assembleia de novo de troca de direção e eu voltei pra direção do CTA. Só vai apertando a questão de reuniões, de participação.

A agroecologia tem também essa preocupação com a vida dos outros, né? Assim, com a vida em comum. Porque a questão dos venenos, dos agrotóxicos, é séria demais. O câncer, aqui, tá um absurdo! Assim, falou que tá doente, todo mundo já imagina: é câncer mesmo. Então, até porque a gente veio de um trabalho das CEB<sup>11</sup>, a gente preocupa muito com a vida de todos, não só com a da gente. Preocupa realmente com a saúde, com o que é melhor pro futuro. Até mesmo pra natureza. Por exemplo, já tá tendo esses desastres, essa seca. Por quê? Por causa de desmatamento, queimada, agrotóxico. Isso tá acabando com a nossa natureza! Como é que vai ser daqui um tempo? Será que os meus netos vão ter água pra beber? E os meus filhos? Meus filhos já tão passando um pouco de dificuldade. E os meus netos e bisnetos? O que vai sobrar pra eles? O que vai ser da nossa futura geração?

Aqui, na agricultura, é cada dia uma coisa, né? A cada dia, você descobre uma coisa nova. Você participa de uma reunião e, aí, você aprende uma coisa nova. A agroecologia é uma coisa infinita! Cada dia, você tem uma surpresa nova! É bom demais! A gente trabalha demais e o lado financeiro é pouco. Mas o prazer que a gente tem não tem limite de bom! É um prazer que eu acho que dinheiro algum pagaria. É meio doido, assim, mas é o que eu penso. O meu sonho é que a gente consiga avançar cada vez mais na agroecologia e que a gente consiga mais políticas públicas que funcionem mesmo pra agricultura.

---

<sup>11</sup> As Comunidades Eclesiais de Base (CEB) são grupos de cristãos leigos, ligados à igreja católica, geralmente pobres, que se reúnem regularmente, nas casas de famílias ou em centros comunitários, a fim de ouvir e aprofundar a palavra de Deus, alimentar a comunhão fraterna e assumir o compromisso cristão no mundo. São formados por pessoas a partir do lugar onde moram, nos bairros, periferias, centro, morros, zona rural, que procuram viver relações fraternas de partilha, ajuda, solidariedade e serviço. Surgem da necessidade do povo se unir, para melhor participar da Igreja, saber seus direitos, discutir os problemas e procurar resolvê-los.

### 8.6 O movimento de mulheres e a vida das mulheres

Para participar do movimento de mulheres, não importa qual a sua afiliação no sindicato. Isso não implica em nada no trabalho com as mulheres. Lá no CTA, em todos os trabalhos, não importa qual a sua federação, desde que tenha o interesse na agroecologia. Lá, é diversificado. Tem trabalhos pra juventude, tem os trabalhos dos intercâmbios. Tem o Curupira, que é pras criança. E tudo é acompanhado pelo CTA.

Na Comissão de Mulheres, tem algumas mulheres que participam sempre e tem outras que vão de vez em quando. Porque, aqui, tem muito aquela dificuldade das mulheres irem. Elas têm que pedir se pode, né? Ainda tem muito isso. A gente tem até tentado fazer reuniões nas comunidades pra conseguir a presença das mulheres. É uma estratégia que deu certo esse ano. Chama oficina, porque as mulheres se interessam, quando fala que vai aprender fazer alguma coisa. Não vai ninguém, se falar que vai ter uma reunião. Agora, se falar que vai ter uma oficina, mesmo antes de ver qual oficina é, elas interessam. Ai, antes da oficina começar, a gente fala da importância da mulher sindicalizar e participar, da importância de ter a sua autonomia e de quais são os seus direitos. Sendo na comunidade também, fica mais fácil pra pessoa participar, porque, geralmente, a mulher tem mais autonomia pra ir. Se for ter que ir pra Divino, ela já vai ter que pedir. Às vezes, vai ter que pedir dinheiro pra pagar a passagem, pois, dependendo da comunidade, é longe. Às vezes, elas têm até vontade, mas já não querem nem perguntar em casa. É um negócio muito complicado, muito difícil.

Da vida da minha mãe pra minha, assim, mudou pouco. Porque a minha mãe sempre foi muito independente, sempre saiu de casa, sempre participou de reuniões. O meu pai também nunca foi machista. Então, eu já fui criada assim. Agora, comparando com outras famílias, infelizmente, hoje, as mulheres são muito submissas ainda. Estão muito “pode, não pode”, como se fossem criancinhas. E olha que, hoje, nem as crianças estão assim mais, né? Tem muitas mulheres que já estão participando do movimento e ainda acham que o homem realmente pode mais, sabe? Ainda acham que o homem pode mandar, que ele que é o chefe da casa. Ainda tem muito isso.

A participação nos movimentos transforma a gente, todo dia! Porque, de cada coisa que participa, de cada encontro que vai, é uma mudança que a gente tem. Um ditado aqui da roça diz: vivendo e aprendendo. E não é que a



gente morre sem saber nada? Quanto mais você aprende, mais você muda! E a gente aprende até mesmo a entender as pessoas. Porque os outros fazem algumas coisas que a gente considera errada, mas a gente tem que entender porque elas pensam daquela maneira: é a formação que tiveram. É preciso ter cuidado mesmo pra conviver, pra não afastar as pessoas antes mesmo delas chegarem. Você não pode chegar querendo que as mulheres já saibam tudo que você sabe. Elas não sabem, né? Elas vieram de outra formação, tão começando agora. Então, você tem que ir aos pouquinhos, não pode exigir muito. Isso, que é ter um pouco de calma pra entender o tempo de cada um, a gente vai entendendo conforme vai participando. Isso, só com a participação que a gente vai aprendendo. Eu acho que faz parte da agroecologia respeitar as pessoas do jeito que elas são, para que elas participem das reuniões, dos encontros, dos seminários, do que vier. Porque é só você tendo conhecimento que você consegue se libertar. Ou seja, o meu conhecimento não vai libertar você. E você tem que participar pra você conhecer. Não tem como eu passar o meu conhecimento pra você, não é verdade? O conhecimento é uma coisa que se adquire assim, no dia a dia. Então, se não participa, não aprende e, aí, não se liberta. Não tem outra forma, né?

Às vezes, a gente convida as mulheres pras coisas e dá vontade até de brigar, porque elas falam assim: *Mas, tal dia, eu não posso, porque eu tenho isso pra fazer, tenho aquilo pra fazer.* Dá a impressão que eu não tenho nada pra fazer, né? E elas não veem que aquilo não é pra mim. Ir e participar não vai ser bom pra mim, vai ser bom pra quem for! Se eu vou, vai ser bom pra mim. Agora, se você for, vai ser bom pra você. As mulheres, elas se retraem atrás de desculpas e isso não vai resolver o problema delas, não adianta. Se a gente quer participar, tem que levantar de madrugada, tem que adiantar o serviço. Se tiver criança pequena, tem que levar uma bolsa de roupa pro menino, mamadeira e biscoito, quando não tem com quem deixar. Umas falam: *Mas eu tenho menino pequeno! Eu também tenho.* No dia que dá pra ficar com a minha mãe, fica; no dia que não dá, eu tenho que levar.

Em quantas reuniões eu levei o João Antônio? Muitas! É até bom que leve mesmo, assim já começa participando e aprendendo, o que é bom pra eles também. O João Antônio tem o conhecimento que ele tem é porque ele vai nas coisas! Não tem outra forma de aprender! Por mais que, às vezes, o pai e a mãe tente ensinar em casa, isso não é igual ir e ver como as coisas funcionam. A gente foi pra Brasília acampar lá. Eu levei todos os três! Ficamos a semana inteira acampados, tomamos banho de água fria e eles nem ligaram. É só falar

que vai acampar que eles querem ir! A gente acampou em Belo Horizonte também. Já acampou duas vezes na Assembleia.

É difícil? É. Mas fazer o quê? O que acontece é que a gente vai e o serviço fica sem fazer. No dia que a gente chega, eu faço à noite e os meninos que ajudam. Faz a noite, faz de manhã, até que consegue colocar as coisas caminhando. Porque serviço de casa não acaba... Às vezes, a pessoa perde muita oportunidade por bobeira, por querer manter um chão de casa limpo. Beleza, é muito bonito uma casa limpinha, mas isso não é tudo, né? Tem coisa mais importante. Então, aqui é assim. As coisas pra fazer e vamos fazer. Casa? No dia que dá, a gente dá uma faxininha. O que não pode faltar é comida pronta e roupa lavada, o resto a gente vai levando. Agora, a Maria Abigail também tá participando da Comissão da Juventude. Ela tem os compromissos dela. Antes, participava comigo. Vamos levando: não deu pra fazer hoje, faz amanhã. A gente trabalha muito, mas eu gosto e não me importo. O que não posso é deixar de participar das coisas, porque tem o serviço de casa pra fazer. Eu acho que não compensa.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Eliete a Vera Westin e Clarissa Duarte.



9

## **Jordânia**

**Jordânia Fernanda da Silva Mariano**

**Letícia Godinho de Souza**

**Thaís de Freitas Valério**



***“Houve a abolição.  
Mas ela ainda continua,  
camuflada de muitos jeitos.”***

### **9.1 A colheita do café**

Pretendo fazer Direito. Voltei a estudar, depois de adulta. Tive um atraso nos meus estudos, por conta da panha de café. A gente ficava meses, lá nas fazendas de café, e tinha que abandonar a escola. Então, depois de adulto, é que a gente aqui do quilombo consegue chegar à escolaridade.

A gente ia, desde criança, acompanhar os pais na panha de café. Meus pais nasceram na panha; meus filhos também. Eu mesma nasci em um hospital, mas a maioria dos quilombolas nasceu no sul de Minas, nas fazendas de café, pelas mãos das parteiras do quilombo. A maioria da comunidade tem a mesma história de nascimento.

Então, eu comecei a trabalhar, com oito anos de idade, na panha de café com a minha família. Porque, aqui na nossa comunidade, além da panha de café ser uma tradição, era uma precisão também. Chegava a época de migrar pro sul de Minas, e a gente tinha que ir trabalhar com o café. E, lá, a gente trabalhava mesmo sem ter a idade. Eu era obrigada, porque a gente ia pra fazenda e os patrões ficavam cobrando dos nossos pais: *Você tá com menino dentro de casa. Tem que botar todo mundo pra trabalhar!* Então, isso, automaticamente, acontecia com todas as crianças da comunidade.

Os patrões mandavam os capatazes deles aqui no quilombo, e as famílias, por causa das dificuldades, pegavam dinheiro adiantado. Na época da panha da safra, essas famílias já iam devendo a fazenda. Então, iam pra trabalhar e pagar esse adiantamento. Além de pagar o armazém de dentro da fazenda, e ver também se conseguia trazer algum dinheiro no final, o que era muito raro de acontecer.

O alojamento em que a gente ficava, na época, era precário. As pessoas não podem imaginar como que a gente se alojava... Era um barracão de qualquer jeito: 100 metros pra essas 60 ou 70 famílias, com só uma porta e uma janela pra cada família. Era o maior desprezo. Não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. Não tinha banheiro. A gente tinha que buscar água longe, pra esquentar e tomar banho. Era tudo de chão; não tinha piso. Nem paredes direito tinha: se você olhava do lado de fora, você via lá dentro; se olhava lá dentro, via lá fora.

Esse alojamento ficava na propriedade da fazenda. Se eles sabiam que todo ano a gente ia para lá, por que soltavam os animais no meio do barracão? A gente, quando saía, fechava direitinho, varria, deixava tudo limpinho. Por que, então, não deixavam trancado? Sabiam que, no ano seguinte, a gente estaria lá. E a gente chegava de noite, sem luz, naquela bagunça...

De março a setembro, o quilombo ficava vazio. Setenta famílias eram transportadas para as fazendas de café, em cima de um caminhão com as tralhas. Antes disso, iam de carro de boi. As coisas todas que a gente tinha dentro de casa, a gente tirava, amarrava com cipó ou corda. Levava todos os pertences: os colchões de palha, os cachorros, as galinhas, os porcos. A gente fazia o canudo – é um canudo artesanal, feito de bambu, que a gente usava para transportar as galinhas. Para os porcos, a gente arrumava um lugar cercado, dentro do caminhão. E a gente ia tudo ali junto, em cima daquelas tralhas. Atravessava o Rio Pará e, depois, pegava a estrada. Fomos parados, várias vezes, pela fiscalização. Quando acontecia, os patrões vinham e os policiais liberavam. Foi isso, por muitos e muitos anos. Tinha panha de café em Bom Despacho, em Santo Antônio do Amparo, em Patrocínio.

Quando chegávamos lá na fazenda, era hora de semear o café. Depois, de colher. Panhávamos os galhos de café que iam caindo no chão, e, depois, passávamos o rastelo, para separar o café da terra.

O trabalho na panha começava de manhã cedinho. Quando era nove ou dez horas da manhã, parava para almoçar. As mulheres esquentavam a comida, no meio da lavoura. Ao meio-dia, era o café, e, de tarde, por volta de quatro horas, a gente parava. Ai, íamos pro alojamento cuidar da janta. Então, havia trabalho, depois que você chegava em casa. Tinha muito menino pra tomar banho. Então, tinha que acender o fogo no fogão de lenha e pôr a água pra esquentar, para dar banho naquela meninada. A água, tinha que buscar

longe. Inclusive, a água de beber. Tinha de procurar aonde é que tinha uma mina, porque não tinha poço.

A gente pegava muita água para o uso da gente, na mesma represa onde os gados banhavam. O mesmo lugar onde o gado bebia água, a gente tomava banho. Aí, era aquele tanto de criança doente! Não tinha uma água pura. Faleceram muitas crianças, na panha de café. Eu presenciei duas mortes na panha de café. Hoje, como fiscal da exploração quilombola, vejo como fomos castigados.

O trabalho na panha de café é pro homem e pra mulher. É um serviço pesado, e a mulher trabalha tanto quanto o homem. Inclusive, na hora da medida, quando se pesa o café colhido por trabalhador, você vê que a mulher trabalhou tanto quanto o homem. Só que a mulher sofre mais. Porque a mulher, além dela trabalhar na lavoura em período integral, ela tem que chegar no alojamento e ainda trabalhar. Sendo que, lá, não tem pia, água ou banho pras crianças. Então, a mulher tem que buscar água, para lavar louça, fazer a janta e dar banho nas crianças. O marido já trabalhou e tá tranquilo, enquanto a mulher continua. Além de ter trabalhado o dia inteiro com o marido na lavoura, chega em casa e continua ainda esse processo. Ela consegue dormir, descansar, por volta de onze horas, mesmo que, às cinco da manhã, tenha que levantar pra fazer marmita, tudo de novo. Então, a mulher trabalha muito, muito mesmo. Muito mais do que os homens.

A gente trabalhava somente para sobreviver, para comer. Os fazendeiros usavam de um subterfúgio, para nos explorar ainda mais. No armazém da fazenda, colocavam um preço alto no alimento. E éramos todos obrigados a comprar, nas condições que eles próprios determinavam. Por que como é que vai ficar numa panha de café sem comprar alimento? Então, eles colocavam o preço que compensava pra eles. Com isso, praticamente todas as vezes, a gente saía da fazenda devendo. A gente não ganhava nada e ainda tinha que ficar ali com aquela responsabilidade de pagar o armazém, de fazer a colheita deles no ano seguinte, presos ali com eles.

O triste é que a gente não sabia do preço do trabalho. O preço dos litros de café ou da saca de café que a gente colhia, eles é que colocavam. Os pais de família riscavam uma meta pra cada família. A gente tinha que alcançar aquela meta por dia, pra conseguir ganhar alguma coisa no final ou dar uma abatida naquela dívida que já tinha. Mas era muito difícil. Na maioria dos lugares, a gente tinha que trabalhar praticamente toda a safra e ia saber o valor daquele produto só

no final. Não havia negociação. No final, o valor que a gente ia receber, era eles que marcavam. Eles que decidiam o que a gente deveria receber.

Então, trabalhava muito, pra ver se conseguia alguma coisa no final. Mas, no final, eles faziam o que queriam. Eles costumavam fazer o cálculo de um jeito que a gente não ganhava nada, que ficava, como dizem, elas por elas. Teve dias que só a minha família, eu com o meu marido e meus filhos, mandou um caminhão desses de 40 medidas de 120 litros de café. Apanhávamos segunda e terça; media na quarta. Era muito café! A gente trabalhava muito. E ia tudo só em troca da comida. No final das contas, ficava “elas por elas”. Geralmente, quem conseguia trazer algum dinheiro era mais as famílias grandes, que tinham mais filhos. A maioria voltava devendo a fazenda, e, no próximo ano, tinha que voltar pra pagar a dívida anterior. E, aí, ia acumulando dívida em cima de dívida, e era uma dívida que ficava praticamente a vida inteira. Foi o que aconteceu conosco, aqui no quilombo.

O trabalho, então, era só para comer. E para comer mal. A gente comia o que eles dessem ou colocassem lá no armazém da fazenda. Até a carne eles arrumavam para vender pra gente e colocavam o preço deles, pra não sobrar é nada mesmo! Mas a fazenda comprava o porco na pocilga e vendia pra nós pelo preço cobrado na cidade. Em muitas fazendas que a gente trabalhou, não achavam que tinha que comer carne não. A gente passava quatro meses, lá, sem ver nenhum torresmo de toicinho. Na maioria das vezes, os produtos que colocavam no armazém da fazenda pra nós comprarmos eram só o resto de outros armazéns das grandes cidades. O arroz era ruim; o feijão não cozinhava. A gente ficava, até onze e meia ou meia-noite, cozinhando o feijão. Quando era de manhã, quatro horas da manhã, a gente levantava pra ir fazer o almoço pra levar pro meio da lavoura e aquele feijão ainda estava meio cru. Mas a gente não podia ficar esperando ele cozinhar, por conta da hora que a gente ia chegar no trabalho. Então, compravam para o armazém aquele mantimento ruim mesmo.

Com tudo isso, eles ainda trancavam a gente dentro da fazenda... Não é à toa que eu sou militante, desde pequena. Eu gostava de querer saber, ficava questionando porque que a gente tinha que ficar trancado. Eu ia pro escritório pra brigar com eles. Eles falavam que era por causa dos fiscais, que eles poderiam chegar e ver gente “de menor” trabalhando. Mas era também pra gente não fugir. Há sete anos atrás, ainda era assim. Era muito difícil, muito triste. Não era pra pessoa nenhuma não.



Tem muitos casos revoltantes, na verdade. Eu presenciei a morte de uma criança, no meio da lavoura, por falta de socorro. Ela teve pneumonia, mas os pais estavam devendo a fazenda. Então, essa criança faleceu, no meio de todos nós, sem nenhum atendimento. Foi uma revolta muito grande. E foi quando eu me tornei uma militante mesmo, quando me deu vontade mesmo de combater a exploração.

Houve a abolição. Mas ela ainda continua, camuflada de muitos jeitos. Tem muita exploração camuflada, até hoje. Em muitos quilombos, os homens ainda são levados por fazendeiros para o corte de cana ou a colheita de café. Muitos vão pra longe e não têm condições pra voltar.

O que fez a comunidade parar de migrar pro sul, eu acho que foi a revolta. O pessoal estava falecendo muito, lá. Nossos idosos tinham que ir também, junto com os filhos que iam trabalhar. Aí, lá faleciam, porque é muito frio. O período da safra é um período do ano que é frio. As crianças também vinham adoecendo muito. E a gente resolveu fazer esse protesto, parar de uma vez. Um ajudando o outro, a gente conseguiu, graças a Deus.

Trabalhei como caseira, em fazendas, durante oito anos. Fui trabalhar em uma fazenda, exatamente procurando um meio de me sustentar, depois da colheita do café. Eu mesma decidi parar de panhar, de migrar, porque, na última vez que fui, em 2008, minhas crianças estavam pequenas e eu tinha que ir trabalhar juntamente com meu marido. Uma vez, coloquei as crianças pra dormir debaixo de um pé de café. Perto do pé de café, tinha um ninho de cobra cascavel. Então, a gente viu uma cobra. E uma cascavel não anda sozinha: se tem uma, a outra está próxima. Quando a gente olhou, tinha uma ninhada. Por pouco, não picou as minhas crianças que estavam dormindo debaixo do pé de café. Foi aí que nós realmente paramos.

Tem oito anos que eu não vou mais para a panha de café, mas foi assim a vida toda no quilombo. Desde a história dos primeiros habitantes daqui, dos primeiros ancestrais, depois da Lei Áurea. Foi a única opção que eles tiveram de se sustentar. Tem mais de 100 anos que a gente tem essa tradição. Tem aqui pessoas com 87 e 88 anos que nasceram na panha de café.

Hoje, nós temos quatro famílias que ainda vão para a panha de café, mas com melhores condições. Vão com transporte pra migrar daqui pro sul e com alojamento lá. Ou seja, a coisa se modificou muito.

Agora, se não fosse a fiscalização, teria continuado do mesmo jeito. Porque ninguém podia reclamar. Se reclamasse, podia ficar pior, porque não iam mudar. Era um povo muito necessitado... Depois que a fiscalização foi vendo que aquilo ali era um trabalho escravo, que a gente era a mesma coisa que escravo, aí, nós também passamos a não aceitar mais.

Antes disso, em certas ocasiões, algumas pessoas se mobilizavam, paravam e exigiam que os patrões pusessem o preço, antes de entrar em uma outra lavoura. Mas aquele que começava a mobilização era perseguido, na maioria das vezes. Era chamado de desarticulador, de desmancha turma. Então, em geral, o pessoal não mobilizava, não fazia protesto. Quem protestava era marcado pelo fazendeiro. Se fizesse isso, no outro ano, já era proibido de ir, não voltava naquela fazenda mais. Mas a gente tinha muita necessidade, tinha que continuar indo. Então, todo mundo ficava submisso, ninguém falava nada. Na maioria das vezes, o que acontecia era que os quilombolas se omitiam, por necessidade. Porque, se estava ruim lá, aqui estava muito pior.

## 9.2 A vida no quilombo

Essa terra onde eu vivo é minha, é uma herança. Era do meu bisavô, e meu avô recebeu como herança. Era do meu avô, e meu pai recebeu como herança.

O pai do meu bisavô foi um dos primeiros quilombolas daqui. Na verdade, eram três casais de ancestrais os que primeiro chegaram aqui. Eles chegaram nesse quilombo, um tempo antes da Lei Áurea. Era uma fazenda onde, hoje, é o quilombo. E ela pertencia a um padre. Esse padre doou a fazenda para esses três casais que já habitavam nesse cantinho.

Mesmo depois da restauração da liberdade, os fazendeiros ao redor não aceitavam que aqueles negros que trabalhavam pra eles a chicotadas, de graça, teriam que receber um salário pra trabalhar. Eles se recusavam a dar trabalho pros quilombolas daqui. Não só daqui como de vários outros quilombos. Então, os quilombolas daqui tinham as terras que eles ganharam do padre, mas não tinham como se sustentar. E começaram a trocar as terras por comida pra sobreviver com esses fazendeiros. De uma certa forma, isso ainda acontece. A gente está tentando acabar com isso. Mas, aqui, há pessoas que trocam um pedaço de terra por carro ou outras coisas.

*Casas do Quilombo  
Cachoeira dos Forros.  
Crédito: Leticia Godinho.*



*Pomar da Cada de Dona Alenir.  
Crédito: Leticia Godinho.*



No quilombo, a gente tem um costume. Depois da panha de café, em setembro, a gente voltava e ia arrumar as terras pra plantar. As mulheres também ajudam os homens a fazer as plantações. Ninguém tinha um trabalho fixo, para segurar até a próxima safra. Hoje, tem uns dois fazendeiros que fornecem trabalho pra alguns homens da comunidade. O restante trabalha por contra própria, planta alguma coisa no quintal, porque terra mesmo já não tem pra explorar, pra plantar, em função das trocas com os fazendeiros.

Essa plantação no quintal é para consumo próprio. Estamos tentando produzir nossas próprias comidas. A gente consome os produtos, troca com os outros e vende o que sobra. Vendemos milho, feijão, mandioca, verduras da horta. Algumas famílias fazem algum doce e vendem. Tem também o artesanato do bambu, da palha do milho, da bananeira e da taboa. Outras fazem uma plantação de pimentas. E assim vai. O que buscamos é justamente produzir e conseguir escoar, para gerar uma renda fixa. Temos muitas crianças e jovens no quilombo. O que é bom, porque está crescendo. Mas temos que buscar uma forma de nos sustentar.

Eu não imaginava que a gente ia conseguir parar um dia de ir pra panha do café. Era uma coisa tão necessária, que a gente ficou meio condicionado de ir fazer aquilo ali, todo ano, naquela mesma data. Depois que a gente parou, ficou todo mundo com muito medo de não conseguir se sustentar. Mas, aí, fomos cada um fazer uma plantação nos seus quintais.

Nós temos também muitos aposentados na comunidade. Eles também oferecem um trabalho, algum bico, para os mais jovens. Um dia sim, outro dia não, é verdade. Mas é assim que a gente vai conseguindo manter as famílias. Também temos o projeto social do governo, o Bolsa Família<sup>1</sup>, que atende às mulheres de baixa renda da comunidade e que vem sustentando uma boa parte das famílias.

Mas as políticas só chegaram à comunidade, depois que nós conseguimos nos libertar das panhas do café. A Emater<sup>2</sup> veio, em seguida, começou a dar assistência aqui na comunidade. Ela tem trazido vários cursos, através da Senar<sup>3</sup>.

O técnico da Emater é um apoiador, uma pessoa que contribui muito. Foi ele que veio falando que aqui poderia ser um quilombo. A gente, então, aprofundou, criou a associação e nos autorreconhecemos como quilombolas. Em seguida, entramos em contato com a Fundação Cultural Palmares<sup>4</sup>, e recebemos a certificação, em 2008.

1 O Bolsa Família é um programa de transferência direta de renda do governo federal, voltado para famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza do país.

2 A Emater é a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Governo do Estado de Minas Gerais.

3 A Senar é a Secretaria Nacional Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário.

4 Entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) e voltada para promoção e preservação da arte e da cultura afro-brasileira, a Fundação Cultural Palmares é responsável pelo reconhecimento das comunidades quilombolas.



Depois desse reconhecimento enquanto quilombola, nós conseguimos pleitear pra nossa comunidade alguns projetos. O primeiro foi um projeto de sítios, pra criar um pomar pras mulheres que produzem os doces e outras coisas mais. A intenção era, com esse pomar, que elas trabalhassem com doce cristalizado, tirando da própria produção a matéria para trabalhar. Fizemos esse projeto com 39 famílias e foi um sucesso. Depois, conseguimos pleitear dois carros pra comunidade, para transportar os idosos doentes. Isso porque, às vezes, os nossos idosos passavam muito mal e não tinha carro para transportar para o atendimento. Até que ligasse e a ambulância chegasse aqui, os nossos idosos acabavam falecendo. Então, nós conseguimos dois carros através do governo estadual.

Na época do Lula e da Dilma, melhorou muito, porque as pessoas passaram a comer. O governo Lula facilitou a vida das mulheres de baixa renda com o Bolsa Família e outros programas para as famílias. Depois, teve também o incentivo dado pelo Pronaf<sup>5</sup>. Porque, na verdade, antes, a gente não soube trabalhar aqui por falta mesmo de incentivo. Algumas mulheres daqui também fizeram o Pronaf Mulher<sup>6</sup>. A maioria das mulheres daqui, na verdade, já fizeram o Pronaf Mulher pra obter um incentivo pra trabalhar com a horta, essas coisas. No governo do Lula, teve também o PNHR do Minha Casa Minha Vida<sup>7</sup>. Nós conseguimos 26 moradias do programa. As 26 famílias que conseguiram essas casas se encontravam a maioria sem casa ou em casas precárias. Então, trouxe moradia digna pra essas famílias. Nós também temos aqui três famílias que fornecem biscoito pro PAA<sup>8</sup>. E a gente está querendo crescer, aumentar o número de famílias.

A gente tinha também uma dificuldade com a questão das DAP<sup>9</sup>. Porque, para ser emitida a DAP, precisa da certidão da terra. E nossas terras quilombolas, a maioria não tem escritura. Então, o Incra<sup>10</sup> abriu um processo, por solicitação

5 O Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) é um programa do governo federal que se destina a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, por meio do financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas.

6 O Pronaf Mulher é uma modalidade do Pronaf voltada para a mulher que é produtora rural.

7 O Plano Nacional de Habitação Rural (PNHR) integra o Programa Minha Casa Minha Vida (Pmcmv) e está voltado a fornecer subsídio financeiro para a construção de moradia aos agricultores familiares e trabalhadores rurais.

8 O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) é uma ação do governo federal para fortalecer a agricultura familiar, por meio da criação de mecanismos de comercialização que favorecem a aquisição direta de produtos de agricultores familiares.

9 Trata-se da Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), documento que os agricultores familiares precisam para ter acesso ao Pronaf.

10 Trata-se do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), autarquia federal cuja missão é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

da comunidade, de reforma agrária. Hoje, a gente tem uma certidão do Incra e essa documentação substitui a documentação de posse da terra. Esse documento foi preciso pro Minha Casa Minha Vida, pro Pronaf.

### 9.3 Ser mulher quilombola

É uma conquista muito grande a gente, hoje, poder entrar nos lugares. Porque, antigamente, mesmo aqui na região, a comunidade era vista agressivamente. Eles falavam os pretos, os preto lá da Cachoeira. Até então, não era quilombo.

Aqui mesmo no nosso município, no setor de contabilidade da Prefeitura, são duas ou três pessoas negras trabalhando. Tem uma negra que trabalha tem mais de 20 anos, quase 30, lá. E nós convidamos essa mulher pra assumir a cadeira de presidente no Movimento Negro de Passatempo. Ela estava falando, no dia da reunião, nesses 30 anos, só passou uma pessoa negra lá onde trabalha, somente uma pessoa que teve a oportunidade de fazer o teste. Mas, também, que os chefes não fizeram questão de contratá-la, nenhum esforço. Então, durante 30 anos, só uma pessoa negra ter oportunidade é muito triste, né?

Hoje, a gente luta e temos a lei que nos protege. Mas, antigamente, há 30 anos atrás, era mais complicado você se assumir na sociedade como negra. Para entrar na sociedade, você era muito discriminado. Agora é que os movimentos vão se unindo e panhando força pra conseguir chegar até a igualdade.

Eu palestrei na PUC, esse mês. Eles fizeram uma palestra pra advogados, na verdade, os alunos de Direito. E eu falei assim: *Olha, as oportunidades. Não que o negro não seja inteligente. Mas é que as oportunidades não chegam até eles. Ou, se chegam, é com muitas dificuldades. Olha, não tem um negro aqui. A gente estava lá com 30 alunos. Então, assim, na sociedade, em lugar nenhum praticamente você vê um negro. De dez atrizes, duas, três são negras. E as que são, são mucamas. A gente quer igualdade.*

A gente fica debatendo até mesmo com algumas famílias negras sobre as cotas raciais. É uma polêmica. Eu sou a favor da cota, mas tem gente que diz: *Estão passando a mão na cabeça daqueles negros.* A questão é que, quando tem um aluno negro, ele veio de uma família que não teve oportunidade. Então, conseqüentemente, ele também não terá. Ele terá muita dificuldade pra chegar até uma universidade e, depois, pra concluir um estudo.

*Moradoras da comunidade quilombola Cachoeira dos Forros. Da esquerda para a direita: Raissa, Roseni, Alvarina e Jordânia. Crédito: Letícia Godinho.*



*Jordânia com Dona Alvarina, moradora mais antiga do quilombo Cachoeira dos Forros. Crédito: Letícia Godinho.*





As oportunidades não chegam fácil. Por exemplo, eu estudei aqui em Piracema. As minhas colegas, hoje, são as advogadas que tem aqui. São contadoras, arquitetas. E elas conseguiram porque já tinham um apoio. Eu não tive, porque, aqui no quilombo, eu não tinha nada e eu tinha que trabalhar. O aluno negro, geralmente, tem que começar a trabalhar muito cedo pra ajudar a sustentar a família. Não só os quilombolas, mas todos.

O governo Temer, por exemplo. Logo de cara, acabou com a Seppir<sup>11</sup>. Tirou toda a negritude de lá. Teve de dar um jeito de nos aniquilar.

Por isso, em cada oportunidade que eu tenho de palestrar ou dar entrevista, o que tento buscar são as condições dos quilombolas viverem dentro da sua comunidade com dignidade. Quando recorro aos órgãos públicos, aos governos, não é diferente. Não adianta só o governo lançar os programas e deixar ao léu. A comunidade precisa de um apoio voltado pra ela, pra ter condições até de correr atrás e trazer um projeto pra comunidade. Queremos acabar com essa migração forçada dos quilombolas. A gente não quer que nossos quilombolas esvaziem nossos quilombos. Nós queremos viver na natureza.

Ser mulher do campo é gostar de viver pra natureza, de cultivar as plantações. É trabalhar pra seu próprio sustento. É plantar. É limpar uma água, limpar um córrego pra nascente descer livre. É cuidar da criação, é tudo isso. E é defender também a natureza sem os produtos químicos. Eu acho que isso é importante.

De tantas dificuldades, de tanta descrença, de tanto sofrimento, eu até já pensei em sair do quilombo, procurar outro meio pra gente se sustentar. Mas eu acho que seria abandonar nossa história, que seria contribuir pra que a nossa raça e a nossa presença se aniquilasse na sociedade. Então, eu decidi não sair mesmo e lutar pra manter os quilombos e as nossas tradições.

Os negros carregaram o Brasil nas costas. Tornaram o Brasil um dos países mais ricos da América. E assim continua sendo. Há mais de 127 anos, estamos tentando conquistar uma vida digna e entrar na sociedade de cabeça erguida, sem ser impugnado por ninguém, sem ser zombado por causa da cor. A escravidão, a exploração não cessou. A gente não toma mais as chicotadas de couro, de correntes, de espinho. Mas, a cada dia que passa, a gente tem que ficar lutando pra sociedade enxergar a gente com dignidade, sendo que a gente contribui tanto pra sociedade. A gente produz tanto

---

11 A Seppir é a extinta Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.



quanto uma pessoa que não é negra. A gente faz as mesmas atividades. Mas, por ser negra, as oportunidades não chegam, na maioria das vezes.

Nós militantes, o que nós prezamos é o futuro dessas nossas crianças negras que estão chegando hoje. A gente jamais quer que eles passem pelo que a gente passou. Mas tudo é ainda muito recente. Eu sou nova e passei por tudo isso. Eu vivi isso! Tem sete anos que as coisas estão melhorando um pouco, pra mim.

A Federação Quilombola<sup>12</sup> foi criada, em 2005. E foi um processo, com muita dificuldade de aceitação, de participação, até mesmo para garantir um espaço na sociedade. Hoje, nós somos 730 comunidades quilombolas. E é um caminho meio lento ainda, mas a Federação pretende conseguir alcançar todas essas comunidades, oferecendo apoio. Nós temos também a Conaq<sup>13</sup>, a confederação nacional, que protege também as comunidades de nosso país.

Tem três anos mais ou menos que conheci a Sandra<sup>14</sup>. Ela me convidou para participar das articulações, das agendas, e aí, eu fui me aproximando dos trabalhos e dos encontros da Federação. Foi como cheguei a ser diretora, hoje, das mulheres quilombolas na Federação.

As articulações que a Federação tem feito com o governo foram em prol das comunidades quilombolas do Estado. E o resultado desse trabalho tem sido significativo. Isso tem aparecido, através dos projetos que a gente segura com o governo.

Esse movimento nos deu a oportunidade de chegar mais perto dos governos. Ele deu voz pra nós, quilombolas. Ele nos deu oportunidade de levar as nossas demandas e a nossa realidade pros governos, de correr atrás, de buscar. Com certeza, mudou muito a minha vida.

As mulheres, antes, não tinham empoderamento. Elas eram mais simples, e eram “mandadas”. Elas eram muito submissas. Elas não viviam pra si próprias, viviam como o marido, os filhos, os patrões ou os pais achavam que elas deveriam viver. Isso a gente vem trabalhando. São os tabus que a gente vem quebrando. Hoje, pelo menos isso, nós conseguimos mudar.

<sup>12</sup> Jordânia faz referência à Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, a N'GOLO, uma ONG que se dedica às questões quilombolas do Estado.

<sup>13</sup> A Conaq é Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, ONG de âmbito nacional de representação quilombola da qual participam 23 estados da federação.

<sup>14</sup> Trata-se de Sandra Maria da Silva, uma liderança quilombola.

Conseguimos andar pelo nosso querer, pelo nosso desejo. Temos atitude e capacidade de representar a nós mesmas. A gente não tem que ficar esperando uma ordem de um marido, de um pai, de um patrão. Então, hoje, nós temos empoderamento. Somos mulheres empoderadas. Antes, uma mulher não podia nem sair sem o marido. Hoje, nós somos militantes.

Meu marido é uma pessoa que me apoia muito. Tem três anos que eu estou militante, que me declarei, que me assumi de luta mesmo. E deixei tudo pra lutar. Eu estava trabalhando, aqui no sítio, e deixei, porque vale a pena a gente correr e lutar pro bem daquele que está chegando. Porque o que não foi bom pra gente não se pode receitar pra outras pessoas. Então, temos que aproveitar a oportunidade que os movimentos sociais têm de se unirem e conquistarem um lugar de dignidade na sociedade.

Desejo que a juventude negra continue sempre de cabeça erguida, porque são tanto quanto os jovens que não são negros. E que levem pra sociedade o que aprenderam no quilombo: ser digno e ter honestidade sempre<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Jordânia a Letícia Godinho.





# 10 **Lúcia**

**Maria Lúcia de Cristo**

**Marina Coimbra Ferreira Batista**

**Maria José Nogueira**



***“O que eu sonho é ver a condição da vida das mulheres ser um pouco parecida com a minha, com essa liberdade de poder sair, de poder opinar, de ter condição de decidir sobre a sua vida, de ter autonomia.”***

### **10.1 O trabalho com a terra**

Eu comecei a trabalhar muito cedo. Com sete anos, eu já trabalhava, ajudava na roça. Eu dividia meu tempo entre ir pra escola e ir pra lavoura. Mas o tempo de estudo era reduzidíssimo... Era só o período de ir à aula mesmo. E, no recreio, em vez de brincar com as crianças, eu ia para o curral, para o pasto tocar os bezerros e separar eles das vacas, botar as vacas no curral pra no outro dia ter leite. Então, era assim.

Eu tenho um irmão que tem problema epilético. Muitas vezes, meu pai e minha mãe precisavam sair pra cuidar dele. E, como eu sou a filha mais velha, eu ficava com a responsabilidade de cuidar da casa e da criação. O meu pai sempre mexeu com muita criação, fazia rapadura. E, aí, quando ele ia fazer rapadura, eu já ia pra lavoura pra ajudar a cortar cana, carregar a cana. Mesmo sem aguentar, né? Porque elas eram muito grandes. Eu sofria muito, mas fazia. Porque tinha que ajudar e contribuir com a alimentação da família. A gente tinha lavoura de café. Também plantava muito arroz, feijão, milho. Nós colhia de tudo.

No começo, nós não tínhamos terra. Nós morávamos na terra do meu avô. Quando eu tinha 15 anos, o meu pai adquiriu um pedaço de terra. Aí, nós fomos pra terra que ele adquiriu.

Nós somos sete irmãos: cinco mulheres e dois homens. Meu irmão, o que veio em terceiro, desde os cinco anos, ele começou a apresentar problema de saúde. Aí, ele não pôde ajudar, porque ele dava crise diariamente. Então, a minha irmã ficava mais na casa e eu fazia mais o trabalho braçal de ajudar o meu pai.

Quando eu casei, o meu pai cedeu uma área. O meu marido fez só a terraplanagem. Depois, ele fez a casa, nesse lugar que meu pai deu de presente. Meu marido tem nove irmãos, e a terra dos pais dele era assim bem fraquinha, maltratada. Quando meus sogros faleceu, os irmãos não quiseram a terra. Então, ele foi comprando as partes dos irmãos. Hoje, eu moro na terra que o meu pai deu e na terra da herança dos pais do meu marido, que é bem pertinho. A terra, hoje, está sem documentação, infelizmente, ainda. Desde 2008, eu estou pelejando pra legalizar a terra no nosso nome, mas a gente ainda não conseguiu.

## 10.2 Simonésia

Aqui em Simonésia, 70% da população está na roça e ainda sobrevive da terra. A maioria, em pequenas propriedades. E o pessoal que mora na cidade só vai lá pra dormir, porque trabalham na roça, desde de manhã, seja porque tem um pedacinho de terra ou porque tem um contrato com alguém. A maioria vive do café. É a economia que mantém esse município.

Tem muita mulher, aqui, lidando com a terra. No café, elas é que seguram boa parte dessa produção. Porque é uma planta que demanda muito dos agricultores. Ele é uma planta que você planta uma vez só, mas os agricultores tem que estar sempre lá na roça pra cuidar dele. E boa parte do serviço que é feito, são as mulheres que tão lá, trabalhando. Chega na hora da colheita, que gira em torno de quatro meses, as mulheres não tem hora pra deitar, não tem hora pra levantar, porque a colheita toma todo o tempo. Se o café já tá na hora de colher, você não pode deixar a chuva pegar. Você tem que correr, seja a hora que for. Se tiver apanhado, você tem que estar lá pra poder proteger ele da chuva. Então, às vezes, você tá dormindo e sai todo mundo correndo.

### 10.3 O sindicato

Em 1995, a Fundação Biodiversitas<sup>1</sup> lançou um projeto chamado Doces Matas. Esse projeto começou a realizar reuniões nas comunidades do entorno de uma reserva particular do patrimônio natural. E eu moro em uma dessas comunidades, perto da Reserva da Mata do Sossego. Eu comecei a fazer parte dessas reuniões, no final de 1998. Eu ainda não era sócia do sindicato. Só o meu marido – ele já foi Diretor. Em 1999, a Fundação propôs que, dentro do projeto, existisse uma pessoa pra trabalhar especificamente com as mulheres, uma vez que muitas demandas foram aparecendo. E, nessa época, também surgiu a obrigatoriedade de ter pelo menos 30% de mulheres na diretoria do sindicato, e ele ainda não possuía esse quantitativo. Então, o sindicato, que já era um dos parceiros da Fundação, uniu as duas demandas, a de trabalhar com as mulheres e a de trazer mais mulheres para dentro das diretorias. Na época, eu acho que tinha apenas uma mulher diretora. Então, o sindicato criou uma comissão, com o nome de Comissão das Mulheres do Sindicato. E, aí, eu comecei a fazer parte. Em 2004, houve uma eleição e eu entrei na diretoria como suplente. Comecei a participar da diretoria do sindicato. Hoje em dia, na diretoria do sindicato, a maioria é mulher.

Atualmente, a minha vida se divide entre estar na diretoria do sindicato e na roça. Tenho menos tempo de ficar na terra do que tinha antigamente, porque eu faço parte da diretoria e isso acaba tomando muito tempo. O sindicato, aqui, é bem atuante, tem muita atividade e elas são bem frequentes, tanto que tem semana que eu vou a Belo Horizonte duas vezes. O sindicato busca sempre a questão dos direitos dos trabalhadores e envolve a questão das terras devolutas que, hoje, estão sendo medidas pela SEDA<sup>2</sup>. Foi uma luta. Desde 2008, a gente buscou junto ao Governo de vir legalizar as terras pros agricultores. E eu fui uma que sempre fiz esse trabalho de buscar.

Eu também trabalhei, desde 2007, na diretoria do sindicato, enquanto Diretora de Previdência. Nesse trabalho, tem dia de atendimento aos sócios, de orientação. Aos não sócios também, que vêm procurar qual que é o direito deles, qual que é a obrigação que um trabalhador tem que ter enquanto documentação. E quais são os deveres. Então, a gente faz a política de que

---

<sup>1</sup> A Fundação Biodiversitas é uma Organização Não Governamental (ONG) brasileira, que trabalha há 25 anos em defesa de nossa biodiversidade.

<sup>2</sup> A Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário (SEDA) é um órgão da administração pública direta estadual de Minas Gerais, focada nas políticas públicas para a agricultura familiar e para o desenvolvimento rural sustentável.

ninguém é obrigado a se associar no sindicato. O sindicato é uma ferramenta do trabalhador, mas ele tem que se conscientizar de quais são os deveres dele. Então, é feita essa formação. Isso é muito intensivo com os sócios.

A gente começou esse desafio de mostrar para o trabalhador que não basta associar ao sindicato pra conseguir os benefícios. Ele tem uma outra tarefa, que é documentar a terra. E, com isso, eu fui acompanhar o jurídico do sindicato, que passou a vir de 15 em 15 dias. Aí, é feita a reunião junto às comunidades. Pra isso, eu tirei habilitação de carro, em 2011. Eu não dirigia não. E, quando passei a dirigir, eu peguei muitas tarefas, porque nem todo mundo dirige, nem todos os diretores dirigem. Então, se tem uma reunião na comunidade pra falar da vida das mulheres, eu acabo indo junto.

O dia que eu trabalho no sindicato não dá tempo de trabalhar na terra. Se eu tiver que fazer alguma coisa na roça, eu faço antes d'eu ir pro sindicato, até ali pelas nove horas. À tarde, não tem jeito, porque, lá, eu não tenho hora pra sair. Então, se tem muita coisa pra fazer no sindicato, eu chego em casa, já tá escurecendo. Então, não dá tempo de fazer depois que eu chego não. O dia que eu trabalho na roça, eu corro pra dar conta de tudo. Se tiver alguma coisa na casa pra resolver, eu vou lá. Se tiver alguma criação pra olhar, eu olho. Faço a horta também. Menos no período chuvoso, porque ele é mais complicado pra mexer com horta. A lenha também é eu que cuido.

Depois que eu passei a assumir mais tarefas no sindicato, eu passei a trabalhar menos lá na roça. Eu vou só quando precisa, na época da colheita do café, ou quando meu marido precisa cuidar de algo na cidade e tem que ter alguém trabalhando na roça na mesma hora. Aí, eu vou. Em 2016, eu passei o período da safra lá todinho com o meu marido, na colheita do café. Aí, se ele tiver que sair, ele sai. Se eu tiver que sair, eu saio. E, quando eu fico lá, eu tomo conta.

Nossa produção, hoje, gira em torno do café. Mas, desde 2010, a gente tá fazendo a plantação de horta, pra vender pra merenda escolar. A gente já fazia a horta de casa e tudo, mas passamos a plantar um pouquinho mais, pra que cada agricultor tivesse condição de entregar pra merenda escolar. Então, por meu tempo ser mais reduzido na lida com a terra, eu planto couve pra entregar e, às vezes, planto alface também. Mas o que mantém a renda da família mais é o café mesmo.



A nossa produção, além do café, tem banana, mandioca e feijão, que a gente vende pro PAA e pro PNAE, que é o Programa de Aquisição de Alimentos do Programa Nacional de Alimentação Escolar, e a gente vende pras pessoas também. O café, dependendo da densidade que ele é plantado, não sobra espaço pra você plantar outra coisa. Mas a gente sempre gosta de ter as verduras, a mandioca.

#### 10.4 As políticas públicas para agricultura familiar

A questão do PAA e do PNAE precisa ser mais efetivada aqui no município. Porque há uma briga no poder público local e não compram os produtos dos agricultores, infelizmente. Nós temos uma escola de ensino médio que tem dois mil alunos e o poder público não compra dos agricultores por rixa política, por ignorância mesmo. Eu participei do primeiro seminário que teve do Ministério da Educação. A lei fala que, para a merenda escolar, é obrigação comprar pelo menos 30% da agricultura familiar. Na época, eu apresentei a lei pro município. Nós fizemos várias tentativas de reunião, na prefeitura. Chegou a fazer um primeiro contrato, mas não quiseram usar a chamada pública. Usou o processo da Lei 8.666/93, que é bem burocrático. Aí, do contrato no valor de 24 mil, só comprou cinco mil. Os agricultores perderam os produtos. No final, isso gerou uma ação no Ministério Público.

Outro desafio, e isso é difícil para os agricultores, é que o município não tem o selo do SIM<sup>3</sup>. Porque nós temos o fubá, a rapadura, o ovo, o leite, o queijo e, se não tiver esse selo, os produtos não passam, são barrados. Nós já ocupamos a Câmara e a Prefeitura, uma vez, por causa disso. E essa administração ainda não viu isso. Fizemos uma reunião com o prefeito que ganhou. Uma das prioridades da Secretaria de Agricultura vai ser o SIM, pra que nós possamos vender os nossos produtos e gerar outra renda pra agricultura. Porque nós produz de tudo, aqui. Tem fubá de milho, mas ele tem que ter o selo. Se nós pôr ele lá no mercado e passar a vigilância, vai jogar tudo fora. Vai jogar uma coisa fora que tá boa. Se não tiver aquela regrinha lá, que é o selo, nós tamos punido. É um gargalo da comercialização que nós precisamos vencer. Ele é um dos desafios que barra muito a venda dos produtos. Nós sabe de muitos municípios que a gente poderia entregar para a merenda escolar, mas não temos o selo. Nós tamo sonhando agora com o PAA Estadual, pra gente entregar em Belo Horizonte, mas, pra isso, nós temos que ter o selo

3 Lúcia faz referência, aqui, ao selo do Serviço de Inspeção Municipal (SIM), responsável pela fiscalização da produção industrial e sanitária de produtos de origem animal.

funcionando. Aqui, é tudo pequeno proprietário que tem a condição de produzir. A terra, se plantar, ela dá. E todo mundo tem a condição de plantar. Mas não tem a comercialização, por que não tem o selo. Aí, fica só no café. Ele, eu posso colher, guardar na tuija e, na hora que eu quiser, eu vendo. Porque o café é um mercado infinito. Ele vai pra fora do país, inclusive. Infelizmente, nós ainda vendemos pro atravessador, que é quem nos rouba todo o ganho do café. Nem mesmo o café nós vendemos direto, pela mesma razão. Nós poderia vender o pó de café, mas não vendemos porque está sem o selo do SIM.

Agora, uma coisa que facilitou a vida dos agricultores foi a existência do PRONAF<sup>4</sup>. Ele deu condição dos agricultores permanecerem na roça. Primeiro, veio o PRONAF Custeio. Depois, veio o PRONAF Investimento. Lá em casa, tem uma moto que eu comprei com crédito do PRONAF. O terreiro foi feito com dinheiro do PRONAF. O secador do café também. E, agora, no último ano, compramos um carro de transporte da lavoura que chama Brasília. É tipo um tratorzinho pequenininho. Tudo financiado pela linha do PRONAF. Todo mundo na comunidade tem. Ou tem carro, que é a Picape Strada, ou tem caminhão. E tem o terreiro de café, tem o secador. Quase toda propriedade é atendida pela linha do PRONAF. Agora, tá sendo detonada, infelizmente.

Enquanto política pública, eu acho que tem que ter um olhar diferenciado pra agricultura familiar e, principalmente, pra vida das mulheres. Porque, se você for olhar, quem cuida são as mulheres. E a mulher cuida da terra diferente dos homens. Ela cuida da família diferente dos homens. Desejo que as políticas, elas venham ao encontro desse anseio das mulheres. Na produção agroecológica saudável, quem mais batalha são as mulheres. Antes dos homens pensarem nisso, as mulheres já passaram a cuidar das plantas, dos animais, da terra, de forma diferente. Então, eu acho que tinha que ter mais políticas voltadas pra isso, que chegasse, de fato, à vida das mulheres, onde elas estão.

Nós, agricultores, tamos no caminho certo. Eu acho que este é o caminho a seguir. Eu não vejo outro. Eu acho que um município igual a Simonésia não tem outra alternativa a não ser fortalecer esses agricultores. Porque não existe povo na cidade, se não tiver quem produza alimento. Ninguém vive sem comer! Então, o que me motiva é mostrar que a gente tá no caminho certo. Com todos os desafios, mas o caminho é este.

---

4 O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) financia projetos individuais ou coletivos que gerem renda para os agricultores familiares.



### 10.5 A agroecologia

Em relação à agroecologia, ainda é um desafio. O café é uma produção bem enjoada com a questão da agroecologia, e não há uma cultura, aqui, que a agroecologia tenha dado certo com o café. E temos as lojas que vendem esses produtos, os defensivos. Quando um dos vendedores me vê, ele já me olha atravessado, porque sabe da minha posição, que eu não concordo de ficar jogando defensivo. Mas eu ainda não consegui convencer o meu marido de abandonar o veneno. É outra tarefa que eu tenho: convencer ele que nós podemos produzir o café sem os defensivos.

E não há incentivo nenhum do poder público pra que os agricultores tenham esse trabalho com a agroecologia. Um município todo agricultável igual o nosso e não tem política, aqui, no município? Os poderes públicos que vieram até aqui, ninguém pensou em trabalhar a agricultura de uma forma sustentável ainda. Nós estamos com essa expectativa, porque, nessa nova gestão, a Secretaria de Agricultura foi dada pro sindicato. Então, nós é que estamos administrando a Secretaria de Agricultura. E nós estamos já com uma proposta de que nós tenhamos alternativa ao uso dos defensivos, e que a nossa produção caminhe pra ser agroecológica.

Eu aprendi as práticas agroecológicas, participando de reuniões, fazendo os intercâmbios, visitando outros agricultores, através da REDE<sup>5</sup>. Participei também, já desde 2005, do Encontro de Mulheres Nacional. Eu já visitei até o Pará, pra conhecer o trabalho das mulheres de forma sustentável. Simonésia é um modelo nessa busca de alternativas, só que tem uma força miúda ainda pra poder expandir. As mulheres daqui, todas tem essa busca. Mas ainda tá começando.

OCTA<sup>6</sup> chegou a fazer o trabalho com a caderneta agroecológica com algumas mulheres. Aqui, tem agricultor até que já planta o tomate agroecológico. Eu comprei dele, há poucos dias. Ele tá produzindo e vendendo, porque aprendeu essas práticas através das participações e dos intercâmbios. Só que o pessoal que planta assim ainda é a minoria. É muito pouco ainda, infelizmente. Por falta de incentivo maior do poder público local e de políticas estaduais também. E, da esfera federal, é que não chega nada mesmo! Infelizmente.

5 A Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (Rede) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, datada de 1986, voltada para o fortalecimento da agroecologia e da agricultura urbana.

6 O Centro de Tecnologias Alternativas (CTA) tem como objetivo ampliar a capacitação social e desenvolver sistemas de produção adequados à realidade da Zona da Mata, para fortalecer econômica e politicamente a agricultura familiar.

Trabalhar agroecologicamente significa tudo. Significa a sobrevivência em um futuro, pras gerações. Significa mais qualidade de vida, mais dignidade. Significa um alimento que vai ser alimento de verdade. Eu acho que produzir dessa forma é, de fato, ser sustentação das famílias, da vida no planeta.

#### 10.6 A relação com o marido

Em 1985, eu tive uma gravidez muito complicada. As minhas gestações todas foram muito difíceis. E, quando eu fiquei grávida da segunda vez, eu tive problema pra morrer. Mas dizem que ninguém morre fora da hora, né? Ai, meu marido foi muito parceiro mesmo.

Eu ia pro médico e nada resolvia. Eu sentia dor. Eu fiquei grávida só até o oitavo mês. Eu passava os mês só sentada na cama, porque eu não conseguia deitar. A dor era tanta! Eu sentia tanta dor e aquilo foi ficando insuportável.

Eu cuidava da casa, mesmo assim. Meu marido ia pra roça, de manhã. Eu fazia comida, levava. Só que eu não dava conta mais de cuidar do terreiro, de capinar ele. E ele também não dava conta, por causa da roça. Então, o terreiro foi virando mato. Chegava gente e falava assim: *Nossa Senhora, você não tem mulher não? Olha o mato! Tá entrando dentro de casa!* Eu ficava revoltada com aquilo, mas eu não aguentava fazer. Nossa, e aquela dor! Eu não dormia à noite. Eu não aguentava virar na cama. E ele assistindo àquilo tudo.

A gente não tinha condição de procurar alguém em outra cidade, porque não tinha dinheiro. O médico que eu fui, em Simonésia, só falava assim: *Oh, você tem que manter a pressão controlada, porque isso é pressão.* Mas, um dia, o troço foi ficando complicado, me mandaram pra outro médico e eu fui. Quando eu cheguei lá, me olhou e tudo, chamou o meu marido e falou assim: *Você tem que levar ela pra Manhuaçu, agora.*

E, nessa época, em 1985, deu uma chuva daquelas, aqui em Simonésia. Foi chovendo, foi chovendo, foi chovendo. Não tinha asfalto. Meu marido precisava me levar pra Manhuaçu e ele ficou apavorado. Mas como que me levava? Me levou pra casa. Eu fui e continuei em casa. Fiquei mais uns 15 dias.

O médico, o próprio médico, falou assim: *Manda recado pra ele, porque ele tem que levar ela pro médico em Manhuaçu. É urgente.* Ai, ele juntou um bando de homem lá. O meu pai tinha uma picape F75, nessa época. Juntou



um monte de homem, e eles pegaram foice, enxadão, enxada. Eles foram na carroceria da picape. Chovia tanto que foi preciso passar por outra estrada. E eu na cabine desse carro, pra eles me levarem pra Manhuaçu. Cada pulo que o carro dava me cortava.

Quando chegou lá no médico, ele me examinou. Aí, fez o tal ultrassom. O médico falou assim: *Você leva e mostre pro seu médico.* Quando eu cheguei em Simonésia, era tanta chuva que precisou até do meu marido me segurar. A enxurrada batia no meio da canela.

Aí, meu médico de Simonésia falou: *Você tem que voltar, agora, com ela.* Eu falei assim: *Só se você quiser me matar. Porque eu não volto não. Não guento não.* Eu ia ter que entrar naquele carro e voltar pra Manhuaçu. No ultrassom, deu que eu tava grávida de dois bebês, e os dois bebês morreram dentro de mim. Mas o meu organismo segurou, não soltava. O médico falou que eu tinha que fazer uma cesárea, urgente.

Eu fui pra casa, descansei, e, no outro dia, voltei pra Manhuaçu. Eles tentaram induzir o parto. Mas me deram injeção para parir e eu não paria não. Aí, resolveram chamar um anestesista. Fui pra sala de parto, só que continuava do mesmo jeito. O anestesista me anestesiou e eles tiraram com fórceps. Eles me machucaram tudo. Eu fiquei toda arrebitada, porque cortaram. Me machucaram tudo por baixo, porque enfiou aquele trem em mim. Quando acabou aquilo e eu voltei da anestesia, eu não sei onde que doía mais. Os meus braços tudo furado de agulha. Ficou tudo roxo, os braços e o corpo. Tudo doía.

Eu fiquei internada, uns três dias, e os médicos me liberaram. No final, meu marido arranjou um dinheiro não sei da onde. Pegou com um, pegou com outro e pagou o hospital. Pra ir embora, arrumamos um tio meu que tinha um carro, na época. Ele andou um pedaço na mesma estrada da ida, pegou outro caminho e conseguiu me trazer pra casa.

Aí, depois, eu entrei em depressão. Fiquei em uma depressão profunda! A minha vontade era só morrer. Eu não queria mais nada na vida. Eu fui no médico e ele me deu um remédio tarja preta. Ele falou que eu tinha que beber aquilo. Eu sentia uma dor no peito horrível! Era uma dor que eu não aguentava. Ele mandou eu tomar anticoncepcional, porque eu não podia engravidar. Só que o anticoncepcional só piorou as coisas. Eu não conseguia

beber o anticoncepcional. Eu bebi um ano e aquilo agravou a depressão, agravou tudo. Eu não tinha nem paciência com a minha filha. Aquilo foi muito doído.

E eu fui conversando com meu marido. Eu falei assim: *Se tem alguém que pode me ajudar a sair disso é você.* E ele parece que foi entendendo. Porque o homem, lá na roça, não tem informação, não é preparado pra lidar com essas coisas. A mãe dele também nunca preparou ele pra isso. Então, ele, do jeito dele, foi entendendo e foi tentando me ajudar.

Quando eu comecei a participar do sindicato, eu consegui ver outras coisas. Vi que não era o remédio que ia me tirar da depressão e que eu tinha que fazer outra coisa. Eu tinha que fazer outra coisa, além d'eu trabalhar na roça. Quando comecei a participar, eu fui vendo outras coisas. A minha mente foi abrindo, fui vendo outras realidades e fui saindo daquele buraco que eu tava.

Meu marido não fazia nada de doméstico, em casa. Quando eu comecei a participar do sindicato, eu fazia as coisas e deixava pronto pra ele. Como minhas atividades fora de casa começaram a aumentar, ele achava que tinha que ter alguém pra fazer o serviço doméstico, e esse alguém não era ele. Então, eu fui dialogando com ele. Eu fazia a marmita e deixava. Até o momento que ele começou a entender. Demorou um tempo, mas ele passou a fazer a própria comida. Hoje, eu saio e não faço comida. Saio e largo tudo pra lá. Do jeito que eu levanto, eu saio. E ele, se ele quiser, ele faz. Se tiver mais gente, lá, ele faz pra mais gente também. E ele não esquentava, hoje, não. Ele passou a entender que ele podia fazer também. Se ele chega molhado da roça, se eu tiver que ficar um dia, dois dias, fora de casa, ele mesmo põe a roupa na máquina, ele mesmo lava. Se molhar lá dentro de casa, ele mesmo vai lá e limpa. Ele também entendeu que essa tarefa não é só minha. Hoje, a gente lida com isso bem.

E olha que, lá em 1999, quando eu comecei a participar de atividades fora de casa, foi uma barra bem pesada. Porque acabou surgindo divergência com o meu marido. Nessa época, não existia de mulher ficar saindo sozinha. Ninguém perto de mim fez isso. Quando eu ia sair, ele não falava nem que sim, nem que não. Porque ele não é de esbravejar, não é de falar. Ele fica calado. Aí, eu saí uma vez, saí duas. Foi tranquilo. Mas os vizinhos começou a atazanar ele: *Nossa, sua mulher tá indo lá bater perna. Lá vai de novo. Não tem nada pra fazer?* Os homens falavam assim: *Eu, se eu casar, a minha mulher*

*não faz o que a sua faz, de jeito nenhum! Será o que ela tá fazendo? Era uma dificuldade. Eu comecei a conversar com ele. Falava: Oh, você quer que eu pare? Se você quiser, eu paro. Mas você pode ir lá pra você ver. Você prefere acreditar em mim ou acreditar no que eles tão falando? Eu vou tá em tal lugar, tal hora. Se você quiser ir, você pode ir lá. E ele respondia: Eu não vou lá não. Eu fui construindo a confiança.*

Quem gere a renda do café é o meu marido. Eu não fico regulando para onde vai o dinheiro, mas sempre tem um acordo. Ele compra muitas coisas para casa: geladeira, sofá, estante, televisão. No nosso aniversário de 33 anos de casamento, eu cheguei em casa e topei com um sofá novo. Ele que comprou. Em 2010, a gente planejou uma reforma na casa, pra ela ser uma casa confortável, com espaço à vontade. E, aí, nós reformamos, e o sonho era fazer uma varanda. Ele que pagou tudo sozinho.

Se eu preciso de dinheiro pra algo, eu vou lá e pego com ele. Eu prefiro assim do que ficar marcando o que entra e sai de dinheiro. A mesma coisa acontece com o dinheiro que eu recebo: ele nem pergunta se eu tenho dinheiro, quanto que eu recebi. Isso ele nem sabe. Minha renda vem da venda de produtos lá da roça, das diárias que o sindicato paga e do cartão alimentação que a CUT, a Central Única dos Trabalhadores, me paga.

Com esse dinheiro, eu faço compra de mercado para a casa. Com ele, eu compro coisas para casa, ajudo na manutenção do nosso carro, já que eu sou a que mais usa – meu marido quase não pega o carro. Às vezes, pago a conta de luz. Comprei o portão eletrônico para a garagem lá de casa.

Pra mim mesma, eu faço bem pouquinha coisa. Eu não sou vaidosa, não fico comprando roupa. Eu sou meio largada assim mesmo. Sempre fui. É o meu jeito de ser. Mas eu compro as coisas pra mim e compro pra minha menina, quando ela me pede. Compro pro meu marido também. Eu gosto de dar presente para ele; ele gosta de me dar presente.

### **10.7 A Marcha Mundial de Mulheres**

A gente conheceu a Marcha Mundial de Mulheres, em 2005, numa atividade que a gente tinha aqui da Comissão de Mulheres. A gente conheceu a Marcha, através de uma militante que veio aqui. E a gente começou a fazer oficinas sobre o que é a Marcha Mundial, sobre o que ela poderia ser na

vida das mulheres, enquanto autoestima. Porque as mulheres do campo tem autoestima baixa. Se reconhecer enquanto agricultora, enquanto trabalhadora da roça, era tabu. Ainda é. Porque ser da roça é menos do que ser da cidade. A gente tem vergonha de chegar em um órgão, ir no SUS, por exemplo, e falar que é agricultora. Na hora que fosse matricular um filho, pergunta a profissão e a mulher fala assim: *Eu sou do lar. Eu sou doméstica*. A mulher trabalha na roça, vive da roça e fala assim. Ela que faz tanta coisa pra sobrevivência da família, lá na roça, e fala que é do lar. E as mulheres do campo tão muito escondidinhas! Aí, foi feito um trabalho pra melhorar a autoestima, pra ajudar elas a se identificarem à sua atividade. Não é vergonha, pra nós, hoje, falar que nós somos da roça, que nós vive da roça.

Criamos um núcleo da Marcha, aqui. Fizemos várias oficinas pra trabalhar isso com as mulheres. E as mulheres foram criando coragem de se identificar enquanto trabalhadoras, enquanto agricultoras, enquanto lavradoras que somos. Fizemos várias oficinas de autoestima e isso mexeu com as mulheres. E, aí, a gente foi se aproximando da Marcha. A gente aproximou muito da Marcha, porque começamos a fazer esse trabalho. Fazemos, até hoje. Em 2010, aconteceu uma ação internacional. O povo foi de Campinas a São Paulo. Foram 10 mulheres daqui, mostrando que nós, seja qual atividade que nós tiver, nós tem que ter orgulho de ser.

A Marcha Mundial de Mulheres transformou muito a minha vida. Mostrava que eu tava no caminho certo, que eu não podia parar jamais. Ela me ajudou muito a entender que nós precisamos mesmo lutar por igualdade. Porque não adianta nós esperar que outros vão fazer isso por nós, porque não vai. Então, é nós mesmo que tem que entrar nessa luta e lutar por essa igualdade. Só assim que nós vamos mostrar que nós temos condição de estar no espaço de poder.

Com isso, nós trouxe uma mulher pra ser presidente do Sindicato. Nunca tinha tido uma mulher presidente. Eu assumi a presidência do Sindicato, um espaço que era só de homens. Quando eu entrei aqui no sindicato, de mulher, só tinha eu e mais uma. Então, entrar no espaço de decisão e poder só mostrou que o desafio que eu tinha em casa era grande, mas o do sindicato era maior ainda. E tinha que mostrar pras outras mulheres que são sócias que elas também podem entrar na direção do sindicato, ser prefeita, ser vereadora.



### 10.8 A vida das mulheres

Eu criei minhas filhas assim: *Olha, eu vou mostrar o caminho que eu acho que é o certo, mas você tem toda liberdade de decidir e fazer o que você acha que deve.* Ai, até brinco assim com a minha menina que tá solteira: *A vida é sua.* Eu falo assim: *Se você engravidar, você já sabe os caminhos. Fome você não vai passar não.* Tem que ter a responsabilidade das ações. Mas eu criei elas livres, pra entender que uma mulher deve ter a sua autonomia.

Agora, comparando com a vida que a minha mãe levava, eu vejo muita diferença. Eu vejo que a minha mãe tem uma agonia dentro dela. Porque ela tem vontade de fazer tanta coisa e ela não se acha capaz. Ela não tem autonomia pra decidir. Ela tem vontade de fazer as coisas, mas ela não consegue mandar e não consegue ela própria fazer. Por conta idade, primeiro. Hoje, ela tem 76 anos. E, outra, pela vida que ela levou de submissão, de achar que esse é o lugar dela.

Eu não posso falar do meu pai, quando era novo. Mas ele é até bem aberto e tudo. Hoje, meu pai mesmo fala: *Eu sempre dei liberdade pra ela ter autoridade.* O dinheiro que ela ganha é dela mesmo. O meu pai não mexe, por exemplo, na aposentadoria dela. Ele não pede nada a ela. Mas, se ele pede um real, ele devolve. Mesmo assim, a minha mãe nunca conseguiu dialogar e fazer entender que ela tinha condição de mandar, de ter autoridade, tanto quanto ele. Mas é porque ela não entende que tem capacidade, tanto quanto ele. E sofre muito com isso. Eu vejo que sofre. Minha mãe carregou muito dessa submissão, de achar que não é capaz, de achar que ela não tem essa igualdade com meu pai e com os homens.

Então, eu vejo que eu tenho essa autonomia. Meu pai já falou comigo, quando eu peguei a sair demais. Ele falava assim: *Nossa você vai largar seu marido?* Eu falei, então: *Eu não vou largar dele não. Se ele quiser largar de mim, problema dele. Mas eu não quero largar dele não. O senhor que tá botando isso na cabeça dele?*

Eu gostaria de deixar um recado para que as mulheres continuem na luta. Elas não podem ser submissas a nada. E, às vezes, eu vejo que nós fala assim: *Nós vive em um país machista.* Mas muitas situações de machismo, as próprias mulheres reproduzem. Então, eu acho que as mulheres têm que abrir a cabeça, não reproduzir essa questão do machismo. E elas têm

que buscar um país melhor, uma vida melhor, uma vida com dignidade, junto com outras mulheres. Ah, buscar aprender sempre! Eu acho que isso também faz parte da nossa vida: entender que a vida da gente é um processo do cotidiano, assim, do dia a dia, e tudo deve servir de aprendizagem. E a gente deve se espelhar em pessoas que possam trazer algo positivo pra vida. Por exemplo, eu gosto muito da minha mãe, eu amo muito a minha mãe, mas eu não posso me espelhar no que ela deixou, na vida dela em relação à família. As mulheres não precisam ser submissas. Elas têm que buscar o seu espaço com muita garra mesmo. Continuar sempre buscando o espaço dela, porque o mundo pensa na questão só dos homens. E a vida no campo? Infelizmente, ainda há um tabu de discutir a vida das mulheres no campo. Então, eu acho que as mulheres do campo, elas precisam se unir mais e buscar o espaço delas. Uma ser companhia e companheira da outra nessa busca de espaço. Desejo que a gente continue sempre na luta!

O meu sonho é fazer uma agricultura sustentável. E que mais mulheres tivessem essa condição de ter a sua renda, ser independente. Infelizmente, nós ainda temos a dependência financeira em relação ao marido, que, muitas vezes, não entende isso. Essa divisão do trabalho dentro de casa, pra muitas, isso é um desafio, é uma barreira. Parece que intransponível. Então, o que eu sonho é ver a condição da vida das mulheres ser um pouco parecida com a minha, com essa liberdade de poder sair, de poder opinar, de ter condição de decidir sobre a sua vida, de ter autonomia. Muitas não têm. E também queria que a agricultura fosse mais valorizada, enquanto política mesmo. Seja estadual, municipal, federal. Política que dê condição de sobrevivência<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Lúcia a Marina Coimbra e Maria Nogueira.









# Neuzi 11

**Neuzi de Fátima Pinto**

**Ana Paula Salej Gomes**

**Giovanna Lunardi Toledo**

***“Eu amo essa batalha! (...) Se for pra mim largar aqui ou vender e ir pra cidade, meus dias de vida, eu tenho certeza que é menos.”***

### **11.1 O trabalho na infância e na adolescência**

Eu me chamo Neuzi. Nasci no dia 16 de abril de 1966, no município de Bonfinópolis, em Minas Gerais. A gente tinha um pedacinho de terra, lá num local chamado Capivara. Minha mãe, Maria das Dores Pinto Machado, e meu pai, Arnaldo Pinto Machado, eram primos, primo-irmão, como o pessoal fala. Eles tiveram cinco filhos: eu e meus quatro irmãos. Eu sou a mais velha, mas da parte do meu pai. Porque tinha também a minha irmã mais velha, a Glória, que não morava com a gente. Quando o pai dela morreu, a minha mãe tava grávida de um mês. Depois que a minha mãe casou com o meu pai, ela já foi morar com os meus avós. Meus pais não sabiam escrever nem o nome e a situação deles era bem fraca.

De Bonfinópolis até no ponto que eu morava, eram 18 quilômetros. O meu pai andava isso tudinho de a pé. Colocava um pouquinho de coisa de cada lado da mala, um bocado de coisa daqui e outro de cá, colocava as malas na cacunda e ia embora pra casa. Eu lembro muito bem que ele chegava em casa cuspidinho. Ele cuspia aquela bola de espuma de tão cansado, com vontade de comer e com sede. Em tempo de chuva, quando o córrego tava cheio, o pai ficava esperando a água baixar. Mãe preocupada, em casa, esperava a chuva parar um pouco. Quando tava chovendo, ela pegava a candeia e ia ao encontro dele.

O meu pai trabalhava muito. Ele era uma pessoa de muita garra. Ele dependia muito do braço. Entrava na mata e desmatava era no braço. Fazia aquela cerca de lanço no braço. Não tinha nada pra carregar pra ele, nem um boi pra puxar pra ele. E a gente era aquela turmada. Via que ele tava sofrendo pra sustentar e falava pra ele deixar a gente ajudar. Ele não aceitava não:

*Não precisa de mulher garrar em roça não. Não precisa. Eu dô conta e eu não preciso de ajuda de mulher. Eu era mais velha e era mulher. Os meus irmãos que eram mais novos, ele sentia que não podia levar pro serviço.*

Minha mãe não era de trabalhar na roça. O meu pai não deixava. Mãe não gostava de deixar a gente fazer as coisas não. Eu e minha irmã, Madalena, a gente ajudava a minha mãe, mas era porque a gente gostava de ir mais ela. Lavar vasilha, a gente lavava vasilha no córrego. Buscar água, era lá no córrego também, na cabeça. No caso de lavar roupa, era eu mesma que lavava. As coisas menores, eu dava conta de esfregar. As coisas maiores, eu não dava conta. Na época, não tinha escova. Esfregava era na mão. A gente não dava conta de esfregar, porque a roupa era de algodão. Era tudo feito de algodão. A roupa do meu pai, a roupa da minha mãe, coberta, lençol, embornal, mala, tudo de algodão. Eu não dava conta de esfregar, então, eu ia com mãe. Ela lavava – ensaboava, esfregava, punha pra quorar. Colocava ali na pedra. Eles falavam no quarador. Lá em cima da pedra, deixava pegar um solzinho. Ai, depois, a gente ia esfregar. O sabão dela era feito no tacho. Aquele sabão com aquelas pelotonas. Eu gostava de pegar essa pelota e ficar esfregando na roupa. Eu também ajudava minha mãe a enxaguar a roupa. Às vezes, eu gostava demais de sentar lá na pedra, batendo a roupa. Na época de chuva, a roupa ficava até dois dias. Aquela roupa mais encardida, todo dia a gente ia lá e dava uma mexida nela, até que limpava. Então, era esse o serviço. No mais, era tratar de porco e galinha. Isso era coisa dos meninos, Deuzilto e José Maria.

Eu comecei a trabalhar na terra com 12 anos, quando passei a levar a comida pro meu pai na roça depois da escola. Ai, eu levava o almoço e ia ficando. Primeiro, fui ajudando meu pai encoivarar. Encoivarar é juntar os paus, amontoar e colocar fogo. Naquela época, não tinha trator, não tinha quem encoivarasse. Ai, ele foi me ensinando a mexer com a enxada e as outras coisas. Só não me ensinou a mexer com a foice. Achava muito perigoso. Até hoje, eu não mexo com a foice. A gente roçava e encoivarava, pra depois plantar.

Com 14 anos, eu fui trabalhar na casa dos outros, pra eu poder ajudar meus pais e ter meu dinheirinho. Isso era no meu intervalo de escola. E eu ia de manhãzinha, bem cedinho, pra escola e, na hora de voltar, eu já ia pra casa do pessoal. Igual no caso do Devair e da mulher dele. Eles tinham quatro crianças. Os meninos e as meninas eram tudo pequenininho. Eles mexiam com muita roça e, então, eu ia pra ajudar a Antônia a arrumar as coisas.



Com 16, eu fui trabalhar com um pessoal, zelando duas crianças. Nessa época, eu já tava namorando o Domingos. Eu estudei até 16 anos. Depois, eu parei de estudar. Estudei até a quarta série. E, com 17, eu já não fui mais pra escola. Aí, eu ia pro trabalho de manhã e voltava à noite. Continuei na casa dos meus pais. Meus pais não deixavam eu sair. Foi só uma época que eu fiquei um ou dois meses mais ou menos na casa de uma mulher, porque ela foi ganhar neném e eu tomei a responsabilidade. Fazia comida e olhava os quatro meninos deles. O homem tinha serviço. Nesse intervalo, eu ficava a semana. Só final de semana que eu ia para a casa dos meus pais. Aí, eu já tava preparando o meu enxoval.

Com 18 anos, eu casei e fui morar na roça com o meu marido, Domingos Brandão dos Santos, na Matinha, em Brasilândia de Minas. O Domingos foi nascido e criado na roça com os pais. A gente conheceu, casou e viveu a vida tranquila. Com 19 anos, eu tive a primeira filha, Lucimar, e já continuei o meu trabalho na roça. Eu deixava as meninas na casa da minha sogra, ou então, às vezes, a minha cunhada ia de manhãzinha, me ajudava a fazer o almoço e já ficava com as minhas meninas pra eu ir levar o almoço e lá eu ficava. Eu lembro bem. Teve um ano que eu tava com a Lucimar e a Valéria. Aí, eu fazia comida, punha nas marmitas, fazia uma rodia com o pano, colocava as marmitas na bacia ou então na gamela, punha na cabeça e ia pra casa da minha sogra. Assim, com um embornal do lado com merenda, a Valéria enganchada do outro lado e esperando a Lucimar caminhar, eu ia quatro quilômetros até a casa da minha sogra. Chegava lá, deixava as meninas e ia pra roça.

Na Matinha, eles usavam fazer troca de serviço. Acho que, até hoje, ainda continua. Junta aquela turma e vai pra uma roça. Na hora que termina a roça daquela pessoa, vai pra outra. Roça, pasto, tudo é assim. Então, eu ia e ajudava, quando tava trabalhando pra nós. Eles também tinham o negócio de mutirão. Faziam mutirão pra juntar todo mundo e capinar a roça. Juntava ali de dez até 15 peões pra fazer o serviço. As mulheres juntavam pra ajudar a fazer a comida. O pilão também. A gente limpava arroz era no pilão. Socava canjica. Tem aquele pilão tocado a água e tem o tocado por gente mesmo. Caso o monjolo estivesse estragado, aí, a gente juntava a turma e ia pro pilão.

## 11.2 A luta pela terra

A luta por essa terra aqui, eu comecei quando saiu a Reforma Agrária<sup>1</sup>. Aí, eu me associei ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Bonfinópolis<sup>2</sup>. Saiu um assentamento chamado Saco Rio Preto<sup>3</sup>, em Natalândia, mas a gente não conseguiu entrar nele. Por isso, transferi meu sindicato de Bonfinópolis pra João Pinheiro. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de João Pinheiro, naquela época, abrigava também o pólo regional da Fetaemg, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais. Fiquei junto com a Dona Elza, que já trabalhava lá com o Movimento de Assentamento. Nisso, foi que a gente já começou a batalha pra essa terra aqui<sup>4</sup>.

Foram necessários muitos anos de lutas e pressões dos trabalhadores com o Incra, para que a desapropriação acontecesse. Eu acho que eu participei dessa luta seis anos. A gente organizou muita manifestação para pressionar. Primeiro, a gente invadiu a sede da Codevasf, Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba, a Fazenda São José, e acampou lá. Aí, fomos despejados. Os policiais foram, fizeram muita pressão e a gente teve que sair. Decidiram, então, que a gente não voltava pra casa, que a gente ia pra porta da prefeitura. Assim a gente fez. Juntou, arrumou carro e foi da Fazenda São José pra porta da Prefeitura de João Pinheiro. Sei bem porque a gente ficou todo mundo acampado. Fez igual uma turminha de cigano, mas muito legal, sabe? Lá na prefeitura, a gente teve o maior apoio. Não lembro quanto tempo que ficamos lá. Mas, depois de algum tempo, foi todo mundo de volta pras suas casas. A gente voltou pra Brasilândia, pra Matinha.

Eu morava lá ainda, quando a gente viu que o meu pai tava muito ruim. A gente procurava levar ele pro médico e ele não aceitava de jeito nenhum. Ele sentia aquele cansaço e a gente falava com ele: *Pai, vamos no médico?* Ele respondia: *Não, não vou não*. E a gente não tinha carro, pra pegar a força,

1 O Plano Nacional de Reforma Agrária foi instituído pelo Decreto nr. 97.766 de 10/10/1985. O tema foi objeto de intensas discussões durante a constituinte. Como um dos resultados observamos a inclusão da função social da terra na Constituição Federal de 1988. Após a promulgação da nova Constituição destaca-se a recriação do Incra em 1989, após sua extinção em 1987.

2 Para conseguir a terra em um assentamento era necessário ser sindicalizado.

3 A Fazenda Saco do Rio Preto foi ocupada, em 1989. No entanto, os registros do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) mostram que esse assentamento foi regularizado somente em 08/02/1995.

4 Segundo o "Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Projeto Final de Assentamento do PA Tamboril", a história do Projeto de Assentamento Tamboril começou, em meados de 1983, quando um trabalhador, hoje lá assentado, comprou o direito de posse sobre uma pequena parcela nas terras da antiga Fazenda Tamboril/Resfriado, nas mãos de um grande fazendeiro da região, mas não conseguiu tomar posse da área adquirida. Naquela época, havia no município um histórico de desentendimentos entre posseiros, pequenos proprietários e grandes fazendeiros, por causa de divisas, direitos de posse, escrituras etc, ou seja, pela posse da terra. A disputa era tamanha que os grandes fazendeiros, em muitos casos "grileiros", também brigavam entre si.

né!? Era distante demais. Era muito complicado. Naquela época, não tinha asfalto de Brasilândia a Bonfinópolis. Quando ele deu uma melhoradazinha, foi na época que meu marido descombinou mais o irmão e resolveu ir embora pra Brasília. Fomos pra lá e lá a gente ficou. De lá, eu ia fazendo acompanhamento do meu pai cá. Minha irmã mais nova, Madalena, que morava em Brasília, voltou pra morar com os meus pais, quando eu fui pra lá. Ai, a gente ligava pra ela.

Naquele tempo, Dona Elza é que me avisava o que tava acontecendo no sindicato. De 15 em 15 dias, tinha reunião, mas eu vinha só de mês em mês. Quando tinha aquelas reunião extraordinária, não tinha como eu vir. A Lucimar e a Valéria já tavam estudando e ficavam com o Domingos. Só que ele trabalhava à noite. Ai, elas ficavam com a minha irmã, a Glória, ou com a minha cunhada, até eu chegar. Era só eu que vinha pras reuniões do sindicato. A Luciana, às vezes, eu trazia, já que não estava estudando ainda. Também, era rapidinho. Às vezes, eu vinha pra Brasilândia e nem na Matinha não vinha. Eu passava por fora, já saia em João Pinheiro. Ai, pegava o ônibus. De Brasilândia, voltava de novo. Às vezes, até no mesmo dia.

Nessa época que tava em Brasília, pai passou mal e a minha mãe mais meu irmão abaixo de mim, Deuzilto, me ligou: *“Neuzi, o pai não tá bem. Vem pra ver o que você pode fazer, porque nós não consegue levar pai no médico e pai teve um desmaio”*. Ai, eu vim pra Bonfinópolis e a gente levou ele pro médico. Lá, a doutora Agda ficou segurando ele no hospital. A gente via que o meu pai não tava bem. Foi o coração. Ai, a Glória também veio de Brasília pra Bonfinópolis. A Madalena já tava lá. A gente juntou, tirou ele à força e levou ele pra Patos. Chegando em Patos, internamos ele no hospital São Lucas. Lá, eles falaram: *“Tem que arrumar o marca-passo e tem que ser rápido, porque, se não arrumar, ele não aguenta”*. Eles encaminharam e eu fui com ele pra Uberlândia, pro Hospital Uai, onde ele colocou o marca-passo. Mas ele não tava reagindo. A gente teve que ficar uns 15 dias lá, trocando entre a gente. Depois, ele veio embora pra casa e eu voltei pra Brasília. Nessa época, a gente tava com a situação difícil. O meu marido tava até desempregado. Graças a Deus, nós conseguimos fazer o tratamento.

Meu pai faleceu. Ele faleceu, dia 23 de junho de 1994. Eu tava grávida da Andreia. Eu tava com pré-eclampsia, inchada, com pressão muito descontrolada. Minha irmã insistiu: *Vamos no médico*. Eu disse: *Não, Glória. Não preciso ir no médico não. Eu tô bem*. Ela respondeu: *Mas nós vamos no*

*médico*. Ela sempre ia me levar no médico. A gente tinha um convênio e tinha mais facilidade do que se fosse pra ir pro hospital público. Lá, eles contaram pro médico e, depois, me contaram. Aplicaram um remédio e, aí, eu vim, mas eu não vi meu pai. Quando eu cheguei, eu desmaiei. Eu só tenho a lembrança de eu chegar, ver o caixão, ver um prato branco com as folhas de baixo e, aí, não tenho mais lembrança de nada. Ele não conheceu, aqui. No dia 20 de julho de 1994, a Andreia nasceu.

No caso do meu pai, eu me culpo. Não só eu. Os meus irmãos também falam. Hoje, eu falo assim, se a gente tivesse feito diferente... Porque nós via meu pai chegando naquela situação. Eu sinto muito, porque meu pai pode ter morrido mais rápido. Ele morreu com 62 anos. Eu me culpo disso: do sofrimento dele e da minha mãe.

De repente, parecia que o processo do Currálinho, aqui em Santa Fé de Minas, tava mesmo pra sair, e eles decidiram acampar aqui mesmo no assentamento<sup>5</sup>. Aí, Dona Elza me liga e fala: *Neuzi, nós vamos fazer o acampamento. Dá um jeito de vir, porque nós vamos sair tantas horas, na data assim e assim*. Aí, eu vim e meu marido ficou em Brasília. Ele trabalhava no aeroporto e não tinha jeito. Tinha um rapaz que também tava fazendo essa organização de acampamento. Ele me ligou e me avisou o que ele estava fazendo. Falei: *Não. Tá errado. Não pode. Nós tem que acompanhar o sindicato*. O sindicato tinha marcado uma data pra vir, e ele queria fazer o acampamento antes daquela data que o sindicato tinha marcado. Dona Elza foi e avisou os líderes todos, suspendeu tudo. Ela jogou a data mais pra frente e eu voltei pra trás.

Em 1996<sup>6</sup>, a Fazenda foi desapropriada e o pessoal montou o acampamento, já autorizado pelo Incra<sup>7</sup>. Logo que a terra saiu, eu vim embora pra fazenda do meu sogro, na Matinha, e fiquei acompanhando as coisas do assentamento. O meu marido ficou em Brasília um mês, vendeu o lote que a gente tinha e veio pro Currálinho, pro Assentamento Tamboril<sup>8</sup>. Fiquei eu trabalhando na Matinha, com as minhas quatro meninas, mantendo ele aqui acampado. A gente tinha vaca de leite. Eu tirava leite, pra manter nós lá e ele aqui. O pessoal

5 Em 1995, o Incra classificou a Fazenda Tamboril/Resfriado como propriedade improdutiva, recomendando a sua desapropriação para implantação de assentamento rural.

6 O "Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental do Projeto Final de Assentamento do PA Tamboril" indica que a data de criação do assentamento foi 26/09/1996.

7 As famílias de Brasilândia de Minas foram indicadas pelo sindicato local e as de Santa Fé de Minas pela prefeitura da cidade, uma vez que naquela época ainda não existia sindicato no município.

8 O Assentamento Tamboril foi criado pelo ato 0038 de 23/10/1995. Em 01/09/2016, dados do Incra indicavam que ele ocupa uma área de 9.447,8502 hectares, tendo capacidade para 141 famílias, apesar de viverem 113 famílias no local nessa data.



acampado ficava junto. Nessa época, não podia desmatar, não podia fazer nada<sup>9</sup>. Durante o período em que o pessoal ficou acampado, um fazendeiro vizinho colocou fogo no pasto para tentar incriminar a gente, mas a polícia florestal comprovou que a gente não tinha culpa pelo incêndio. Aí, a gente aproveitou e plantou pra se manter. Acampamos na faixa de um ano, depois é que fizeram o sorteio.

Quando fez o sorteio dos lotes, aí, a gente veio pra conhecer. Ele já sabia onde que era o nosso lote, no Barreiro, no Setor 3. Mas, como eu tava pra lá, eu vim conhecer depois, com ele. A gente olhou o lote todinho. Todo mundo fez isso. As esposas ou os maridos que não tavam vinha pra olhar, pra ver se gostava ou não. Se não gostasse, aí, tinha que devolver: fazer baixa e avisar pro Incra que não queria. No caso, tinha que avisar pro Nilton<sup>10</sup>, que foi o primeiro presidente do assentamento. Então, tinha que procurar ele e contar: *Nós não gostou do lote. Nós não vamos ficar*. Ou, então, se quisesse trocar. Teve muita troca de lote. Às vezes, a pessoa foi sorteada no 46, mas ela tava morando no 48. Então, ele tinha que trocar com o outro.

O Domingos queria desistir de vir para cá. Mas eu não queria desistir. Falei pra ele: *Nós desistir? Perder seis anos de luta? Nós não podemos perder seis anos de luta!* Aí, ele veio pra ajudar o irmão dele a fazer um barraquinho e eu fui na prefeitura, em Bonfinópolis, arrumei uma caçamba, coloquei as minhas filhas dentro, e vim. Quando foi no caminho, eu encontrei com ele, que tava indo embora. Ele viu o caminhão, viu a caçamba e falou com o meu cunhado: *Aquilo ali, eu garanto que é Neuzi. Aquela caçamba é de Bonfinópolis*. Eu peguei ele de surpresa. Eu acho que ele até amarelou. Falou assim: *Neuzi, você tá doida?* E eu falei: *Não. Eu não tô não. Nós vamos pra lá*. E ele voltou pra trás. Chegamos no nosso lote já de tardinha, com chuva. Não tinha plástico. Ele foi no vizinho, tomou o plástico emprestado, jogou um plástico em cima de um pau e dos guarda-roupas, um do lado e outro do outro, pra gente dormir.

Aí, no outro dia, nós fomos fazer um barraquinho de plástico, pra colocar nossas coisas embaixo. Tinha palha, tinha tudo na vereda lá na porta, mas não podia tirar, não era autorizado. A gente não tinha autorização de fazer

9 Depois de um mês, fez-se o cadastramento dos beneficiários e os topógrafos iniciaram os trabalhos de mediação e elaboração de anteprojeto de parcelamento, para definição do número de famílias a serem assentadas e para distribuição dos lotes.

10 Nilton Magri de Menezes, casado com Maria de Lourdes Lopes Magri, faleceu em 04/03/2017, durante a visita da pesquisadora ao PA Tamboril, por ocasião das comemorações do Dia da Mulher e da revisão final desse texto junto a biografada. Essa referência é uma homenagem a esse líder comunitário e a sua esposa e filha.

*Casa de Neuzi.**Crédito: Ana Paula Salej.*

nada. Minha cunhada levou as minhas duas filhas menores, a Andreia e a Luciana, de volta pra casa do meu sogro, na Fazenda da Matinha, e eu fiquei com duas maiores. Foi onde que a gente começou a batalha pra construir a casa e trabalhar a terra.

Quando foi liberado pra gente desmatar, a gente plantou de tudo: arroz, milho, feijão. Tinha a mandioca. Éramos só nós dois mesmo. As meninas tavam pequenas e iam pra escola. Mesmo assim, começaram a trabalhar também bem novinhas. A Lucimar, que é a mais velha, pegava um tamborete ou então um toco, colocava beirando o fogão e subia pra afogar o arroz, fazer a comida. Com nós dois trabalhando, elas tinham que se virar na parte da manhã, antes de ir para a escola delas na parte da tarde. A escola era no setor mesmo. O Incra construiu uma escola em cada setor. No caso nosso, o lote era bem pertinho da escola. A gente foi fazendo as coisas com o apoio do Incra.

Em 2002, eu adoeci. Amanheci desmaiada. Domingos me levou pro Buriti-zeiro. Foi um mês pra fazer exame e marcar a cirurgia de perineo. Quando marcaram a cirurgia, passou uma semana, o Domingos teve uma parada cardíaca e morreu, ali mesmo na estrada do assentamento, empurrando a bicicleta na subida do morro. Mal enterrei meu marido, tive que fazer a cirurgia. Foi difícil. Com tudo isso, eu e a Andreia, que tinha 8 anos, entramos em depressão. Aí, eu tive que ir pra Uberlândia pra ter tratamento.

### 11.3 O período afastada da terra

Fui do assentamento, em Santa Fé de Minas, para Uberlândia, sem destino. Não conhecia Uberlândia. Eu deixei minhas meninas, aqui, e fui. Cheguei lá, fui pra um hotel. Eu fui, na primeira vez, pra conhecer, e ver se eu conseguia um aluguel. Cheguei lá sem casa nenhuma onde procurar. Mas eu fiz isso por causa das minhas filhas. Eu fiquei só, com as minhas filhas todas de menor. Aí, no hotel mesmo, eu pedi informação: qual bairro era melhor pra conviver? Me informaram. Peguei um ônibus. Andando pelo bairro, eu achei a placa de aluguel. Procurei a mulher e contei a minha situação pra ela. Aí, ela falou: *Nós vamos embora pra Brasília. Se você quiser vir pra cá, nós divide essa casa.* Assim, eu fiz.

Voltei pro assentamento e avisei pra minha família que eu tava indo. Eu só contei pra minha mãe. Minha mãe falou que não era pra eu ir, mas eu não obedeci ela. Com a minha depressão, eu me dizia que a minha família tinha me abandonado. Eu não queria ter contato com ninguém. A vida era só chorar e dizer que a minha família tinha me abandonado. Aí, eu peguei as minhas meninas e fui. Quando eu cheguei, a gente não fez a fornalha lá fora pra fazer comida, porque a gente tava morando com a mulher. Ela ainda ficou lá umas duas semanas com a gente.

Quando a mulher foi embora, ela deixou um fogão pra mim. Bujão, eu tinha. E deixou uma cama também, por que a gente tava dormindo no chão. Na minha mudança, eu larguei a maioria das minhas coisas, aqui. Porque eu fui em uma caminhonete. Eu, minhas meninas e a mudança. Então, o rapaz só levou um pouco de arroz, um pouco de feijão. Aí, eu só levei as coisas da despensa. Eu fui começar. Fui na loja de móveis usados, comprei cama e comprei colchão, porque a gente não tinha. Nem isso a gente tinha levado. A situação da gente, aqui, era fraca. Então, o colchão nosso eram ruim, era colchão de palha. Não sei se vocês conheceram, mas era o que a gente

tinha. A gente foi improvisando algumas coisas que a gente não conseguia comprar, até que eu consegui arrumar um serviço. Depois, na hora que eu dei uma controlada lá, eu fretei o carro de novo pra levar o resto das coisas. Porque a gente tinha muita despensa. Quando o Domingos faleceu, ele foi, mas deixou a gente com muita despensa. Muito arroz, muito feijão, muito porco. Porco gordo. Essa despensa deu pra me manter muito tempo. O arroz era sem limpar, mas eu tinha uma máquina de limpar arroz. Até hoje, tenho essa máquina. Eu limpei muito arroz.

No primeiro ano, a Luciana ficou com o meu irmão, José Maria, que já morava aqui no assentamento. Eu não consegui vaga de escola pra ela, lá em Uberlândia. Demorei demais pra conseguir fazer matrícula das minhas meninas.

Já nas últimas tentativas de conseguir vaga pras meninas na escola, quando eu já tava desistindo, eu tava na fila e conheci a Olívia. Na fila, fiquei sabendo que ela precisava de alguém pra cuidar da irmã dela, Dona Gersina. Eu contei a minha situação todinha pra ela. Eu contei que eu tava com depressão e minha menina também, que eu tinha conseguido tratamento só pra mim – pra menina eu não tinha conseguido. Ela ouviu e já me deu coisa, e me ajudou a comprar coisas. Como as meninas dela tudo trabalhava no hospital, ligou pra elas. As meninas foram lá e me conheceram. Já arrumaram médico pra mim. Aí, fiquei trabalhando com a Dona Gersina e fazendo acompanhamento médico, até que eu melhorei. A velhinha tinha mal de Alzheimer. Ela quase não falava, mas acenava. Às vezes, ela falava muito baixinho.

Lá, eu fiquei oito meses, até que eu fui chamada na Sadia. As minhas meninas fizeram amizade com um rapaz que era da nossa região, de Bonfinópolis, e que trabalhava na Sadia. Até hoje, eu acho, ele trabalha. Quando meu currículo foi pra Sadia, não chegou um mês, eu fui chamada. A Dona Gersina não tinha arrumado gente pra ficar com ela e a Lucimar, a mais velha, ficou. Mas só que a Lucimar não podia ficar com ela muito tempo, porque a Lucimar era de menor.

Na Sadia, o que eu fazia era trabalhar na desossa. Pra mim, que não tenho costume assim de ficar muito tempo em pé, o que eu senti foi isso. Agora, mexer com a carne, a gente já é acostumado. Tudo bem que eles têm o tipo do trabalho deles, né? Da desossa, da esteira. A gente tem que trabalhar muito rápido; é muito cansativo. Mas eu agradeço a Deus, porque foi assim que eu dei conta de manter a gente melhor. O meu salário melhorou. Eu fiquei lá, dois anos.



Mas, em Uberlândia, a gente não tinha parente, não tinha ninguém. Aí, a Glória ligou, falando pra eu ir pra Brasília. Eu fui. Cheguei lá com serviço arrumado. As meninas tinha escola pertinho. Só consegui ficar seis meses. Voltei pra terra de novo. Eu estava melhor de saúde. Eu tinha nosso lote no assentamento e não queria vender. Aí, as minhas meninas já estavam maiores também. Já tinha filha de maior, a Lucimar. Ela e a Luciana ficaram em Brasília com a minha irmã. Elas tavam trabalhando. Valéria também tava trabalhando, mas, mesmo assim, não quis ficar. Ela e a Andreia voltaram comigo pro assentamento.

Aí, eu recomecei minha vida no assentamento. Quem me ajudava na roça era a Valéria. Luciana nunca voltou pra ficar de verdade. Já Lucimar, teve o primeiro filho, em Uberlândia e voltou um tempo. Teve o segundo filho, aqui. Mas o terceiro já foi em João Pinheiro. Arrumei um namorado, o Jerônimo, que todo mundo conhece como Nego. Com ele, tive minha filha mais nova, a Diennifer. A gente convive, até hoje, e se ajuda. Temos uma boa parceria.

#### Municípios citados no relato da trajetória de Neuzi, 1966-2016



■ Trajetória de Neuzi 1966-2016

Fonte: Fundação João Pinheiro (FJP). Pesquisa de campo.

Elaboração: Fundação João Pinheiro.

#### 11.4 O dia a dia

Hoje, o meu dia a dia melhorou muito. Antes, eu tava plantando milho e mandioca. Mas tava muito difícil, pra eu mexer sozinha. Meus braços não dão conta mais, pois já tirei muito leite e fiz uma cirurgia na mama. Aí, a gente decidiu plantar o maracujá. Comecei, em 2015.

Só que, aqui, não tinha água. Carregava água era na carroça. Igual muitos daqui ainda fazem. Eu tinha um gadinho. Ai pensei: *Eu vou vender o meu gado todinho e furar um poço, porque não tem como.* Aí, decidi furar o poço. Foi assim que a gente pôde fazer o plantio de maracujá e melancia talismã. A melancia foi a Luciana, lá em Brasília, que ajudou a procurar a semente pela internet. Essa variedade tem a casca mais fina, tem mais polpa e é melhor pra vender. Hoje, a maior parte da terra está plantada com maracujá e melancia.

Eu levanto cedinho. Cinco horas que é o horário d'eu levantar. Já trato das minhas criações correndo, e, na hora que eu desocupo, eu já ponho o feijão no fogo. Depois, a Diennifer vai pra escola e eu vou pro serviço. Aí, eu fico ali, até meio-dia. Meio-dia, eu venho e faço comida. Às vezes, eu faço comida que dá pra almoço e janta, e volto pro serviço de novo. Faço o trabalho na terra, até de tardinha. A menina fica só, já que as outras já não moram no assentamento. (A Andreia ficou aqui até os 19 anos, quando ela formou. Tá com dois ou três anos que ela saiu.) Às vezes, o serviço aperta muito. Não tem como a gente vir mais cedo. Aí, eu lavo roupa à noite. Hoje, eu já não varro a casa, porque a Diennifer já dá conta. Mas, antes, era eu.

A Diennifer está com nove anos. Ela faz de tudo. Ela arruma a casa todinha. Se você chegar, você fala que é um adulto que arrumou. É só o fogo de lenha que ela não mexe ainda. Eu tenho medo e já recomendei ela. Teve um dia em que ela inventou de fazer isso, mas não pode. Ela acende o fogo no gás e faz a comidinha dela.

Além do trabalho na terra, eu mexia com costura. Só que, depois que eu fiz a cirurgia, eu não mexi mais. Eu fazia camisetas. Costurava e silcava. Mas eu só fazia de encomenda, só pra evento. Eu fiz também, pra escola, o uniforme dos meninos do município.

A gente faz irrigação por gotejamento. Agora, fazendo essa irrigação, o trabalho é direto. Antes, na seca, eu mexia com farinha. No caso de farinha, eu só e a Andreia, nós já fizemos até 25 sacos de farinha. Mas, de uns dois anos pra cá, eu também parei de mexer com farinha. Mesmo com a irrigação, o trabalho aperta mais nas águas, porque a gente tem a capina. Aí, tem o milho, tem o feijão, tem a cana, tem tudo pra gente plantar. Nós plantamos milho, arroz, feijão. Esse ano, a gente não fez, mas a gente costuma fazer rapadura.

O jeito de mexer com cada coisa, a gente vai aprendendo. Umas coisas, a gente faz como antigamente. Outras, aprende com os outros ou com os técnicos. Agroecologia, eu mesma tive dois cursos. Mas eu nem lembro mais. A gente fez esse curso e, depois, não dedicou. Aí, esqueci tudo. No caso do maracujá, consegui ajuda de uma empresa que me orientou como eu tinha que cuidar.

*Ao lado: Frutas produzidas  
por Neuzi. Abaixo: Neuzi  
poliniza o maracujá.  
Crédito: Ana Paula Salej.*



A chuva, aqui, tá tão complicado pra gente. De primeiro, ela vinha no mês de outubro. No último ano, ela veio em novembro e foi parar em janeiro. Aí, não teve mais chuva. Perdemos muita planta.

No caso do plantio do maracujá, a gente vendia era a fruta. Depois, agora, a gente tá conseguindo vender a poupa. E a melancia, a gente, às vezes, consegue que o caminhão de fora vem pegar. Agora, estamos entregando para a escola. A abóbora, a gente colheu e vendeu pra Conab e pra escola, no PAA. Além disso, tem muita fruta que é pra gente mesmo. Não vendemos laranja, manga. O arroz, o feijão e o milho são pras nossas despesas. No caso dos porcos, a gente também não vende. Porco é pra nossa despesa. Agora, já as galinhas, às vezes, sai algum frango. Agora que eu estou mexendo com a chocadeira que comprei de segunda mão, eu vendo frango limpo na feira livre, em Brasilândia, todo domingo. Aqui, não temos sistema de troca. No início, a gente tinha muita troca. Hoje, não tem.

O desafio de quem trabalha com a agricultura familiar é muito grande. Às vezes, você produz e, às vezes, você perde. Não tem mercado. Principalmente, no caso da gente, aqui no assentamento. Fica mais distante e o asfalto é de agora. No caso do leite, a gente entregava o leite e fazia queijo. Eu fui em João Pinheiro com o pessoal. A gente conseguiu uma firma pra vir pegar o leite aqui. Mas, depois, acabou que estavam pagando muito barato e não tinha como trabalhar. Com aquele preço a gente não dava conta. Tinha que vender o gado pra pagar conta. O pessoal foi parando. Os tanques de resfriamento de leite que o Estado colocou aqui, hoje, estão parados. Aí, foi aonde a gente parou de mexer com gado e começou a investir nas frutas. Estamos fazendo um teste, pra ver se dá certo.

A gente até pensou em vender e sair daqui. Mas vamos pra cidade fazer o que? A gente já é de idade, não tem estudo. Fazer o que? Pra mim, ser mulher do campo é tudo. Eu amo essa batalha! Pra mim, é tudo. Porque eu gosto. Eu amo. Se for pra mim largar aqui ou vender e ir pra cidade, meus dias de vida, eu tenho certeza que é menos.

### **11.5 O apoio governamental**

A ajuda do Inera foi mais no início do assentamento. Pra cercar, desmatar, adubar com fosfato e calcário. O assentamento tem três setores. O Setor 1; o Setor 2, que é o Beira Rio; e o Setor 3, que é o Barreiro da Onça. Todos



têm escola, desde o início, mas as aulas eram debaixo das árvores ou em um rancho de palha. Tinha aula, mas não tinha estrutura. As salas de aula, isso foi construído, tem pouco tempo. O posto de saúde fica no Setor 2, que é mais central. Agora, coisas mais graves, tem que ir pra longe. Um dia, a Diennifer machucou o dedo. Eu tive que colocar na bicicleta e levar pra Santa Fé. Quando ela passou mal, antes da gente saber que ela tinha diabete, corri com ela pra Brasilândia e ela foi internada em Brasília. A luz chegou tem uns oito anos. Acho que foi com o Programa Luz para Todos.

Hoje, a gente não recebe nenhum apoio pra poder desenvolver o trabalho aqui. O técnico do IMA vem, o técnico da Emater vem, mas é mais pra controlar do que para orientar e ajudar. Dependemos é dos nossos braços mesmo. Não tem apoio não.

Tem política do governo que tem ajudado. O Plano Safra<sup>11</sup>, que a gente já pegou. A gente já acessou o Pronaf<sup>12</sup>. Eu já acessei bem, umas vezes. Agora mesmo, eu fiz um empréstimo.

Eu tenho a DAP<sup>13</sup>. Mas são muito poucas mulheres que têm DAP e, aqui, tem muitas mulheres. Tem que bater em cima do direito de cada uma. Nós temos o direito. Vem aquele negócio de que, se o homem tem DAP, a mulher não pode ter a DAP. Não vem no nome dela. Eu tenho, porque o meu marido morreu. A DAP vem no nome do marido, mas tem o nome da mulher. Ela tem que usar a DAP com o marido. Se for pra ela sozinha ter a DAP, não pode. E, se não tem DAP, a mulher não tem direito de fazer o seu projeto. Se o marido tiver restrição, ela não faz nada, porque a DAP é dela e dele. Isso, pra mim, já é uma discriminação, porque a gente trabalha.

O jovem não tem DAP também. A gente tem essa dificuldade com o jovem que tem que usar a DAP do pai. Assim, é difícil eles acessarem um projeto. Tendo a DAP, já facilitaria pra eles. Hoje, tá muito complicado pros jovens. Eu gosto muito de defender o jovem, porque, no meu pensamento, a gente está de idade. A gente vai e o jovem fica. É o jovem que levanta o Brasil. É o jovem que levanta o mundo. Aqui, hoje, não tem jovem no nosso assentamento. Não só no nosso

11 O Plano Safra é como chamam o Plano Agrícola e Pecuário (PAP) e o Plano da Agricultura Familiar, publicados anualmente pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e pelo extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Eles estabelecem medidas para orientar os investimentos agropecuários no país, no período referente ao calendário agrícola anual.

12 O Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) financia projetos individuais ou coletivos que gerem renda aos agricultores e assentados da Reforma Agrária.

13 A DAP é a Declaração de Aptidão ao Pronaf.

assentamento, em vários assentamentos. Quem é jovem vai embora. Não tem lazer, não tem trabalho. As minhas filhas foram pra cidade. Tem uma em Uberlândia, outra em Brasília, outra em Brasilândia e uma em Buritis de Minas.

A mulher trabalha mais que o homem, no campo. Muito mais. No meu caso, eu levanto às cinco horas da manhã e, seis horas, eu já estou com os meus trens todos arrumados. As mulheres levantam cedo, pra cuidar de tudo. O marido chega em casa e quer a comida pronta, a roupa limpa. Isso, normalmente, eles não ajudam. Eu vejo muitas reclamarem disso. Eu tenho pessoa minha, aqui, que ela que se mantém, põe tudo dentro de casa. Tem marido, mas não tem. O marido não trabalha. Fica andando pra aqui, pra acolá. Às vezes, dá uma mãozinha, mas o grosso mesmo é todo dela. E, pra mulher assim, a gente levanta o chapéu. Pra mim, é como parceria, tudo dividido. Pra algumas mulheres do assentamento é assim, mas não são todas, varia.

O meu sonho aqui não é só pra mim. Eu queria que tivesse como a mulher trabalhar mais tranquila, que ela trabalhasse e conseguisse vender pra ela ter o seu dinheiro. Porque tem muitas que não têm o seu dinheiro próprio. Trabalham muito e não têm o seu dinheiro. Se tiver arrecadação, é pouquinho e vai pra dentro de casa. Elas, às vezes, deixam de comprar bens pra elas – uma roupa, um calçado, alguma coisa, pra levar pra dentro de casa. A gente tinha que arrumar uma forma pra elas plantarem, colherem, fazer uma horta comunitária. Ver o que podemos fazer, pra ajudá-las.

### **11.6 Os movimentos diversos e a luta pelos direitos das mulheres**

Tem 30 anos que eu tô sindicalizada. Comecei a trabalhar em sindicato com a Dona Elza, em João Pinheiro. Era uma parceira pra tudo. Ficamos muito amigas e foi assim que entrei pro sindicato. Além disso, o Otacílio e a Lia, que muita gente chama de Maria Antônia, eram da minha região, a Matinha. Eles também ajudaram, para eu ingressar na Fetaemg. Acompanhei a criação e participei do Conselho Fiscal do Sindicato de Brasilândia. Só que eu fiquei lá só um mandato, só quatro anos.

Hoje, sou associada do Sindicato de Santa Fé<sup>14</sup>. Depois que a gente veio pra cá, eles me convidaram. Aí, me filiei, mas eu não quis participar, por causa do trabalho aqui. Também, pra mim, era totalmente errado o tipo de trabalho. O pessoal de Brasilândia conhece o que é os seus direitos de sindicato. E, aqui,

<sup>14</sup> O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Fé de Minas foi criado em 29/12/1997.

em Santa Fé, eles não conheciam o que é o direito de sindicato. Eles achavam que sindicato tinha que ser um sindicato rural, que tinha que atender o fazendeiro. Tem prefeito que, até hoje, tem esse problemzinho aí. Então, eu não aceitei. Depois que eu vi que ele tinha normalizado, eu entrei de Diretora de Jovens e Mulheres. São quase oito anos que eu estou Diretora de Jovens e Mulheres do Sindicato de Santa Fé. Eu também faço parte da Comissão de Mulheres da Regional Noroeste. Nessa Comissão, eu participei de encontros e reuniões. A aceitação do trabalho de mulheres no sindicato na sociedade, aqui, é boa. Mas eu tive um pouco de dificuldade. Então, pra mim, eu acho que não mudou quase nada não.

Aqui no assentamento, eu fui presidente da Associação Geral<sup>15</sup>, na terceira gestão, a que terminou em 2001. Aí, depois, fiquei um tempo fora do assentamento e, quando voltei, fui conselheira da Associação Geral e Vice-presidente da Associação das Mulheres<sup>16</sup>. Passei pra presidente da

15 A Associação dos Assentados do Projetos Tamboril (Apontam), criada em 18/01/1995.

16 A Associação de Mulheres do PA Tamboril foi criada em 30/11/2003.



Associação. Crédito: Ana Paula Salej.



Associação de Mulheres, na segunda gestão, quando a Adelaide, que foi a fundadora, saiu. No meu mandato, conseguimos recursos pra construir a sede. Foram as mulheres daqui mesmo que levantaram as paredes da sede. Depois, a Teresa, Terezinha Saturnino da Silva, entrou de presidente e eu entrei de conselheira. Hoje, eu estou de conselheira de novo. Estava como presidente da Cooperativa, até pouco tempo. A Cooperativa ainda era pra tá no meu mandato, mas eu pedi afastamento. Acho que teve o problema de preconceito, porque, de cabeça, só tinha mulher: eu, Marilene, Neuza e Zilma. Incomodou pra eles, então, eu pedi afastamento. Eu fiz foi afastar. Eu não pedi demissão. Passou pro Messias, Messias Alves Moreira, o vice.

Comparando a vida da minha mãe, a minha e a das minhas filhas, muita coisa mudou. Da minha mãe pra mim, mudou. A minha mãe era analfabeta, igual ao meu pai. Então, já mudou, porque a gente já teve estudo e eles não. E também mudou muito, porque a minha mãe parece que ficava mais fechada em casa. Ela quase não saía. E, naquela época, eu lembro bem, a mulher não tinha direito de ter um documento dela. Ela era dependente do marido. Então, com a luta, mudou isso.

De mim pras minhas filhas, com certeza, mudou mais. Minhas filhas já estudaram mais. Tiveram mais apoio, já que a gente teve mais condição que meus pais. O que meus pais não tiveram condição de me dar, eu já tive uma condiçãozinha um pouquinho a mais pra dar pras minhas filhas.

Minhas filhas não ficaram na terra. Pra começar, elas perderam o pai novas e já tiveram que trabalhar. Com 11 anos de idade, a Luciana já tava trabalhando em casa de família, ajudando pra sustentar nossa casa. Das filhas do Domingos, a Valéria é a que tem mais amor pela terra. Ela tirava leite, ela fazia tudo. O que eu fazia, ela fazia. Capinava, tudo. Tanto que a Valéria nem foi pra outro lugar mais longe, ela não quis ir. Ela fica aqui próximo, em Brasilândia. Dá uma treguinha, ela vem e agarra na enxada comigo. Mas a Lucimar, a Luciana e a Andreia não. Elas já não têm muito laço não. Mas eu acho que é por causa d'eu ter ido com elas pra cidade. Quando a gente foi voltar, tiveram muita dificuldade de trabalhar. Elas falavam: *Não, eu não vou. Eu não dou conta.* Quando a gente voltou, eu, Valéria e Andreia fomos trabalhar na roça, capinando. Não ficaram, porque não começaram cedo e por que, aqui, não tem nada para oferecer pros jovens. Diennifer, filha do Nego, eu acho que ela vai pegar um pouquinho do meu batido. Parece que



é mais caseira que as outras, mas tá pequena pra saber. Mesmo com as meninas longe, nós somos assim: uma ajudando a outra. Na hora que eu tô apertada, que eu tô precisando de um dinheiro, elas mandam pra mim. A hora que uma delas tá precisando, eu mando. É uma ajudando as outras.

Acho que as jovens mulheres do campo têm que manter a cabeça erguida e não baquear. O machismo é muito. Elas têm que, de uma forma ou de outra, caçar um jeitinho pra derrubar ele. Porque, senão, se nós mesmas não zelarmos, não tem outras pessoas pra zelar pra gente não. E, se a gente conseguiu o que conseguiu até hoje, foi com força e garra. Se não fosse com força e garra, a gente não tinha conseguido não.

Hoje, tem muita mulher que, quando eu convido elas pra fazer um encontro, pra participar de algum encontro ou fazer alguma coisa assim, ela já fala logo: *Ah, Neuzi, eu vou, porque nós tem que pegar junto. Não é só você sozinha que tem que pegar não.* Então, o recado que eu deixo pra elas é isso, que tem que estarem unidas, porque sozinha, uma para um lado e outra pro outro, não consegue. Têm que estarem unidas, com a cabeça erguida e falar assim: *Eu vou derrubar e nós vamos dar conta.* Hoje, nós não somos dependentes. Antes, éramos. Fui várias vezes no Grito da Terra. E, naquela época que eu participava muito, em 2001 ou 2002 mais ou menos, muitas mulheres falavam assim: *Você é doida. Você vai entrar no chumbo. Você vai entrar na boca do revólver. Eu não vou de jeito nenhum.* Hoje, já está mudado. No nosso assentamento, esse ano, foram muitas mulheres que pediram pra ir e que foram pra Brasília, no Grito da Terra. Só aqui, esse ano, foi um ônibus.

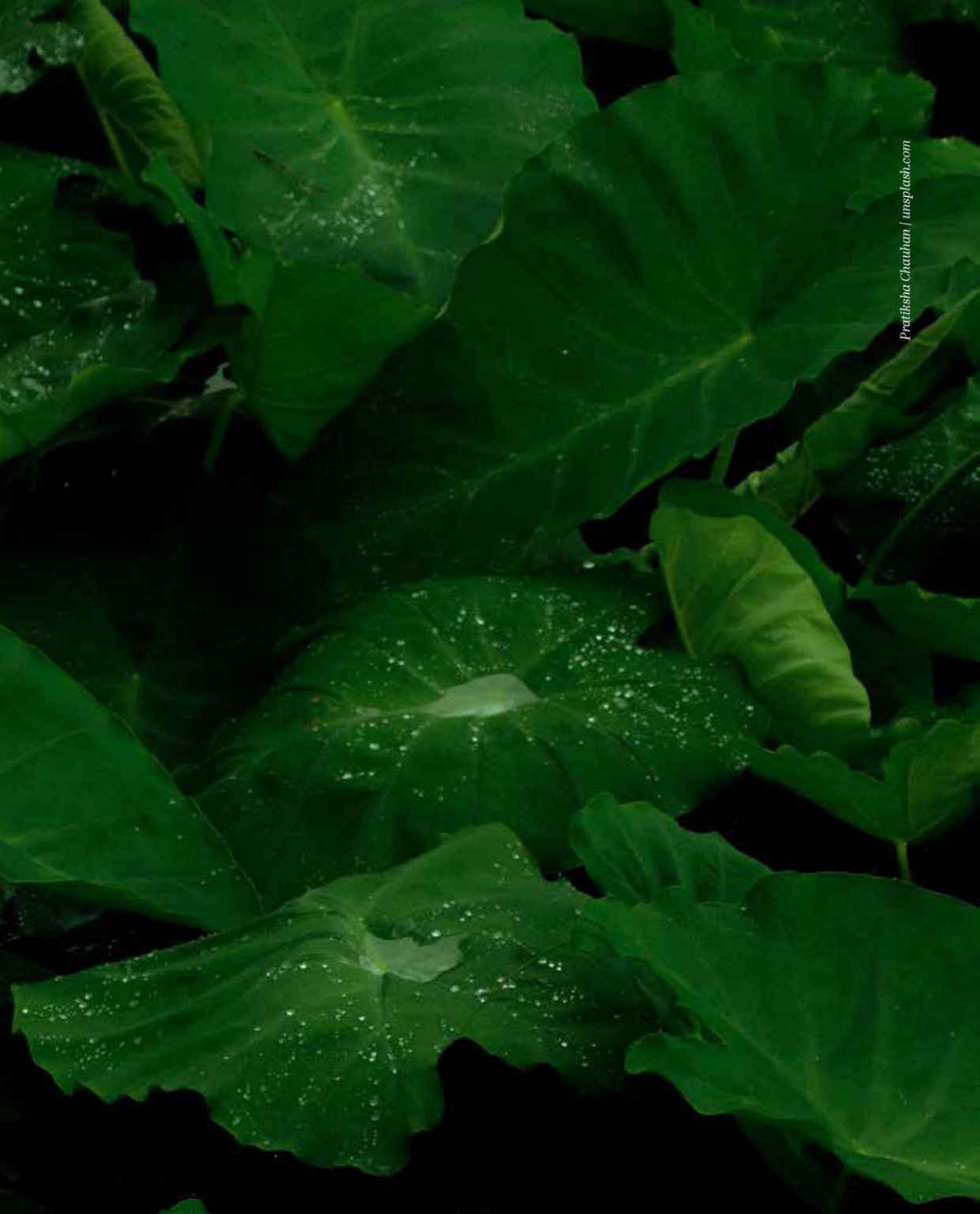
A gente vai participando e parece que a gente vai tendo mais garra. A gente vai entendendo mais a luta, reconhecendo a luta. Porque é uma luta forte. A gente sabe que tem que estar com a cabeça erguida, pra dar conta. Tem até desafio dentro da gente e dentro da própria casa da gente.

Aqui, tem muita mulher sindicalizada. Acho que elas são a metade dos associados no sindicato. Se interessam, por causa da aposentadoria. Tem o salário-maternidade que também interessa. Então, é uma coisa que tá crescendo. Por exemplo, nesse negócio do governo mudar a aposentadoria, eu falei com o presidente do sindicato, vamos chamar a entidade, juntar os sindicatos que são as bases, e vamos pra frente. A gente tem que mostrar que nós também temos poder, que ele está lá porque nós colocamos e, se nós colocamos, nós podemos tirar.

Eu acho assim: o desafio das mulheres é continuar do jeito que cada uma vê e não desistir. A mulher precisa ter o seu direito. Às vezes, o homem mesmo tem que se rebaixar pra elas. Eu acho que a mulher, ela tem tudo pra ela desafiar, se ela quiser. Ela tem que desafiar algumas pessoas que acham que a mulher não tem o direito. Se não tem informação, eu acho que tem que pedir informação pra quem tem informação<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Neuzi a Ana Paula Salej e Giovanna Lunardi.



# **Tia Nenzinha**

**Maria Madalena Oliveira Leite**

**Mariana Patrus Ananias de Souza Brandão**

**Thaís de Freitas Valério**

# **12**



## *“Cuidar da terra: isso é bom demais!”*

### **12.1 O trabalho com a terra**

Eu nasci em Montes Claros, em 1953, e comecei a trabalhar na roça quando criança. Eu lido com a terra desde a minha infância. Eu me criei num outro tempo. Hoje, não pode. Hoje, é trabalho infantil e é proibido. Mas, naquele tempo, não tinha isso. Então, criança trabalhava. Eu falo que comecei a trabalhar com 16 anos, mas, nessa época, na verdade, já tinha muito tempo que eu trabalhava. Na terra, eu mexo desde que me entendo por gente, desde os oito anos. Eu sempre morei na zona rural. Aprendi a lidar com a terra com minha mãe e meus avós. Meu pai eu não conheci. Perdi o pai muito cedo.

O avô levava pra roça. Nunca esqueço dele ajoelhado, ensinando nós como é que tinha que fazer. Naquele tempo, a gente plantava arroz e não podia limpar o pé do arroz com a enxada. O pé do arroz, a gente tinha que limpar com a mão. Eu lembro que meu avô ficava olhando nossas mãos, na hora que a gente chegava da roça, pra ver se a gente tava fazendo do jeito que ele mandou. A gente tinha uma vida muito difícil. Eu fui criada com o objetivo de trabalhar e ajudar a manter a família. A viuvez da minha mãe fez com que os filhos mais velhos tivessem também que criar os mais novos. Então, assim a gente aprendeu e viveu.

Eu trabalhava e estudava. Eu ia pra escola de manhã. A gente saía de casa, às sete da manhã, e ia andando para a região do Morro do Fogo. Chegava lá às nove horas. O nosso professor era bom. O pouco que a gente aprendeu, a gente aprendeu mesmo. Nós tivemos formação só até a quarta série. O ensino era pra gente rica. Nós, as pessoas pobres, era até a quarta série e olhe lá. Eu fiz o ensino médio depois. Eu fui estudar mais tarde. Aí, já era de noite que eu estudava. Eu trabalhava e estudava.

Eu trabalhei na prefeitura durante 30 anos. Trabalhei como professora e como servçal. Depois, durante um período de quatro anos, eu trabalhei com o Programa “Saberes da Terra”, um programa muito bom que trabalha com o jovem, ensinando a juventude a trabalhar com a terra. Eles ficavam quinze dias lá na escola e quinze dias na comunidade. A gente acompanhava o trabalho deles, fazíamos visitas. Era um trabalho muito bom. A gente trabalhou com a formação de jovens de várias cidades. Esse projeto era um projeto piloto e a gente focou na EFA, que é a Escola Família Agrícola, na área de experimentação do CAA, que é o Centro de Agricultura Alternativa. Trabalhando na prefeitura, eu fui cedida para coordenar esse trabalho com os jovens. Esse programa ensinou muito a gente e ajudou muito a juventude. Ele existe ainda, em outras regiões, mas, aqui, acabou. É uma pena.

Mesmo trabalhando fora, eu continuava trabalhando na roça: cuidando das plantas, dos animais, plantando, colhendo. Foi coisa que eu aprendi e sempre gostei de fazer. Depois, aposentei e me voltei só para as atividades na roça. Aos 57 anos, fiquei viúva. Foi quando assumi a responsabilidade da família toda sozinha. E continuo na luta ainda. São 63 anos de vida e eu continuo, o que é bom.

Eu moro na Comunidade Abóboras. Trabalho na horta e trabalho com plantas medicinais. Sou Presidenta da Associação da Comunidade Abóboras e trabalho no CAA. Até hoje, eu sou sócia da cooperativa. Eu acho que a melhor vida é essa vida de trabalho, pra manter uma alimentação saudável. Eu acho essa vida boa demais. Quem se criou nisso gosta de fazer esse trabalho. É difícil, mas a gente gosta de trabalhar com a terra, né?

Tenho muita preocupação com o jovem. Eu falo: *Valoriza o pedacinho de terra que tem!* Porque, muitas vezes, o jovem quer largar a família e ir pra cidade. E abandona tudo, vai pra lá e não tem um lugar pra viver. Tem que pagar aluguel. Então, é uma preocupação muito grande que eu tenho com a juventude. Eles precisam valorizar a terra. Porque não valoriza, né? Porque tem muita gente que não dá valor ao pedacinho de terra que tem, acha que é melhor ir pra cidade viver de aluguel, essas coisas. E é muito bom isso que a gente faz, esse trabalho.

Eu acho que o trabalho na terra dá dignidade à pessoa. A gente vive mais à vontade, tem uma alimentação mais saudável e a saúde melhor. O mais importante no trabalho na terra é a dignidade da gente e a valorização da

terra. A terra, se nós cuidar bem, ela nos devolve aquilo que nós precisamos. A terra é a nossa mãe. Sem ela, nós não temos condição de vida. Na cidade grande, você não pisa na terra, você não consegue pisar na terra, né? E a saúde da terra, ela transmite pra nós também através dos pés. A gente pisa na terra, a gente pega na terra. Então, ela transmite essa saúde e a gente tem uma vida mais saudável. Você chega na cidade, você pisa no asfalto, queima os seus pés. Você não dá conta de andar descalço. Aqui, não. Eu levanto cedo e rodo o trecho é descalço.

E, às vezes, o povo pensa: Não, eu tenho que ir pra cidade, né? Tenho que formar e ir pra cidade. Eu fico imaginando: como é que faz? Nós temos que ser preparados pra viver aqui! Eu acho que nossos jovens tem que ser preparados pra viver aqui. Porque eles vão pra lá, vão depender de outras pessoas que vão produzir também pra levar. Na cidade, não produz. Na cidade, não produz um pé de nada em quantidade suficiente. Às vezes, tem alguém que tem um quintalzinho, que planta um pouquinho. Mas, lá, não tem produção pra manter a cidade. Então, da onde que vai? É do meio rural, é da terra. Tem que tirar da terra. Nós têm que cuidar da terra. E cuidar com muito carinho! É a nossa mãe. Sem ela, não tem como sobreviver.

### 12.2 O dia a dia

Eu levanto às seis horas, seis horas e pouquinho. Agora, eu tô meio preguiçosa... Mas eu gosto de levantar cedo, tratar dos animais e cuidar da horta. Se eu parar de fazer isso, eu acho que eu adoço. As meninas, para quem eu entrego folha lá no supermercado, ontem mesmo, me falaram assim: Ô, tia, por que a senhora não para? Só fica desse jeito, pra lá e pra cá, assim? É o meu dia a dia e é bom demais!

Eu tenho um amor muito grande pela terra. E acho que é uma vida digna. Às vezes, as pessoas falam: *Morar na roça é muito difícil*. Mas não é. As pessoas é que pensam. Às vezes, as pessoas que não conhecem acham que é difícil. Eu vou pra Montes Claros e eu fico doidinha pra vir embora! A vida, aqui, é muito mais saudável, é muito mais tranquila. A gente não pode ir pra cidade porque a gente não é adaptado. As pessoas de lá já são adaptadas com lá, mas a gente é adaptada com isso aqui.

O dia a dia da gente é levantar de manhã; tratar de um porco, de uma galinha, de uma vaca; ir pra horta, molhar, limpar e plantar. Depois do almoço, depende.



*Crédito: Mariana Patrus.*



*Crédito: Mariana Patrus.*





Tia Nenzinha. Crédito:  
Mariana Patrus.

Tem hora que, até com o sol muito quente, eu ainda vou fazer as coisas. Eu descanso só um pouco, pois não tenho muita paciência de ficar parada não.

Minha filha fala: *Mãe, a senhora não precisa disso mais não!* Eu respondo: *Eu sei que eu não preciso, mas eu gosto de fazer. Enquanto eu aguentar fazer, eu vou fazer.* Eu imagino que, se eu sentar aqui e falar que eu não aguento mais, aí, eu vou endurecer, vou sentir. A gente vai ficando nessa idade, a gente já vai mudando. O comportamento dos ossos não é o mesmo, o comportamento da cabeça não é o mesmo. A gente sente que não é. A tendência, passou dos 30, é essa. Então, eu fico muito feliz que ainda aguento fazer as coisas. Não só eu, pois eu tenho várias companheiras de luta que não dão conta de ficar parada, que gostam de trabalhar.

Tem época que a gente viaja mais. Às vezes, tem algum encontro que a gente participa. Tem um período no ano, em agosto, por exemplo, que tem o Empório do Sertão, as festas de agosto. Então, a gente vai pra lá e fica cinco dias trabalhando com comida. Tem exposição no mês de julho que a gente vai e fica dez dias. Tem a feira de agricultura familiar, que só mexe com os produtos da terra que a gente trabalha. Eu também sirvo alimentação e tem época que o pessoal procura muito o trabalho de *buffet*. Eu trabalho muito com beiju também. Mas é tudo dentro do que já é feito porque as pessoas gostam.

Do dia a dia da casa, depois que Lena minha nora tomou conta, é ela que cuida. Ela que faz esse serviço todinho. Eu não mexo mais em cozinha e nem gosto. Eu coloquei ela pra participar da secretaria do Instituto Guará, pra ver se tira dela esse negócio de ficar só aqui. Porque, às vezes, a gente fica muito presa à casa, ao dia a dia do serviço caseiro. Eu queria muito que ela desenvolvesse outra coisa, sabe? Não é deixar de cuidar, porque eu acho que a casa é importante. Mas porque a pessoa fica muito presa nessa rotina e a cabeça não desenvolve pra outra atividade. Eu acho que a mulher tem de trabalhar. E tem que procurar divertir a cabeça. Lena fica aí, de cedo até de noite. Eu falo que a minha companheira inseparável é ela. Todo momento que eu entro e que eu saio de casa, ela tá dentro. Não sai pra nada e não gosta de sair.

Já o meu filho, por exemplo, é diversificado. Ele trabalha muito fora e não fica aqui em casa. O dia a dia dele não é aqui. É levantar cedo e chegar de noite. Ele sai daqui sete e meia da manhã, leva a Luana minha neta no ponto do ônibus pra ir pra escola, volta e, daqui, vai pro trabalho. É agente de saúde e trabalha pras pessoas – é pedreiro, carpinteiro, tudo.

E meu filho depende da gente em tudo. Não acha nada. E, quando acha, é aquela desavença, é aquele nervosismo, dizendo que a gente some tudo. Meu esposo era desse jeito comigo. Nem uma cueca, para você ter ideia, ele não conseguia achar sozinho! Era eu sair e ele: *Ô, Nenza!* Hoje, eu sinto falta disso, mas, naquele tempo, era uma opressão terrível. Porque, pra tudo, dependia de mim e nada tava bom. E era grosseiro demais. Uma pessoa muito grossa é muito complicado. Tem coisa que eu nem lembro, né? Vai passando, vou esquecendo. Mas a opressão é a pior coisa.

### 12.3 A produção

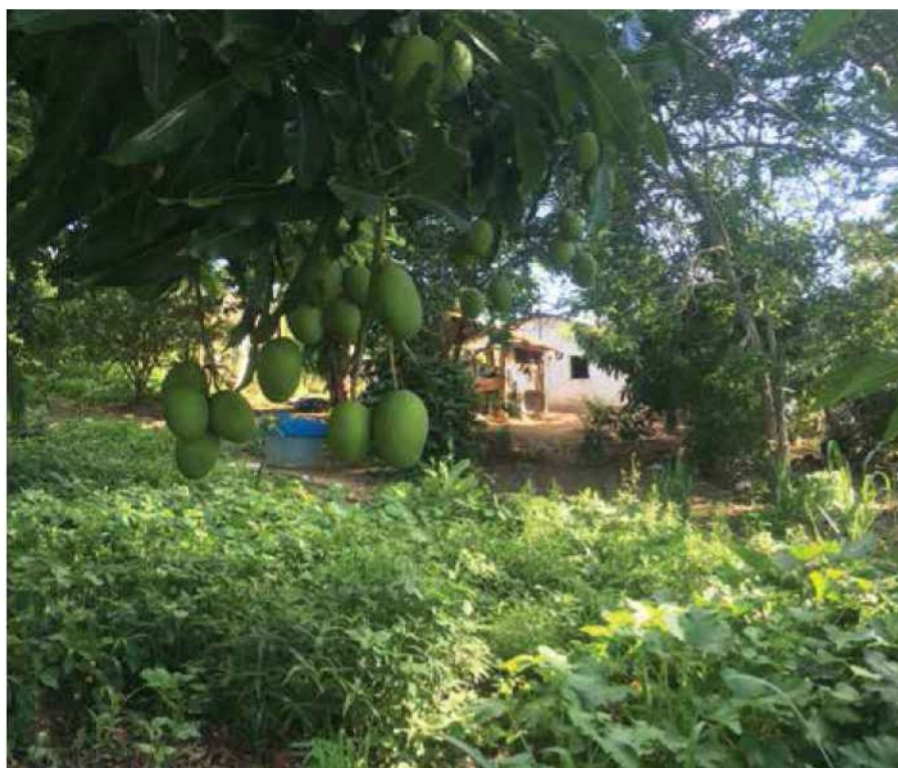
Eu produzo de tudo de horta. É abóbora, é banana. É milho, feijão, cana, hortaliça. De hortaliça, tenho variedade mesmo: alface, cebolinha, couve. Mas eu não planto muita quantia não.

Eu vendo três vezes por semana. Entrego num supermercado e num restaurante. (Não tem nem um ano que umas meninas tão com um restaurantezinho. Elas vieram aqui, pra pedir pra eu produzir pra elas.) Não é quantidade grande, mas é uma quantidade que eu tenho que manter, tanto pro supermercado, quanto pro restaurante. O transporte é de muitas qualidades. É de moto, é de mototáxi, é de a pé. Vou pra ali e pego o ônibus; depois, pego o outro ônibus e já desço lá perto do supermercado.

Eu vendo não é porque isso me ajuda demais. É porque eu acho tão importante levar! Eu levo e fico: *Eu plantei isso com tanto carinho. Não pus veneno, não pus nada. E alguém vai comer, partilhar comigo.* Outro dia, eu cheguei pra levar folha e a menina do supermercado falou assim: *Ô, tia, tem mercadoria que chega aqui e, passa um tiquinho, tá tudo amarelo, murcho. O que a senhora traz não murcha. Fica verdinho!* Eu falei assim: *Ô, minha filha, é que eu não uso nada de agrotóxico, não uso veneno, não uso nada disso. A minha horta é agroecológica mesmo. Não tem defensivo químico nenhum. O que eu uso é natural.* A gente fica feliz com isso! E tenho a consciência que eu tô trabalhando correto, né? Eu falei com ela: *Ô, filha, você deve passar isso pras pessoas!* Por exemplo, o restaurante. Quantas pessoas que se alimentam lá e que sabem que tão alimentando numa alimentação saudável, né? Então, a gente fica feliz com isso. Muito feliz!

O preço é o mesmo: o mesmo valor. E eu não faço diferente, porque eu não tenho coragem de tirar um centavo a mais, porque eu não tenho essa

*Mangueiras no fundo da  
casa da Tia Nenzinha.  
Crédito: Mariana Patrus.*



*Lenha cortada por Tia  
Nenzinha para manter o fogão.  
Crédito: Mariana Patrus.*



ambição de vender. Os meninos ficam assim: *Mãe, a senhora compra os trem pra levar?* Eu falo: *É porque são meus fregueses e eu quero manter! Não quero que eles vão comprar em outro lugar! Então, quando não tenho o suficiente pra levar, eu faço isso!*

O que falta em casa pra comer, a gente compra. Com o dinheiro do que a gente produz e vende, a gente compra o que tá faltando. Eu mesma que administro o meu dinheiro. Além do que ganho com a horta, eu recebo a aposentadoria da prefeitura e a pensão de trabalhador rural do meu esposo – ele era um homem muito esforçado e trabalhador.

Produzo, então, também pro consumo em casa. E eu gosto muito de doar o excedente. Eu tenho muito esse hábito de doar as coisas. De trocar também. Eu gosto muito de trocar semente, de trocar muda. Eu sempre tenho e troco.

#### 12.4 A agroecologia

Eu sempre gostei da agroecologia. Eu nunca aprovei, quando eu via alguém queimar pra plantar. Eu achava aquilo tão ruim! Eu nunca tinha participado de nada e eu nunca concordei com isso. Usar veneno, essas coisas assim, eu achava um absurdo ver as pessoas usarem! Ai, eu comecei a participar do CAA, o Centro de Agricultura Alternativa, e peguei mais experiência com o negócio. Eu já não gostava de usar, tinha medo demais de usar e, depois que eu comecei a participar do CAA, o que já deve ter quase 20 anos, fortaleceu mais aquilo em mim. Mas eu aprendi muito com o CAA! Com a Cooperativa, com os encontros. Eu sempre participo. Tem o GT Gênero, né? Sempre ajuda a fortalecer o trabalho como agricultora agroecológica.

Ser mulher do campo é um orgulho muito grande! É uma felicidade muito grande poder conseguir manter isso! Porque, às vezes, a gente não tem muita preocupação com o próximo. E, quando você começa esse trabalho agroecológico, não é só com a gente que você tá preocupando não. A gente acaba que se preocupa com todas as pessoas que vão alimentar com aquilo. E é bom ter aquela certeza de que a gente tá servindo uma alimentação saudável. A gente que produz sabe como produz e sabe que é bom pra gente e pras pessoas. Cuidar da terra: isso é bom demais!

Isso aqui era um toá. Ninguém imaginava que, hoje, tudo que eu plantasse, aqui, eu ia colher. Tudo, tudo, tudo! O meu esposo, eu ia mexer e ele falava:



*Essa mulher é doida! Mas como é que planta trem, num lugar desse? E eu falava assim: Moço, moço, deixa eu com as minha doidura! Quantas vezes eu falava isso com ele! A primeira vez que eu plantei mandioca foi ali. Ali, a terra era dura, bem durona. Eu rancava cada toadão, jogava ali pra baixo e ele me xingava de doida. Eu falava assim: Pode deixar eu com a minha doidura! Na hora que você ver a mandioca, você vai querer comer, né? Deu aquelas mandiocona! Quando ele viu o mandiocal bonito, falou assim: Mas não é que a doidura dela até que serve? Mas ele era assim. Ele achava que era difícil, né? Talvez, por conta do aprendizado que era diferente. Ele não tinha aquela confiança. Achava que tinha que queimar a terra, que tinha que pôr adubo, que tinha que pôr veneno. Quando ele começou a acreditar nesse trabalho, quando começou a gostar, aí, ele foi embora... Às vezes, ele brigava e ficava falando que eu tava interessada era nos homens. E aí eu chorava... Depois, eu falava: Ah, moço, você acredita em mim, se você quiser! Eu sofri muito. Mas valeu a pena pra, hoje, poder ter quintal e mostrar esse quintal pras pessoas. Valeu a pena!*

## 12.5 O incentivo para a agricultura familiar

A gente tem ajuda do Centro de Agricultura Alternativa. O conhecimento, então, vem pelo CAA. A gente tem ajuda também da Fetaemg, da própria Emater<sup>1</sup> e da Cooperativa Grande Sertão<sup>2</sup>. Agora, além disso, o pessoal da Somai<sup>3</sup> tá dando um apoio pra gente fazer um trabalho ambiental. Eu tenho a impressão que a gente vai dar um salto. É assim que a gente sempre tá buscando melhoria e trazendo as coisas pra cá.

A maioria das pessoas, aqui, não acredita no apoio. Eu acredito. E eu acho que os jovens tem que dá mais valor nisso. Porque a gente começa muita coisa e larga pra lá. Eu mesma, às vezes, trago algum projeto. Aí, começa muito animado, mas o pessoal desanima e ficam duas ou três pessoas. Mas nem assim eu desisto! Porque, independente d'eu ser presidente, mesmo antes, eu sempre tive esse intuito de trazer melhoria pra comunidade. Já busquei vários projetos. Já teve quem trazia projetos, mas, porque as pessoas não valorizavam, pararam. Eu falei: *Gente, nós não vamos largar de mão! Vamos*

<sup>1</sup> A Emater é a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais.

<sup>2</sup> A Cooperativa de Agricultores Familiares Agroextrativistas Grande Sertão constitui uma organização de apoio aos agricultores familiares do norte de Minas no que diz respeito, principalmente, ao acesso ao mercado, à produção agroecológica e à inserção social. A Cooperativa organiza a produção e articula a venda de produtos como sementes crioulas, polpas de frutos, mel e farinha.

<sup>3</sup> A Somai Nordeste é uma granja de postura de Montes Claros, situada na região da Comunidade Abóboras.

*buscar apoio, até que um dia aceitem e vejam que isso é bom pra comunidade!*

E, nesse processo, a gente tá vendo a necessidade de união. Precisa unir, pra melhoria da comunidade. Então, eu tenho mostrado isso, tenho lutado. Às vezes, tem divergência com a associação vizinha. Tem uma associação, aqui na frente. Eu luto muito pra isso acabar, só que não consigo. Porque é um problema pessoal, mesmo que isso afete a comunidade. Mas a gente tem que lutar pra trazer mais projeto e melhorar, né?

Eu fiz um projeto pro Banco do Brasil, o “Terra Forte”<sup>4</sup>, há um ano. Vou começar a pagar, em 2018, a primeira parcela. Vinte mil reais. É um projeto que eu tenho que pagar, mas é um projeto que ajudou muito. Ele é Pronaf<sup>5</sup>. Antes, eu tinha aquele Pronafinho Pequeno<sup>6</sup>. Aí, depois, eu fiz o grande<sup>7</sup>, porque eu queria fazer umas melhorias aqui. A ajuda que eu tenho é essa só.

Apoio técnico é assim: tem e não tem. Por exemplo, o povo do CAA não pode, porque eles têm outros trabalhos. Então, poderia a Emater dar mais assistência, se tivesse um técnico só pra atender a região com mais dedicação, o que não é o caso.

O CAA ajuda sim na formação. Às vezes, tem algum projeto também que vem pelo CAA. Tem esse projeto mesmo do PAIS, que é o “Programa de Agroecologia Integrada e Sustentável”, por exemplo. Tem outro projeto que a gente tem na comunidade, o “Projeto do Pequi”. Tem muito projeto. Tô tentando, são três, quatro projetos. A maioria são esses que a gente não paga. Só o do Banco do Brasil que você tem que pagar. Esse do PAIS foi um projeto que não é devoluto, e o “Projeto do Pequi” também não é devoluto. É um projeto que você fica com ele, com os benefícios, com os bens que vêm. Nesse do PAIS mesmo, veio uma bomba, veio mangueira, essas coisas todas.

4 O Programa “Terra Forte” é uma iniciativa do Governo Federal que teve início em 2009. Resultou do trabalho de um grupo coordenado pela Secretaria de Governo da Presidência da República e composto por ministérios e movimentos sociais. O Programa é uma parceria com o Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) e com a Fundação Banco do Brasil, e tem como objetivo apoiar e promover a agroindustrialização de assentamentos da reforma agrária em todo o país, por meio do fomento a projetos e do beneficiamento em projetos de agricultores familiares assentamentos criados ou reconhecidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

5 O Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) configura uma política do Governo Federal criada em 1996 que visa fomentar projetos coletivos ou individuais geradores de renda para assentados da reforma agrária e agricultores familiares, apresentando as menores taxas de juros de financiamentos rurais. Além de crédito, o Programa conta com iniciativas de assessoramento técnico aos agricultores.

6 Por “Pronafinho Pequeno” entende-se o valor básico de financiamento do Pronaf.

7 Já o “Pronaf Grande” diz respeito a um valor de crédito maior, acessado em função do tamanho da propriedade e da avaliação da Emater.



É através do CAA. Tem o PAA, o “Programa de Aquisição de Alimentos”<sup>8</sup> também. Eu vendo meus produtos.

A gente precisa de acesso a crédito, incentivo financeiro, alguma coisa assim. A gente precisa encontrar um meio. Eu não sei como é que a gente poderia fazer, mas precisava de um incentivo maior e não só aqui na região, pra fortalecer mesmo. Algo do tipo: *Você vai produzir isso. Nós vamos te ajudar a fazer e você vai dar uma produção maior pro município.* É preciso um trabalho a mais.

Ajuda de advogados, por exemplo, é importante. A burocracia é muito grande! Quantas pessoas aí que foram pra terra, há tempos, e que, até hoje, não têm documento? É uma dificuldade muito grande pra saber se esse pedacinho de terra é seu. Porque a maioria das terras que o povo tem é terra devoluta. Às vezes, os grandes fazendeiros tomam. A minha terra, por exemplo, era tomada. O dono era um oficial de justiça, um juiz, sei lá. Eu sei que ele mandava matar as pessoas e tomava a terra. Ele tinha muita terra, mas tudo foi tomado dos pequenos. A gente comprou dele, mas, na verdade, não era dele, era terra que ele tomou de alguém. Naquele tempo, não era igual hoje. Hoje, as pessoas já tem um conhecimento maior. Ajuda com os documentos, para as mulheres em especial, também é importante. Eu não tenho esse problema, mas quantas mulheres têm? São muitas!

Ah, se a gente tivesse acesso a terra com mais facilidade e o governo se aproximasse mais do agricultor pequeno, do agricultor familiar, das mulheres que trabalham na agricultura! Tem tanta mulher que não tem medo da luta, que gostaria de ter um pedacinho de terra pra trabalhar!

O meu sonho para a agricultura familiar é ver a agricultura familiar sendo valorizada! O poder, o povo grande, as pessoas que estão lá em cima, precisam valorizar mais isso, porque eles têm que saber que não conseguem viver sem nós agricultores. Eles precisam caçar um meio pra melhorar a nossa vida! E melhorar a vida na agricultura familiar como um todo, sendo mais próximo. Às vezes, até tem um projeto ali, mas é uma burocracia terrível para nós acessarmos aquilo! E você não consegue. Lá em cima, precisam ter essa preocupação. O que eu acho é que as pessoas têm que ter uma ajuda

---

<sup>8</sup> Criado em 2003 no âmbito do Governo Federal, o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) consiste no estímulo à comercialização e aquisição direta de produtos da agricultura familiar e suas organizações, visando o promover o acesso à alimentação às pessoas em situação de insegurança alimentar e nutricional, e incentivar à agricultura familiar.

com mais facilidade, mais acesso. Mesmo que tenham que devolver um empréstimo depois. Não é pegar e dar não. É oferecer crédito com menos burocracia. Isso incentiva.

É preciso incentivar o jovem também. Falar: *Não, você vai viver aqui. Eu vou fazer isso, isso e isso, para que você possa ter uma vida boa aqui, para que você possa ter o seu salário. Você tem que produzir e sua vida boa é assim.* É preciso dar uma formação diferenciada pra essa juventude. Uma formação diferente, que não é só aprender a ler, a escrever, a fazer conta. A formação que os jovens recebem não é adequada, né? Formar as pessoas não é pegar um canudo e dar não. É formar para aquela vida. Nós tivemos educação. E a educação que nós recebemos da família a gente passa para as pessoas. As pessoas, hoje, não têm compromisso de educar os filhos. A educação eles deixam pra escola. E, na escola, não é lugar de educar. A escola ensina outras coisas. E esses órgãos todos que eu falei, por exemplo o GT Gênero, dão outra formação. A educação se leva de casa para a escola. A educação vem de casa, do berço. É lá que se aprende a tratar as pessoas bem, a ser um cidadão do bem, a ser um cidadão digno. E isso nós tivemos. Eu não confundo. Eu não misturo a minha educação com a minha formação. Foi educação isso que eu recebi dos meus avós, que eu recebi da minha mãe. Com toda a simplicidade, mas eles que me deram. Até o modo de sentar, a mãe, naquele tempo, ela corrigia. O modo da gente tratar as pessoas, o modo de você chegar em alguém. Tudo isso eu recebi. Hoje, não. Os filhos vão para escola para ser educado na escola. E a educação da escola não é a mesma educação que os pais dão para os filhos.

E o agrotóxico? É preciso ver se acaba com o agrotóxico no mundo, para poder dar vida, para deixar que tenham vida. As pessoas que produzem em alta escala, elas tão preocupadas com o quê? Elas tão preocupados só com o dinheiro. Elas não estão preocupadas com uma alimentação saudável, em produzir um alimento para alimentar bem o filho de fulano. Põem veneno desordenadamente em tudo o que vai produzir, para produzir em alta escala. Se preocupassem mais em ajudar a agricultura familiar, em fortalecer a gente para gente manter a cidade, seria diferente. Eu acho que, cada município, deveria ter essa preocupação. Melhoraria muito a vida no campo e também a vida na cidade.



## 12.6 A trajetória de luta

Foi uma luta muito grande meu ingresso nos movimentos, uma luta pra eu participar. Foi no ano de 2000, com Dona Maria do Rosário, a então coordenadora da Fetaemg. Ela mora no município de Bocaiúva. Um dia, dentro do ônibus, eu encontrei com ela por acaso. Eu ia de Montes Claros para Bocaiúva e ela também. Aí, ela me convidou: *Oh, Nenzinha, vai ter uma reunião de mulheres na Fetaemg tal dia*. Eu falei: *É?* Lembro como hoje dela falando: *Tal dia, você vai lá que vai ter o encontro de mulher*.

Eu tinha muita vontade de participar, mas eu era muito oprimida. Eu não tinha coragem nem de abrir a boca! Nossa, eu tinha vergonha de abrir boca, de tanto que o esposo oprimia! A gente acabava que tinha vergonha mesmo. Tinha medo de conversar, de falar alguma coisa e magoar as pessoas. A gente era tão magoada que tinha medo.

Então, eu fui na reunião pela primeira vez, no ano de 2000. Eu lembro que ela fez uma brincadeira do espelho, que coloca um espelho numa caixinha. Vai passando a caixinha com um espelho pregado lá dentro e fala assim: *Oh, tem uma pessoa muito especial, aí nessa caixinha. Você pensa o que você vai falar dessa pessoa*. Quando você abria a caixinha, você via você. Assim que começou.

Comecei a participar e, daí pra cá, eu nunca mais deixei de participar. Descobri que o valor que eu tinha como mulher era muito grande e que a gente tinha que lutar mesmo pra melhorar esse relacionamento de vida com os homens, porque o machismo até hoje predomina. Ele predomina nos próprios filhos. Assim, a gente sente isso nos filhos homens. Eles acham que são tudo! Acham que a gente precisa deles, que a gente não consegue nada, que a gente depende deles demais. Tem 16 anos que eu participo, que eu tô dentro.

Eu participo do sindicato e do trabalho com mulher mesmo. Do GT Gênero, eu participei muito tempo. É Comissão de Mulheres da Asa<sup>9</sup>, é Coletivo de Mulheres do CAA<sup>10</sup> e outros vários. Sou presidente da Associação da Comunidade.

9 A Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) é uma rede de organizações da sociedade civil que se propõe a defender os direitos dos povos e comunidades do semiárido. O projeto político proposto para a região fundamenta-se, dentre outras temáticas, na Agroecologia, na Economia Popular Solidária e na Segurança Alimentar e Nutricional. A Comissão de Mulheres da ASA configura um espaço de organização política e mobilização das mulheres da Articulação.

10 O Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA) é uma organização dos agricultores e agricultoras familiares do Norte de Minas, que visa valorizar a biodiversidade da região, por meio de apoio às comunidades e promoção da agroecologia. O Coletivo de Mulheres do CAA constitui um espaço de articulação das mulheres agricultoras familiares da região.

Do GT Gênero, hoje, eu tô bem mais afastada. Mas ele foi, pra mim, um espaço de aprendizado muito grande. Era espaço de formação mesmo. No GT Gênero que eu aprendi a lutar, a defender. Eu lembro que os primeiros trabalhos nossos foram em Viçosa. E eu ia com a Elisa. Era a Elisa, nessa época. Elisa e Solange: as meninas do CAA. Sempre defendi mulher e jovem. Acho que por conta dessa coisa d'eu ser muito oprimida. Aí, elas me colocaram pra participar e eu participei muitos anos. Tem muito pouco tempo que eu deixei. Mas o GT Gênero foi o maior espaço de formação que eu já participei! Eu devo muito ao grupo de formação.

Com a participação, agente vai pegando uma coisa e outra e você vai mudando. Você vê que a mulher tem condição. A gente não pode ser dependente do homem! Porque eles se acham muito. É no jeito deles que você sente que eles acham que as mulheres não têm competência. As companheiras tão junto no dia a dia, mas, às vezes, eles olham pra gente e você vê. Eu tomei pavor de homem, entendeu? Tem hora que você vê o homem fazer cada absurdo com as mulheres! O jeito de falar, as brincadeiras, você percebe. Eles humilham muito as mulheres. A mulher pra eles é objeto. Eles acham que dominam, que têm que dominar a mulher. Nem todos, mas, pra maioria dos homens, a mulher tem que ser instrumento deles, não é?

A violência, por exemplo. Eu acredito assim que a violência não é só física, de bater. Mas, às vezes, de palavra. Tudo o que você fala tem um efeito bom ou ruim. Às vezes, a gente não coloca isso como violência. Nem as próprias mulheres. Mas eu acho que a violência pior é a violência de palavra. Quando a pessoa fala uma palavra que magoa o coração da pessoa pra toda vida, aquela violência marca pro resto da vida. E a gente vê muito isso. O modo como o homem trata, a palavra da forma que ela é falada, ela é uma violência que marca a vida da mulher. No geral, toda mulher tem uma queixa nesse assunto, não é? Tem até uma historinha boba que a gente fala que é assim: quando tá namorando, se a mulher chama Regina, é Regininha; quando casa, é Dona Regina. Então, é sempre assim. Eu também sou muito observadora das coisas. Você vê um casal de namorado, vixe! Não passa nem querosene entre os dois! Da hora que casou e ela engravida em diante, é um na frente e outro atrás. Por quê? Por que tem que ser assim? Por que não continua com o mesmo carinho, o mesmo afeto? Mas isso é porque eu acho que o homem brasileiro é muito machão, muito senhor de si. E as mulheres brasileiras são passivas, né? Muitas vezes, ela suporta muita coisa pra poder segurar um casamento.

Então, é muito boa a participação. Não é ser mais do que ninguém, mas é tá junto, levando essa mensagem pras mulheres, pra que elas possam reconhecer que a gente tem muitas mulheres retraídas, reprimidas, que acham que não têm valor. Foi nisso que os movimentos me ajudaram. Essa coisa mesmo de alegria, de poder participar, de poder me valorizar como mulher, porque, até então, eu achava que eu não era nada. Depois dessas formações do GT Gênero, eu comecei a reconhecer e a valorizar que eu sou mulher. E com muita garra.

Os espaços de formação nossos eram muito bons, muito ricos. E não era uma coisa só de feminismo não. Não era isso. Que hoje tá muito essa coisa, né? O pessoal, hoje, está muito voltado pra feminismo e, aí, acaba que o pessoal mistura muito essa coisa de gênero. Eles estão misturando muito essa questão. E a formação que nós tivemos do GT Gênero não era isso, não. É pra gente se valorizar e fazer o trabalho. Com eles, eu aprendi que a gente tem que se valorizar e não ser dominada pelo machismo.

Nós mulheres, nós temos que nos valorizar. Saber que nós temos valor, muito valor, porque a carga, pra nós, é muito maior em toda a discriminação. Qualquer coisa que a gente sair fora, assim, a mulher é sem vergonha, a mulher é isso e aquilo. O homem pode deitar e rolar, fazer o que ele quiser, porque ninguém vê o erro. O homem pode ter duas, três mulheres, o que não é o correto. Se uma mulher faz isso, o nome da mulher não presta pra nada mais! Desde a antiguidade que é dessa forma. E eu tava refletindo sobre isso. Não foi por Deus. Foi o homem que inventou essa lei.

Eu acho que nós, como mulheres, não queremos ser mais que os homens e sim trabalhar juntos pra fortalecer. Por exemplo, se entrar um homem aqui e tiver um grupo de mulher, porque eles são machistas, eles afastam pra trás e começam a reclamar que as mulheres, hoje, não querem que eles participem mais. Porque tem momento que tem que ser só nosso, né? Eu lembro que um dia que a gente tava sentada numa sala quando criou o Coletivo de Mulher do Norte... A gente tava sentada em uma roda de mulheres, e, nesse tempo, era o Zé Leres. Não sei se ele era presidente da cooperativa ou do CAA. Eu sei que, quando ele entrou e viu nós, ele afastou pra trás. Virou, correu! Eu falei: Não, meu filho. Não é assim que você tem que fazer. Porque eu tenho ele como filho mesmo. Eu falei: Não. Nós não estamos aqui pra fazer medo em vocês não. Nós estamos aqui pra trabalhar junto, pra fortalecer o nosso trabalho, o nosso elo de amizade, pra um ajudar o outro. Não é pra vocês correr de nós. Não é isso que

*nós queremos. Mas eles têm muito medo da mulher. Os homens, hoje, têm. A gente tá vendo isso. Outro dia mesmo, eu tava em uma reunião, lá perto de Belo Horizonte, e aquele machismo. Eu falei: Gente, nós queremos fazer um trabalho junto. Nós precisamos fortalecer todos, aproximar as mulheres mais da política. Mas eles têm muito medo. Não gostam que as mulheres se aproximem, porque sabem que as mulheres têm competência de mudar. O gênio nosso é de mudança mesmo.*

Trabalhar com a terra é muito bom, mas tem os obstáculos. Muitos! Muitos desafios. O principal é a valorização mesmo. Eu acho que a mulher precisava ser mais valorizada, até pelos próprios companheiros de trabalho. As pessoas duvidam muito da habilidade da mulher. Acho que os homens olham pra gente e pensam: *Daí, não sai nada*. Eles olham pra gente assim. Pra gente, é um desafio. É preciso mostrar pra eles que a gente pode, que a gente é competente. Nós somos mulheres e nós somos mulher de luta, que procuram ter uma vida saudável, uma vida boa, uma vida sem vaidades. Uma vida simples, mas uma vida digna.

No mês de junho, esse ano ainda, eu tive um desafio muito grande. Porque nós estávamos formando a diretoria do Instituto Guará, que é um local de formação, pesquisa e educação. E ia acabar com o Instituto, porque o pessoal que era do Instituto também era do CAA e o jurídico do CAA disse que isso não dava certo, que tava muito confuso, muito misturado. Eles falaram que era preciso sair do CAA pra assumir o Instituto Guará. Foi um desafio muito grande, porque eu nunca tinha tido coragem de abrir a minha boca pra tomar uma decisão tão severa igual a essa. Eles acharam, na verdade, que a gente não ia dar conta, que não dava certo. Ai, eu resolvi e saí. Deixei de ser sócia do CAA, pra assumir o Instituto Guará.

Os homens, eles são muito machistas. Os próprios companheiros que estão junto com a gente, ali. A gente acha que eles tão a favor da gente, mas eles duvidam muito da competência da mulher. Eles acham que a decisão tem que ser deles. E não é assim. Não queremos ser acima deles, ser melhor, não é nada disso. Mas eu acho que, pra gente fazer um bom trabalho, é preciso parceria. E, para isso, os homens têm que valorizar a mulher. Eles precisam valorizar, saber que a gente tem competência sim pra fazer as coisas e pra tomar decisão. Não tem esse negócio de homem só tomar decisão. A gente tem que ter um cuidado pra não tomar uma decisão equivocada, uma decisão que vai prejudicar. Mas a mulher precisa desse espaço de decisão.



Chega! A mulher já foi muito massacrada! Muito! A gente quer um trabalho de valorização. Eu sempre falo isso. E eu acho que o que a gente precisa é ser valorizada, que o que a gente faz precisa ter valor. Os próprios companheiros precisam dizer: *Nossas companheiras têm competência pra fazer. A gente tem decisão própria e tem condição de fazer sim.* Eu falo assim, porque faço e não arrependo.

É difícil, mas a gente continua, porque é bom demais. É uma alegria! Ontem mesmo, nós saímos daqui oito horas da noite e fomos encontrar os amigos. Você encontra pessoas que têm essa garra. Dona Dulce, por exemplo é uma mulher de luta. Ela faz parte do coletivo e é uma mulher que tem coragem de lutar, de trabalhar com a terra, de pôr a mão na massa. É aquela pessoa que sabe fazer e faz porque gosta. Então, o que motiva a gente é isso. Nós tivemos, aí, cinco anos de seca, né? E mesmo assim a gente conseguiu produzir. Pouquinho, mas conseguiu. Enquanto tinha um pouquinho de água, a gente tava produzindo. Na hora que a água acabou, a gente ia atrás do caminhão pipa pra trazer água, mas sempre plantava um pouquinho. E, esse ano, a gente tá muito feliz, porque a gente tá conseguindo plantar, tá conseguindo ver a plantinha crescer. Então, isso é uma alegria e é o que motiva a gente.

### **12.7 Passado, presente e futuro**

O jeito de criarem a gente, antigamente, era diferente. Muito diferente! A mãe corrigia a gente de uma forma que você não tinha raiva das mães. Hoje, você não pode corrigir um filho. Você não pode, porque, dependendo do jeito, eles tomam raiva dos pais e das mães. Isso é bem diferente do passado.

A vida das mulheres, das minhas avós e da minha mãe pra mim, mudou muito também. Era bem diferente de hoje. Se a minha vida é melhor, eu não sei. Mas eu acho que é bem melhor hoje, porque o conhecimento que a gente tem, as mulheres antigas não tiveram. Elas não tiveram oportunidade. Foi aquela vida sofrida: nasceram daquele jeito e morreram naquele sofrimento.

Graças a Deus, eu não falo que a minha vida é um sofrimento! A minha vida é boa! Eu não posso falar que a minha vida é ruim. Tenho uma vida digna, uma vida boa. Não é vida de riquezas, é vida simples, mas é uma vida em que eu tenho tudo. E eu posso falar: *Eu posso fazer isso. Se eu quiser fazer, eu faço.* Eu não quero riqueza, não quero nada disso. Quero ter a vida que eu tenho. Claro, se vier um apoio pra gente crescer mais, é muito bom, é bom demais! Mas eu

tenho a minha vida boa. Graças a Deus, a minha vida é digna! Imagina: eu, com 63 anos, sentada em um canto ali, sem poder fazer nada? E a amizade que eu tenho é muito grande. Não só com a juventude. Sou Tia Nenza, para o pessoal aqui. Todo mundo me conhece como tia e me tem respeito. Eu devo muito isso à juventude que me tem muito carinho. Então, a maior riqueza que eu tenho e que eu acho que a gente tem que ter é a amizade. E essa eu tenho, graças a Deus. Eu sou muito feliz de poder participar dessa vida assim. Quantas mulheres não tiveram ainda a oportunidade de participar?

Mudou muito a vida de mim para as minhas filhas também. Uma coisa que eu acho interessante é que elas têm a vida própria delas. Trabalham por conta própria e os filhos trabalham junto. Não precisam mais, hoje, ser mandadas por ninguém. A minha filha mais nova mesmo, por exemplo. Ela trabalhou um tempão na Somai. Foram uns oito, nove, dez anos, trabalhando nessa granja daqui da comunidade, como muitos outros moradores. Depois, resolveu sair de lá e montar uma oficina. O povo, hoje, preocupa muito com emprego, com essa coisa de ser empregado dos outros, né? A minha filha mais velha, ela trabalha na Somai. Oh, meu Deus! Pensa numa pessoa que sofre! Tem o salário e tudo, mas não tem descanso, não tem liberdade. Trabalha a semana inteirinha e, no dia de folga, não tem descanso. É uma vida de labuta. A família é descontrolada demais. Ela separou do marido e, aí, vive aquela vida. Eu consegui vencer, né? Foram 35 anos que eu vivi casada. Tinha os altos e baixos, mas eu consegui vencer. Já ela, que é a mais velha, não conseguiu. Casou, viveu 20 anos junto, e separou. Aí, descontrola a família, descontrola demais a vida dos filhos. E fica uma vida muito tumultuada. Já a outra filha é diferente. Mas é mais ou menos no caminho meu também. No dia a dia do casal, é complicado.

E eu tenho um recado muito sério, muito severo para os jovens de hoje: os jovens têm que preocupar em ter um pedacinho de terra. Não precisa ser terra grandona, mas eles precisam ter essa preocupação. Falo: *Vá atrás dos direitos, mas valoriza o que tem! Valoriza o pedacinho de terra que tem!* A criança, por exemplo, tem mais facilidade de viver hoje do que no meu tempo. Se der valor, tem mais meios para ter uma vida mais digna, sem ter que morrer de trabalhar. Mas tem que ter compromisso com a terra, tem que cuidar da terra, porque, quando chegar no tempo deles, se eles não cuidarem da terra, não vão ter como sobreviver. E vai ser uma desolação só. Porque a gente vai ficando velho, mas a gente tem essa preocupação com a juventude. Porque nós já fomos jovens. Hoje, a gente está velho, mas a gente

tá fortalecido e baseado nisso. Por isso que a gente não quer sair daqui. O que será da juventude? Porque vai indo, vai indo para cidade e não tem jeito de sobreviver. É muito complicado! Então, é preciso que eles tenham essa preocupação: valorizar os pais, obedecer à família. Às vezes, os pais aconselham e os filhos não aceitam. E, aí, vai para o mundo de sofrimento. Muitos falam assim: *Esses velhos não sabem de nada. Onde que esses velhos tão com a cabeça? Não sai nada não. Isso é coisa do passado. Mas a coisa do passado que nós temos hoje é o que tá nos segurando, né?*

Mas eu acredito muito na juventude. Eu acredito que essa juventude que está se formando aí vai dar um passo pra frente e acordar a tempo. Eu acho que a juventude tem que ter essa preparação de assumir as responsabilidades, porque esse povo que tá aí tá fazendo coisa errada, coisa errada e coisa errada. E tá na hora dos jovens começarem a preocupar com isso, porque eles têm condição. Têm estudo, têm como. Os jovens têm que começar a trabalhar para mudar a política, para mudar a vida das pessoas. Falta resolver falar: *Ah, mas nós vamos mudar essa política! Vamos trabalhar, para mudar a vida dos jovens, para mostrar para o jovem que nós podemos fazer diferente! Porque o povo que tá aí não tá pensando nisso não. Não tá pensando na juventude não. Esse povo que tá no poder não tá preocupado com a vida dos jovens. É muito pouca gente que tá preocupada com a juventude. Então, a juventude mesmo é que tem que se preocupar com isso e tem que assumir a política com responsabilidade.*

Leve essa mensagem onde você for! Manda essa mensagem! Pessoas simples, que conhecem a vida do campo, têm que ter uma condição de vida boa e ter também essa preocupação de não abandonar o pedacinho de terra que tem. Além disso, é preciso mudar mesmo a política. Tá na hora dos jovens pegarem essas responsabilidades e trabalharem para mudar a vida da juventude e das crianças, porque o futuro do jovem e das crianças tá na nas mãos da juventude. Nosso recado é esse. A gente caminha mais é pro fim, né? Mas a gente espera que essa juventude faça um bom trabalho.

O recado que eu deixo para as mulheres jovens é que elas assumam isso junto e vão em frente também. As pessoas dizem que são só jovens, mas tem tantas mulheres jovens que já são mães! Elas não precisam temer. Não tem necessidade de temer não. É ser mulher e se valorizar. Ser uma mulher diferente, uma mulher que vai à luta e sabe que tem valor. Nós mulheres temos competência, nós temos condições de fazer um bom trabalho. Não

precisa excluir os homens não e sim mostrar pra eles que têm competência também. E deve ser porque o que tá na gente, o mesmo espírito que está em nós, está neles. O Espírito de Deus é um só. A gente é diferente, porque a gente foi criado dessa forma, mas o espírito que Ele soprou em nós é um só. Então, eu acho que a gente tem que ter essa mesma espiritualidade. No que a gente falar, falar a favor das pessoas. Mostrar para eles que a gente é mulher e que a gente é ser humano. Mostrar que as mulheres sofrem, que as mulheres ficam muito reprimidas. O que acontece é que os homens fazem o que bem querem e elas recuam muito, enquanto não devem recuar. Eu falava isso com o meu esposo: *Eu tô no meu direito. No dia que eu sair do meu direito, aí você tem que corrigir mesmo*. Sempre procuro fazer o que é bom. Não façam as coisas erradas, porque aí a gente vai e quebra a cabeça mesmo. Procurem fazer sempre o bem, sempre fazer a coisa correta e você vai ter uma vida especial<sup>11</sup>.

*Estrada que leva a casa da  
Tia Nenzinha.*

*Crédito: Mariana Patrus.*



<sup>11</sup> Esse capítulo é a transcrição da entrevista individual de história oral temática concedida por Tia Nenzinha a Mariana Patrus e Thais Valério.





*Ana Paula Salej*

*Leticia Godinho de Souza*

*Nícia Raies Moreira de Souza*

*Clarice Gonçalves Santos do Vale*

*Thaís de Freitas Valério*

As memórias das doze mulheres, aqui recuperadas, possuem vários pontos em comum. Observadas em seu conjunto, demonstram um dos potenciais da biografia coletiva: evidenciar questões que dizem respeito a uma dada população, em sua dinâmica social e política. Ao resgatar as trajetórias de cada uma dessas trabalhadoras rurais, resgatamos assim a vivência e experiência de um grupo, não só daqueles indivíduos. O objetivo deste posfácio é, assim, destacar as características comuns ao grupo estudado e relacioná-las a aspectos gerais relativos às mulheres do campo de Minas Gerais e do Brasil.

Em específico, buscaremos lançar luz a dimensões da vida das mulheres do campo, a saber: o trabalho na agricultura; a relação com a terra e, sobretudo, com a produção agrícola; a importância da agroecologia na vida de algumas delas; a relação com os homens e a construção da autonomia da mulher do campo; as formas de organização e participação política; desafios atinentes às políticas públicas para a mulher do campo. Cada um deles será explorado a seguir, após esta breve introdução.

É relevante mencionar que a pesquisa que gerou esta publicação foi encomendada pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais (SEDA/MG), órgão criado pelo Governo do Estado em março de 2015, como uma resposta às demandas dos movimentos sociais ligados ao campo, em especial, a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais. Nesse contexto, a Secretaria pautou suas ações dirigindo-se principalmente para o público-alvo das/dos agricultores familiares, além dos povos e comunidades tradicionais e dos atingidos por grandes

empreendimentos. “Promover a cidadania e a dignidade da vida no campo, com foco na redução das desigualdades sociais e regionais” e “fortalecer o diálogo entre as agricultoras e agricultores familiares e o governo” passaram a constituir objetivos propagados pelo órgão recém-criado. Para alcançá-los, colocaram-se como fundamentais melhorar a situação das mulheres do campo, reduzindo a desigualdade de gênero no meio rural, e fomentar sua autonomia econômica.

Com efeito, são grandes e complexos os desafios para se alcançar, na prática, a igualdade de gênero no Brasil e em Minas Gerais, principalmente se tratando das mulheres rurais. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Minas Gerais era, no ano de 2015, de 20,9 milhões de habitantes, sendo 50,78% deles mulheres (no Brasil, as mulheres representavam 51,48% da população, nesse mesmo ano). A população rural representava, nesse universo, 15,99% da população estadual (e 15,28% da população nacional). A representatividade das mulheres no campo era, contudo, inferior à geral: 46,45% em Minas Gerais e 47,75% no Brasil (IBGE, 2015). Ou seja, enquanto que, no Estado, para cada 1000 homens, 1031 são mulheres; nas áreas rurais mineiras, para cada 1000 homens, 867 são mulheres. Esses dados evidenciam que o campo é um espaço onde os homens são maioria. Essa prevalência, somada a fatores culturais decorrentes da estrutura patriarcal, tornam o desafio das mulheres que ali habitam ainda mais intenso.

Dois dos pilares da dominação patriarcal são, justamente, a organização sexual da sociedade, a hierarquização entre homens e mulheres e do trabalho desempenhado por eles. Da naturalização de que homens e mulheres possuem capacidades diferentes para o trabalho e do entendimento de que há uma designação por gênero para cada tipo de atividade, o trabalho masculino acaba por se colocar como superior ao feminino, conseqüentemente, mais bem remunerado e reconhecido. Assume-se como natural o isolamento das mulheres ao espaço doméstico, impedindo que alcancem lugar e reconhecimento no mundo público.

No que diz respeito a essa divisão sexual do trabalho, pode-se mobilizar os dados do IBGE (2010; 2015) com respeito à taxa de atividade no contexto brasileiro, ou seja, a população em idade ativa que está trabalhando ou procurando emprego. Essa é maior entre homens (75,7% para o caso brasileiro; 56,23% para o caso do estado de MG) do que entre mulheres (54,6%

para o caso brasileiro; 43,77% para o caso do estado de MG). A divisão sexual do trabalho fica ainda mais evidente quando comparamos essa taxa entre mulheres no contexto urbano (56% para o Brasil; 63,3% para Minas Gerais) e rural (45,5% para o Brasil; 36,7% para Minas Gerais).

Em geral, os homens do campo relacionam-se diretamente às atividades econômicas que geram emprego e renda, enquanto as mulheres do campo ocupam-se em atividades voltadas ao autoconsumo da família. Não por coincidência as mulheres do campo constituem 64% do total de mulheres brasileiras que não recebem remuneração. Segundo BUTTO (2014), isso ocorre especialmente porque se percebe a mulher como incapaz de lidar com as atividades de produção e/ou comercialização da produção.

No entanto, apesar do trabalho das mulheres do campo ser realizado principalmente no âmbito doméstico, costumam ser atividades consideradas “tipicamente” produtivas, mas que, por serem realizadas por mulheres, são majoritariamente percebidas como “ajuda” ao trabalho masculino ou como extensão do trabalho doméstico<sup>1</sup>.

## 1 O trabalho e a “produção”

A biografia coletiva evidenciou que, via de regra, o trabalho na terra tem início na infância para as mulheres rurais. Elas aprenderam com os pais e avós a lidar com a terra; herdaram ferramentas e utensílios de trabalho, mas, acima de tudo, o conhecimento. O patrimônio imaterial é de extrema importância, especialmente nos quilombos.

A produção, por sua vez, é diversificada: pomar, horta, plantação. Garantem, com isso, frutas, verduras, legumes e grãos. A variedade, normalmente, é grande, mas se observa o tempo apropriado de cada cultura. Logo, produzem um pouco de tudo dependendo da localidade. A criação de animais também é usual.

A produção para o consumo prevalece e nem todas as mulheres produzem para comercializar. Um dos grandes gargalos para a pequena produtora rural, quando essa possibilidade se coloca, é o escoamento e a comercialização da produção.

<sup>1</sup> Também são exemplificativos os dados relativos à chefia dos domicílios em 2006. Os domicílios urbanos chefiados por mulheres representam 34,33% no Brasil e 31,39% em Minas Gerais. No âmbito rural, eles correspondem a 17,29% no país e 16,40% no estado (IBGE, 2006).



Há configurações distintas no que se refere à comercialização da produção. A legislação sanitária e as exigências para certificação dos produtos são, reiteradamente, dificultadores para a entrada da pequena produtora no comércio local. O ponto de diferenciação parece estar, de um lado, na inserção da trabalhadora na comunidade, que pode lhe permitir acesso ao mercado local (é o caso de Dona Nenzinha); e de outro, no movimento do qual faz parte. Alguns desses movimentos têm uma rede de comercialização local (como no caso de Eliete). Seja como for, depende de sua inserção política ou pública.

As feiras municipais são espaços públicos importantes e que permitem a comercialização da produção. Parte dos movimentos estudados tem uma rede de comercialização nacional, o que contribui para escoamento da produção para locais mais distantes e para o estabelecimento de controles referentes à produção, que devem se adequar às exigências das instâncias governamentais. A criação de cooperativas também tem sido uma estratégia de produção e comercialização para várias delas.

Em contrapartida, no que se refere às trabalhadoras que não logram inserir-se no mercado, o trabalho na terra, especialmente nas hortas, gera produtos de qualidade para o consumo próprio e para troca ou doação de excedentes para os vizinhos e para a comunidade local. Pode-se notar, a esse respeito, o desenvolvimento de um espírito cooperativo entre as famílias que extrapola a troca capitalista. A produção para o autoconsumo e a troca não são atividades “monetizadas”, o que pode ser avaliado como positivo desse ponto de vista. De outro, leva à invisibilidade da contribuição econômica dessas mulheres. Portanto, há uma contribuição econômica que é efetiva, mas não mensurada.

Essa é a constatação majoritária da literatura sobre as mulheres camponesas (Cf. Di Sabatto et alii, 2009; Butto et alii, 2014). Historicamente, as mulheres sempre participaram da produção, mas, em geral, não possuem acesso aos rendimentos advindos da comercialização. Em consequência, encontram-se reduzidas as possibilidades de reivindicação de sua importância no meio familiar e os instrumentos de luta por igualdade de condições e poder, em especial, com relação a seus companheiros. Isso porque, se a renda não garante, por si só, a autonomia das mulheres, ela altera paulatinamente as interações no interior da família (Butto, 2009).

Segundo Léon (2010, *apud* Nobre, 2012), para darmos visibilidade à contribuição das mulheres camponesas é essencial “avançar em visões integrais da economia que recuperem um conjunto das relações e dos recursos que são mobilizados nos ciclos de produção, reprodução e criação de riqueza que não estão circunscritos ao mercado ou ao que se troca por dinheiro” (NOBRE, 2012, p.51).

Os dados seguintes evidenciam que o trabalho das mulheres do campo que gera mercadoria para troca ou consumo não gera dinheiro, assim como o trabalho que não gera mercadoria:

Em 2008, somente 3% das mulheres ocupadas no setor não agrícola não tinham rendimentos. [...] Em contraposição, no setor agrícola, 28,5% das mulheres ocupadas com 15 anos ou mais não tinham rendimento no ano de 2008. [...] A situação é mais comum na agricultura familiar (IPEA, 2010, p.59).

Dados da PNAD de 2015 mostram que os trabalhadores sem rendimentos representam 16,10% das pessoas de 15 anos ou mais, economicamente ativas, nos domicílios rurais. Esse percentual aumenta para 23,81% se considerarmos somente as mulheres nessas mesmas condições. Em uma sociedade “hegemonizada” pelas relações de mercado, Nobre (2012) reforça que o acesso à renda monetária é fator determinante do empoderamento pessoal e até mesmo da menor vulnerabilidade à violência doméstica. A renda permite acesso a produtos e serviços, não providos pelo Estado ou pela vida em comunidade, assim como fatores de produção, aparelhos domésticos e de comunicação.

Com efeito, a introdução do sistema capitalista resultou na noção de que só é trabalho aquilo que pode ser trocado no mercado; ou seja, o trabalho socialmente legitimado constitui-se na esfera pública (de produção), onde é capaz de obter remuneração e reconhecimento. Em consequência, o trabalho doméstico e do âmbito do cuidado, realizado na esfera privada (de reprodução), não se considera “produtivo” e/ou relevante, torna-se inábil à obtenção de remuneração e reconhecimento. Não se faz evidente que o trabalho voltado para o autoconsumo das famílias viabiliza as demais atividades de produção e comercialização (Di Sabatto, 2009).

Consequentemente, as mulheres do campo nem sempre alcançam a independência econômica, a despeito de sua extensa e intensa jornada de trabalho. Como, em muitos casos, a produção não é comercializada, mas sim consumida pela própria família ou trocada por algo que será consumido pela família, elas não dispõem de dinheiro para comprar coisas para si e precisam recorrer sempre aos maridos. Ainda quando vendem o excedente ou desempenham outra atividade – costuram, fazem quitandas, doces, farinha, queijo ou outros – geralmente, a renda é revertida para a família. Torna-se evidente, portanto, que a conquista da autonomia econômica depende não somente de questões mercadológicas, mas também de questões culturais. Muitas mulheres não têm noção do valor econômico de sua contribuição; outras se intitulam “ajudantes” do companheiro, colocando-se em uma posição secundária e submissa. Logo,

Os desafios para promover a autonomia econômica feminina podem ser sintetizados em um tripé: produção, comercialização e organização das mulheres. Frente a isso, é fundamental fortalecer estratégias de comercialização que articulem o autoconsumo, a doação, a troca, as feiras e os grupos de compra com a ampliação do acesso às políticas de mercado institucional, para que haja maior possibilidade de as mulheres terem controle sobre o próprio trabalho (SEMPREVIVA..., 2016, p. 36).

A construção da autonomia dessas mulheres parece se vincular à participação junto aos movimentos e às organizações políticas. Por um lado, o trabalho remunerado, apropriado ou não pelo núcleo familiar, não é suficiente para gerar uma autonomização das mulheres das condições subalternas no interior das famílias. Isso a despeito de todas começarem a trabalhar na infância, ou quando muito, na adolescência; de os pais e avós serem as figuras de referência das mulheres para o início dos trabalhos na roça; de sua trajetória também contar com uma multiplicidade de inserções que objetivam complementação da renda, geralmente nos serviços domésticos remunerados. Mas a grande guinada na vida dessas mulheres se dá quando da participação nos movimentos, que abrem novas perspectivas de valorização de seus trabalhos e reflexão sobre suas relações familiares e sociais. A participação social e política lhes dá abertura para a reconfiguração de sua liberdade.

A rotina diária das trabalhadoras do campo conta com várias jornadas de trabalho, em que figuram a lida com a terra, o trabalho doméstico não remunerado e a militância política. Conflitos surgem quando os papéis se

sobrepõem àqueles esperados pela condição feminina tradicional. Além da família imediata, sofrem pressão por parte do entorno da comunidade e da família extensa. O trabalho das mulheres não é problema para esse estrato social. Ao contrário das mulheres dos estratos mais baixos das áreas urbanas, o casamento não interrompe a vida de trabalho na agricultura e na produção. Elas continuam a cuidar da terra, da família, fazem faxinas remuneradas. Em contrapartida, participar da esfera pública, da militância, gera desconforto tanto nos pares quanto na comunidade mais ampla, que se valem de diversas estratégias para desestimular a participação na esfera pública.

A mudança nas relações familiares é essencial para que possam continuar a atuar nos movimentos sociais. Em todo caso, há mudanças. Em alguns casos, há apenas a aceitação do parceiro; em outros, alcançam seu pleno apoio. A pressão também vem dos filhos que são levados por elas a reuniões, viagens, acampamentos ou ficam em casa com os pais; mas que repetem chavões e perguntas que escutam de adultos criados e embebidos na cultura patriarcal.

## **2 A terra**

São pequenas propriedades, mas em situações diversas. Em sua maioria, de propriedade do casal. Nesse caso, quando proprietários, receberam de herança de pais ou avós. Poucas famílias compraram seu pedaço de terra. Várias estão em comunidades quilombolas, reconhecidas ou em processo de titulação. Há aquelas que são assentadas e ainda as que se encontram em áreas que são propriedade de outro membro da família (sogro, por exemplo). Não são raros os casos que possuem problemas de documentação. Há casos de propriedades urbanas (quintais produtivos).

Os dados disponíveis mostram que nos estabelecimentos que têm mulheres como dirigentes, geralmente, a condição prevalecente dessas mulheres é de proprietário da terra: 75,88% no Brasil e 87,25% em Minas. Destaca-se ainda que a proporção de mulheres dirigentes é mais significativa em situações em que a propriedade terra é mais precária: produtor sem área, ocupante ou assentado sem titulação. Nesses três casos, a proporção de mulheres dirigentes é superior à total, seja para Brasil ou para Minas Gerais (ver tabelas 1 e 2 abaixo).



**Tabela 1.** Número de estabelecimentos agropecuários e proporção, por sexo da pessoa que o dirige, segundo a condição do produtor – Brasil e Minas Gerais – 2006

Condição do Produtor	Brasil			Minas Gerais		
	Quant.	Sexo do Dirigente		Quant.	Sexo do Dirigente	
		Mulher %	Homem %		Mulher %	Homem %
<i>Total</i>	5 175 636	12,68	87,32	551 621	10,76	89,24
<i>Proprietário</i>	3 946 411	12,62	87,38	476 184	10,88	89,12
<i>Assentado sem titulação definitiva</i>	189 193	12,51	87,49	7 587	11,68	88,2
<i>Arrendatário</i>	230 121	6,98	93,02	14 570	3,70	96,30
<i>Parceiro</i>	142 534	7,81	92,19	12 912	6,81	93,19
<i>Ocupante</i>	412 358	13,14	86,86	25 533	11,62	88,38
<i>Produtor sem área</i>	255 019	20,87	79,13	14 835	15,50	84,50

Fonte: Dados básicos: IBGE. Censo Agropecuário, 2006. Elaboração das autoras.

**Tabela 2.** Número de estabelecimentos agropecuários e proporção, por condição do produtor, segundo o sexo da pessoa que o dirige – Brasil e Minas Gerais – 2006

Condição do Produtor	Brasil			Minas Gerais		
	Quant.	Sexo do Dirigente		Quant.	Sexo do Dirigente	
		Mulher %	Homem %		Mulher %	Homem %
<i>Total</i>	5 175 636	100,00	100,00	551 621	100,00	100,00
<i>Proprietário</i>	3 946 411	75,88	76,30	476 184	87,25	86,21
<i>Assentado sem titulação definitiva</i>	189 193	3,61	3,66	7 587	1,49	1,36
<i>Arrendatário</i>	230 121	2,45	4,74	14 570	0,91	2,85
<i>Parceiro</i>	142 534	1,70	2,91	12 912	1,48	2,44
<i>Ocupante</i>	412 358	8,26	7,93	25 533	5,00	4,58
<i>Produtor sem área</i>	255 019	8,11	4,46	14 835	3,87	2,55

Fonte: Dados básicos: IBGE. Censo Agropecuário, 2006. Elaboração das autoras.

Os dados abaixo (TABELA 3) mostram que, quando proprietárias dos estabelecimentos agrícolas, as mulheres têm mais dificuldade em comprar suas terras. Em Minas Gerais, a principal forma de aquisição das terras pelas mulheres é por herança.

**Tabela 3.** Número de estabelecimentos agropecuários por forma de obtenção das terras, segundo o sexo do proprietário – Brasil e Minas Gerais – 2006

Forma de obtenção das terras	Brasil			Minas Gerais		
	Total	Masc. %	Fem. %	Total	Masc. %	Fem. %
<i>Total</i>	4 135 878	3 614 218	521 660	483 797	431 101	52 696
<i>Compra de particular</i>	2 418 441	2 185 571	232 870	286 049	265 873	20 176
<i>Compra via crédito fundiário (cédula da terra, Banco da terra, etc.)</i>	47 492	43 248	4 244	2 048	1 917	131
<i>Titulação via reforma agrária, programa de reassentamento ou aguardando titulação</i>	290 245	253 313	36 932	11 160	9 872	1 288
<i>Herança</i>	1 526 192	1 283 133	243 059	235 946	203 093	32 853
<i>Doação particular</i>	122 793	103 421	19 372	12 593	10 902	1 691
<i>Usucapião</i>	46 730	40 926	5 804	2 563	2 121	442
<i>Outra forma</i>	55 410	48 415	6 995	3 917	3 526	391
<i>Não sabe</i>	22 598	19 642	2 956	1 197	1 031	166

Fonte: Dados básicos: IBGE, Censo Agropecuário, 2006. Elaboração das autoras.

A tímida presença das mulheres como responsáveis pela família e unidade produtiva é reiterada pelos dados sobre sua participação como dirigentes dos estabelecimentos rurais. Segundo o Censo Agropecuário 2006 (IBGE, 2006), as mulheres dirigem 10,76% dos estabelecimentos agropecuários do Estado e 12,68% dos estabelecimentos agropecuários brasileiros. Os dados, abaixo, mostram o envelhecimento das mulheres dirigentes e a tendência de masculinização das novas gerações citada por Nobre (2012, p.56).

**Tabela 4.** Proporção de mulheres dirigentes de estabelecimentos agropecuários por faixa etária – Brasil e em Minas Gerais – 2006

<b>Faixa etária</b>	<b>Brasil</b>	<b>Minas Gerais</b>
<i>Total</i>	12,68%	10,76%
<i>De 45 a menos de 55 anos</i>	12,06%	9,59%
<i>De 55 a menos de 65 anos</i>	13,96%	11,91%
<i>De 65 anos e mais</i>	16,94%	16,06%

*Fonte:* Dados básicos: IBGE. Censo Agropecuário, 2006. Elaboração das autoras.

### **3 A agroecologia**

Diferentemente das mulheres urbanas, as mulheres do campo têm que lutar não só contra o machismo, mas também contra a lógica do agronegócio: da produção em larga escala, com utilização de grande quantidade de defensivos e buscando o maior lucro possível. Nessa perspectiva, os movimentos, as cooperativas e as demais associações de mulheres do campo surgem como importantes ferramentas, buscando unir a luta das mulheres nesse âmbito à busca de uma forma mais justa de produção: a produção familiar e/ou agroecológica.

Ancorados no uso de venenos, uso irrestrito da água, transgênicos e degradação ambiental para uma produção exportadora em larga escala, os grandes latifundiários monocultores não somente tentam abarcar as pequenas terras dos agricultores e agricultoras, como também a economia dominante nesses negócios “desconsidera e inviabiliza a construção econômica das mulheres” (Di Sabatto, 2009).

Por isso, os movimentos de mulheres carregam consigo o combate às formas exploratórias do trabalho no campo e também da natureza. O fortalecimento da agricultura familiar torna-se pauta central e o papel das mulheres no resgate da cultura da produção caseira, orgânica e agroecológica é postulado como crucial. Além disso, apoiam a visão de que o alinhamento feminista e solidário enfrenta diretamente a economia de mercado:

A constituição de um campo que se posicionou como economia solidária foi extremamente importante por duas razões. A primeira é que deu uma resposta política a partir de uma visão crítica às propostas de empreendedorismo individual, competitivo, ancorado nos ativos individuais. Tornou-se um campo baseado na solidariedade, cooperação, reciprocidade e de afirmação, de que é necessário construir práticas contra hegemônicas a partir de outro paradigma. A segunda razão é que essa opção contribuiu para visibilizar em parte a economia realmente existente. Ou seja, desnaturalizou a visão de que a economia mercantil dominava todas as relações. (BUTTO, 2009)

Mas as práticas agroecológicas ainda não alcançaram todas as mulheres do campo. Geralmente, elas entram na vida das mulheres por iniciativa dos movimentos. Em uma percepção inicial das mulheres, a agroecologia é definida como prática associada à não adoção de veneno e defensivos agrícolas. Com o tempo, essas práticas se apresentam às mulheres de uma perspectiva mais ampla, de valorização de saberes agrícolas que constituem um novo modo de vida. Ou seja, uma perspectiva de desenvolvimento que incorpora as relações sociais, familiares, ambientais, culturais e políticas.

Destacam-se as citações aos bancos de sementes como forma de apoio à produção familiar agroecológica e a preservação de variedades nativas através da produção de sementes crioulas. No semiárido mineiro, a prática do canteiro econômico também merece destaque.

As questões de gênero tornam a ficar visíveis nesse contexto. Geralmente, a parte da propriedade rural que cabe às mulheres, a horta, é cultivada a partir da lógica agroecológica, e a que cabe aos homens é cultivada de forma tradicional. Na transição agroecológica, pode-se observar nos relatos das mulheres tanto percepções de descrença quanto de desconfiança da parte dos homens, em relação a apoiar essa forma de produção.

Apesar da grande resistência geralmente encontrada no interior das famílias, os movimentos contribuem para o suporte necessário para conseguir produzir, seguindo as práticas da agroecologia. Ao se inserirem em um coletivo de mulheres com problemas comuns, a organização política acaba por fornecer as ferramentas necessárias para suplantarmos as dificuldades advindas de sua condição de mulher, e, especialmente, de produtora rural. São cursos, acompanhamentos, assistências técnicas que fazem diferença para a transição da produção das mulheres para a produção agroecológica.



#### 4 Formas de organização política

Diante da situação de grandes desigualdades enraizadas, a auto-organização das mulheres surge como resposta e forma de resistência às diversas opressões que lhes são impostas no dia a dia. Em especial, para as mulheres do campo que viram crescer os movimentos organizados de mulheres a partir dos anos 1980, na luta pelo enfrentamento das subordinações e na sua afirmação como agricultoras, sujeitos políticos dotados de direitos econômicos e sociais (BUTTO, 2010).

No entanto, os dados relativos à participação sindical são bastante tímidos. Em Minas Gerais, as mulheres representavam 39% dos trabalhadores rurais sindicalizados (segundo dados de 2006) e 11% de todos os trabalhadores sindicalizados no Estado (segundo dados de 2015).

**Tabela 5.** Pessoas de 18 anos ou mais de idade, ocupadas no período de referência de 365 dias e associadas a sindicato – Minas Gerais – 2006 e 2015

	2006			2015		
	Quant. (em 1.000)	Proporção em Relação ao Total	Proporção de Mulheres	Quant. em 1.000)	Proporção em Relação ao Total	Proporção de Mulheres
<i>Trabalhadores</i>	1579	100,00%	100,00%	1890	100,00%	100,00%
<i>Trab. Mulheres</i>	615	38,95%	38,95%	810	42,86%	42,86%
<i>Trab. rurais</i>	463	29,32%	100,00%	557	29,47%	100,00%
<i>Trab. Rurais Mulheres</i>	185	11,72%	39,96%	221	11,69%	39,68%

Fonte: Dados básicos: IBGE. Pesquisa de Amostra por Domicílios, 2006 e 2015. Elaboração das autoras.

Foi nos anos 1980 que as mulheres trabalhadoras rurais passaram a reivindicar e promover sua integração no movimento sindical e, conseqüentemente, as organizações sindicais passaram a se preocupar com as trabalhadoras e sua participação nas estruturas sindicais, surgindo, então, as primeiras comissões ou secretarias de mulheres das centrais sindicais. Em geral, elas tinham como intuito debater a discriminação no mercado de trabalho e a ampliação da atuação das mulheres nas organizações sindicais. Inauguram, assim, o debate sobre a divisão sexual do trabalho e as discriminações dela decorrentes, como a atribuição naturalizada de caráter complementar e de ajuda do trabalho feminino (PRADO, CAMPICI, PIMENTA, 2004, p. 304). Eles afirmam ainda que a pauta feminista evidenciou a diversidade existente na categoria “trabalhadores rurais”.

Nacionalmente, as mulheres se articulam pela primeira vez em 1985, por ocasião do 4º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, realizado em Belo Horizonte. Em Minas Gerais, a articulação das mulheres em torno do movimento e das lutas sindicais foi oficializada a partir de 1989, em função do



1º Encontro Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais. Das discussões ali realizadas, convergiram para a criação da Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais (CEMTR) da Fetaemg.

Os principais temas debatidos, nesse momento, dizem respeito à realidade da mulher trabalhadora rural na família, no trabalho e no movimento sindical; às conquistas na CF/1988 (BRASIL, 1988) e a necessidade de fazer valer os direitos conquistados; a articulação das trabalhadoras rurais em mobilizações e atividades nacionais; o desenvolvimento de um trabalho consciente de conscientização, mobilização e organização; a necessidade de enfrentamento das mais diversas formas de discriminação e a democratização do espaço sindical.

Prado, Campici e Pimenta (2004) consideram que, antes da criação da CEMTR, as mulheres participavam ativamente da luta pela terra, mas de forma desarticulada e sem reconhecimento. Essa articulação deu início a um processo fundamental de construção de outro modelo de desenvolvimento para o campo que tome em consideração a dimensão do gênero.

O 2º Congresso Estadual dos Trabalhadores Rurais marcou a inserção das mulheres trabalhadoras rurais no espaço político formal de disputas e negociações. Nesse momento, apresentaram suas propostas e bandeiras de luta, indicaram uma trabalhadora para integrar a diretoria da Fetaemg e estabeleceram alianças e parcerias com a CUT, a Rede Mulher, a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e outros segmentos nascentes.

O principal desafio da CEMTR, nesse contexto, era o reconhecimento da mulher enquanto trabalhadora rural. Para isso, investe-se em atividades de formação e capacitação de lideranças e trabalhadoras rurais.

Ao longo dos anos 1990, o debate continua. O eixo principal, nesse momento, é a mudança das relações sociais no campo. Os resultados dessa década são tímidos, quanto à participação das mulheres nos espaços de poder dos sindicatos, segundo Thome (2012). O percentual de sindicatos presididos por mulheres em todo o Brasil, que era de 6% em 1992, chega a 10% em 2000 (THOME, 2012, p.24). As diferenças entre os sexos são observadas não somente nos números, mas também nos tipos de cargos ocupados por mulheres e homens. As mulheres continuam ocupando nos sindicatos cargos relacionados ao cuidado, trabalho tipicamente feminino, ficando para

os homens os cargos mais valorizados ou que geram maior capital político.

Algumas centrais sindicais “estipularam medidas de discriminação positiva para combater a ausência de mulheres em seus órgãos de deliberação na década de noventa: CUT, CTB, UGT e Força Sindical” (THOME, 2012, p.24), como a cota mínima. Essa iniciativa não foi suficiente para romper as barreiras. Com efeito, a presente pesquisa reitera o observado por essa autora, que destaca a ausência de mulheres nos cargos de presidência, tesouraria ou secretaria geral de organizações sindicais e presença das mesmas em cargos voltados para a própria mulher, relações de trabalho, raça, direitos humanos, formação e cultura, dentre outros. Na verdade, a legislação brasileira que impôs cotas nas diretorias dos sindicatos estimulou convites às mulheres que se destacavam como lideranças comunitárias, mas muitas apontam que a presença das mulheres nos sindicatos ainda enfrenta o preconceito e o machismo. Elas acabam, então, ocupando posições secundárias.

Assim, a participação das mulheres no movimento sindical ainda hoje enfrenta os seguintes problemas:

- a. manutenção de uma concepção que identifica os trabalhadores como um conjunto homogêneo, com os mesmos interesses e reivindicações, sob o argumento de que a questão de gênero atomiza a luta de classes;
- b. organização do sindicato baseada no cotidiano masculino, ou seja, não leva em conta as tarefas domésticas e outras condições desfavoráveis a participação da mulher na vida sindical. Continuam a não ter creches em eventos sindicais ou estipulam horários para a atividade sindical incompatíveis com a dupla jornada exercida pela mulher;
- c. o espaço sindical se mantém essencialmente masculino em termos de dinâmica de participação, discursos, linguagens e usos do tempo, exigindo que as mulheres se adaptem a esses esquemas.

Diante dessa perspectiva, outros movimentos e formas de organização política ganham relevância na construção do papel público e da autonomia das mulheres rurais. Assim como anteriormente mencionado, também contribuem para trazer à tona questionamentos quanto à chefia das famílias e ao acesso a terra e à renda, relações marcadas pelos conflitos de gênero, que no campo se acentuam.

Os movimentos de mulheres rurais apresentam importante capacidade de organização e reivindicação e variam desde grupos menores de influência local como as associações, cooperativas e organizações, até os maiores e mais influentes no nível nacional, como as edições da Marcha das Margaridas e os diversos acampamentos e mobilizações das mulheres do Movimento Sem Terra e do Movimento de Mulheres Camponesas. Ainda nos anos 1980, as reivindicações já passavam pelo reconhecimento das mulheres rurais como agricultoras, trabalhadoras cidadãs, destacando-se atualmente a redefinição do espaço da agricultura familiar como pilar da soberania alimentar da população brasileira. Nesse contexto, é resgatado o papel histórico das mulheres camponesas no campo, tanto para a diversificação da produção, quanto para a manutenção da biodiversidade e do enfrentamento do agronegócio (Di Sabbato, 2009).

Seja como for, de modo geral, essas formas de organização política são importantes para as mulheres, porque contribuem para o estabelecimento de políticas públicas para as mulheres e têm função normativa. A pesquisa de Amorim (2012) evidencia, nesse sentido, a tendência de que, quanto mais participam dos movimentos sindicais, mais as mulheres conseguem acessar as políticas públicas.

Também evidencia que a participação sindical serve para legitimar os direitos de igualdade, garantindo que as mulheres participem do espaço político. Ao participarem de processos de tomada de decisões fora do ambiente doméstico, as mulheres são estimuladas a assumir o controle de suas próprias vidas (AMORIM, 2012). A participação em organizações políticas aumenta o empoderamento das mulheres, pois proporciona o aumento do capital político das mulheres, funcionando como espaços de reagrupamento e de treinamento para a participação em espaços mais amplos (THOME, 2012, p.21).

Dito de outro modo, os movimentos de mulheres no campo ampliam o círculo de amizades das participantes, gerando interdependência entre elas e crescimento conjunto. Dessa forma, o acesso a direitos e a políticas públicas também aumenta e o enfrentamento das desigualdades ganha força. Afinal,

Quando as mulheres se organizam e se colocam como um sujeito político coletivo, elas desafiam as estruturas hierárquicas e inventam novas possibilidades não só para elas, mas para toda a sociedade, pois trazem para o

campo da política importantes questões que estavam invisibilizadas, tratadas como sendo do aspecto pessoal ou do privado, como as relações de afeto, a relação com o corpo ou a sexualidade, além do trabalho doméstico e de cuidado. Este sistema se baseia em relações de poder dos homens como grupo social sobre as mulheres. Portanto, reverter essas desigualdades implica em mudar a correlação de forças que as sustentam. Quando as mulheres se organizam e se colocam como um sujeito político coletivo, elas desafiam as estruturas hierárquicas e inventam novas possibilidades não só para elas, mas para toda a sociedade, pois trazem para o campo da política importantes questões que estavam invisibilizadas, tratadas como sendo do aspecto pessoal ou do privado, como as relações de afeto, a relação com o corpo ou a sexualidade, além do trabalho doméstico e de cuidado (Butto, 2014).

Assim, a participação social e política das mulheres do campo avança gradativamente. Nossa pesquisa constata que a entrada nos movimentos ocorre de diversas formas. Porém, é interessante destacar que, segundo a maioria das entrevistadas, o início da participação política ocorre pelo movimento de mulheres, que, geralmente, abre os caminhos para participação em outras esferas. Ao se engajarem em determinado movimento, além de começarem a constituir uma rede, passam a fazer, participar e militar em outros campos: sindicatos, associações de bairro etc.

Em contrapartida, são percebidas ainda muitas dificuldades enfrentadas pelas mulheres do campo em torno de sua auto-organização. Algumas delas perpassam as condições de vida das mulheres rurais:

As dificuldades que as mulheres encontram e enfrentam – limitadoras de um bom funcionamento dos grupos produtivos – dizem respeito, em primeiro lugar, às condições dos grupos (ausência de sede, não legalização). Em segundo, as condições dos assentamentos, tais como a precariedade dos transportes para comercialização e reuniões, e, em terceiro, à falta de instrumentos de trabalho adequados (BUTTO, 2009).

Além disso, a qualificação das mulheres para gestão dos próprios grupos e do acesso a políticas públicas ainda é pequena (SEMPREVIVA..., 2016).

Em suma, o desafio de construir a identidade coletiva de trabalhadora rural é um movimento individual e coletivo. Estende-se a lugares para além do sindicato, incluindo a família, a comunidade rural e outros espaços e organizações públicas e privadas. O reconhecimento das mulheres como trabalhadoras rurais não tem efeitos limitados ao domínio do trabalho,

estende-se às demais relações sociais. Assim, passa por compatibilizar os papéis de trabalhadora e de cuidadora, que se coloca de modo muito mais marcado para a mulher do campo (PRADO; CAMPICI; PIMENTA, 2004, p.314).

## 5 Políticas públicas para a mulher do campo

Homens e mulheres não possuem igual acesso às políticas públicas e essa extensão para o campo é ainda mais grave. Fruto das diversas lutas dos movimentos de mulheres, diversas ações foram criadas pelo Governo Federal a partir de 2003, buscando incidir sobre essa realidade, especialmente com os Planos Nacionais de Políticas para Mulheres:

O Plano contém ações capazes de gerar autonomia econômica, mediante a individualização de direitos, quebrando assim a tradição familista, que historicamente marcou a ação do Estado, e estimulando uma inserção soberana das mulheres na família, na economia e na participação cidadã. (BUTTO, 2009).

Se, por um lado, a luta das mulheres rurais fundamentou-se no acesso à renda, a autonomia das mulheres do campo passa também pela garantia de acesso à propriedade da terra e pelo acesso a políticas públicas destinadas ao campo, como assistência técnica, entre outras (Di Sabatto, 2009, p.25). Nesse sentido, foram propostas ações de grande relevância, a começar pela titulação conjunta, reconhecendo o direito das mulheres à documentação, pois até então apenas os homens eram considerados como representantes dos interesses do conjunto familiar. Além disso, destaca-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), em específico o Pronaf Mulher, que cumpriu papel significativo nos processos de acesso ao crédito, demandando que um mínimo de 30% dos empréstimos fossem direcionados para as mulheres. Também, programas de fomento à produção sustentável, à comercialização e à assistência técnica, específicos para as mulheres rurais podem ser citados.

Ainda assim, o acesso às políticas é restrito. Se por um lado o programa Bolsa Família, o Pronaf e várias ações específicas de assistência técnica e de instrumentalização (caixas d'água, bomba d'água, mangueiras, sementes, arados, dentre outros) são apontados como fontes de apoio importantes para o trabalho no campo. Por outro lado, as entrevistadas tecem um conjunto de dificuldades ainda encontradas para se beneficiarem das políticas para o campo, inclusive, àquelas dirigidas especialmente ao público rural feminino.



Em primeiro lugar, elas chamam atenção para o fato de que a política que não é específica para as mulheres camponesas, ou seja, que é dirigida para homens e mulheres do campo, indiscriminadamente, muitas vezes condiciona o acesso das mulheres a um atrelamento aos homens. Como exemplos são citados o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) e o PRONAF. Nesse caso destaca-se a aquisição da DAP.

Além disso, também há problemas de acesso com relação às políticas específicas para as mulheres do campo. A principal delas, o Pronaf Mulher é considerado de difícil acesso. A informação sobre o mesmo é precária e os depoimentos apontam que os agentes públicos insistem para que procurem pelo Pronaf, sem mesmo chegar a explicar as condições do Pronaf Mulher. Ademais, o programa condicionaria o empréstimo a situações específicas, geralmente consideradas como “tipicamente femininas”: costura, quitanda etc. Ou seja, haveria grande dificuldade para a mulher acessar o Pronaf Mulher com o objetivo de investir na lavoura ou plantação. Por fim, uma maior burocracia para acessá-lo, em comparação com o Pronaf “genérico”, torna-se mais um desestímulo para que as mulheres o demandem e se candidatem a ele.

Junto à discussão sobre o Pronaf vem a discussão sobre a DAP, uma vez que o Pronaf é para a unidade familiar. Essa característica impõe restrições à mulher, que precisa disputar com o marido o valor disponibilizado para a família. Isso limita sua autonomia decisória na condução das atividades produtivas sob sua responsabilidade. Numa realidade em que a família é um espaço de poder desigual, dominado por cultura de poder patriarcal e machista, o formato do programa acaba por restringir as possibilidades de acesso da mulher ao crédito.

No que diz respeito à assistência técnica, os relatos apontam para um distanciamento da Emater. A falta de assistência técnica, a indisponibilidade dos técnicos para os esclarecimentos necessários, a impossibilidade dos técnicos os orientarem na redação de projetos para captação de recursos, o volume de trabalho dos técnicos entre outros apontam para a necessidade de revisão das atividades de extensão rural, seja quanto ao tipo de apoio ofertado, seja quanto ao reconhecimento da mulher como trabalhadora rural autônoma.

Por fim, é importante falar dos programas de aquisição de produtos da agricultura familiar, como o PAA. Apesar de alvejarem uma questão crítica para essas mulheres, a comercialização, ainda são de difícil acesso para elas, seja pela dificuldade de preencher as formalidades exigidas ou pela inexistência de infraestrutura mínima para viabilizar o escoamento da produção, mesmo que seja até a cidade vizinha.

Finalmente, a baixa escolaridade de muitas das mulheres também é apontada como um importante dificultador para o acesso às políticas públicas. Muitos programas exigem a elaboração de projetos e preenchimento de formulários. Muitas não dispõem da formação necessária e não conseguem apoio nos órgãos governamentais para fazê-lo. Dependem, portanto, de pessoas que possuam essas capacidades e que estejam dispostas a apoiá-las.

Em suma, se, nos últimos anos, pode-se tributar a essas políticas um início de melhoras no que se refere à posição econômica das mulheres rurais – diminuiu a proporção de mulheres ocupadas sem remuneração e houve sensível elevação da renda das mulheres do campo –, ainda é muito grande o número de mulheres que trabalha sem auferir renda e, nesse conjunto, muitas ainda trabalham apenas em troca de casa ou comida. Além disso, a participação das mulheres nas atividades para autoconsumo ainda é bastante elevada (DI SABBATO, 2009).

Assim, a construção de políticas públicas para as mulheres do campo deve se constituir como parte de uma estratégia integrada de acesso à cidadania, promoção da autonomia e participação política. Nesse processo, a implementação dessas políticas ainda necessita de grande aprimoramento para dar conta de promover a visibilidade das mulheres rurais e de seu trabalho assim como de captar e apoiar seu modo de vida e sua produção.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Érika Oliveira. *A filiação sindical rural da mulher: fator de empoderamento?* Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2012.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Casa Civil, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm)> Acesso em: ???
- BUTTO, Andréa Z. et alii (orgs). *Mulheres rurais e autonomia: formação e articulação para efetivar políticas públicas nos territórios da cidadania*. Brasília: MDA, 2014. 128 p. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/sites/mda/sites/sitemda/files/anexos/AutonomiaMulheres\\_Ruraisite.pdf](http://www.mda.gov.br/sites/mda/sites/sitemda/files/anexos/AutonomiaMulheres_Ruraisite.pdf)> Acesso em: 5 set. 2016
- BUTTO, Andréa Z. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*, Brasília, v. 2, n. 1, p.89-100, dez. 2010. Mensal. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes>>. Acesso em: 5 set. 2016.
- DI SABATTO, Alberto et alii. *Estatísticas rurais e a economia feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres*. Brasília: MDA, 2009. 168 p. Disponível em: <[http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/anexos/Livro\\_Estatisticas\\_Rurais\\_e\\_a\\_Economia\\_Feminista\\_o.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/anexos/Livro_Estatisticas_Rurais_e_a_Economia_Feminista_o.pdf)>. Acesso em: 5 set. 2016.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Agropecuário 2006*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2006/segunda-apuracaocaracteristicas-dos-produtores-agropecuarios>.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2006*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2010*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2015*. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnad>
- NOBRE, Miriam. *Censo Agropecuário 2006 - Brasil: uma análise de gênero*. In: BUTTO, Andrea, DANTAS, Isolda e HORA, Karla. *As mulheres nas estatísticas agropecuárias - experiências em países do Sul*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012. p.41-118.

PRADO, Marco Aurélio M.; CAMPICI, Carmelia de Paula E.; PIMENTA, Sara Deolinda. Identidade coletiva e política na trajetória de organização das trabalhadoras rurais de Minas Gerais: para uma psicologia das ações coletivas. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v.10, n.16, p. 298-317, dez. 2004.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA. *Mulheres do campo construindo autonomia: experiências de comercialização*. São Paulo: Pigma, 2016. 36 p. Disponível em: <<http://www.sof.org.br/2016/03/15/mulheres-do-campo-construindo-autonomia/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

THOME, Candy Florêncio. *O princípio da igualdade de gênero e a participação das mulheres nas organizações sindicais de trabalhadores*. Tese (Doutorado em Direito do Trabalho e Seguridade Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/24/.../Resumo\\_Tese\\_CandyFlorencioThome.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/24/.../Resumo_Tese_CandyFlorencioThome.pdf)>. Acesso em: 6 set. 2016.

# Sobre as Pesquisadoras |





***Ana Paula Salej***

Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Fez estágio pós-doutoral na École Nationale d'Administration (ENA), em Estrasburgo na França. É a pesquisadora da Fundação João Pinheiro (FJP) que criou o Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade (EGEDI). No Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, responsabilizou-se pelo desenvolvimento da pesquisa de campo em Santa Fé de Minas, onde conheceu Neuzi, suas filhas e diversas mulheres do Projeto de Assentamento Tamboril.



***Clarice Gonçalves Santos do Vale***

Graduanda em Administração Pública pela FJP. Foi assistente de pesquisa no Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais” e, nessa ocasião, teve a oportunidade de conhecer Alzilene, uma mulher forte que lhe mostrou outra realidade do Vale do Jequitinhonha.



***Clarissa Nascimento Duarte***

Graduanda em Administração Pública pela Escola de Governo Paulo Neves de Carvalho (EG) da FJP. Assistente de pesquisa do Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”. Acompanhou a pesquisadora Vera Westin no desenvolvimento da pesquisa de campo nas cidades de Divino e Espera Feliz.



***Fabiola Paulino da Silva***

Mestra em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Diretora de Infraestrutura da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/MG). Na ocasião dos trabalhos de campo, enquanto Secretária Adjunta de Desenvolvimento Agrário apoiou o Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”. Responsabilizou-se pelo desenvolvimento da pesquisa de campo em Itueta, onde conheceu Elaine. Acompanhou as pesquisas de campo em Espera Feliz e Simonésia, onde conheceu Dona Zinha e reencontrou Lúcia.



***Gabriela Silveira Reis***

Mestre em Desenho Industrial pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduada em Publicidade e Propaganda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), graduanda em Administração Pública pela EG/FJP. Enquanto assistente de pesquisa no Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, acompanhou a pesquisadora Nícia Raies nas entrevistas realizadas na área rural do município de Campo do Meio, em acampamento e assentamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, onde conheceu Dona Ricarda.



***Giovanna Lunardi Toledo***

Graduanda em Administração Pública pela EG/FJP. Estagiária e assistente de pesquisa do Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”. Acompanhou a pesquisadora Ana Paula Salej, em Santa Fé de Minas, no desenvolvimento da pesquisa de campo. Lá, pode conhecer Neuzi, Dienniffer e várias outras mulheres do Assentamento Tamboril que são admiráveis exemplos da luta das mulheres no campo.



***Leticia Godinho de Souza***

Doutora em Ciência Política pela UFMGe  
Pesquisadora em Ciência e Tecnologia da FJP. No  
Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”,  
realizou a pesquisa de campo em Passatempo,  
onde conheceu Jordânia, Dona Alvarina e outras  
mulheres quilombolas em sua luta diária por  
reconhecimento e autonomia.



***Luisa Silva Guimarães***

Graduanda de Administração Pública pela EG/  
FJP. Participou da pesquisa “Mulheres do Campo  
de Minas Gerais”, na qual teve a oportunidade  
de viajar até Itueta e entrevistar Elaine do  
Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB)  
em uma experiência linda e enriquecedora.



***Maria José Nogueira***

Doutora em Ciências da Saúde pela Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz/MG), Centro de Pesquisa René Rachou (CPqRR/MG). Pesquisadora da FJP. Coordenou os trabalhos de campo do Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais” nos municípios de Simonésia e Porteirinha. Conheceu, ouviu, emocionou-se, gravou, biografou e compartilha as histórias de vida de Dona Lourdes e Lúcia.



***Mariana de Lima Campos***

Mestre em Administração Pública pela EG/FJP, com graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). No Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, responsabilizou-se pelo desenvolvimento da pesquisa de campo no Vale do Jequitinhonha, em Itinga, onde conheceu Alzilene e demais moradoras da Comunidade Jenipapo.





***Mariana Patrus Ananias de Souza Brandão***

Formada em Administração Pública pela FJP e graduanda em direito pela PUC Minas. Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental (EPPGG) da Secretaria de Educação do Governo de Minas Gerais (SEE/MG), na área de modalidades de ensino e temáticas de diversidade e inclusão. No âmbito do Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, foi à Comunidade Abóboras, em Montes Claros, para conhecer e entrevistar Tia Nenzinha e outras mulheres da região.



***Mariana Sousa Lopes***

Graduanda em Administração Pública pela EG/FJP. Assistente de pesquisa do Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, acompanhou a pesquisadora Marina Amorim nas visitas à Dona Vera e à Dona Jovita, em Belo Horizonte e em Diamantina, respectivamente.



***Marina Alves Amorim***

Doutora em História pela UFMG e doutora em Letras pela Université Rennes 2 – Université d’Haute Bretagne (UHB). Pesquisadora da FJP. Coordenadora do EGEDI/FJP. Além de coordenar a pesquisa “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, responsabilizou-se pelo desenvolvimento da pesquisa de campo em Belo Horizonte e em Diamantina, onde conheceu Dona Vera, Dona Jovita e outras mulheres incríveis.



***Marina Coimbra Ferreira Batista***

Graduada em Administração Pública pela FJP, atualmente atua como EPPGG na SEE/MG. Participa do EGEDI/FJP. Pelo Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, esteve em Simonésia e Porteirinha, onde estabeleceu contato com Lúcia e Dona Lourdes.



***Nícia Raies Moreira de Souza***

Doutoranda em Sociologia pela UFMG. Pesquisadora da FJP. No Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, entrevistou Dona Ricarda em Campo do Meio.



***Thaís de Freitas Valério***

Graduanda em Administração Pública pela EG/FJP. Foi assistente de pesquisa no Projeto “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, desenvolvendo o trabalho na área rural do município de Montes Claros, na Comunidade das Abóboras, onde percebeu a importância do feminismo e das políticas públicas nas comunidades rurais.



***Vera Westin***

Mestre em Comunicação Social e graduada em Ciências Sociais pela UFMG. Pesquisadora da FJP. Na pesquisa “Mulheres do Campo de Minas Gerais”, fez trabalho de campo em Divino e Espera Feliz, tendo entrevistado Eliete e Dona Zinha, entre outras mulheres do campo, um marco na sua trajetória profissional e pessoal.

# Equipe Técnica



## **1. Fundação João Pinheiro (FJP)**

Agda Mendonça | *Revisão*

Ana Paula da Silva | *Revisão e Normalização*

Ana Paula Salej | *Diretora do Centro de Estudos em Políticas Públicas (CEPP) e Pesquisadora*

Andresa Ferreira Silva | *Apoio Administrativo*

Anne Flávia de Araujo Lima | *Apoio Administrativo*

Antônio Batista de Resende | *Apoio Administrativo*

Aparecida Maciel da Silva Shikida | *Responsável pela Oficina de História Oral*

Astério Baumgratz Chimeli | *Coordenador do Almoxarifado*

Bárbara Andrade Corrêa da Silva | *Jornalista*

Bruno Stefano Martins Rego | *Responsável por Pagamentos*

Clarice Gonçalves Santos do Vale | *Assistente de Pesquisa*

Clarissa Nascimento Duarte | *Assistente de Pesquisa*

Cláudia Francisca Enes | *Pregoeira*

Clédia Barreto de Almeida | *Responsável pela Prestação de Contas*

Daniel Fonseca Menezes | *Coordenador da Tesouraria*

Daniela Lemos Jovem | *Procuradora-chefe*

Délio Araújo Cunha | *Geógrafo*

Débora Cristina de Oliveira Drumond e Souza | *Jornalista*

Eduardo Henrique Cruz Ramos | *Trabalhador Mirim*

Érica Orzil Viana | *Ordenadora de Despesas*

Fabiane Franco de Lima Batista | *Responsável por Pagamentos*

Fabício Goulart dos Santos Silva | *Fotógrafo*

Fernando Antônio Rodrigues de Paula | *Controle de Patrimônio e Movimentação de Bens da Diretoria de Políticas Públicas*

Gabriela Silveira Reis | *Assistente de Pesquisa*

Giovanna Lunardi Toledo | *Assistente de Pesquisa*

Gislene Aparecida de Andrade Cruz | *Coordenadora Administrativa e Financeira*

Guiomar Gonçalves de Aquino | *Copeira*

Helena Schirm | *Normalização*

Joana D'Arc Inácio Ferreira | *Chefe da Biblioteca Professora Maria Helena de Andrade*

José Roberto Enoque | *Gerente de Contabilidade e Finanças*

Josiane Vidal Vimieiro | *Diretora de Planejamento, Gestão e Finanças*

Jozilei Alves Maximiano | *Motorista*

Júlio Afonso de Souza | *Assessor Jurídico*

Karina Dias Gea | *Assistência Técnica*

Leticia Godinho de Souza | *Diretora da Escola de Governo (EG) e Pesquisadora*

Lilia Kely Coimbra dos Santos | *Apoio Administrativo*

Luisa Silva Guimarães | *Assistente de Pesquisa*

Lygia Machado Gama | *Coordenadora do Departamento Financeiro*  
Marcelo de Aguiar Gomes | *Gerente de Contratos, Convênios e Aquisições*  
Marília Andrade Ayres Frade | *Revisão*  
Maria José Nogueira | *Pesquisadora*  
Mariana de Lima Campos | *Pesquisadora*  
Mariana Sousa Lopes | *Assistente de Pesquisa*  
Marina Alves Amorim | *Pesquisadora*  
Mário Magalhães Filho | *Emissões de Empenhos e Liquidações*  
Mauro Cesar da Silveira | *Gerente de Extensão e Relações Institucionais*  
Michella Rodrigues Martins | *Secretária da Presidência*  
Nícia Raies Moreira de Souza | *Pesquisadora*  
Olívia Bittencourt Siqueira | *Assessora-chefe de Comunicação*  
Paulo Almeida | *Pagamentos e Baixas do Sistema Integrado de Administração Financeira (SIAF)*  
Renato Siqueira Leite | *Emissões de Empenhos, Liquidações e Notas Fiscais Eletrônicas*  
Roberto do Nascimento Rodrigues | *Presidente da Fundação João Pinheiro (FJP)*  
Thaís de Freitas Valério | *Pesquisadora*  
Úrsula Andréa Ribeiro Campos | *Secretária da Diretoria de Políticas Públicas*  
Virgílio Horácio de C. Veado Júnior | *Emissões de Empenhos e Liquidações*  
Vera Westin | *Pesquisadora*

## **2. Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais (Seda)**

Aiala de Moura Souza | *Apoio Administrativo Financeiro*  
Ana Luisa Afonso Guimarães | *Apoio Administrativo Financeiro*  
Camila Lima Viana | *Planejamento (Apoio)*  
Clara Moreira Maranha | *Assessoria Jurídica*  
Emanuele Glaeser | *Gestão e Acompanhamento*  
Fabiola Paulino da Silva | *Ex-Secretária Adjunta, Diretora de Infraestrutura da EMATER/MG*  
Flávia Alves Guimarães | *Planejamento*  
Glenio Martins de Lima Mariano | *Ex-Secretário de Estado de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais, Presidente da EMATER/MG*  
Guilherme Parentoni Senra Fonseca | *Assessoria Administrativo-Financeira*  
Henrique Caldeira Teixeira Santos | *Assessoria Jurídica*  
Marcelo Augusto Valério Pires | *Assessoria Administrativo-Financeira*  
Marcilene Aparecida Ferreira | *Assessoria Jurídica*  
Maria Auxiliadora Gomes | *Assessoria Institucional, Gestão e Acompanhamento*  
Neivaldo de Lima Virgílio | *Secretário de Estado de Desenvolvimento Agrário de Minas Gerais*  
Selma Fernandes Silva Sabino | *Gabinete (Apoio)*  
Victor Ribeiro Andrade | *Apoio Administrativo Financeiro*

### **3. Secretaria de Estado de Educação (SEE)**

Augusta Aparecida Neves Mendonça | *Subsecretária da Educação Básica*

Érica Fernanda Justino | *Coordenadora da Educação do Campo*

Iara Pires Viana | *Superintendente de Modalidades e Técnicas Especiais*

Macaé Maria Evaristo dos Santos | *Secretária de Estado de Educação de Minas Gerais*

Mariana Patrus Ananias de Souza Brandão | *EPPGG*

Marina Coimbra Ferreira Batista | *EPPGG*

### **4. Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais (AMC/MG)**

Alaíde Lúcia Bagetto Moraes | *Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais – Fetaemg*

Alex Sandra Maranhão | *Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB*

Cristiana Guimarães Alves | *Articulação Metropolitana da Agricultura Urbana – AMAU*

Dehonara de Almeida Silveira | *Marcha Mundial de Mulheres – MMM*

Germana Platão | *Centro de Tecnologias Alternativas – CTA*

Ivonete de Oliveira Freitas | *Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas*

Jordânia Fernandes da Silva Mariano | *Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais N'Golo*

Liliam Telles | *Centro de Tecnologias Alternativas – CTA*

Lorena Anahi Paixão | *Grupo de Trabalho – GT – Gênero e Agroecologia da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA*

Lucimar de Lourdes Gonçalves | *Central Única dos Trabalhadores – CUT*

Maria Aparecida da Silva | *Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais – Fetaemg*

Maria Beatriz de Oliveira | *Movimento Graal do Brasil*

Maria de Fátima Alves | *Comissão em Defesa das Comunidades Extrativistas – CODECEX*

Maria de Lourdes Nascimento | *Coletivo das Mulheres Organizadas do Norte de Minas*

Maria José dos Santos | *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST*

Sônia Aparecida de Souza | *Movimento de Mulheres Organizadas da Zona da Mata e Leste de Minas – MMZMLM*

Soniamara Maranhão | *Movimento dos Atingidos por Barragem – MAB*

### **5. Rede Minas (Fundação TV Minas Cultural e Educativa – Ftvm)**

Aldanny Rezende | *Gerência de Marketing*

Aline Frazão | *Apuração, Produção e Reportagem*

Álvaro Santana | *Assistência de Câmera*

Ângelo Roncalli | *Coordenação de Programação*

Arnaldo Duarte | *Direção de Arte*

Breno Cupertino | *Assistência de Câmera*

Bruna Menezes | *Estagiária*

Carlos Augusto Diniz | *Motorista*

Carlos Henrique Paulino | *Coordenação de Desenvolvimento de Interatividade*

Celma Regina Ferreira | *Diretoria de Planejamento, Gestão e Finanças*

Daniel Moreno | *Direção de Fotografia*

Elizabete Araújo | *Coordenação de Produção*  
Eu Penaforte | *Edição*  
Ewerton de Souza | *Motorista*  
Felipe Coelho | *Motorista*  
Felipe Piló | *Vice-Presidência*  
Fladimir Alves | *Motorista*  
Flávio Henrique | *Presidência da EMC*  
Frederico Claret | *Gestão de Produção e Mídias*  
Gabriela Arruda | *Estagiária*  
George Emmanuel | *Motorista*  
Gilmar José | *Motorista*  
João Victor | *Estagiário*  
Jordânia Almeida | *Presidência da FTVMG*  
Kiko Ferreira | *Diretoria de Programação e Produção*  
Lidiane Mara | *Estagiária*  
Lucas Botelho | *Estagiário*  
Luiz Meireles | *Diretoria Técnica*  
Marcelo Heleno | *Motorista*  
Marcos Maia | *Roteiro Transmídia*  
Maria Amélia Ávila | *Diretoria de Jornalismo*  
Pedro Velasquez | *Gerência Técnica de Operações*  
Raquel Nicole | *Coordenação de Arte e Chamadas*  
Reginaldo Medina | *Motorista*  
Sandro Benigno | *Direção de Fotografia*  
Sara Silva Ribeiro | *Direção*  
Sarah Cambraia | *Direção de Fotografia*  
Vanderlei Barbosa | *Motorista*  
Walmir Augusto Silva | *Motorista*

## **5. Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e University of York**

Denise Nacif Pimenta (Fiocruz Minas) | *Pesquisadora Colaboradora*  
João Nunes (University of York) | *Pesquisador Colaborador*  
Raquel Aparecida Ferreira (Fiocruz Minas) | *Pesquisadora Colaboradora*

## **6. Empresas contratadas**

AIM DESIGN | *Projeto Gráfico*  
Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais | *Impressão*  
SX Tecnologia e Serviços Corporativos Eireli - ME | *Transcrição de Entrevistas*

## 1. Instrumentos de Pesquisa

### 1.1 Ficha de Informações Básicas

IDENTIFICAÇÃO DO DOMICÍLIO		
/ Endereço (Rua, Av, Alameda)	/ Número	/ Complemento
/ Bairro	/ Telefone	/ Município
/ Identificação	/ Data Pesquisa	/ Hora

QUADRO DE MORADORES				
Registrar o nome de cada uma das pessoas que vivem no domicílio, começando pela entrevistada e, depois dela, o cônjuge ou companheiro/a, se houver, os filhos e as demais pessoas.				
1. N° Ordem	1	2	3	4
2. Nome da pessoa (a primeira pessoa deve ser a nossa entrevistada)				
3. Sexo a. Masculino b. Feminino				
4. Qual a relação de convivência que _____ tem com _____ (nossa entrevistada)?  a. Pessoa responsável b. Cônjuge/ companheiro(a) c. Filho(a), enteado(a) d. Pai, mãe, sogro(a) e. Neto(a), bisneto(a) f. Irmão, irmã g. Nora, genro h. Outro parente i. Agregado j. Pensionista				
5. Em que dia, mês e ano nasceu _____ ?				
6. Qual é a idade em anos completos ou a idade presumida de _____ ?				
7. Escolaridade a. Sem escolarização b. Fundamental incompleto c. Fundamental completo d. Médio incompleto e. Médio completo f. Superior incompleto g. Superior completo				



8. Estado Civil				
a. Casado/a				
b. Separado/a				
c. Divorciado/a				
d. Viúvo/a				
e. Solteiro/a				
f. NS/NR				
9. Cor ou raça de _____ é:				
a. Branca				
b. Preta				
c. Parda				
d. Amarela				
e. Indígena				
f. NS/NR				
10. _____ mora neste município desde que nasceu?				
a. Sim				
b. Não (anotar município de nascimento)				
11. Há quanto tempo _____ mora sem interrupção neste município?				
12. Em que município _____ residia em 31 de outubro de 2011? (cinco anos atrás)				

## 1.2 Roteiro de Entrevista Individual de História Oral Temática – Biografadas

- Quando você começou a trabalhar? O que você fazia exatamente?
- E a lidar com a terra, quando foi que você começou e como isso aconteceu?
- Você teve outras experiências de trabalho, entre essa primeira que você mencionou (citar) e o trabalho com a terra que desenvolve hoje? Quais?
- De quem é esta terra onde você vive e trabalha hoje?
- Como você chegou nesse pedaço de chão?
- Como é o seu dia a dia de trabalho?
- Essa rotina de trabalho varia ao longo do ano? Como?
- E o dia a dia de trabalho do seu marido e das outras pessoas da sua família é igual ao seu? Qual a diferença entre a sua rotina de trabalho e a deles?
- O que você produz? E o que você faz com esses produtos?
- O que você faz com o dinheiro que você ganha com o trabalho na agricultura familiar?
- Você tem outras fontes de renda além da agricultura?
- Como você aprendeu as práticas agroecológicas?
- O que é para você ser mulher do campo e trabalhar com a agroecologia?
- Quais têm sido os desafios que você enfrenta trabalhando com agricultura familiar e agroecologia?
- Apesar desses desafios, o que lhe motiva a seguir esse caminho?
- Você tem algum apoio para desenvolver o seu trabalho? De quem? Qual apoio é esse?
- Quais são as políticas públicas às quais você tem acesso?
- O que lhe falta, em termos de políticas públicas?
- Quais são os seus sonhos para o seu trabalho na agricultura?
- Como é a sua participação na entidade da Articulação de Mulheres do Campos de Minas Gerais que lhe indicou para participar dessa pesquisa?
- A participação no movimento transformou algo em sua vida? O que e por quê?
- Comparando a vida da sua mãe, a sua e a da(s) sua(s) filha(s) ou das jovens de hoje, o que mudou e o que não mudou?

### 1.3 Roteiro de Entrevista Coletiva de História Oral Temática – Mulheres do Entorno da Biografada

- *Qual o papel do trabalho da mulher no campo?*
- *É possível para as mulheres do campo escolher entre o trabalho com a terra e outra atividade?*
- *O que o trabalho na terra oferece para as famílias do campo?*
- *Qual a rotina do trabalho na terra? (Quem trabalha? Quem coordena os trabalhos? Qual a função de homens e mulheres no trabalho com a terra? E dos demais familiares e trabalhadores? Quem comercializa as mercadorias?)*
- *Os homens mantêm algum tipo de privilégio no campo, para além do econômico?*
- *Como as práticas agroecológicas foram adotadas? Há alguma rejeição a esse modelo por parte de membros da família ou da comunidade?*
- *Como as mulheres do campo se organizam em torno dos problemas? Isso leva à participação em algum movimento social?*
- *Vocês acham que os movimentos contribuem para melhorar as condições de trabalho e de autonomia das mulheres do campo? Se contribuem, como?*
- *Qual a relação com os homens, em casa e fora dela?*

#### 1.4 Roteiro de Entrevista Coletiva de História Oral Temática – Lideranças da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais (AMC/MG)

##### ***Sobre a AMC/MG:***

- *Como a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais surgiu?*
- *Quais os objetivos da articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Como a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais funciona?*
- *Como se dá a interlocução entre os movimentos que compõem a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Como se dá o processo de decisão, dentro da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Como a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais se organiza?*
- *A Articulação de Mulheres do Campo existe formalmente?*
- *Quais são as vantagens e as desvantagens da forma de funcionamento que a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais adota?*
- *Quais são as principais pautas da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Quais são as principais ações já realizadas pela Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Quais são os desafios atuais da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Quais são as expectativas dos movimentos, ao aderirem à Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*

##### ***Sobre cada um dos movimentos que compõem a AMC/MG:***

- *Gênero é a temática central dos movimentos que compõem a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais ou uma pauta secundária?*
- *Quais são as expectativas das mulheres ao aderir aos movimentos que compõem a Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*
- *Há diferenças na dinâmica de empoderamento e de participação da mulher em movimentos exclusivos de mulheres e movimentos não-exclusivos? Quais? O que tem de positivo e de negativo nessas variadas dinâmicas de empoderamento e participação da mulher?*
- *Como a existência da Articulação de Mulheres do Campo afeta a dinâmica de empoderamento das mulheres dentro dos movimentos?*

##### ***Sobre a relação da AMC/MG e o Estado:***

- *Quais os impactos da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais sobre a ação do Estado?*
- *Como vocês avaliam a resposta do Estado às demandas da Articulação de Mulheres do Campo de Minas Gerais?*

1.5 Instrumento de Prospeção de Objetos Tridimensionais

FICHA PARA PROSPECÇÃO DE ACERVO
<div>/ Nome do objeto</div> <div></div>
<div><div>/ Descrição física do objeto</div><div>(Observar, dentre outros, dimensões, materiais e condição dos materiais.)</div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div>
<div><div>/ Descrição histórica do objeto</div><div>(Observar, dentre outros, utilidade, formas de uso, importância para o ofício, singularidades frente a outros similares – por exemplo, se pertenceu a outro familiar.)</div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div> <div></div>
<div>/ Foto</div> <div></div>



## 1.6 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “Mulheres do Campo de Minas Gerais: trajetórias de vida, de lutas e de trabalho com a terra”, sob a responsabilidade das pesquisadoras Marina Amorim, Ana Paula Salej, Leticia Godinho, Maria Nogueira, Mariana Campos, Mariana Patrus, Marina Coimbra, Nícia Raies e Vera Westin do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade da Fundação João Pinheiro (EJP).

Nessa pesquisa, nós estamos buscando reconstruir e analisar as trajetórias de vida, de lutas e de trabalho com a terra de um grupo de mulheres do campo de Minas Gerais, elaborando, a partir desse esforço de reconstrução e análise, uma biografia coletiva das mulheres envolvidas com o seu desenvolvimento.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está sendo obtido pela(s) pesquisadora(s) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(nome) em \_\_\_\_\_ (local).

Na sua participação, você será entrevistada individualmente ou participará de uma entrevista coletiva junto com outras mulheres. Esse material vai se transformar em uma biografia coletiva, em formato de um livro com material audiovisual encartado e de um conjunto de livretos para crianças, com o intuito de dar visibilidade às mulheres do campo pelo viés do trabalho.

Se você preferir, você não será identificada em nenhum momento, mesmo sendo os resultados da pesquisa publicados, tendo sua identidade protegida por um pseudônimo.

(Deseja ser identificada por pseudônimo? \_\_\_\_ Sim \_\_\_\_ Não)

Você não terá nenhum gasto ou ganho financeiro por participar da pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: Marina Amorim, pelo telefone: (31)3448-9717.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2016.

(Local)

\_\_\_\_\_  
Assinatura das Pesquisadoras

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ele ter sido devidamente esclarecido.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

## 1.7 Carta de Cessão de Entrevista de História Oral

**CARTA DE CESSÃO DE ENTREVISTA DE HISTÓRIA ORAL**

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ (nome),

\_\_\_\_\_ (nacionalidade),

\_\_\_\_\_ (estado civil),

\_\_\_\_\_ (profissão),

CPF nº \_\_\_\_\_,

Carteira de Identidade nº \_\_\_\_\_,

emitida pelo \_\_\_\_\_,

domiciliada e residente na \_\_\_\_\_ (cidade),

\_\_\_\_\_ (logradouro),

\_\_\_\_\_ (nº e complemento),

declaro ceder à Fundação João Pinheiro, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade na cidade de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ (data), num total de \_\_\_\_\_ horas gravadas, perante a(s)

pesquisadora(s) \_\_\_\_\_

da equipe técnica do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade.

A Fundação João Pinheiro fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_  
(nome e assinatura)

## 1.8 Carta de Cessão de Uso de Imagem

**CARTA DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM**

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ (nome),

\_\_\_\_\_ (nacionalidade),

\_\_\_\_\_ (estado civil),

\_\_\_\_\_ (profissão),

CPF nº \_\_\_\_\_,

Carteira de Identidade nº \_\_\_\_\_,

emitida pelo \_\_\_\_\_,

domiciliada e residente na \_\_\_\_\_ (cidade),

\_\_\_\_\_ (logradouro),

\_\_\_\_\_ (nº e complemento),

declaro ceder à Fundação João Pinheiro, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos do uso de imagem das fotografias que cedi ao Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade na cidade de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, em \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ (data), para a(s) pesquisadora(s) \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

da equipe técnica do Grupo de Pesquisa Estado, Gênero e Diversidade.

A Fundação João Pinheiro fica consequentemente autorizada a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, as fotografias, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação de fonte e autor.

\_\_\_\_\_ (local), \_\_\_\_\_ (data).

\_\_\_\_\_

(nome e assinatura)





*Este livro foi confeccionado no formato 21 x 26 cm, utilizando as fontes tipográficas Abril Display e Abril Text, miolo em papel offset 120g/m². Tiragem de 50 exemplares impressos na Secretaria de Estado de Casa Civil e Relações Institucionais para a Fundação João Pinheiro.*

*Belo Horizonte, Minas Gerais, agosto de 2017.*





*Quem são, afinal, as mulheres do campo de Minas Gerais? Quais são os contornos das trajetórias de vida dessas mulheres? Como esses contornos se configuram?*

O projeto de pesquisa que deu origem a este livro se propôs a enfrentar tais questões, que são tão amplas, procurando elucidá-las a partir de um pequeno grupo de mulheres, ou seja, de histórias particulares. Tomando os percursos individuais como objeto de estudo, o objetivo principal era reconstruir as trajetórias de vida, de luta e de trabalho com a terra de algumas mulheres do campo de Minas Gerais e elaborar uma biografia coletiva dessas mulheres que lhes desse visibilidade pelo viés do trabalho, em formato de um livro com material audiovisual encartado e de uma coleção de livretos para crianças. Cá está o livro, obra das mãos, dos corações e das cabeças de outro pequeno grupo de mulheres, essas pesquisadoras, gestoras e alunas ligadas ao Grupo de Pesquisa “Estado, Gênero e Diversidade” (EGEDI) da Fundação João Pinheiro (FJP).

*Realização*



SECRETARIA DE  
DESENVOLVIMENTO  
AGRÁRIO



*Apoio*



UNIVERSITY  
of York



Ministério da Saúde  
FIOCRUZ  
Fundação Oswaldo Cruz

*Produção vídeos*



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85930-70-7



9 788585 930707